

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA

ANA PAULA ALVES TEIXEIRA VAN ERVEN LOUZADA

**A BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA PAULO DE GÓES E A
CONSTRUÇÃO DOS CAMPOS DA MICROBIOLOGIA E DA BIBLIOTECONOMIA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL**

Rio de Janeiro,
2017

ANA PAULA ALVES TEIXEIRA VAN ERVEN LOUZADA

**A BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA PAULO DE GÓES E A
CONSTRUÇÃO DOS CAMPOS DA MICROBIOLOGIA E DA BIBLIOTECONOMIA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Biblioteconomia do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Linha de Pesquisa: Organização e Representação do Conhecimento

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Icléia Thiesen.

Rio de Janeiro,
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Louzada, Ana Paula Alves T. van Erven

A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes e a construção dos campos da microbiologia e da biblioteconomia: uma contribuição para os estudos da história da ciência no Brasil. / Ana Paula Alves Teixeira. – 2017

198 f.: il.: 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) --
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,
2017.

Orientadora: Prof^a Dr^a Icléia Thiesen.

1. Memória Institucional. 2. Microbiologia. 3. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 4. Bibliotecas Universitárias I. Thiesen, Icléia. II. Título.

ANA PAULA ALVES TEIXEIRA VAN ERVEN LOUZADA

**A BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA PAULO DE GÓES E A
CONSTRUÇÃO DOS CAMPOS DA MICROBIOLOGIA E DA BIBLIOTECONOMIA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ESTUDOS DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Biblioteconomia do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Qualificado em: 15/ 07/2016

BANCA

Prof.^a Dr.^a Icléia Thiesen (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alberto Calil Junior (Membro titular interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Miriam Gontijo (Membro suplente interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Maulori Curié Cabral (Membro titular externo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Sergio Fracalanza (Membro titular externo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico esta dissertação àquele que recebe diferentes nomes de acordo com cada credo, mas que leva a todos os povos a mesma convicção: fé.

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Maior que me concede a dádiva da saúde perfeita;

A “Dona” Carminda e ao “Seu” Domingos que aceitaram a missão de se tornarem meus pais;

Ao meu pai que partiu durante a reta final do processo de pesquisa. Em nossa caminhada evolutiva, os momentos não foram fáceis, mas no fim o amor venceu. Você foi o pai que consegui ser e eu te agradeço por isso. Aqueles que te precederam nessa viagem te amparem na chegada do exílio;

Ao Paulo Henrique por ser um pai presente para o nosso filho, enquanto eu estive ocupada com meu crescimento acadêmico. Agradeço por acreditar na minha capacidade profissional e pela companhia mais que solidária em tantos momentos difíceis;

Ao meu filho Rafael. Às vezes eu me pergunto: -- Rafa quem é você? Eu mesma respondo: -- Você é a minha continuidade e a razão da minha vida;

Aos familiares que trouxeram valores indispensáveis à formação do meu caráter. Os que se foram deixaram saudades, mas semearam amor, união e solidariedade. Têm dado bons frutos;

Aos colegas que acompanharam minha trajetória profissional. Alguns se tornaram amigos leais que fui adquirindo pela vida e que hoje compartilham da minha intimidade;

Ao grupo da “Diretoria” e as bibliotecárias da UFRJ que se tornaram verdadeiras amigas ao longo da jornada profissional nessa casa fantástica; em especial a Dani Masterson que começou a aventura do mestrado comigo;

Falando em Instituições, como não lembrar o Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ)? Às amigas: Alda, Ana Beatriz, Ana Paula, Andréa (*in memoriam*) e Cíntia pelos trinta anos de amizades mais do que sinceras;

Aos parceiros do IMPPG que despertaram em mim o desejo de iniciar este projeto, em especial ao Professor Maulori Cabral maior incentivador deste estudo e pelas dicas valiosas; ao Professor Sérgio Fracalanza pelo acolhimento, pela presteza de informações e pelo material cedido; A professora Isabel Liberto, uma admiradora da obra de Paulo de Góes e a Ana Cristina Roque, pela ideia inicial da exposição e por acreditar em nossa parceria.

À equipe da Biblioteca do Instituto pela compreensão da minha ausência no local de trabalho e, em especial a Dilma Cayres, a maior conhecedora dos Anais de Microbiologia. Grande parceira profissional e amiga de todas as horas;

As minhas meninas, estagiárias que passaram pela Biblioteca do Instituto de Microbiologia: Adília Batista e Alice Andrade, que me ajudaram na estruturação e revisão do trabalho;

Aos novos amigos do mestrado que me socorreram nos momentos difíceis. Duas eu confesso são especiais: Renata, a magrela e Patrícia, a noja;

Aos entrevistados que confiaram a mim as suas histórias. Como é difícil o papel de pesquisador e não se emocionar diante das suas memórias;

À espiritualidade pelas sugestões ao pé do ouvido e pelos sinais que, muitas vezes, não percebemos de imediato;

Ao Professor Briquet de Lemos por trazer à luz informações importantes. O CENIM marcou de forma significativa o caminho desta pesquisa. O senhor tem minha eterna gratidão;

À Icléia Thiesen por acreditar na realização desse projeto. Ao seu lado amadureci não somente no campo da academia, mas como ser pensante, crítico e emocional diante de acontecimentos bons e nem tão bons que a vida nos apresenta. Orientanda e Orientadora, que formaram um laço de amizade, sempre conduzido pelo respeito que deve existir entre mestrando e mestre;

Sempre em frente! Não posso falar de sonhos não concretizados, como não cabe perguntar aqui qual o tempo certo da saída desta vida, nem da existência que se descortina depois desta. Não fui criativa o suficiente para formar uma única frase que eternizasse a passagem de alguém na minha trajetória. Só consigo expressar o que sinto através da última estrofe do poema memória, da autoria de Carlos Drummond de Andrade:

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Um maluco, vendo-me passar com um livro debaixo do braço quando ia para o refeitório, disse: 'isto aqui está virando um colégio'.

BARRETO, Lima. Diário do Hospício, c1920.

RESUMO

A exposição “Um olhar memorialista sobre a Ciência”, que ocorre na Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPPG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como culminância das comemorações do centenário do Professor Paulo de Góes em 2013, torna-se embrião para a construção da memória do IMPPG. Compreende-se que a biblioteca do Instituto é lugar de memória do grupo microbiologia. Esse estudo objetiva caracterizar o papel da Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes na conformação do campo da Microbiologia no Brasil, assim como o da própria Biblioteconomia. Analisar as estratégias construídas por Paulo de Góes, no sentido de institucionalizar o campo da microbiologia na UFRJ, evidenciar as práticas biblioteconômicas realizadas na Biblioteca do IMPPG direcionadas ao desenvolvimento da microbiologia; reunir e analisar os depoimentos de antigos colaboradores e testemunhas da trajetória do introdutor dessa especialidade na UFRJ. Os Anais de Microbiologia, publicação idealizada por Paulo de Góes, fundador do IMPPG, foram o mote inicial para o desenvolvimento das pesquisas que evidenciaram a colaboração de diferentes atores no crescimento da ciência dos microrganismos no Brasil. As pesquisas que nortearam este estudo evidenciaram elementos que configuram a biblioteca do IMPPG como lugar de memória, não somente do grupo microbiologia, mas também da Biblioteconomia no que concerne à consolidação da Microbiologia como campo de conhecimento.

Palavras-chave: Memória Institucional. Microbiologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bibliotecas Universitárias.

ABSTRACT

The exhibition "A look memoirist about science", which takes place in the library of the Institute of Microbiology Paulo de Góes (IMPPG) of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), as a culmination of the celebrations of the centenary of Professor Paulo de Góes in 2013, becomes the starting point of into the construction of the IMPPG memory. It is understandable that the library of the Institute is a place of memory of Microbiology's group. This study aims to characterize the role of the Library of the Microbiology Institute Paulo de Góes in the conformation of the field of Microbiology in Brazil, as well as that of Librarianship. To analyze the strategies built by Paulo de Góes, to institutionalize the field of Microbiology at UFRJ. Gathers and analyzes statements from former employees and witnesses of the trajectory of the beginning of that specialty at UFRJ. The Annals of the Institute of Microbiology, publication created by Paulo de Góes, founder of IMPPG were the initial motto for the development of research that evidenced the collaboration of different actors in the growth of the science of microorganisms in Brazil. The research guides this study evidences elements that configure the IMPPG library as place of memory, not only Microbiology's group, but also of librarianship in the consolidation of Microbiology as a field of knowledge.

Keywords: Institutional Memory. Microbiology. Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). Universities Libraries.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados	26
Quadro 2 - Perguntas formuladas com objetivos.....	29
Quadro 3 - O documento na proposta de Suzanne Briet	70
Quadro 4 - Tipologia documental.....	73
Quadro 5 - Noção de documento nos três campos	77
Quadro 6 - Novo perfil profissional	86
Quadro 7 - Cronologia.....	158

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pintura de Bruno Lobo exposta na Sala da Congregação do IM	31
Figura 2 - Letra cifrada da música “Pode ir embora” (1933)	33
Figura 3 - Caricatura do Professor Paulo de Góes “Rato de laboratório”, 1969?	35
Figura 4 - Painel tridimensional confeccionado em poliestireno	48
Figura 5 - Mesas expositoras	49
Figura 6 - Objetos de diferentes tipologias exibidos na exposição	58
Figura 7 - Pavilhão de Microbiologia no campus da Praia Vermelha.....	58
Figura 8 - Paulo de Góes e o grupo da microbiologia [195--?].....	60
Figura 9 - Cumprimentos entre o presidente Lyndon Johnson e o adido científico.....	61
Figura 10 - Carta dirigida a Paulo de Góes pelo presidente Lyndon Johnson.....	61
Figura 11 - Paulo de Góes em pé de jaleco branco cercado por estudantes	62
Figura 12 - Diploma de Paulo de Góes	62
Figura 13 - Biblioteca do IM no campus da Praia Vermelha	93
Figura 14 - Modelo de microficha do sistema Filmorex	97
Figura 15 - Modelo do sistema Filmorex	99
Figura 16 - Modelo do sistema Filmorex	100
Figura 17 - Paulo de Góes e Pedro Calmon na Biblioteca do Instituto de Microbiologia.....	103
Figura 18 - Configuração original do Instituto de Microbiologia	110
Figura 19 - Bastos Tigre e Lydia de Queiróz Sambaquy	113
Figura 20 - Fachada do Instituto de Microbiologia na Praia Vermelha [1968?].....	114
Figura 21 – Sócios fundadores da Sociedade Brasileira de Microbiologia.....	125
Figura 22 – Correspondência da Sociedade Brasileira de Microbiologia a Célia Zaher.....	127
Figura 23 - Lateral do Pavilhão	129
Figura 24 - Organograma do Instituto	131
Figura 25 - Planta do Instituto de Microbiologia	132
Figura 26 – Sociograma.....	156
Figura 27 - Pintura de Paulo de Góes exposta na Sala da Congregação do IM	169

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BAE	Biblioteca da Área de Engenharia e Arquitetura
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARMMI	Curso de Atualização e Revisão em Métodos de Microbiologia e Imunologia
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CBO	Conselho Brasileiro de Ocupações
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEM	Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia
CEMI	Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia
CENIM	Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CFE	Conselho Federal de Educação
CIA	Conselho Internacional de Arquivos
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRS	Centre National de la Recherche Scientifique
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
EB	Exército Brasileiro
FEBAB	Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IM	Instituto de Microbiologia
IMPPG	Instituto de Microbiologia Paulo de Góes
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
MTPS	Ministério do Trabalho e Previdência Social
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PCC	Plano de Classificação de Cargos
SBM	Sociedade Brasileira de Microbiologia
SIARQ	Sistema de Arquivos
SIC	Serviço de Intercâmbio de Catalogação
UB	Universidade do Brasil

UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNB	Universidade de Brasília
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	OBJETIVOS	22
2.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
4	DEPOIMENTO DE PAULO DE GÓES AO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. 30	
4.1	E COMO NÃO MENCIONAR BRUNO LOBO?	30
4.2	A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DO PATRONO DO INSTITUTO.....	34
4.3	O PAVILHÃO DE MICROBIOLOGIA FOI O REFEITÓRIO DO HOSPITAL DOS ALIENADOS.....	35
4.4	ALGUMAS IDÉIAS DE PAULO DE GÓES SOBRE A REFORMA UNIVERSITÁRIA.....	39
4.5	AGÊNCIA INTERNACIONAL DA OMS <i>versus</i> EMBAIXADA AMERICANA	40
4.6	O RETORNO DE PAULO DE GÓES E A CIDADE UNIVERSITÁRIA.....	42
4.7	A UNIVERSIDADE É O LAR DA CIÊNCIA	45
5	A EXPOSIÇÃO “UM OLHAR MEMORIALISTA SOBRE A CIÊNCIA”	48
5.1	ARTEFATOS, DOCUMENTOS BIBLIOGRÁFICOS E ARQUIVÍSTICOS DA EXPOSIÇÃO.....	64
5.2	APTIDÕES BIBLIOTECONÔMICAS E O OBJETO INFORMAÇÃO	79
6	O CENIM E O GRUPO DE MICROBIOLOGISTAS DA UFRJ	91
7	A PÓS - GRADUAÇÃO NO BRASIL EMERGE NO INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA	119
7.1	LUGARES DE MEMÓRIA E A BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA PAULO DE GÓES (IMPP).....	151
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
	REFERÊNCIAS	177
	ANEXO A – FICHA DO PROJETO	197
	ANEXO B – TERMO DE CESSÃO	198

1 INTRODUÇÃO

Impulsionada pelas comemorações do centenário do Professor Paulo de Góes, uma equipe multidisciplinar composta por uma jornalista, uma historiadora e duas bibliotecárias do Instituto, inicia o trabalho de captação de informações que pudessem evidenciar a história desse professor. Inevitavelmente, a busca pela trajetória profissional do Professor Paulo de Góes até a fundação do Instituto de Microbiologia nos permite conhecer a participação da Universidade no processo de formação dessa ciência que estuda os micróbios, a partir do século XX e compreender a consolidação do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPPG) como importante unidade científica no Estado do Rio de Janeiro.

As celebrações se constituíram de missa, peça de teatro, homenagens familiares e depoimentos de antigos Diretores, que ocorreram no auditório do Instituto de Microbiologia, com o objetivo de exaltar a memória do Professor Paulo de Góes, um dos expoentes das Ciências da Saúde, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A culminância das comemorações acontece no espaço da Biblioteca do Instituto com a exposição “Um olhar memorialista sobre a Ciência”, um evento que propiciou uma investigação dos primórdios do ensino da microbiologia, passando por diferentes instalações até chegar a atual localização no prédio do Centro de Ciências em Saúde. A Universidade é o cenário do fortalecimento da teoria microbiana, que ganha corpo ao passar de disciplina à área de conhecimento com unidade própria na UFRJ.

Ao jogar um foco de luz sobre o crescimento da microbiologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, percebe-se que pinturas e placas expostas nos espaços do Instituto, além de fotografias, certificados e outras tipologias documentais abrigadas na sala da congregação da unidade, são fontes de informação quando relacionadas a importantes fatos da história política, social e cultural da formação científica em saúde pública no país a partir do século XX até a contemporaneidade. A história que cerca os objetos documentais dá sentido à memória da comunidade da microbiologia, quando armazena ideias, fatos e ações.

Ao longo da exposição identifica-se também a Biblioteca do Instituto como lugar de memória, pois é espaço que cumpre o importante papel de preservar a memória de seu grupo, possibilitando a pesquisa referente à evolução histórica e científica de cada Instituição. O caminho percorrido na constituição do IMPPG é um importante registro da história educacional e de produção acadêmica do Rio de Janeiro, caracterizando-se como importante patrimônio documental a ser lembrado, preservado e divulgado. Para atender o anseio da comunidade em configurar a memória do IMPPG, é imprescindível contextualizar a memória

do grupo da microbiologia à história social e política da sociedade de cada época, no qual está inserido.

Considerando a importância da contextualização do movimento científico, cabe a mim, bibliotecária envolvida de forma pessoal pelos questionamentos referentes à temática memória e profissional responsável pela organização da informação, analisar e representar objetos em suas diferentes materialidades referentes à trajetória do IMPPG, interpretando-os a partir do desenvolvimento científico, histórico e cultural da sociedade brasileira.

No cenário descrito, a biblioteca é o espaço pensado para acondicionar o patrimônio material que representa a memória da Unidade. A partir de tal perspectiva, definem-se as questões: qual a contribuição do Instituto de Microbiologia para a expansão e na conformação dessa ciência na UFRJ e no Brasil? Em sequência, qual o papel da Biblioteca do Instituto na organização, preservação e divulgação das ações científicas de determinados grupos para a configuração de suas memórias? O questionamento envolve o tema Memória Institucional que, alinhada a habilidades biblioteconômicas apresentará as condições necessárias à organização e representação da história da Microbiologia da UFRJ.

O estudo em pauta é considerado, de acordo Gonsalves (2003), uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. A pesquisa exploratória objetiva uma visão panorâmica de determinado fenômeno que neste estudo paira sobre a Organização do Conhecimento, com vistas à contribuição para a Memória Institucional. A abordagem qualitativa preocupa-se com os significados, motivos, aspirações e realidades que não são quantificadas, quando se trata de compreender as dimensões profundas e significativas de processos sociais (MINAYO, 2012).

O Instituto de Microbiologia constitui-se um espaço de memória, tendo assumido a sua materialidade no Hospital dos Alienados. Um pavilhão desativado seria o primeiro polo do ensino em Microbiologia da UFRJ a partir de 1950. A unidade, à medida que cresce, apresenta desdobramentos no ensino e na pesquisa. As novidades nas áreas tecnológicas, industrial e de alimentos representam progressos na ciência, sendo o IMPPG responsável pela garantia da vitalidade profissional no campo da microbiologia. Ações para a materialização do espaço e as fontes documentais relativas ao Instituto expressam o anseio permanente na continuação de um ambiente de destaque para a ciência no Brasil. A consolidação do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, unidade pioneira no ensino dessa ciência no Brasil, demanda a formação de um espaço para a memória de grupos e a biblioteca, pelo seu caráter social, é a organização recomendada para a preservação do legado no âmbito da microbiologia na UFRJ.

Abordada na historiografia de uma nação, em História ou no conjunto de lembranças de um indivíduo através da Psicologia, a palavra memória é ainda elemento utilizado em outras áreas do conhecimento, como no funcionamento eletrônico das ciências da computação e como função cognitiva do sistema nervoso nas Ciências Médicas. Lembrar significa dar sentido a sensações, registrar eventos, unir fragmentos e cobrir lacunas, conectar ideias, afetos e lembranças. A memória tem função seletiva. Ressalta-se o esquecimento como condição natural e reversa ao da lembrança. Esquecer é tão importante quanto lembrar, porque lembrar pode levar à angústia e a agonia. Entretanto, lembrar, algumas vezes, torna-se imprescindível para rememorar fatos que devem ser ou não repetidos na história da humanidade. Lembrar implica a reconstrução de uma trajetória e rememorar significa recriar uma história. Há necessidade da reconstrução de uma memória para dar significado à história de um grupo (GROISMAN, 2013).

Para melhor percepção relativa aos conceitos de memória e história, citamos Pierre Nora (1993) que indica que memória é fenômeno atual, age no que foi vivido e eterniza o presente. A história representa fatos distantes a partir do passado por operação intelectual, mas se utiliza das referências culturais coletivas.

Nora (1993) explora os elementos memória-história, nos quais se percebe a dinâmica da ciência e do fenômeno, que forma um jogo de conceitos percebidos ora como sinônimos, ora como oponentes, mas que podem interagir mutuamente. História e memória são assim elementos inseparáveis, porque a história pode se construir por meio dos paralelos da memória.

A escola dos Annales é o movimento historiográfico que se constitui em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloc em 1929, a revista compreende historiadores de várias gerações. Em torno dos anos 1970, surge a terceira geração. Fazem parte dessa nova corrente, os teóricos Pierre Nora e Jacques Le Goff e a corrente historiográfica que surge é a história cultural (BATISTA, 1996).

Isto tem significado quando se trata de movimentos de determinados atores sociais que podem tornar questões sociais ou culturais relevantes, mas que permaneceriam desconhecidas sem o estudo de um pesquisador. A realidade historiográfica dessas atividades humanas está contextualizada em disciplinas como Geografia, Sociologia, Psicologia, Economia e não somente em grandes acontecimentos políticos. Em se tratando da história de grupos, a construção da memória do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes é legitimada pela nova

abordagem historiográfica intitulada micro-história, tendo como um dos objetivos promover uma observação específica de objetos na pesquisa histórica.

Os elementos constituídos de memória são os acontecimentos vividos pessoalmente ou pelo grupo ao qual a pessoa está inserida. São personagens, nos quais se aplica a ideia de atores encontrados diretamente ou indiretamente em um espaço-tempo e finalmente os lugares, os lugares de memória (HALBWACHS, 2006).

Em mais de sessenta (60) anos de existência, o Instituto de Microbiologia pode ser analisado sob o ponto de vista arquitetônico, funcional e demográfico. Espaços, imagens e outros documentos fazem referência a Paulo de Góes. Fontes de naturezas diversas caracterizam o Instituto como lugar de memória a ser lembrado na história da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A memória aqui se enraíza e se dissemina no concreto, no objeto, no gesto e no espaço. Ao se integrar às ações relativas às comemorações do centenário Professor Paulo de Góes, a Biblioteca do Instituto engajou-se em uma experiência educacional diferenciada e tornou-se espaço ativo nos processos de ensino-aprendizagem, pesquisa e extensão. O trabalho realizado para a exposição dos cem anos de Paulo de Góes refletiu o empenho da equipe em tornar a biblioteca uma instituição cultural capaz de provocar transformações no corpo institucional através da reconstrução da memória do nascimento do Instituto de Microbiologia e da força que o ensino dessa ciência apresenta na contemporaneidade.

A partir do levantamento e obtenção das fontes para a criação do Instituto de Microbiologia, a equipe planejou, criou, executou, viabilizou e divulgou as ações relativas à exposição, culminância do centenário. Os resultados desta investigação foram documentos, objetos imagéticos e fotográficos categorizados na Biblioteca do Instituto nos seguintes formatos de apresentação:

- a) Estantes: duas disponibilizando os diplomas e os certificados pertencentes a Paulo de Góes, referentes a cursos nas áreas de Medicina e Microbiologia na antiga Universidade do Brasil (UB) e atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de placas de homenagem ao diretor do Instituto;
- b) Mesas expositivas: três mesas em madeira com tampo de vidro protetores, emprestados pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFRJ em que se dispuseram objetos pertencentes à família relacionados ao fundador: livro com temática escravocrata de autoria de seu avô paterno, fotografias de formatura em medicina e de catedrático em farmácia e enfermagem, artefatos relacionados ao

- Instituto de Microbiologia: caneta, porta-tinteiro, agendas de compromissos anuais e documentos e fotografias relacionados à sua condição de adido científico na Embaixada do Brasil em Washington, Estados Unidos;
- c) Painéis em poliestireno: três painéis tridimensionais foram confeccionados em tamanhos que compreendem 1,80 cm de altura X 0,90 cm de largura. Os painéis contêm imagens, fotografias e textos subdivididos nas seguintes temáticas: Vida: biografia; Obra: Currículo; Origem: histórico e atuação acadêmica do Instituto de Microbiologia. Os textos foram elaborados cuidadosamente pela equipe e integrados às imagens no Programa Microsoft. O departamento de *Web Designers* da editora gráfica da Universidade converteu o arquivo para programa específico que posteriormente, foi plotado em uma gráfica contratada pela Direção do Instituto. Os painéis ambientam a biblioteca de forma permanente.
- d) Vídeo: a equipe do Banco de imagens da UFRJ elaborou a edição das filmagens e fotografias que resultaram em um vídeo do evento a ser disponibilizado futuramente no Portal do Instituto e no Banco de Imagens da UFRJ.

A equipe inovou o ambiente da Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes em 2013, apostando em atividades de cunho memorialista, que por fim tornaria imperativo o prosseguimento de pesquisas históricas orais e textuais que, analisadas sistematicamente, tornaram-se fontes para contextualização documental que compôs a exposição. Ao longo desse estudo, se institucionalizou o Sistema de Arquivos (SIARQ) na UFRJ, que dará futuramente, um novo rumo para a documentação arquivística que representa a história da microbiologia na UFRJ salvaguardada na Biblioteca do Instituto.

A partir de tal premissa, as investigações abordadas na linha “Organização e Representação do Conhecimento”, adotadas no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Biblioteconomia se alinhavam e deram base à organização e representação dessa memória, o que configurará a biblioteca como um espaço não somente para apoio ao ensino e a pesquisa, mas também um ambiente de reafirmação da história da evolução microbiana da UFRJ, a partir da exploração de seus bens documentais. Como veremos adiante, a biblioteca é parte indissociável da institucionalização do campo da Microbiologia no Brasil.

O estudo em pauta englobou a literatura existente que aborda os temas: lugares de memória, gêneses documentais, organização de representação da informação, mediação da informação, história da conformação científica da biblioteconomia e documentação no Brasil,

bem como a história e evolução da Universidade do Brasil. A respeito do desenvolvimento da ciência na UFRJ, buscamos fontes primárias como a documentação do fundo Paulo de Góes existente na Fundação Fiocruz. No âmbito da Microbiologia da Universidade, os Anais de Microbiologia, publicação institucional do Instituto de Microbiologia, constituiu o fio condutor para as entrevistas, como também se tornou bibliografia para pesquisa e reafirmação da conformação desse campo do saber no Brasil.

2 OBJETIVOS

Caracterizar o papel da Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes na conformação do campo da Microbiologia no Brasil, assim como o da própria Biblioteconomia.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar as estratégias construídas por Paulo de Góes, no sentido de institucionalizar o campo da Microbiologia na UFRJ;
- b) Evidenciar as práticas biblioteconômicas realizadas na Biblioteca do IMPPG direcionadas ao desenvolvimento da microbiologia;
- c) Reunir e analisar os depoimentos de antigos colaboradores e testemunhas da trajetória do professor Paulo de Góes nessa especialidade na UFRJ.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O planejamento desse estudo de caráter exploratório engloba a definição as seguintes técnicas para a coleta de dados: investigação documental, aplicação de entrevistas, análise das fontes orais, levantamento bibliográfico e revisão de literatura.

Os estudos foram desenvolvidos a partir de levantamentos documentais e entrevistas que agregassem significado a certificados, diplomas, quadros, pinturas e fotografias relacionados ao Instituto de Microbiologia. Os Anais de microbiologia foram fontes iniciais que deram alicerce a coleta das informações sobre as personalidades que fizeram parte dessa unidade de ensino da UB e UFRJ. Uma parte dos Anais funcionava como relatório de desempenho do lugar que abrigava a microbiologia. Esses relatórios eram descritos ano a ano. Sendo assim, foi possível o reconhecimento de profissionais envolvidos em diferentes vivências no Instituto desde a sua formação até o ano de 1968. A partir de 1969, os Anais assumem uma natureza inteiramente acadêmica, sem a apresentação sumária de responsáveis e profissionais lotados nas divisões e serviços da unidade, como era realizado até 1968.

Atores ainda vivos foram identificados e localizados, através de investigações em outras instituições, nas quais os personagens estiveram vinculados, ou por meio de terceiros que sabiam do destino desses atores. Paralelamente, se buscou no Instituto os profissionais que vivenciaram as ações de Paulo de Góes e seus primeiros pares na Universidade. Esses cientistas ainda atuantes no Instituto de Microbiologia, além de contribuírem na localização de antigos colaboradores, se disponibilizaram a conceder entrevistas para a coleta de dados sobre o desenvolvimento da microbiologia da UFRJ.

Os Anais de Microbiologia constituíram o caminho inicial que conduziu a possibilidade da coleta de fontes orais. Através dos nomes relacionados no sumário da publicação iniciada em 1951, foram identificados os profissionais que trabalharam no Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia (CENIM) do Instituto de Microbiologia, também entrevistados para a consecução dessa pesquisa.

Sendo parte da metodologia, as entrevistas concretizadas formaram o subsídio que correlacionou ou estabeleceu novas relações entre fatos. Percebeu-se ainda que os Anais formaram a fonte documental principal e final de informações, pois novas personalidades não vislumbradas inicialmente nos Anais foram posteriormente identificadas na publicação, quando citadas pelos entrevistados.

Durante o trabalho realizado para a exposição do centenário foi consultada parte de uma documentação salvaguardada na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Esta

documentação voltou a ser explorada para a consecução deste estudo. O “Fundo Paulo de Góes” é documentação que pertence ao Arquivo da FIOCRUZ. Suas pastas possuem bilhetes, cartas, ofícios, recortes de jornais, relatos produzidos pelo professor nos diferentes cargos que ocupou na sua vida profissional. A consulta a fontes documentais de fundos arquivísticos como o de Paulo de Góes e de personalidades atuantes na unidade ou na FIOCRUZ, instituição parceira da Universidade do Brasil, possibilitou correlacionar informações do Instituto ao contexto social e a diferentes períodos históricos vividos na Universidade. Fundos de diversas naturezas estão abrigados na Arch, bases de dados que é usada por aquela Fundação para organização, sistematização e disponibilização de documentação arquivística.

À conjugação de entrevistas, investigação documental e literatura cinzenta, a literatura especializada fundamentou este estudo. Contemplou-se a pesquisa com uma revisão de literatura através de leitura de capítulo de livros, artigos de periódicos e trabalhos acadêmicos. Livros que pertencem ao acervo físico da Biblioteca Central da UNIRIO e Biblioteca do Laboratório de História Oral, Informação e Documentação (LAHODOC/UNIRIO) foram fontes de consulta e empréstimo. O material didático explorado pela professora Icléia Thiesen durante a disciplina “Organização do Conhecimento e os Lugares de Memória” trouxe a pesquisadora novas percepções que se aplicaram à prática do estudo. Publicações sobre representação do conhecimento e linguagens documentárias foram adquiridas pela pesquisadora durante o período do mestrado para aclarar parte desta pesquisa. No meio virtual, consultou-se o motor de busca Google acadêmico, abrigado no Portal CAPES, que recuperou capítulos de livros que abordavam o desenvolvimento da ciência no Brasil e cientistas importantes nas áreas da saúde. A base de textos completos *Scielo* e o acervo humanístico retrospectivo da *Journal Storage* (JSTOR) também pertencentes à CAPES fizeram parte desta investigação. A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do IBICT recuperou material acadêmico de temas relacionados a disciplinas de natureza documentária: arquivos, bibliotecas e museus.

Assim, hipóteses, material teórico e metodologia se complementaram. Significa que juntas ao serem adotadas permitiram analisar sistematicamente o fenômeno investigado. Foi analisado se a interação entre áreas influenciou a conformação nos campos de saber identificados no estudo.

Para tanto, a pesquisa classifica-se como exploratória com abordagem qualitativa, que converge para a compreensão de um determinado contexto. A pesquisa qualitativa obtém vantagem quando interage com uma realidade que não há como ser quantificada, que de acordo com Minayo (2012) significa:

[...] o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Este conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. (MINAYO, 2012, p. 21).

No que se refere à abordagem qualitativa, a entrevista foi a técnica aplicada a este estudo, na qual se buscam impressões, opiniões e vivências daqueles que se encontram envolvidos com o objeto da investigação (SÁ, 2013). Os sujeitos que compuseram o quadro de entrevistados foram, inicialmente, definidos a partir dos Anais de Microbiologia, entretanto outros foram sendo apontados ou indicados posteriormente, pelos entrevistados consultados na pesquisa inicial.

As entrevistas vislumbram como princípios a representatividade, a acessibilidade e a receptividade. A representatividade está ligada aos períodos históricos que cobrem as seis décadas de existência do Instituto. Personalidades que desempenharam ou ainda desempenham funções distintas foram capazes de vislumbrar os diferentes tempos do Instituto e revelar momentos marcantes, sejam eles positivos ou negativos. O segundo princípio se liga à acessibilidade dos depoentes. Ex-colaboradores que vivem nos Estados de Brasília (DF), São Paulo (SP) e Campos (RJ) e Rio de Janeiro (RJ) foram potenciais informantes que viabilizaram o estudo. A receptividade vale-se do princípio da colaboração com a pesquisa por parte dos depoentes selecionados através de entrevista gravada.

Para a realização desta pesquisa foram colhidos depoimentos, nos quais os entrevistados apresentam como premissa a colaboração pessoal e/ou profissional nas diferentes passagens temporais da Microbiologia na UFRJ. Também surgem dos relatos nomes que evidenciaram a participação de outras personalidades no cotidiano do fundador do Instituto.

Para a realização, validação e autorização da transcrição de trechos ou da totalidade das entrevistas que compõem o conteúdo deste estudo, os entrevistados assinaram o “termo de cessão” elaborado pelo Laboratório de História Oral, Informação e Documentação (LAHODOC) do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado pela professora Icléia Thiesen. O modelo da “ficha do projeto” e o modelo do “termo de cessão” usados no escopo da pesquisa estão nos anexos desta dissertação.

A pesquisa inclui 10 (dez) entrevistas que complementaram nosso estudo. Apresentação dos profissionais entrevistados segue uma ordem cronológica por data de entrevista, conforme ilustração do quadro abaixo:

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Nome	Formação	Profissão	Vínculo Com o IM	Período de referência	Data da Entrevista
Celia Zaher	Biblioteconomia /Direito	Docente em Biblioteconomia	CENIM	1962-1963	19/11/2015
Risoleta Liberalli de Góes	Ciências Contábeis	Contadora	Viúva do patrono	1950-1982	22/02/2016
Maulori Curié Cabral	Farmácia	Farmacêutico	Docente	1970 -	26/02/2016
Marinalda de Arruda Melo Athayde	Biblioteconomia	Bibliotecária	Bibliotecária	1970-1980	02/03/2016
Milton Thiago de Mello	Veterinária	Veterinário	Pesquisador	1964-1968	03/03/2016
Ítalo Suassuna	Farmácia/Medicina	Médico	Docente	1952-1970	09/03/2016
Sergio Fracalanza	Farmácia	Farmacêutico	Docente	1974-	30/03/2016
Antônio Carlos Peres da Silva	Medicina	Médico	Docente	1963-1965	05/05/2016
Carmen Olivia Souza	Biblioteconomia	Bibliotecária	CENIM	1961-1964	02/12/2016
Dilma Cayres	Biblioteconomia	Bibliotecária	Bibliotecária	1974-	03/03/2017

Fonte: A autora, 2017.

Para percebermos a representatividade dos colaboradores na vida do Instituto de Microbiologia, adotamos a ordem temporal da passagem de cada entrevistado no Instituto, conforme os depoimentos e as informações coletadas nos Anais:

- a) Risoleta Liberalli de Góes, viúva do fundador, contadora não atuante, com 94 anos na ocasião da entrevista. Vivenciou a formação do Instituto a partir de 1950;
- b) Ítalo Suassuna, ex-professor do Instituto de Microbiologia, farmacêutico e médico, com 85 anos na ocasião da entrevista. Iniciou sua vida profissional no Instituto a partir de 1952;
- c) Célia Zaher, formada em Direito e ex-professora de Biblioteconomia, com 78 anos na ocasião da entrevista. Idealizou o Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia (CENIM) no Instituto de Microbiologia a partir de 1961;
- d) Carmen Olivia Lima Mascardo de Souza, formada em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional. Bibliotecária não atuante, com 75 anos na ocasião da entrevista.

- Trabalhou no Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia (CENIM) no Instituto de Microbiologia a partir de 1961;
- e) Antônio Carlos Peres da Silva, médico, professor na Faculdade de Medicina de Campos dos Goytacazes, com 76 anos na ocasião da entrevista. Entrou no Instituto como pesquisador bibliográfico em 1963;
 - f) Milton Thiago de Mello, veterinário reformado do Exército Brasileiro e pesquisador na Fiocruz no século XX, com 100 anos na ocasião da entrevista. Conhece o vice-diretor Amadeu Cury, antes da própria formação do Instituto. Seu nome surge nos primeiros Anais da Microbiologia em 1951, depois reaparece na publicação em 1964;
 - g) Marinalda de Arruda Melo Athayde de Arruda, bibliotecária da biblioteca de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com 65 anos na ocasião da entrevista. Inicia sua vida profissional na biblioteca do Instituto ainda no *campus* da Praia Vermelha a partir de 1970;
 - h) Dilma Santana Cayres, bibliotecária da Biblioteca do Instituto de Microbiologia. Ingressa no Instituto de Microbiologia em 1974. Profissional em atividade.
 - i) Maulori Curié Cabral, farmacêutico e docente do Instituto, com 65 anos na ocasião da entrevista. Chegou a Microbiologia para fazer o curso de especialização em Microbiologia e Imunologia (CEMI) no *campus* da Cidade Universitária em 1974;
 - j) Sérgio Fracalanza, farmacêutico e docente no Instituto, com 65 anos na ocasião da entrevista. Apresentou-se no Instituto para realizar o Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia (CEMI) no *campus* da Cidade Universitária em 1974.

Em uma metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que compõem o quadro das entrevistas não pode ser determinado *a priori*. Mas à medida que se colhem os depoimentos, pistas ou novos nomes podem trazer outras perspectivas à investigação. A qualidade, a profundidade, o grau de recorrência e convergência dos depoimentos tornam a pesquisa mais densa e consistente.

Na qualificação, ocorrida em julho de 2016, foram apresentadas a transcrição e a análise de 03 (três) depoimentos: Célia Zaher, Ítalo Suassuna e Antônio Carlos Peres da Silva. Estes colaboradores além de complementarem as lacunas de informações referentes aos cursos de especialização criados durante a formação do Instituto, também legitimaram as ações do Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia (CENIM), informação que evidencia a participação da Biblioteconomia no suporte à pesquisa acadêmica do Instituto.

A partir da entrevista do Dr. Antônio Carlos Peres da Silva, foi possível localizar, durante a elaboração final desse trabalho, a Sra. Carmen Olivia Lima Mascardo de Souza, personagem que atuou no CENIM junto a Célia Zaher, que também a citou, mas declarou ter perdido esse contato. A Sra. Carmen confirmou as ações referentes à criação deste centro e forneceu novas informações sobre as personalidades envolvidas nas áreas microbiológicas e biblioteconômicas, que em parceria atuaram para o desenvolvimento científico brasileiro.

As entrevistas das bibliotecárias: Carmen de Souza, Marinalda Arruda e Dilma Cayres foram transcritas e analisadas para compor as informações referentes ao CENIM e a Biblioteca do Instituto de Microbiologia, que hoje se mantém atuante na vida acadêmica de sua unidade.

As entrevistas daqueles que compuseram o cenário do Instituto desde a sua formação até à atualidade: Milton Thiago de Mello; Ítalo Suassuna; Maulori Curié Cabral e Sérgio Fracalanza formaram uma linha de direção evolutiva no Instituto. Informações sobre atuações acadêmicas e acontecimentos históricos, políticos e sociais que influenciaram a ciência dos microrganismos na UFRJ e no Brasil.

Antes da realização da coleta dos dados existe o objetivo da pesquisa que direciona a busca. Delimitar o formato da pesquisa é imprescindível para elaboração de um roteiro que fornece a diretriz para a realização da coleta de dados. Entrevistas estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas são expressões que definem o formato das perguntas. Para este estudo adotamos a entrevista semiestruturada.

A entrevista semiestruturada tem como característica a combinação de perguntas abertas e fechadas. Essa técnica permite ao informante a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Emergem desse tipo de entrevista informações mais livres e respostas não totalmente condicionadas a uma padronização. Mesmo o pesquisador elaborando questões previamente definidas, ele o realiza em um contexto muito semelhante ao de conversas informais (MANZINI, 2003).

A ordem e a recomposição das questões variam de acordo com as características de cada entrevistado. A entrevista é elaborada a partir de um roteiro com perguntas principais que podem conduzir a novos questionamentos intrínsecos às circunstâncias momentâneas durante a entrevista (GIL, 1999).

Quadro 2 - Perguntas formuladas com objetivos

Perguntas	Objetivos
Nome, ano, cidade de nascimento. Residência, ocupação e trajetória profissional do entrevistado.	Registrar e formalizar a pesquisa Estabelecer conexão da vida pessoal e profissional do entrevistado com suas vivências no Instituto de Microbiologia.
Quando e como os Srs. entraram em contato com o Instituto de Microbiologia?	Descobrir personalidades que tenham envolvimento direto ou indireto com o Instituto de Microbiologia.
Os Srs. conheceram Paulo de Góes e outros expoentes atuantes no Instituto de Microbiologia?	Identificar diferentes competências que contribuíram para a consolidação do Instituto de Microbiologia.
Os Srs. podem falar sobre os cursos ministrados no Instituto de Microbiologia?	Avaliar a relevância dos cursos no desenvolvimento e na importância do Instituto de Microbiologia.
Qual a contribuição da Biblioteca na dinâmica do Instituto de Microbiologia?	Analisar a influência da Biblioteca na rotina do Instituto de Microbiologia.

Fonte: A autora, 2016.

O planejamento e execução dessas ações expressaram real significância à pesquisa porque, além de endossarem a importância do crescimento da microbiologia na Universidade, foram capazes de dar sentido aos elementos da exposição que representam o centenário do criador do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes.

As informações sobre a entrevista da viúva de Paulo de Góes encerram este capítulo. A Sra. Risoleta foi a entrevistada protagonista deste estudo, pois além das informações relatadas sobre Paulo de Góes na condução da sua vida acadêmica e profissional, que possibilitaram a criação do Instituto, ainda indicou um caminho que era desconhecido até pelo grupo do Instituto de Microbiologia: a gravação concedida por seu falecido marido ao Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro em 1969. A revelação da existência de uma fonte oral com relatos do fundador do Instituto de Microbiologia colaborou para ilustrar questões que abordavam o campo social, político e científico durante o crescimento daquele Instituto. A entrevista transcrita formou o autorretrato de uns dos expoentes que desenvolveram a educação científica no Brasil.

4 DEPOIMENTO DE PAULO DE GÓES AO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Em meio às pesquisas para a realização do centenário do patrono do Instituto, sua viúva avisa que há uma entrevista com Paulo de Góes, que à época era Sub-Reitor de ensino e pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dada ao Museu da Imagem e do Som. A entrevista foi realizada por Edson Dias Teixeira, assessor médico da Secretaria de Ciência e Tecnologia da Guanabara (RJ), em junho de 1969 no próprio Museu da Imagem e do Som (RJ). O diálogo possui cerca de 1 hora e 20 minutos duração. O entrevistado expõe sua vida pessoal, universitária e profissional. Parte das narrativas da gravação é transcrita neste capítulo e seus trechos investigados e contextualizados ao longo de 10 (dez) entrevistas realizadas para o presente estudo.

4.1 E COMO NÃO MENCIONAR BRUNO LOBO?

Góes afirma que Bruno Lobo era o tipo de professor que ensinava a todo o momento (GÓES, 1969). Com Bruno Lobo, Góes (1969) teria o privilégio do contato com esse mestre a partir da infância, despertando em Paulo a sua vocação para o trabalho científico. Góes seria sobrinho da esposa de Bruno Lobo, docente da Faculdade de Medicina. Lobo era casado com uma irmã da mãe de Paulo e daria o apoio a Góes desde os primeiros tempos. Paulo perderia seu pai aos oito anos, estudaria de graça no Colégio Rezende (RJ) e faria amizade com outro aluno secundarista: Carlos Chagas Filho (GÓES, 2016). Bruno Lobo teria quatro filhos, todos formados em medicina, mas Bruno Lobo escolheria Paulo de Góes para segui-lo. As cadeiras de microbiologia e histologia eram unidas (GÓES, 2016), mas a parte de microbiologia ficaria com Paulo de Góes. Ele começaria a acompanhar Bruno Lobo. O “velho” Lobo como era chamado, era um homem de inteligência rara, segundo a Sra. Risoleta (GÓES, 2016).

Bruno Lobo fora Diretor do Museu Histórico (MOREIRA, 2008) e responsável pela imigração japonesa no Brasil¹. Bruno Lobo era homem de família com posses. Vivia parte da vida aqui no Brasil e outra parte vivia em Paris, o que lhe possibilitava o relacionamento com a Ciência na França (GÓES, 2016). Manoel Bruno Lobo, um filho dele, fez parte do Instituto (ANAIS..., 1951). Mas foi Paulo quem deu continuidade ao trabalho de Bruno na microbiologia (GÓES, 2016).

¹A Sra. Risoleta (GÓES, 2016) relata que Bruno Lobo escrevera um livro sobre a imigração japonesa (LOBO, 1926).

Figura 1 - Pintura de Bruno Lobo exposta na Sala da Congregação do IM



Fonte: Sala da Congregação, 2013.

No que se refere à trajetória da evolução da microbiologia no Brasil, há de se levar em consideração a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro como ator na consolidação da nova ciência, pois a dinâmica de ideias que circulam nos corredores, salas de aula e laboratório está presente não só no movimento de estudantes e professores, como nos médicos oriundos daquela Instituição que estendem seus conhecimentos em prol da Ciência Brasileira. Portanto a Faculdade de Medicina torna-se participante do progresso científico no país na virada do século XIX (ALMEIDA, 2005).

A partir de 1911, a cadeira de bacteriologia, existente desde 1901 é substituída pela cadeira de microbiologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ocupada pelo professor Bruno Lobo, a nova cadeira representa o fortalecimento da teoria microbiana com a ampliação dos conhecimentos científicos a respeito da fisiologia dos microrganismos

(CARRETA, 2006)². No âmbito estrutural, o conjunto de ações acadêmicas e políticas engajadas no desenvolvimento socioeconômico do país moldam a nova ciência e paralelo a esses acontecimentos, aflora o ensino da microbiologia com a instituição de sua cadeira a partir de 1911 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ocupada por Bruno Lobo, que foi ainda professor das cadeiras de Anatomia, e de Histologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (MOREIRA, 2008).

Em setembro de 1916 Bruno Lobo participa como representante do governo brasileiro, na Conferência Internacional de Microbiologia e Parasitologia, durante o primeiro Congresso Nacional de Medicina realizado em Buenos Aires (MOREIRA, 2008). Bruno torna-se mentor de Paulo de Góes, estudante que inicia, por volta de 1930, seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

De acordo com o professor Milton Thiago (MELLO, 2016a) o “velho” Bruno Lobo era professor da cadeira da microbiologia e apoiava Paulo de Góes na Universidade do Brasil. Góes resolve fazer um concurso para professor da Faculdade de Farmácia. Ele faz o concurso, passa e ali inicia a sua trajetória. Em uma pequena sala da Faculdade de Farmácia ele começa com o seu laboratório de microbiologia, herdado em parte do grande laboratório de Bruno Lobo (MELLO, 2016a).

Ao buscar histórias sobre Paulo de Góes, Maulori (CABRAL, 2016) expõe uma faceta diferente do jovem estudante. Paulo caíra na boêmia e sua mãe pede a intercessão do médico e Bruno Lobo, marido de sua irmã. Como Góes era aluno de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, o professor Bruno Lobo o encaminha ao seu Laboratório de microbiologia e o influencia a abraçar definitivamente a ciência (CABRAL, 2016).

²A tese “O micróbio é o inimigo: debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904)” de Jorge Augusto Carreta (2006) traz à luz discussões sobre as reformas empreendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro nos fins do século XIX, o que confirma a introdução dos princípios da medicina experimental na escola, reequipamento e ampliação da faculdade. O autor discorre o tema bacteriologia e a teoria microbiana pautado nos intensos debates em jornais e revistas dedicados a medicina nesse período. Cita ainda o periódico *Brazil Médico* como durável fonte documental dirigida por Azevedo Sodré, lente da cadeira de clínica médica da Faculdade de Medicina, que se propõe a divulgar trabalhos científicos da ciência brasileira.

Figura 2 - Letra cifrada da música “Pode ir embora” (1933)

Gm

PODE IR EMBORA

Canta: **Carmen Miranda**

(Samba de **Paulo de Goes** e **Oscar M. Soares**; Acompanhamento dos Diabos do Céu; Gravado em 6 de janeiro de 1933; Disco Victor 33617-B Matriz 65.644)

Gm *A*
 Para mim não faz falta o teu carinho, não
D7 *Gm*
 Porque eu prefiro viver sozinha
A
 Não adianta você estar a insistir
D7 *Gm/G7*
 Consolada, já não choro mais por ti
Cm *Gm*
 Já chorei, mas vi que estava errada
F *E#* *D7*
 Por pouco tempo que estive abandonada
Cm *Gm*
 Mas arranjei quem me desse mais valor
A *D7* *G7*
 Então resolvi te dizer (Oiiiii):

Refrão: *Cm* *Gm* *D7* } BIS
 Pode ir embora ~~que~~ / PODE IR EMBORA / PODE IR EMBORA
G/G7
 Que arranjei um novo amor!

NO BIS: *Cm* / *Gm* / *D7* / *Gm*

Gm *A*
 Para mim não faz falta o teu carinho, não,
D7 *Gm*
 Porque eu prefiro viver sozinha
A
 Não adianta você estar a insistir
D7 *Gm/G7*
 Consolada, já não choro mais por ti
Cm *Gm*
 Por você não faço mais sacrificio
F *E#* *D7*
 Perdi meu tempo te fazendo beneficio
Cm *Gm*
 E podes crer que entre nós tudo acabou
A *D7/G7*
 Para que chorar o nosso amor? (agora mesmo)

Refrão: *Cm* *Gm* } BIS) IGUAL ACIMA
 Pode ir embora ~~que~~
 Que arranjei um novo amor!

Fonte: Família Góes, 2013.

A classe artística perde um compositor (LIBERTO; CABRAL, 2013) e ganha um cientista. Bruno Lobo falece em 1945 (MOREIRA, 2008) sem ver materializado o Pavilhão de Microbiologia idealizado por seu discípulo.

Entretanto, o professor Fracalanza (2016) afirma que o Instituto de Microbiologia é o resultado de uma ação que começa com o mestre Bruno Lobo e continua com o professor Góes no momento em que ele reúne três cadeiras para congregar um Instituto. Ação possível considerando o enorme prestígio pessoal e acadêmico desse patrono (FRACALANZZA, 2016).

4.2 A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DO PATRONO DO INSTITUTO

Paulo de Góes ingressa na antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1931 e afirma já sentir grande interesse pela pesquisa científica, no campo da Biologia, em especial no campo da Microbiologia. A vocação para o trabalho científico se desperta a partir da convivência com o mestre Bruno Lobo, quando Góes assume a monitoria da cadeira de microbiologia. Paulo de Góes observa que, em sua época de estudante, a atividade científica era uma função assistencial, paralela à atividade profissional.

Aponta que o trabalho mais importante na carreira seria realizado a partir de 1940 com o estudo de diferentes aspectos da mononucleose infecciosa, principalmente no que se refere a sua etiologia. Trabalho esse que o conduziu a concorrer, em 1943, a docência para a cadeira da microbiologia na Faculdade de Medicina. Em seguida passa a ocupá-la no lugar de Bruno Lobo, que se encontrava em frágeis condições de saúde. Como docente, torna-se responsável pelo curso da Faculdade de Medicina. Ocupando esse laboratório pôde publicar estudos referentes à imunidade cruzada e das reações sorológicas cruzadas (GÓES, 1969). Góes aponta (1969) que seu interesse pela investigação científica o leva ao estudo de bioluminescência, sobretudo a produção de luminescência por bactérias. Posteriormente desenvolve seus estudos no campo da imunologia (GÓES, 1969).

A imunologia o leva a candidatar-se a cátedra da Faculdade Nacional de Farmácia em 1947 (LIBERTO; CABRAL, 2013). Góes (1969) reafirma que seu objetivo era senão o de conquistar condições de trabalho e lembra que os laboratórios nos quais trabalhou apresentariam uma condição inadequada para a iniciação científica.

Góes se autodenominava um “rato de laboratório” (GÓES, 1969), mas ressalta que novos acontecimentos o levariam a outras posições em sua trajetória profissional, desviando-o do seu meio ambiente ecológico natural, o laboratório. A viúva doa a Biblioteca do Instituto o quadro abaixo que reflete sua afirmativa durante a entrevista concedida ao Museu da Imagem do Som (GÓES, 1969).

Figura 3 - Caricatura do Professor Paulo de Góes “Rato de laboratório”, 1969?



Fonte: Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, 2013.

Góes (1969) reafirma que seu objetivo era senão o de conquistar condições de trabalho e lembra que os laboratórios nos quais trabalhou apresentariam uma condição inadequada para a iniciação científica.

Dois eventos que seriam fundamentais a mudança do panorama da ciência brasileira: a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) através da Lei n. 1310 de 15 de janeiro de 1951 e a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pelo Decreto n. 29741 em 1951 (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). A profissionalização da atividade científica que começa a partir de 1950 com o Conselho Nacional de Pesquisas³ vem tornar possível uma profissionalização do trabalho científico, pré-requisito para o bom rendimento do trabalho (GÓES, 1969).

4.3 O PAVILHÃO DE MICROBIOLOGIA FOI O REFEITÓRIO DO HOSPITAL DOS ALIENADOS

A pesquisa era uma atividade marginal. A estrutura e organização desses laboratórios se destinavam, sobretudo, ao ensino (GÓES, 1969). A inércia dessa função exclusivamente voltada para o ensino na universidade era vencida por alguns alunos. A mudança dessa

³Andrade (2001) destaca que militares e acadêmicos caracterizaram os processos de criação de associações científicas no Brasil e o Conselho Nacional de Pesquisas, o CNPq, hoje intitulado Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O CNPq é criado para ser gestor do Estado da política de energia nuclear e a autarquia encarregada das atividades de fomento da ciência e da tecnologia. Disponível em: <http://www.mast.br/hotsite_mast_30_anos/pdf_03/capitulo_10.pdf>. Acesso em 18 abr. 2017.

mentalidade se corrobora com o trabalho de Góes no laboratório de Medicina e posteriormente no laboratório de Farmácia da então Universidade do Brasil.

No ano de 1949, Góes (1969) relata que consegue um espaço, o qual seria anteriormente o refeitório das mulheres do antigo hospital dos alienados, que após ser remodelado com parte de recursos conquistados por Paulo de Góes, recebe um pequeno laboratório que viria a ser o laboratório de microbiologia da Faculdade Nacional de Farmácia. Anexo ao laboratório existia o setor de ensino, no qual são ministrados os seguintes cursos, de acordo com os Anais⁴:

- 1 Microbiologia do curso de formação da Faculdade Nacional de Farmácia;
2. Imunologia do Curso de Doutorado da Faculdade Nacional de Farmácia;
3. Microbiologia do Curso de formação da Escola Ana Neri; Curso de Especialização em Microbiologia para diplomados e estudante de escolas oficiais ou oficializadas. (ANAIS..., 1951, p. 12).

A formação de uma equipe de trabalho seria o elemento fundamental para consolidar um programa de investigação científica de caráter multidisciplinar. Grupo formado no Pavilhão de Microbiologia, que se constituía um verdadeiro centro de treinamento. Nos Anais de Microbiologia publicados em 1951, são referenciados trabalhos científicos elaborados em anos anteriores por Paulo de Góes, Clementino Fraga Filho, João Ciribelli Guimarães e outros (ANAIS..., 1951)⁵.

Já em 28 de agosto de 1951, Góes envia o ofício n. 45-51 ao Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Almirante Álvaro Alberto em agradecimento a visita realizada às instalações do Pavilhão da Microbiologia. Góes afirma que a visita seria um estímulo aos trabalhos ali realizados e que a atuação do Conselho Nacional de Pesquisas marca um novo período histórico na evolução científica do país (ANAIS..., 1951). A visita feita às instalações do novo espaço para o ensino da microbiologia pelo presidente do Conselho Nacional de Pesquisas destaca a notoriedade de Paulo de Góes entre personalidades que elaboram estratégias políticas para pesquisa científica no Brasil.

Paulo de Góes percebe que a concepção das Instituições Conselho Nacional de Pesquisas e CAPES, em 1950, seria decisiva para o trabalho científico na Universidade do Brasil. Esse importante processo de institucionalização do que seria um novo núcleo de pesquisa, se desencadeava em seguida a autonomia da Universidade do Brasil, decretada em

⁴ Uma exigência para matricular-se no CEM era que na formação dos alunos existisse a cadeira de microbiologia (Anais, 1951, p.100)

⁵ Conclui-se que enquanto as obras para as adaptações do futuro Pavilhão de Microbiologia eram encerradas ao fim de 1950 (ANAIS..., 1951), os cientistas já se dedicavam a reuniões e trabalhos científicos.

1945 (GÓES, 1969). O professor afirma que no Brasil a pesquisa investigação era feita em instituições isoladas como Instituto Oswaldo Cruz (RJ), o Instituto Biológico e o Butantã (SP), que obedecia talvez a um modelo alemão antigo, no qual os estudos científicos estariam apartados das Universidades (GÓES, 1969). A autonomia propiciava maior liberdade de operação e as universidades se conscientizavam da necessidade da investigação científica⁶. Bolsistas financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) completavam o quadro da unidade.

Como pioneiros de um novo pensamento, Paulo de Góes enriquece a entrevista trazendo os nomes dos irmãos Osório de Almeida⁷, que realizavam pesquisas científicas em sua própria casa (HEIZER, 2010) e de seu contemporâneo, Carlos Chagas Filho, pioneiro maior que sem quaisquer recursos, havia conseguido estimular a pesquisa nos grupos e nas instituições (GÓES, 1969). Igualmente destaca o papel da Fundação Rockefeller com apoio material, através de representantes da Fundação no Brasil, como Harry Miller que visitava laboratórios, descobria vocações, recrutava talentos e implementava recursos. A contribuição da Fundação Rockefeller seria decisiva para o desenvolvimento em alguns campos da ciência, como o Instituto de Microbiologia e o Instituto de Biofísica Carlos Chagas, frutos dessa política (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). O professor percebe que a capacidade de concretização do projeto se fez com ações e apoio de agências nacionais e Fundação Rockefeller, a despeito a todas as condições adversas, e não com condições criadas, artificialmente, por meio de leis ou decretos. Nesse estágio, um trabalho concentrado na formação de pessoal constituía a massa crítica do pequeno laboratório, que se transformaria mais tarde no Instituto de Microbiologia (GÓES, 1969).

Paulo de Góes desempenha atividades de ensino e pesquisa na Universidade e realiza muitas investigações em diferentes ramos da microbiologia, entretanto se percebe com intensa motivação para a virologia, que se constitui como atividade principal (GÓES, 1969). Em 1952, dedica-se a um novo estudo de um grupo de vírus aparentado da poliomielite, destaca o nome de Joaquim Travassos, um importante virólogo, que se associa a equipe (ANAIS..., 1952). A partir de 1959, passa a se interessar pelo estudo de um grupo que estava assumindo

⁶Em corroboração ao artigo explorado por Almeida (2012), Paulo de Góes elabora uma cronologia para uma conferência a ser realizada em Lisboa, Portugal em 1971 com a temática que tratava da pesquisa nas universidades brasileiras. O documento aponta que instituições como Museu Nacional, que mais tarde seria anexado a Universidade do Brasil, e Fiocruz iniciavam pesquisas científicas isoladamente (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a).

⁷Na década de 1920 forma-se no Rio de Janeiro um movimento organizado composto por cientistas, professores e intelectuais, com o objetivo de criar as condições para a institucionalização da pesquisa no país, do qual os irmãos Osório de Almeida faziam parte (HEIZER, 2010).

grande vulto, as Arboviroses⁸, vírus transmitido por artrópodes⁹ (GÓES, 1964, 1969). À medida que se realizava as pesquisas, o Instituto se expandia. Seu fundador compreende que havia cumprido sua missão ao produzir discípulos, apoiar e formar pesquisadores que adquiriam elevadas qualificações. Paulo de Góes assegura que esse é o papel do chefe de uma escola, produzir alunos melhores do que ele próprio (GÓES, 1969). Colaboradores que conquistaram a oportunidade de um treinamento e de uma especialização no exterior formavam, naquele momento, renomes internacionais. Ele cita os nomes de Amadeu Cury, Ítalo Suassuna, Moisés Fuks, João Ciribelli Guimarães e Manoel Bruno Lobo. Pesquisadores de alto nível que compunham o estado permanente de microbiologia. Góes (1969) percebe que a posição conquistada pelo Instituto, contrastava com um espírito universitário ainda conservacionista. Em 1961, ele se empenha junto a colegas de outras áreas do conhecimento nas questões da reforma universitária. Ele entende que a estrutura e as circunstâncias oferecidas naquele ambiente, do ponto de vista educacional ou pesquisa, demandavam uma reformulação. Em 1961 instituem-se as Comissões Coordenadoras dos Cursos de Pós-Graduação que implantaria o ensino da pós-graduação na UB. Neste ano, a comissão programou uma série de cursos, no campo da Física, da Química e da Biologia dos quais participariam as seguintes unidades da UB: Instituto de Microbiologia, Instituto de Física, Instituto de Química, Instituto de Biologia e Centro de Pesquisas Genéticas, em parceria com o Instituto Oswaldo Cruz, o Centro de Pesquisas Físicas e o Instituto de Matemática Pura e Aplicadas (COMISSÃO..., 1962).

Para Góes (1969) essa luta seria da conscientização e não por razões políticas que não pertenceriam ao corpo universitário (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). Alguns documentos do Fundo Paulo de Góes salvaguardados na Fiocruz enfatizam que o interesse do cientista e seus pares era primordialmente ultrapassar a barreira do subdesenvolvimento no país, através da qualidade do exercício docente e das atividades técnico - científicas.

⁸Joaquim Travassos que ocupava a chefia da Divisão de Vírus do Instituto de Microbiologia em 1952, dedicava-se a investigações sobre Arboviroses (SUASSUNA, 1967). Segundo a entrevista com o professor Suassuna (2016) Joaquim Travassos colaboraria com Paulo de Góes nos trabalhos sobre Arboviroses. O entrevistado não sabe pesar qual a contribuição de cada um, mas acredita que pela formação em Virologia, a colaboração de Joaquim Travassos tenha sido indispensável para a consecução deste trabalho de pesquisa.

⁹Segundo Góes (1964, p. 5) “Arboviroses constituem hoje um numeroso grupo de doenças, produzido por certos vírus transmissíveis por artrópodos e que se apresentam sob aspectos clínicos variados tais como febre amarela, o dengue, algumas encefalites, as febres hemorrágicas ou simples quadros de infecção geral”.

4.4 ALGUMAS IDÉIAS DE PAULO DE GÓES SOBRE A REFORMA UNIVERSITÁRIA

Góes (1969) enfatiza seu interesse pelos problemas gerais da Universidade. Explica que o Instituto de Microbiologia foi resultado de um esforço sobre-humano e a implantação da pesquisa e criação de condições de ensino perfeitamente adequados deveria ser uma condição geral igual a toda a universidade. Sua estrutura se mostrava superada e inadequada à realidade que a época exigia. Seria uma motivação do corpo dos professores da Universidade, através de um trabalho que se antecipa em 1961.

O Conselho Universitário da UB designa, em 1962, uma comissão especial para cuidar da reformulação estrutural de sua universidade. Comissão da qual participariam Raymundo Moniz de Aragão e Paulo de Góes por ordem de Pedro Calmon (CHAGAS FILHO, 2000). Em 1963 ela atinge grande intensidade e aglutina os melhores elementos que é a Universidade dispunha (GÓES, 1969). Dos trabalhos resulta o documento: diretrizes para a Reforma da Universidade do Brasil, porém, segundo Fávero (2006) com o golpe militar 1964 a implantação dessas diretrizes não seria estimulada.

Nesse aspecto, Góes (1969) considera que o movimento reformista teria como característica particular a provocação, sobretudo, de um movimento estudantil. Para o professor, a reivindicação tornou-se, tempos depois, uma oposição de natureza demagógica. Ele defende que a reforma foi iniciativa de mestres, que criaram a consciência de uma inadequação da estrutura às próprias aspirações e reconhece que a inquietação estudantil, em grande parte, se justificava porque a própria instituição não estava adequada àquilo que uma mocidade, com muita legitimidade, desejava (GÓES, 1969). A aspiração da reforma culminaria em um modelo institucional, no qual membros da instituição, membros da comunidade e estudantes colaboraram. Todos empenhados em reformular a instituição. As universidades teriam, de acordo com Góes (1961), uma origem artificial, pois seriam formadas a partir de reunião de escolas isoladas. A ideia era compor um complexo. Era trabalho difícil desmembrar unidades entre si algumas faculdades que eram sesquicentenárias. A Universidade era fragmentada, pelo ponto de vista acadêmico e dispersa geograficamente. Formada por bacharéis e pela elite, a universidade desconhecia quase que a docência em regime de dedicação exclusiva e a pesquisa científica. Góes (1976) afirmava que a pesquisa científica não deveria ser interesseira ou que nem deveria desvendar fatos imediatos de aplicação. Para o fundador do Instituto a história da ciência guardaria acontecimentos que,

embora fossem irrelevantes em um dado momento, poderiam ter efeitos revolucionários anos mais tarde (GÓES, 1976).

Esforços pioneiros, como os professores Carlos Chagas, no Instituto de Biofísica, Paulo de Góes (Microbiologia), José Leite Lopes (Física), Athos da Silveira Ramos (Química) e personalidades de outras áreas do conhecimento trariam novas perspectivas para a Universidade do Brasil (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017). A reforma veio sendo realizada, enquanto Paulo de Góes era Decano, posição que ocupava quando foi para os EUA (GÓES, 1969). Destaca a atuação do professor Raymundo Moniz Aragão, à época Ministro da Educação (MOTTA, 2014).

4.5 AGÊNCIA INTERNACIONAL DA OMS *versus* EMBAIXADA AMERICANA

O professor (GÓES, 1969) contextualiza a microbiologia¹⁰ à educação médica a partir da década de 1950. Aborda um movimento que se inicia no Brasil para a reformulação da metodologia da estrutura da organização da educação médica. Destaca acesso às informações das ciências básicas e aplicadas, quando faz referências ao *Current Contents*, que divulga antecipadamente os artigos de periódicos a serem publicados e a Biblioteca Regional de Medicina (Bireme), integrante da National Library (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a).

GÓES (1969) informa que realizou trabalhos em colaboração com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e sua agência, a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) da Agência Nacional de Saúde. Em 1965 seria dirigente do “Programa da *Pan American Health Organization* (PAHO)” (LIBERTO; CABRAL, 2013, p. 49). O Sub-Reitor (GÓES, 1969) informa que no mesmo ano recebe um convite para participar de um projeto de educação médica dessa organização. Entretanto, Antônio Moreira Couceiro¹¹, presidente do Conselho

¹⁰ No documento: cooperação científica internacional, Góes (1976, p.8) faz comentários à margem do simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ele indica que a Fundação Rockefeller seria instituição filantrópica que atuaria Brasil, entre 1916 a 1959. Seus cientistas estudariam a febre amarela, que poderia a qualquer tempo invadir novamente os estados do sul (Louisiana, Flórida e Texas) onde existira o *Aedes aegypti*. Observa que as pesquisas resultaram na descoberta de um novo grupo de vírus: os Arbovirus.

¹¹ Antônio Moreira Couceiro foi presidente de 1964 a 1970. A partir de 1967, ocorreriam mudanças na atuação do Estado frente ao setor de ciência e tecnologia. Esses setores seriam incorporados a discursos políticos, como elementos necessários à construção de um Brasil-potência. A aprovação do Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED) representaria pela primeira vez uma tentativa do governo federal de fixar uma política específica para a área da ciência e da tecnologia. Até então, a atuação do Estado nesse setor se dera de forma fragmentada (FUNDAÇÃO, 2017).

Nacional de pesquisas (ANTONIO..., 2017) apresentou como alternativa ao cargo da agência internacional, o posto de adido científico¹² do Brasil.

Paulo de Góes seria o primeiro titular no recém-criado posto, do qual recebe pleno apoio do Conselho Nacional de Pesquisas. Góes soube que nada havia na Embaixada de Washington (EUA) em termos de instrumentalização para uma cooperação científico-tecnológica (SIMONPIETRE, 1968). Os Estados Unidos era país avançado nessa área de conhecimento, portanto o tema tecnologia seria elemento importante nas relações diplomáticas (GÓES, 1969; MOTTA, 2014)¹³. Ele cita como exemplos: as relações entre os povos com referência à energia atômica, a exploração das riquezas do fundo do mar, legislação e acordos internacionais relativos aos problemas do espaço exterior (GÓES, 1969). Paulo de Góes prevê quais temas um cientista deveria debater e contribuir nas audiências com os diplomatas, carreira que exercitava suas atividades principalmente no plano político (MELLO, 1968)¹⁴.

Aceita o cargo de adido científico, a convite do governo Castelo Branco e desloca-se para Washington em março de 1966. Paulo de Góes relata que a dinâmica das ações era intensa e o programa da função extenso. Descreve como principais ações: o estabelecimento de pontos de contato entre instituições científicas brasileiras e norte-americanas, atraindo-os e estimulando-os a interessar-se pelo estudo de problemas no Brasil; captação de recursos em fundações ou instituições oficiais e não oficiais norte-americanas, nas quais ele percebia que o auxílio era avultado. Segundo o adido (GÓES, 1969), tais oportunidades não eram devidamente exploradas. Entretanto, um problema que o havia interessado particularmente era a realização de um registro de cientistas radicados no exterior (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). Descobriu um quantitativo significativo de talentos brasileiros que emigraram do Brasil e que ocupavam posições importantes nas instituições de renome nos

¹² Em sua narrativa ao Museu da Imagem e do Som, Góes (1969) relata que coincidentemente o Ministério das Relações Exteriores decide criar um posto de adido científico em Washington, EUA. Iniciativa que tem como responsável o embaixador Vasco Leitão da Cunha que por esse tempo era o Ministro das relações exteriores do Governo Castelo Branco.

¹³ Por volta de 1957, os norte-americanos compreenderam a importância da ciência e a tecnologia no campo das relações internacionais. Um brasileiro indicado a adido científico seria ato de reciprocidade, pois dois adidos científicos, Harry Wells e André Simonpietre, já haviam sido enviados ao Brasil. (GÓES, 1969). Na obra as universidades e o regime militar, o escritor e historiador Rodrigo Patta Sá Motta escreve que Paulo de Góes era visto como profissional politicamente confiável e respeitado pesquisador na área de microbiologia. Como adido científico seria capacitado a estreitar laços acadêmicos entre os dois países, (MOTTA, 2014).

¹⁴ Sob a presidência do Marechal Costa e Silva se corroboravam ideias de desenvolvimento científico e tecnológico. A diplomacia deveria visar como objetivos, não só à conquista de recursos externos, senão também à maior soma de cooperação estrangeira, quer sob a forma de meios materiais, quer de auxílios técnicos, para propiciar intensa participação do Brasil na revolução científica e tecnológica naquele tempo. A energia nuclear tem papel relevante, que poderia vir a ser uma das mais poderosas alavancas a serviço do desenvolvimento econômico brasileiro (MELLO, 1968).

Estados Unidos da América (EUA). Impressionado com o resultado, o adido transmite esses dados a Secretária de Estado, Relações Exteriores e Ministério do Exterior (GÓES, 1969). O embaixador Sérgio Corrêa da Costa convoca Góes (1969) a compor uma reunião, da qual o embaixador também participaria em Washington, nos dias 08 e 09 no mês de setembro do ano de 1967 (ARAGÃO..., 1967, p. 16). O adido explica que as circunstâncias desses cientistas eram satisfatórias dos pontos de vista financeiro, profissional, e que as condições de trabalho eram apropriadas às investigações pelas quais eles se interessavam. Fato este não encontrado no Brasil (GÓES 1969). No entanto percebe nesses emigrados um desejo de retorno. A partir da reunião surgem como consequências, medidas eficazes que visava promover o retorno dos cientistas (ARAGÃO..., 1967, p. 16)¹⁵.

O adido entende que seria um trabalho de longo curso, mas que já havia alcançado a opinião pública, pois a sociedade brasileira passou a perceber a magnitude do problema. Destaca que na reunião em Washington (EUA) buscava-se identificar as causas do “estrangulamento” de diferentes campos de ciência no Brasil. Expositores e comentaristas expunham, de forma livre, os temas que apontavam as causas da emigração. Góes constata que a análise de razões políticas praticamente desapareceu. Seria diagnóstico de caráter exclusivamente científico. Não havia conotação político-partidária e sim de significação político-científica (GÓES, 1969).

Motta (2014) afirma não haver muitas informações disponíveis sobre o resultado da operação retorno, mas entende que os seus resultados sofreram interferências diretas do Ato Institucional N.5 (AI-5) editado em 13 de dezembro de 1968¹⁶. O autor destaca que Paulo de Góes e Raymundo Moniz de Aragão eram influentes acadêmicos nos círculos governamentais e que trabalhavam na Operação Retorno porque procuravam fortalecer o quadro de suas instituições (MOTTA, 2014).

4.6 O RETORNO DE PAULO DE GÓES E A CIDADE UNIVERSITÁRIA

Durante o diálogo entre o interlocutor e o professor surge como tema a lista dos candidatos a Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sobre o assunto, Góes o contrapõe ao responder que essa possível lista, que eventualmente sucederia a administração

¹⁵ Sobre o tema o embaixador Sérgio Corrêa da Costa expõe os tópicos, ainda incipientes, resultantes da reunião sobre o retorno dos cientistas. Uma nota proferida pelo Reitor da UFRJ Moniz Aragão esclarece as razões para a evasão dos cientistas. Reconhecia a necessidade do fortalecimento dos programas de pós-graduação nas universidades brasileiras (WASHINGTON..., 1967).

¹⁶ De acordo com Motta (2014, p. 153) “a frustração do professor Góes recaía no seu empenho pelo sucesso da Operação Retorno, cujos resultados foram praticamente anulados devido a desdobramentos do AI-5”.

do professor Moniz de Aragão, seria mera especulação¹⁷ (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). Naquele momento, o entrevistado exercitava na UFRJ uma função de alta relevância, pois regressava dos Estados Unidos em maio de 1968 para atender uma rogativa da instituição UFRJ. Góes declara que retornar ao Brasil não estava em seus planos, mas volta à UFRJ porque considera que sua colaboração poderia ser imprescindível ao bom andamento das atividades na Universidade. Passaria a exercer as funções de Sub-Reitor de ensino e pesquisa para graduação e pós-graduação da universidade, posto a que se dedicou a partir de novembro de 1968 (GÓES, 1969).

Paulo de Góes crê que o governo que assume após a Revolução de 1964 se traduziria em ações concretas, pois daria ênfase à ciência e a tecnologia, que na visão do Sub-Reitor se materializariam em futuro próximo. Paulo de Góes acredita ocorrerem avanços, porque já ao fim de 1966, o governo brasileiro, através do MEC estabelecia princípios básicos da Reforma Universitária¹⁸. Tal fato oferecia às instituições estrutura mais racional e coerente e colocaria a pesquisa como atribuição fundamental (GÓES, 1968).

Entretanto, no exercício do cargo de Sub-Reitor, Góes procura o adido científico da embaixada dos Estados Unidos para debater a situação política e expulsões que ocorreriam na universidade¹⁹. Paulo de Góes acreditava que o Presidente Costa e Silva não governava efetivamente e que militares radicais perseguiriam não apenas a esquerda, mas também os revolucionários de linha liberal, no qual Góes afirmava se enquadrar. Diplomatas americanos consideravam sua explanação corajosa, devido ao ambiente de total insegurança no país (MOTTA, 2014). Por fim, o patrono do IM solicitava a moderação, porque em sua opinião, as universidades precisavam de tranquilidade e do respeito por parte do governo para que o corpo acadêmico pudesse trabalhar e produzir.

A Reforma Universitária envolveria diversos aspectos, incluindo a implantação de sua estrutura física, com toda a mudança da universidade para a cidade universitária. A

¹⁷Existiu a lista sêxtupla. Paulo de Góes seria o primeiro colocado a candidato. Os indicados em ordem numérica: 1º. Paulo de Góes; 2º. Alfredo do Amaral Osório; 3º. Armando Peregrino; 4º. José Leme Lopes; 5º. Djacir Menezes; 6º. Thiers Martins Moreira. Djacir Menezes tornar-se-ia o Reitor entre 1969 e 1973 (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a).

¹⁸Fávero (2006) apresenta no documento: Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira, editado pelo MEC em 1996, o consultor americano faz recomendações que adequariam às instituições universitárias às necessidades do país, como defesa dos princípios de autonomia e autoridade; eficiência e produtividade; criação de centro de estudos básicos; dimensão técnica e administrativa do processo de reestruturação do ensino superior e criação de um conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

¹⁹Paulo de Góes concede uma entrevista ao Jornal o Globo publicado em 11 de junho de 1969, criticando o afastamento arbitrário de professores, que teria a vingança pessoal como motivação. Dias antes, o mesmo jornal publicava o artigo Augusto César Muniz. Considerado um dos generais mais radicais, Augusto defendia a decisão do governo em afastar professores e cientistas chamados de traidores por serem supostamente cúmplices nos planos brasileiros de servidão comunista (MOTTA, 2014).

implantação da UFRJ na Ilha do Fundão é trabalho realizado pelo Reitor Raimundo Moniz de Aragão, que o Góes (1969) considera notável, pois o Reitor realiza a primeira etapa da reforma da universidade e cria novos institutos. Dez unidades novas foram instituídas em consequência do desmembramento da antiga Faculdade de Filosofia (GÓES, 1969; MOTTA, 2014). No que se refere a essa mudança, a influência americana revela resultados ambíguos. Para o corpo universitário a americanização era interessante porque o modelo universitário americano apresentava características atraentes e modernizadoras, portanto não seria uma imposição do governo (MOTTA, 2014).

Em seu depoimento, o Sub-Reitor aponta o crescimento da UFRJ, de forma explosiva. O número de estudantes aumentaria para 18 mil nos cursos de graduação e 1000 alunos nos cursos oferecidos para graduados, portanto, Góes enfatizava que a UFRJ seria uma grande universidade. Para Paulo de Góes, um Reitor ou apenas uma gestão seria insuficiente para completar a obra. A Reforma Universitária é tarefa a desenvolver-se ao longo do curso. Problemas ainda pendentes como a generalização do tempo integral e a disponibilidade de recursos ofereceriam à instituição a oportunidade de continuidade de um trabalho de qualidade (GÓES, 1969). O Sub-Reitor compara os problemas universitários brasileiros a dificuldades de outra natureza no país: alimentação, transportes e comunicação. Afirma que todas as questões são de igual gravidade tanto para a universidade brasileira como para o Brasil. Góes entende que os problemas identificados devem ser superados por aqueles que pertencem a UFRJ, e com o apoio do Governo Federal há condição de serem suplantados (GÓES, 1969).

Paulo de Góes redige em 1977 um documento intitulado “O Instituto de Microbiologia de 1966 a 1976: um retrospecto” (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a), no qual o professor faz críticas às novas instalações. Afirma que a mudança seria uma imposição devido às circunstâncias²⁰, mas a única estratégia viável para a materialização da Reforma Universitária. Ele enumera as consequências negativas físicas e acadêmicas do novo prédio. Declara sua participação nesse processo como decano da universidade entre os anos de 1964 a 1966. Justifica que as negociações seriam impostas pelas agências financiadoras para que o *campus* Fundão fosse concluído. Em 1967 seria possível a execução do novo edifício do IM no complexo do CCS (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969).

²⁰ O documento: “o Instituto de Microbiologia de 1966 a 1976: um retrospecto” aponta que Góes enquanto adido científico exercia também a função de negociador de um empréstimo, no valor de US\$ 100 milhões, com igual havia contrapartida do governo. O empréstimo seria concedido pelas agências americanas, o que permitiria a construção do Centro de Ciências da Saúde (CCS). A condição imposta era que dinheiro fosse empregado na conclusão das obras do Fundão, o que incluiria o novo prédio do IM.

4.7 A UNIVERSIDADE É O LAR DA CIÊNCIA

Sobre a pesquisa no Rio de Janeiro, especificamente a pesquisa ligada à iniciação de pesquisa dentro da Universidade, Góes (1969) acredita que esse espaço é o lar natural da ciência. Na universidade são identificadas as vocações. Entre os jovens que frequentam os bancos da academia são encontrados os cientistas em potencial, os cientistas do futuro (GÓES, 1964, 1968, 1969). O professor acredita que toda a estratégia da administração universitária e daqueles que se interessavam pelo desenvolvimento científico-tecnológico seria descobrir e capitalizar essas vocações. De acordo com Góes (1969) as grandes potências têm desenvolvido mecanismos eficazes para oferecer oportunidade para novos talentos.

Paulo de Góes compreende que a planificação científica não pode obedecer a moldes seguidos em outros campos de atividades. O campo de estudo deveria ser o resultado da interação entre objeto e cientista. Góes (1969) sugere um planejamento para uma condição satisfatória de pesquisa. Somente dessa forma, ele entende que um cientista poderá exercer suas potencialidades no campo da investigação.

Góes (1969) vê ainda a necessidade de distinção das estratégias entre sistemas de administração e de planejamento referentes à investigação básica fundamental e investigação aplicada e/ou tecnológica. A investigação aplicada, segundo ele, é uma investigação, algumas vezes, classificada como interesseira. O professor pensa que nem toda a investigação deve ser assim qualificada. A investigação aplicada que objetiva um resultado aplicado à solução de determinado problema eminentemente brasileiro, que não desperta o interesse dos cientistas estrangeiros, demanda ser estimulado. Góes (1969) exemplifica o campo dos produtos naturais, que é uma fonte de divisas e de recursos do nosso país, temática amplamente exaustiva. A descoberta de tecnologias poderia aumentar o peso de nossa riqueza. O campo da patologia que é tema de investigação biológica e médica encontra as condições adequadas para o seu estudo no Brasil, pois nele existe a doença de Chagas e a esquistossomose, problemas que somente a ciência brasileira poderá desenvolver. Compreende-se que afirmativa de Paulo de Góes se deve a condições geográficas, demográficas e educacionais brasileiras, que, portanto, demandam estudos, pesquisas e investimentos contextualizados a questões de maior complexidade próprias do país.

Paulo de Góes alerta que a ciência aplicada depende fundamentalmente da ciência básica e que a ciência aplicada tecnológica é subproduto da ciência básica. A ciência deveria criar um sistema de planejamento no qual floresçam as aptidões, os interesses e a imaginação.

Impor uma temática ao pesquisador pode levá-lo ao dirigismo científico²¹ (ABREU, 1968; GÓES, 1969).

Góes (1969) afirma que a ciência representa um poder novo, que surge ao lado de instituições políticas. Para ele o governo deve ter a consciência de que a ciência alavanca o nível econômico de um país. Em relação à ciência e a tecnologia afirmava que o Brasil alcançava novo estágio. Seriam naquele tempo 40 universidades e cresceriam as instituições científicas isoladas, federais, estaduais ou privadas. As instituições de pós-graduação também se expandiriam, preenchendo condições fundamentais para o progresso científico (GÓES, 1968).

Com a experiência adquirida em diferentes cargos, o professor assegura que os Estados Unidos é país vanguardista da investigação científica, onde há ampla e completa liberdade de pesquisa. Para ele é privilégio trabalhar com pesquisa científica básica ou aplicada quando há motivação aliada a um regime de liberdade (GÓES, 1969).

Ao terminar sua narrativa o Sub-Reitor Paulo de Góes enseja otimismo e esperança a novas gerações, incluindo aquelas que estão assumindo e ultrapassando o seu próprio conhecimento. Deseja que novos cientistas encontrem as condições propícias resultantes de ações da geração de Góes e seus pares. Góes (1969) acredita que as dificuldades somente são resolvidas com sacrifícios e por isso respeita os profissionais predecessores pela devoção ao trabalho científico e tecnológico que deixaram como legado as novas possibilidades de atuação para os pesquisadores dos quais ele mesmo faz parte.

Em 1969, ano do depoimento de Paulo de Góes ao Museu da Imagem e do Som, tornar-se-ia Reitor da UFRJ o professor Djacir Lima Menezes, em substituição a Raimundo Moniz de Aragão (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a).

Paulo de Góes permanece na função de Sub-Reitor até o ano de 1970. Nas diversas funções que ocupa na década de 1970, volta a ser Diretor do Instituto de Microbiologia de 1971 a 1972. É reeleito em 1972 onde permanece até o ano de 1976 (LIBERTO; CABRAL, 2013). Já no final da vida laborativa, Paulo de Góes, vinculado ao Departamento de Virologia, se instalaria no subsolo do Bloco I do Instituto de Microbiologia. A virologia era área que o encantava no início da carreira e que o levaria futuramente a outras experiências. Falece em 1982, aos 69 anos de idade.

²¹ Segundo o Dicionário Infopédia (2003-2017), a palavra dirigismo tem como definição uma doutrina e política em que o Estado gere e controla a economia do país. Chagas Filho (1962) alerta que o dirigismo científico suscita a desconfiança entre os cientistas, porque esteriliza o crescimento e a espontaneidade da investigação científica. Para o cientista planificação científica não pode ser considerado dirigismo, se for levado em consideração a importância da investigação científica para o desenvolvimento de uma nova nação.

A concepção do Instituto de Microbiologia é obra concretizada por Paulo de Góes, idealizador, fundador e diretor dessa unidade na UB/UFRJ. Uma exposição que compõe as comemorações do centenário dessa renomada personalidade acaba por rememorar também o movimento da ciência no Brasil. A Biblioteca da unidade é parte importante da trajetória da microbiologia e cenário do evento no Instituto.

5 A EXPOSIÇÃO “UM OLHAR MEMORIALISTA SOBRE A CIÊNCIA”

A exposição “Um olhar memorialista sobre a Ciência” foi a culminância das comemorações relativas ao centenário do Professor Paulo de Góes ocorridas em 2013. A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPPG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi o cenário de uma mostra, que em três dias exibiria às comunidades acadêmicas e visitantes: fotografias, quadros, cartas, ofícios, planos de aulas entre outros artefatos relacionados ao fundador do Instituto. Para dar sentido aos objetos expostos nessa exibição, foi fundamental a coleta de informações da família e conversas com profissionais que conviveram com Paulo de Góes. Os dados fornecidos pelas fontes orais familiares, por pesquisas documentais no Fundo Paulo de Góes salvaguardado na Casa de Oswaldo Cruz da FIOCRUZ e uma entrevista de Paulo de Góes gravada no Museu da Imagem e do Som em 1969, possibilitaram a composição de novos elementos. Três painéis complementaríamos a exibição com imagens e textos subdivididos nas seguintes temáticas: vida: biografia; obra: currículo; origem: histórico e atuação acadêmica do Instituto de Microbiologia. Os textos dos painéis foram elaborados pela equipe de bibliotecárias e por uma profissional técnica em assuntos educacionais lotada no Instituto. O departamento de *Web designers* da editora gráfica da Universidade converteu o material em um programa específico para ser posteriormente impresso por uma gráfica contratada pelo Programa de Pós-Graduação em Microbiologia do Instituto.

Figura 4 - Painel tridimensional confeccionado em poliestireno



Fonte: acervo pessoal, 2013.

A ideia da realização da exposição durante o centenário surge devido à existência de objetos na unidade que representavam a trajetória do Instituto de Microbiologia através da figura de Paulo de Góes e seus pares nas ciências. Diplomas, certificados, quadros e fotografias acondicionados em caixas que deixavam de difundir o legado dessa importante unidade de ensino foram selecionados para a mostra.

Figura 5 - Mesas expositoras



Fonte: acervo pessoal, 2013.

A biblioteca, devido à função social de base ao ensino e pesquisa que presta a sua universidade, foi o espaço pensado para compor o centenário. O espaço foi escolhido porque independentemente da natureza de uma biblioteca, sua missão é oferecer suporte à educação, no qual um dos objetivos consiste em comunicar informações ao público em geral. Para se difundir um acervo documental podem-se criar exposições de filmes, palestras, exposições e outros programas culturais como atividades desenvolvidas, sobretudo, em bibliotecas públicas (SENA, 2015).

De modo específico, a biblioteca universitária opera dando suporte informacional às atividades de ensino que presta a comunidade acadêmica. Como parte integrante de uma universidade, a biblioteca tem sob sua guarda um acervo que dá base ao conhecimento em determinados campos de atuação (SENA, 2015). Entretanto, entende-se, que ao expandir a missão institucional em atividades extensionistas, universidade e biblioteca também precisam ser tornar parceiras nesse módulo de ação.

A extensão universitária é composta por processo educativo, cultural e científico que vincula ensino e pesquisa, ações capazes de viabilizar transformações na sociedade, através de seus agentes universitários (FORPROEX, 2012).

O Plano Nacional de Extensão Universitária do Programa de Fomento à Extensão Universitária no Brasil compreende que a extensão é o caminho pelo qual a universidade vai cumprir sua função social e como atividade acadêmica, torna-se instrumento que possibilita a democratização do conhecimento produzido e ensinado nas instituições de nível superior (NOGUEIRA, 2005).

Ao adotar ações extensionistas, a universidade, consciente da sua função social, ultrapassa sua missão geradora de novos conhecimentos e passa a atuar na promoção do desenvolvimento cultural da sociedade. Para desenvolver atividades culturais de extensão, a universidade se congrega a departamentos e bibliotecas que funcionam como laboratórios para novos experimentos. O texto de Ferreira (2012) faz um breve comentário sobre o nascimento do serviço de extensão em universidades brasileiras²² e elenca experiências desenvolvidas por algumas bibliotecas universitárias como comunidade de leitores, dinâmica de grupo e sessões de cinema em um hospital universitário.

Atividades extensionistas em bibliotecas universitárias buscam dinamizar um processo cultural no âmbito de suas instituições, instigando o espírito crítico do indivíduo e renovando o ambiente que as engloba. Para que a biblioteca se aproxime da comunidade que a cerca é fundamental a implantação de práticas, que revelem a missão cultural desse espaço, que vai além de uma função técnica de processamento técnico com resultados sistematizados para atividades de empréstimo e devolução de publicações. A biblioteca é espaço de sociabilização que deve proporcionar, acima de tudo, ambiente agradável e estímulo ao conhecimento.

A conciliação entre Biblioteca e Universidade se fundamenta em:

Consonância entre as atividades desenvolvidas pela biblioteca e os programas de ensino, pesquisa e extensão implementados pelas instituições educacionais é o fator que determina o seu real sentido. Essa consonância é alcançada por meio do entendimento das estruturas curriculares, bem como a interação com a comunidade e integração ao modelo político educacional almejado pela instituição. A clareza com relação aos objetivos e às atividades pertinentes à

²²De acordo com Domingues (2005) o movimento pela extensão ganha força e promove em 1987 o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. A discussão garante a construção do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Brasileiras, que debate a revisão do conceito de extensão e de construção da política de extensão coletiva para as universidades públicas. O Fórum atua nas bases das ações de extensão, nas quais são incorporadas propostas do movimento estudantil da década de 60 e do Plano de Trabalho de Extensão Universitária de 1975, que defendia integralidade do ensino-pesquisa-extensão na formação acadêmica, diferente da visão assistencialista adotada pela política educacional naquela época.

biblioteca, como serviço de informação que é, dentro de sua comunidade, também fatores determinantes nessa integração. (DUDZIAK, 2001, p.102).

A extensão como terceiro elemento de comunicação entre sociedade, universidade e biblioteca promove o desenvolvimento cabedal, através de programas ou eventos esporádicos de conteúdo científico e cultural. Essa ação tem, portanto, caráter significativo, uma vez que influencia o comportamento do sujeito, dando a ele ferramentas que o torne capaz de perceber, analisar e construir novas convicções, tornando-o de fato um agente transformador de valores e conceitos. No entanto, o processo da modificação social de uma comunidade nas bibliotecas exige que o bibliotecário seja o canal que estimule essa nova condição.

O bibliotecário é profissional qualificado a atuar em diferentes etapas do ciclo documental, de modo que a informação, codificada primeiramente pelas atividades de análise e representação, condicione à organização de acervo, disseminação do conhecimento e como desdobramento a preservação da memória de uma instituição.

A Classificação Brasileira das Ocupações compreende que bibliotecários armazenam, organizam, disseminam a informação, como também promovem difusão cultural e realizam ações educativas (MINISTÉRIO DO TRABALHO, 2017). Portanto, considerando ser este profissional um responsável pela promoção de ações culturais poderá mediar uma ação cultural.

Além de serviços de organização e representação da informação, o bibliotecário deve colaborar com a construção do conhecimento a partir da interação com os usuários. Compreende-se que o bibliotecário é o agente responsável não somente pela organização do acervo, mas pela elaboração de diferentes formas de mediar o acesso a essa informação. O processo de mediação é atividade primordial que oferece importante abrangência documental.

De acordo com Cunha e Pereira (apud LOUREIRO; JANNUZZI, 2005) as funções de análise, representação e gestão da informação são atividades comuns à rotina biblioteconômica. O que muda não são os processos e sim o modo como eles são realizados. Portanto, o incremento de habilidades mediadoras possui significativa relevância para o desenvolvimento de processos educativos em ambientes informacionais.

Para ilustrar, apresentamos uma definição para a mediação da informação:

Toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p.91).

Para Almeida Júnior (2008) o conceito de mediação não deve ser entendido como ponte, pois a representação traz o entendimento da figura estática, que leva um elemento de um ponto a outro, porém sem interferências no trajeto. O bibliotecário deve ser agente mediador em busca das transformações socioculturais. Profissional que exerce o papel de educador que, ao disseminar a informação, difunde a ciência e alerta para a realidade de responsabilidades sociais, políticas e ambientais. A reflexão aponta para a mediação como objeto do fazer biblioteconômico, para além da informação. Do exercício da mediação da informação emerge o papel social desse profissional da informação. Portanto, cabe ao bibliotecário pensar as diversificadas formas de atuar que possibilitam a reflexão da informação entre o local e seus frequentadores.

Almeida Júnior observa que: “[...] muitas vezes os bibliotecários buscam uma ‘suposta’ neutralidade que é fruto de uma atuação focalizada ainda nos suportes de informação, e não no acesso e/ou mediação.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 102). A mediação se destaca no planejamento e na execução de determinadas ações inerentes ao serviço de referência de uma biblioteca, entretanto, o processo está presente também nas atividades de processamento técnico, como a catalogação, classificação e indexação, pois elas estão também voltadas para atender as necessidades do usuário de uma biblioteca. Os princípios científicos da biblioteconomia estão direcionados a organização de documentos e informação, ação pioneira na organização do conhecimento na sociedade. A organização se estrutura para a apropriação da informação por parte do usuário (ALMEIDA JÚNIOR, 2014).

A mediação da informação aparece em todo o fazer do bibliotecário, independente da presença física do usuário. A interferência no processo da mediação surge durante uma atividade de aquisição e seleção ou em análises e representações conceituais, como também se apresentam nos serviços de referência. Em serviços de referência o usuário está diretamente presente. Seriam mediações implícitas e explícitas conforme explica Almeida Júnior (2009):

A mediação implícita ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem presença física e imediata dos usuários. Nesses espaços, como já observado, estão a seleção, o armazenamento e o processamento da informação. A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

A interferência é imperativa, mas salutar no âmbito do fazer biblioteconômico, apesar de uma existente fragilidade entre a ideia de interferência e manipulação. O equilíbrio entre essas percepções é imprescindível (ALMEIDA JÚNIOR, 2007).

A concepção do trabalho biblioteconômico compreende relações cognitivas e sociais que devem se adaptar a realidade de uma biblioteca. Na prática biblioteconômica é possível vislumbrar campos de atuação que se desvencilham do estereótipo do bibliotecário exclusivamente guardião de livros e documentos impressos. Conhecimentos da área de biblioteconomia podem ser associados a eventos culturais que, planejados e debatidos por equipes ou parceiros em outras áreas do conhecimento beneficiam todo o corpo de uma instituição. Cultura geral, proatividade, imprevisibilidade, criatividade, sensibilidade, compromisso, parceria e espírito de equipe são elementos que contribuem para a consumação de uma mediação que capacite indivíduos a germinar novas ideias.

Uma das acepções do termo mediação é no âmbito cultural, que tem a seguinte aplicação pelos autores Perrotti e Pieruccini (2014, p. 10-11 apud LIMA; PERROTTI, 2016):

[...] a mediação cultural não se constitui meramente como jogo de saberes especiais ou especializados em vista de um fim determinado que lhe é exterior [...] a mediação não é somente um ato “funcional” ou de âmbito restrito; é também discurso, ato de produção de sentidos que se realiza no campo amplo e dinâmico da cultura. (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014 apud LIMA; PERROTTI, 2016).

Rasteli e Cavalcante (2014) compreendem que, por meio de práticas, a mediação cultural é o processo que torna possível o acesso, o encontro e a apropriação da cultura.

Mediar é ação que estimula a transformação de significados entre bens culturais, indivíduos e grupos. Para que essa transformação ocorra, o ator através de instrumentos informacionais deve articular uma comunicação entre objetos simbólicos, saberes e indivíduos, grupos e a coletividade, que acessa e se apropria desses bens para no fim, ressignificá-los (LIMA; PERROTTI, 2016).

Para que a mediação aconteça é indispensável a interferência do mediador, que está relacionada a diversas áreas de atuação que podem, através de habilidades específicas, facilitar uma comunicação, sem desconsiderações ou manipulações (ALMEIDA JÚNIOR, 2014).

Almeida (1987) afirma que o bibliotecário deve acreditar em sua potencialidade transformadora para realizar uma ação cultural em uma biblioteca/instituição. O autor compreende que o profissional envolvido em uma ação cultural deve conhecer:

[...] conceito de cultura, de arte, de educação e de política, até o domínio de técnicas do trabalho com grupos, de desenvolvimento de projetos culturais e de administração de espaços culturais. Isso sem falar do saber específico de cada profissional, ligado a sua área de atuação. (ALMEIDA, 1987, p. 36).

Concordamos com Sanches (2010) que aponta que o profissional da informação precisa conhecer a sua comunidade, o que implica em interação e identificação de processos inerentes à unidade de informação para com os usuários.

O Bibliotecário ao perceber a biblioteca como espaço de difusão cultural que pode aproximar usuários de seus objetos informacionais exercita o papel de mediador cultural. Uma ação cultural em bibliotecas pode promover a divulgação de suportes bibliográficos e não bibliográficos. A difusão relativa a uma temática específica em diferentes suportes disponíveis podem ser abordados através de ações culturais em bibliotecas (OLIVEIRA et al., 2010). Alguns exemplos citados por Almeida Júnior (2003) são teatro, audição musical, sessão de cinema, jogos educativos, debates, palestras, oficinas e exposições.

Uma iniciativa que vem sendo realizada é a da Biblioteca do Instituto Universitário Público de Lisboa, que oferece atividades que extrapolam o universo bibliográfico através de atividades de extensão cultural: livro do mês, conversas da biblioteca, arte na biblioteca e ciclos culturais (AMANTE; SEGURADO, 2012).

No Brasil, temos a Biblioteca da Área de Engenharia e Arquitetura (BAE) da Universidade de Campinas (Unicamp) que criou um núcleo de ações pedagógicas, sob a responsabilidade de bibliotecários doutores em educação e ciência da informação. Os bibliotecários ministram conteúdos na disciplina de metodologia científica, nos cursos de graduação e pós-graduação, em uma parceria científica estabelecida com professores nas faculdades da BAE. Realizam também atividades extensionistas culturais como incentivo à leitura, exposições temáticas e concursos literários dentro da biblioteca (FERREIRA, 2016).

O bibliotecário atua como mediador cultural quando realiza atividades associadas ao ambiente onde trabalha. Uma ação cultural em bibliotecas que está contextualizada a realidade desse ambiente é o diferencial que possibilita ao público novas percepções dos espaços que frequenta. Uma ação cultural se propõe a “propiciar condições de interação entre usuário, elementos culturais e o acervo da biblioteca” (SILVA; SOUZA; MORAES, 1999, p. 84). Essa interação permite refletir sobre a cultura de um grupo: a ciência, a identidade, as crenças, os valores, os simbolismos, as significações, a forma de comunicação ou de

dominação de uma comunidade. Uma cultura expressa em bens existentes não somente na biblioteca, mas no ambiente na qual ela está inserida.

Para compreensão do sentido que se dá a cultura citamos a conferência da UNESCO sobre políticas públicas culturais que acontece no México no ano de 1982. Considera-se cultura “como conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social.” (UNESCO, 1982).

De acordo com Pires (2006) cultura é:

[...] um conjunto complexo e multidimensional de tudo o que constitui a vida em comum nos grupos sociais. Seria ainda um conjunto de modos de pensar, de sentir e de agir, mais ou menos formalizados, os quais, tendo sido aprendidos e sendo partilhados por uma pluralidade de pessoas, servem de maneira ao mesmo tempo objetiva e simbólica, e passam a integrar essas pessoas em uma coletividade distinta de outras. É o resultado de ações cujos componentes e determinantes são compartilhados e transmitidos pelos membros de um dado grupo. (PIRES, 2006, p.84).

Para Abbagnano (2007) o verbete cultura significa:

No primeiro e mais antigo, significa a formação do homem, sua melhoria e seu refinamento. [...] No segundo significado, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de civilização. [...] No significado referente à formação da pessoa humana individual, essa palavra corresponde ainda hoje ao que os gregos chamavam Paidéia e que os latinos, na época de Cícero e Varrão, indicavam com a palavra humanista: educação do homem como tal, ou seja, educação devida às boas artes peculiares do homem, que o distinguem de todos os outros animais. As boas artes eram a poesia, a eloquência, a filosofia etc., as quais se atribuía valor essencial para aquilo que o homem é e deve ser, portanto para a capacidade de formar o homem verdadeiro, o homem na sua forma genuína e perfeita. [...] No segundo significado, essa palavra hoje é especialmente usada por sociólogos e antropólogos para indicar o conjunto dos modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra entre membros de uma determinada sociedade. Nesse significado [cultura] não é a formação do indivíduo em sua humanidade, nem sua maturidade espiritual, mas é a formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem. (ABBAGNANO, 2007, p. 225-228).

Pode-se inferir que relações se estabelecem entre determinados atores da sociedade com significações entre o passado e o presente. A conservação e a preservação são condições daquilo que se deseja para um grupo social específico. Através do entendimento de elementos culturais trazidos por uma determinada cultura, o indivíduo define sua identidade.

Através do processo de rememoração mantêm-se atuantes as vivências passadas, expressas por meio de componentes de uma cultura material. Essa cultura possui significância pelo estabelecimento de relações entre grupos e seus meios sociais: construções, documentos e artefatos. Esses elementos podem dar sentido às práticas informacionais em bibliotecas universitárias por meio de ações extensionistas, junto a atividades de ensino e pesquisa de sua universidade. Como instituição educativa e cultural, a biblioteca deve possuir a vocação para a sustentabilidade de projetos que ampliem o acesso ao conhecimento por meio de diferentes formas de manifestação (CALVANTE, 2010).

Uma ação de caráter cultural depende do planejamento e do estabelecimento de critérios que possibilitem a contextualização e o enriquecimento do espaço informacional. São ações possíveis mediante a formação de um diagnóstico por parte do bibliotecário.

Uma atividade cultural que promove novas aquisições atrai o usuário para a biblioteca, mas ainda assim não instigará novas indagações. O acervo bibliográfico é suporte importante que atenderá suas investigações educacionais, mas isoladamente não os motivará a reflexões mais amplas que podem ser harmonizadas com outras vivências. Ações de caráter cultural, mais amplas do que umas atividades de divulgação de aquisições promovidas por bibliotecas podem proporcionar ao final, uma mudança intelectual de sua comunidade.

Não há um modelo pronto para realizar uma ação cultural em bibliotecas, mas precisa haver envolvimento com os atores e com o ambiente no qual a biblioteca está inserida, o que demanda proatividade do bibliotecário. Em bibliotecas universitárias, o profissional da informação pode pensar em atividades mais abrangentes que apoiem atividades extensionistas, como as atividades de ensino e pesquisa o fazem.

Para Sanches (2010, p. 117):

A biblioteca, particularmente a universitária, não deve ser um espaço de exposição atrativa, à maneira de uma justificativa de seu valor social. A biblioteca deve ser amplamente conhecida pela sua importância social intrínseca. Ela deve ser reconhecida como um setor informacional, imprescindível na formação do ser enquanto humano, guardiã e promotora do conhecimento socialmente construído, espaço propício para o homem se espiritualizar, se produzir enquanto ideia.

As bibliotecas universitárias são espaços de desenvolvimento civil e intelectual com vistas à formação de massa crítica capacitada a promover a interação dos meios sociais e a evolução humana. As bibliotecas universitárias deverão dispor de iniciativas que

proporcionem a produção como a apropriação de sua cultura. Nas bibliotecas universitárias o ensino, a pesquisa e a extensão complementam-se.

A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes dentro do cenário universitário cumpre diariamente o papel de suporte à infraestrutura bibliográfica e documental a sua comunidade acadêmica, sendo indispensável no processo de pesquisa, estudo e na produção de conhecimento. Mas, no contexto das comemorações do centenário funcionou também como um centro para exposição do saber acumulado e principalmente de disseminação da informação em um formato criativo de atuação.

A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPPG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) dentro dos moldes da pesquisa que é inerente a comunidade acadêmica, transpassou a informação para além do circuito academia docente-discente ao participar das comemorações do centenário do fundador dessa unidade, apresentando ao final das comemorações, uma exposição²³ que abrangeu diferentes suportes informacionais relacionados à vida pessoal, acadêmica de Paulo de Góes e aos pares que atuaram na ciência dos microrganismos, conforme vimos anteriormente.

Para compor a mostra do centenário foram exibidos certificados, placas, diplomas, quadros, imagens, fotografias e outros artefatos sobre o Instituto de Microbiologia. Buscou-se agregar valor acerca das pesquisas e das informações representadas nos painéis tridimensionais e no livro comemorativo do centenário organizado pelos professores da microbiologia Maulori Cabral e Isabel Liberto (LIBERTO; CABRAL, 2013).

A equipe da biblioteca colocou em exibição reproduções de memorandos e ofícios produzidos por Paulo de Góes, sua caneta, agendas pessoais, um livro de poesias escrito por um membro de sua família, além de quadros, diplomas e certificados relacionados ao desenvolvimento do Instituto de Microbiologia e ao seu fundador. As mesas expositoras apresentam parte desses objetos, conforme ilustração a seguir:

²³De acordo com o site do Dicionário Infopédia (2003-2017), definem-se exposição os seguintes conceitos: ato ou efeito de expor; uma exibição pública de obras de arte, produtos ou serviços ou mostra; um conjunto de produtos agrícolas, artísticos ou industriais colocados à vista do público em determinados lugares; local onde esses produtos são expostos ou apresentação organizada de um tema ou de um trabalho sobre um assunto.

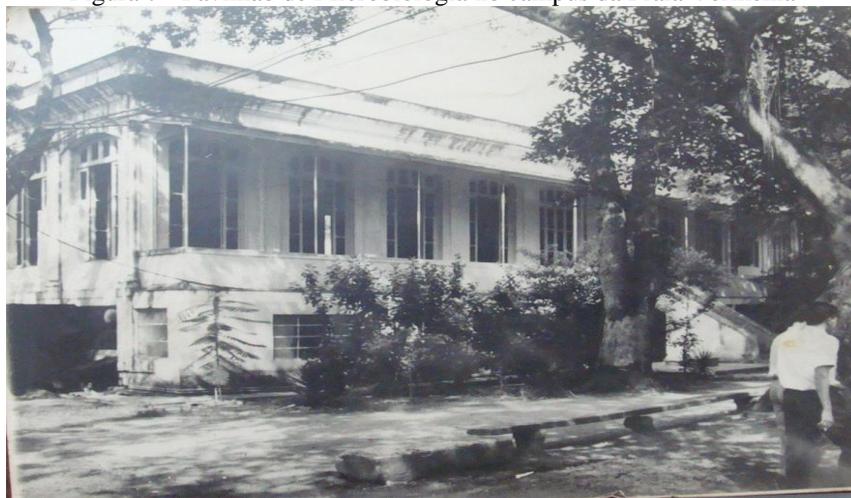
Figura 6 - Objetos de diferentes tipologias exibidos na exposição



Acervo pessoal, 2013

Um quadro disposto na parede da biblioteca durante a exposição faz menção à história de outra instituição, espaço no qual se tem registrado posteriormente a origem da antiga Universidade do Rio de Janeiro²⁴ no bairro da Urca.

Figura 7 - Pavilhão de Microbiologia no campus da Praia Vermelha



Fonte: Biblioteca do Instituto de Microbiologia, 2013.

A materialidade deste espaço foi eternizada em imagens do grupo da microbiologia que usava as fachadas do pavilhão como cenário fotográfico. Um grupo de cientistas posa

²⁴O prédio da Universidade Federal do Rio de Janeiro no bairro da Urca teria anteriormente a função de hospício. A Santa Casa começa a pensar em transferir do centro da cidade o seu hospício de alienados. O prédio em estilo neoclássico foi inaugurado em 1852, com a presença do Imperador, recebendo o nome de Hospício Pedro II, assim mantido até a República, quando passou a chamar-se Hospício Nacional de Alienados. Em 1944, o Hospício é transferido da Avenida Pasteur. Instalando-se então no edifício, diversas faculdades e a Reitoria da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm>> Acesso em 09 mar. 2017.

para uma fotografia e se posiciona em frente ao que era anteriormente o Pavilhão do Hospital dos Alienados, primeiro espaço onde foi instalado o Pavilhão de Microbiologia da antiga Universidade do Brasil (UB).

Para identificação dos personagens expostos no quadro exibido na exposição, recorreremos ao entrevistado Professor Milton Thiago de Mello, que conseguiu reconhecer parte desse grupo de cientistas. Posam para a fotografia, os personagens que contribuíram para a trajetória evolutiva da microbiologia na Universidade do Brasil.²⁵

Para identificação e melhor visualização de cada personagem, utilizamos a técnica que espelha os personagens, usando uma folha de papel vegetal. O papel vegetal foi colocado em cima da fotografia original e depois contornado a lápis, cada personagem do grupo. Na folha papel vegetal, numerou-se a sombra de cada personagem. A numeração se inicia da esquerda para a direita, do alto para baixo da imagem. Conforme a ilustração no papel vegetal há dezesseis pessoas numeradas. A seguir, estão identificados através da técnica, os seguintes personagens do grupo da microbiologia, que atuava no Instituto:

1. Não identificado; 2. Isaac Roitman (?); 3. Moyses Fuks; 4. Não identificada; 5. Não identificada; 6. Não identificada; 7. Não identificada; 8. Revailza dos Santos Lopes; 9. Não identificada, 10. Não identificado; 11. Não identificada; 12. Não identificado; 13. Manoel Bruno Lobo; 14. Paulo de Góes; 15. Amadeu Cury; 16. Laerte Manhães de Andrade.

²⁵Criada pelo Decreto n° 14.343, de 7 de setembro de 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro, reorganizada pela Lei n.º 452, de 5 de julho de 1937, sob o nome de Universidade do Brasil, à qual foi outorgada autonomia pelo Decreto-lei n.º 8.393, de 17 de dezembro de 1945, passando a denominar-se Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela Lei n.º 4.831, de 5 de novembro de 1965, atualmente constituída de acordo com o Plano de Reestruturação aprovado pelo Decreto n.º 60.455-A, de 13 de março de 1967. Oliveira, Antônio José Barbosa de. Uma breve história da UFRJ. Disponível em: <<http://memoria.sibi.ufrj.br/index.php/noticia/14-historiadaufrj>>. Acesso em 09 mar. 2017.

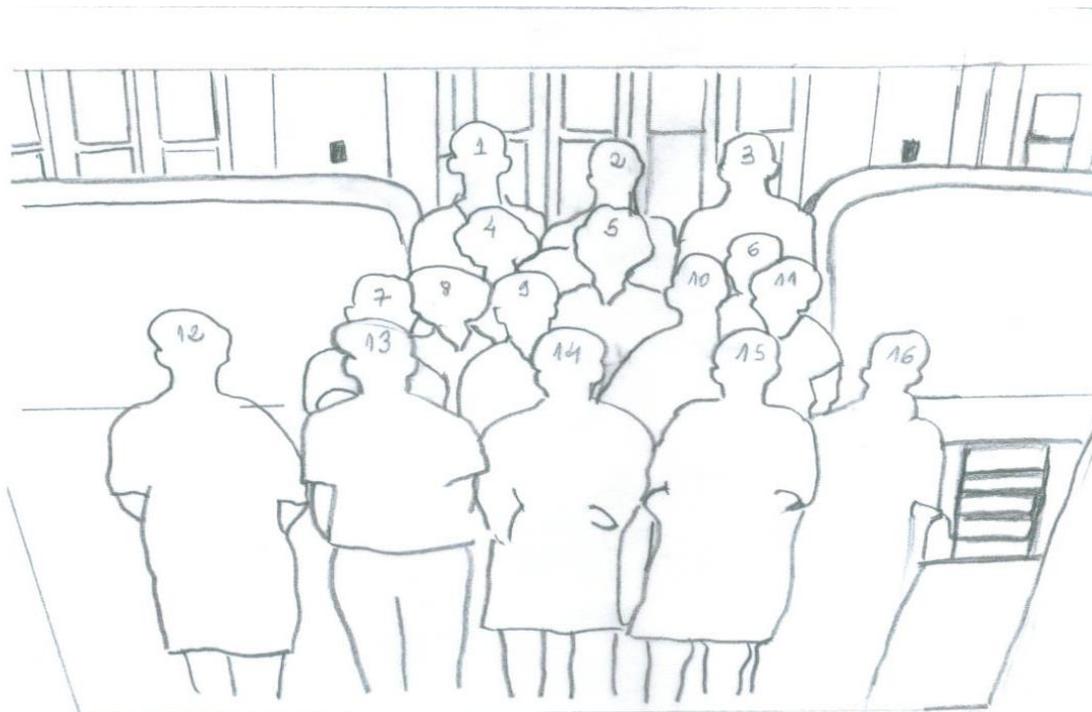


Figura 8 - Paulo de Góes e o grupo da microbiologia [195--?]



Fonte: Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, 2013.

Uma fotografia de Paulo de Góes com o presidente Lyndon Johnson na ocasião da visita de patrono do Instituto de Microbiologia à Embaixada Brasileira em Washington, DC para assumir o cargo de adido científico nos Estados Unidos.

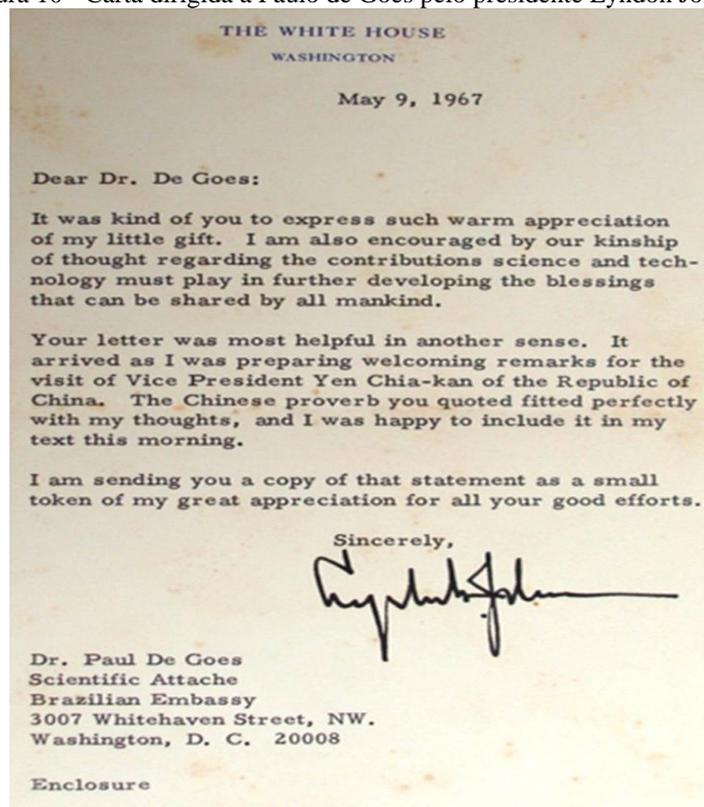
Figura 9 - Cumprimentos entre o presidente Lyndon Johnson e o adido científico



Fonte: Família Góes, 2013

Durante a visita Paulo de Góes citaria o provérbio chinês: “dando um peixe a um homem faminto, você o alimentará por um dia. Ensinando-a pescar, você o estará alimentando pelo resto da vida.” (GÓES, 2016).

Figura 10 - Carta dirigida a Paulo de Góes pelo presidente Lyndon Johnson



Fonte: família de Paulo de Góes, 2013.

Observa-se o registro de numerosa presença feminina nos cursos oferecidos no Pavilhão de Microbiologia através de uma fotografia com Paulo de Góes no *campus* da Praia Vermelha (GÓES, 2016).

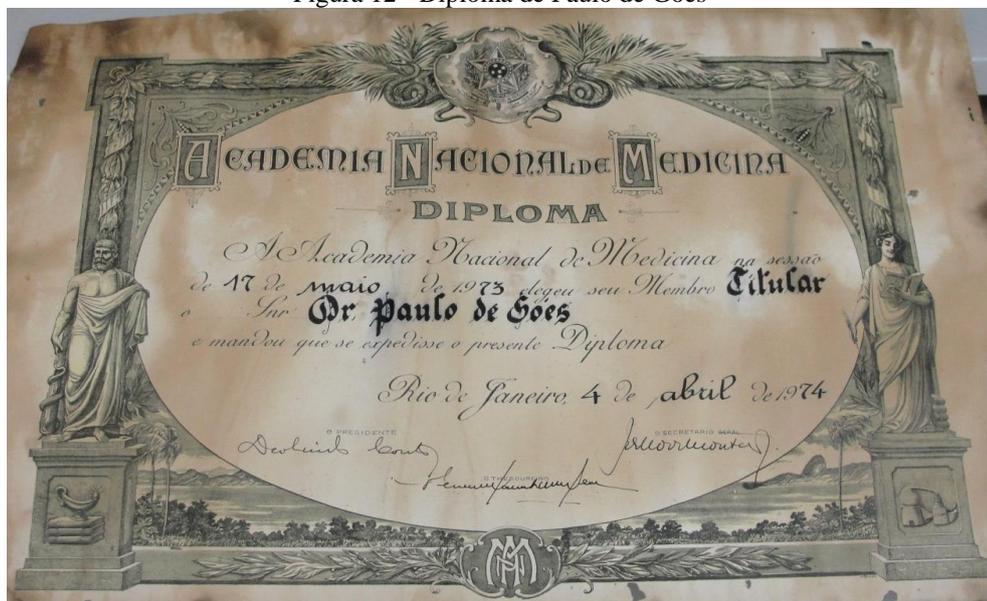
Figura 11 - Paulo de Góes em pé de jaleco branco cercado por estudantes



Fonte: família de Paulo de Góes, 2013.

Por iniciativa de funcionários do gabinete Diretor do Instituto de Microbiologia foram acondicionados em caixas e salvaguardados na Biblioteca do Instituto, além de documentos imagéticos, certificados e diplomas de Paulo de Góes que anteriormente ambientavam a sala da congregação da unidade. Parte importante da trajetória acadêmica do fundador e da evolutiva da unidade demanda trabalhos de restauração.

Figura 12 - Diploma de Paulo de Góes



Fonte: Família de Paulo de Góes, 2013.

Uma ação cultural deve basear-se em um processo capaz de provocar o pensamento reflexivo e crítico do indivíduo e o processo cognitivo que renovará seu conhecimento.

A exposição que ocorre em outubro de 2013, como culminância da comemoração dos cem anos de Paulo de Góes, promove a confirmação documental através de documentos

informativos em diferentes suportes. Os programas culturais²⁶ e científicos arrolados nos meses de julho, agosto e outubro de 2013 envolveram o corpo acadêmico discente, docente e administrativo do Instituto de Microbiologia (CABRAL, 2016). Além do acesso a novas informações referente à vida e uma parte da obra de Paulo de Góes, a ocasião permitiu ao público visitante momentos de descontração naturais em exposições culturais.

O planejamento para pautar e programar o centenário foram fundamentais para alinhar as ações que ocorreriam nos três meses do segundo semestre de 2013 dentro da unidade da microbiologia. As reuniões com a equipe de docentes, técnico-administrativos e discentes ocorreram no gabinete da Direção, que na sua maioria contaria com a presença do professor Alexandre Rosado, Diretor da Unidade no período de 2010 a 2014, que juntamente com a vice-diretora e a professora, Alane Beatriz Vermelho ofereceria, dentro das possibilidades limitadas orçamentárias e materiais inerentes a instituições públicas de ensino superior, o apoio necessário à concretização do projeto. A pós-graduação também envolvida com as ações comemorativas em função de seus 50 anos de existência no Instituto de Microbiologia, colaborou para a confecção dos painéis que fazem parte agora do cenário da biblioteca. Por

²⁶**Dia 15 de julho de 2013**- uma homenagem de cunho familiar com missa a ser realizada no auditório do IMPPG, para celebrar a data de centenário de nascimento do Prof. Paulo de Góes, atendendo desejo religioso da família; lançamento do selo comemorativo do centenário de nascimento do Professor Paulo de Góes, fundador do Instituto de Microbiologia da UFRJ, criado pela Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), com uma tiragem de 1000 exemplares (grifo nosso).

Dia 29 de agosto de 2013 – uma homenagem de cunho Institucional e familiar com apresentação de comentários realizados por pessoas que conviveram com o Prof. Paulo de Góes; apresentação de peça de teatro descrevendo a solenidade de posse do Professor Paulo de Góes na Academia Brasileira de Medicina, baseada nos discursos formulados, respectivamente, pelo Prof. Carlos Chagas Filho (Apresentador) e pelo Empossado. Apresentação show com conjunto musical cantando a música “Pode ir embora”, de autoria do Prof. Paulo de Góes, gravada por Carmem Miranda, para o carnaval de 1933; exibição do depoimento gravado no Museu da Imagem e do Som pelo Prof. Paulo de Góes sobre a trajetória científica por ele construída, com vistas ao desenvolvimento da educação brasileira.

Dia 07 de outubro de 2013 - uma homenagem de cunho Nacional, institucional e familiar. Atividades comemorativas referentes ao centenário do Prof. Paulo de Góes: aniversário da criação em 28 de setembro de 1950 do IMPPG; Jubileu de Ouro da Pós-Graduação *Stricto-Senso*, iniciada no IMPPG em 1962, e primeiro encontro de ex-alunos do curso de Bacharelado em Microbiologia e Imunologia da UFRJ, ano em que a primeira turma completa 15 anos de formatura. Como outras atividades do dia: abertura da XVI Semana de Microbiologia; exibição do depoimento gravado no Museu da Imagem e do Som pelo Prof. Paulo de Góes sobre a trajetória científica por ele construída com vistas ao desenvolvimento da educação brasileira; apresentação da história do curso de graduação do IMPPG, com descrição da trajetória profissional dos alunos de cada turma; encontro de ex-alunos das primeiras turmas do curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia (CEMI), com início na década de 50 do século passado; lançamento do livro; apresentação de peça de teatro descrevendo a solenidade de posse do Professor Paulo de Góes na Academia Nacional de Medicina; apresentação de show com conjunto musical cantando a música “Pode ir embora”, de autoria do Prof. Paulo de Góes, gravada por Carmem Miranda, para o carnaval de 1933;

Dia 07 a 11 de outubro de 2013- exibição na biblioteca do IMPPG da exposição: “Um olhar memorialista sobre a ciência”, composta por fotos, documentos institucionais e objetos pessoais do acervo do Prof. Paulo de Góes, como parte das comemorações do centenário, simultaneamente a atividades programadas para a XVI Semana de Microbiologia, organizadas pelos alunos do curso de graduação do IMPPG (grifo nosso).

meio de uma cooperação permanente entre as bibliotecas da UFRJ foi possível o empréstimo e uso de três mesas expositivas que pertencem a Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). O comprometimento de outros setores acionados durante o planejamento do projeto como setor de imagens e comunicação, a editora gráfica e o setor de transportes unidades de trabalho da UFRJ permitiram que a exposição acontecesse. Vale ressaltar que a iniciativa para a adesão da exposição aos trabalhos comemorativos do centenário elaborados por diferentes grupos de atores, veio da parceria entre funcionários da biblioteca e da coordenadoria de extensão, o que corrobora a concisão de programas cooperativos entre esses dois setores e a proatividade de seus profissionais técnico-administrativos e coordenadores. A sugestão de uma exposição seria bem aceita e aderida pelos docentes envolvidos na construção da comemoração.

A exposição “Um olhar memorialista sobre a Ciência” foi uma aposta na qual se buscou como objetivo promover maior interação dos usuários com a memória do Instituto nos seus diversos formatos documentais, confirmando um total alinhamento entre sua vocação de organização e disseminação e a necessidade de responder a demandas contemporâneas que podem dar outras dimensões a esse espaço.

Ao término da exposição, a Biblioteca do Instituto torna-se espaço permanente de salvaguarda de documentos de diferentes naturezas exibidos na mostra, alguns retratados nesta pesquisa. Objetos com características distintas fazem alusão à evolução da microbiologia e a sua materialização, não tão somente durante a exposição, mas também em outras dependências do Instituto como referências permanentes dessa história. São certificados, diplomas e fotografias de personagens relacionados a Paulo de Góes, ao Instituto de Microbiologia e à ciência. São documentos fios condutores de informações que instruem, comprovam e preservam a memória dessa unidade.

Para além da contextualização de memória da evolução histórica da microbiologia na Universidade através da informação materializada nos objetos do Instituto de Microbiologia, é fundamental trazer algumas definições referentes ao termo documento.

5.1 ARTEFATOS, DOCUMENTOS BIBLIOGRÁFICOS E ARQUIVÍSTICOS DA EXPOSIÇÃO.

Elegemos abordar como parte de nosso estudo o termo documento em razão da diversidade documental exibida na exposição comemorativa do centenário. Importante salientar que, encerradas as comemorações, a Biblioteca do IMPPG foi identificada pelo

grupo da microbiologia como espaço afinado a preservação de itens que representavam a história da ciência da microbiologia na UFRJ. Textos, objetos imagéticos e artefatos eram documentos que por suas diferentes características, pertenceriam a outras Instituições de memória como museus e arquivos, mas que na percepção inicial desse grupo poderiam ser concentradas na Biblioteca do Instituto. Seria a concepção de que documentos, de modo geral, são tratados e salvaguardados em arquivos, bibliotecas ou museus. Nesse sentido aponta-se a necessidade de uma categorização documental.

Categorias podem ser vistas como classes gerais empregadas para reunir conceitos (PIEIDADE, 1983). As categorias possuem importância fundamental na organização de ideias. Nesse contexto, as categorias funcionam como classes maiores de fenômenos presentes de conhecimento geral ou em uma das suas partes. Segundo Piedade (1983) os conceitos representam a expressão do pensamento, são conhecidos como predicados e baseiam-se na epistemologia da Antiguidade Clássica. Aristóteles considera os predicados como categorias. Substância, qualidade, quantidade, relação, duração, lugar, ação, paixão, maneira de ser e posição²⁷. Aristóteles considerou os predicamentos como categorias ou tópicos principais de expressão. Remetem a formas extras mentais ao supor que as coisas são captadas pela mente tal como o são na verdade (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011). Substância para Aristóteles é a categoria fundamental, pois ela é o ser que existe. Essa categoria torna-se o princípio para a organização do pensamento de acordo com o nível de representatividade que se quer atribuir a determinados recortes temáticos e contextuais alinhados a um conceito²⁸. Parte das teorias que trabalham com palavras/termos/conceitos detêm-se nas bases lógicas das categorias aristotélicas (PIEIDADE, 1983; DODEBEI, 2002).

De acordo com Moreiro González (2010, p.11) uma proposta de René Descartes era: “precisem o significado das palavras e vocês livrarão a humanidade da metade dos erros”. Para compreendermos os significados em torno da palavra documento, buscamos Meyriat (1981) que a define como objeto que dá suporte à informação, serve para comunicar e é

²⁷ Aristóteles deu o nome de categorias às classes mais gerais. Constituem-se os dez gêneros supremos exemplificados por Piedade (1983, p.20) da seguinte forma: **Substância** (homem, casa...); **Qualidade** (azul, virtuoso...); **Quantidade** (grande, comprido...); **Relação** (mais pesado, escravo duplo, mais barulhento...); **Duração** (ontem, 1970...); **Lugar** (aqui, Brasil), **Ação** (correndo, cortando, falando); **Paixão** (derrotado, cortado...); **Maneira de ser** (saudável, febril...) e **Posição** (horizontal, sentado...).

²⁸ De acordo com a definição do Dicionário Infopédia (2003-2017) para a palavra conceito, trazemos o entendimento do termo pela concepção da Filosofia que a compreende como uma representação mental, abstrata e geral, de um objeto, noção abstrata. Para a área Linguística é a representação simbólica com um significado geral que abarca toda uma série de objetos que possuem propriedades comuns. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/conceito>>. Acesso em 18 mar. 2017.

durável, mas adverte que o tratamento que pedras recebem no museu é que as tornam documentos (1981, apud LOUREIRO, 2014).

Frizon (2015) traz a compreensão de documento como registro, representação e expressão de um pensamento. É suporte da informação e objeto de organização com formas diferentes de representar e expressar o pensamento. O pensamento é informação registrada com vistas à comunicação e o compartilhamento.

A concepção clássica do que significa documento tem como principais representantes Paul Otlet e Suzanne Briet, com as respectivas obras: *Traité de Documentation* (1934) e *Qu'est-ce que La documentation?* (1951). Otlet e Suzanne Briet trabalharam em suas obras novas possibilidades para a noção de documento, que abriria precedentes para pensar em documento como informação fixada em diferentes tipos de suporte e o seu papel social.

Otlet (1934) amplia o entendimento do conceito de documento e promove o deslocamento da ênfase no suporte físico para o assunto e conteúdo dos documentos, independentemente de seu suporte e formato. Uma das principais contribuições é a consolidação do conceito de documento: “documentos bibliográficos” (folheto, monografias, ensaios, livro, enciclopédias, dicionários entre outros); “documentos gráficos que não são obras impressas” (manuscritos, mapas e plantas, estampas, partituras musicais, moedas, medalhas etc.) e “documentos chamados substitutos do livro” (filmes, discos, obras de arte e outros).

Paul Otlet como precursor da noção de documento, traz a seguinte consideração:

O registro do pensamento humano e da realidade exterior em elementos de natureza material [...] um suporte de uma certa matéria e dimensão [...] em que se incluem signos representativos de certos dados intelectuais". O autor propõe que “documento” seria um termo genérico que cobriria não apenas documentos textuais, mas, também, objetos iconográficos e audiovisuais. (OTLET, 1934, p.10 apud ORTEGA; LARA, 2010, p. 2).

Volumes, folhetos, revistas, artigos, cartas, diagramas, fotografias, estampas, certificados, estatísticas, discos fotográficos e filmes cinematográficos representam complexo processo e acumulação e transmissão de conhecimentos. Paul Otlet enxergaria nos documentos, forças sociais intensas que dão poder a diversos fluxos intelectuais materializados nas informações e nos documentos. Estes coordenados pela produção documental concedem autoridade aos trabalhos das associações e instituições (MURGUIA, 2011).

Diante da concepção objeto/documento firmada por Otlet, Buckland (1998, p. 216) entende que “objetos em si mesmos podem ser considerados documentos se por observá-los você receber informação”. Lara (2010) observa que Buckland tal como Briet destacam o aspecto palpável da informação, sem a qual não seria possível se exercer a atividade da documentação²⁹.

Suzane Briet, seguidora de Otlet³⁰ aborda em seu texto *Qu'est ce que la Documentation* (1951) o documento como evidência física, prova ao apoio de um fato. Para Briet (1951 apud LARA, 2010, p. 45) documento é “um signo físico ou simbólico, preservado ou registrado, cujo objetivo é representar, reconstruir ou demonstrar um fenômeno físico ou conceitual”.

Conceitos formam-se por meio da representação de determinados objetos cercados por diferentes tipos de informação fixados por símbolos linguísticos. Cabe destacar o conceito básico intimamente relacionado à informação contextualizada por Silva (2002) que a define como:

Um conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas em qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada. (SILVA, 2002, p. 37).

Quando Paul Otlet expande o conceito de documento, desfocando-o do suporte físico para o entendimento do cunho informacional possibilita a sua investigação em Arquivos, Bibliotecas e Museus (TANUS, 2012).

Bellotto (2006) procura estruturar as diferentes características entre museus, bibliotecas e arquivos, destacando os seguintes parâmetros funcionais dessas Instituições:

²⁹Os belgas Paul Otlet e Henri Lafontaine criam em 1895, o Instituto Internacional de Bibliografia (IBB), na qual a intenção era reunir toda a produção científica universal. Diante da diversidade documental como transmissões das criações do espírito, os fundadores do Instituto propõem a substituição da palavra bibliografia por documentação que ocorre durante a X Conferência Internacional em 1931. O Instituto passa a denominar-se Instituto Internacional de Documentação e a partir de 1938, passa a Federação Internacional de Documentação (RONDINELLI, 2011).

³⁰As propostas de Otlet e Suzanne Briet tiveram repercussão na França, na Espanha e no Brasil. Esses países, tal como o Brasil adotariam o termo Documentação como nome de um campo. Na Biblioteconomia americana se focou menos o documento e mais o usuário. Questões relacionadas à noção de documento e o significado desse objeto não estiveram entre as preocupações dos autores americanos, que buscavam obter resultados práticos de recuperação de informação ou definir informação. O fato é que a documentação implica o uso e a preocupação em definir documento (LARA, 2010).

- a) Como tipo de suporte: arquivo possui manuscritos, impressos, audiovisuais e exemplares únicos; a biblioteca inclui impressos, manuscritos, audiovisuais e exemplares múltiplos museu possui objetos bi ou tridimensionais e exemplares únicos;
- b) Como tipo de conjunto: o arquivo inclui fundos, ou seja, documentos unidos pela origem; a biblioteca inclui coleção, ou seja, documentos unidos pelo conteúdo; o museu inclui coleção, ou seja, documentos unidos pelo conteúdo ou pela função;
- c) Como produtor: o arquivo é movido pela máquina administrativa; a biblioteca é abastecida pela atividade humana individual ou coletiva, o museu é provido pela atividade humana e pela natureza;
- d) Como fins de produção: arquivos são administrativos, jurídicos, funcionais e legais, das bibliotecas são culturais, científicos, técnicos, artísticos e educativos; os do museu são culturais, artísticos e funcionais;
- e) Como objetivos: o arquivo pretende provar e testemunhar, à biblioteca compete instruir e informar e ao museu compete informar e entreter.
- f) Como entrada de documentos: no arquivo são incorporados pela passagem natural da fonte que os gerou; na biblioteca ocorre à compra, doação, permuta de fontes múltiplas; no museu provêm da compra, doação, permuta de fontes múltiplas;
- g) Como processamento técnico: no arquivo realiza-se o registo, o arranjo, a descrição, os guias, os inventários, os catálogos; na biblioteca faz-se o registo, a classificação, a catalogação e as fichas; no museu efetua-se o registo, a catalogação, os inventários e os catálogos;
- h) Quanto ao público: o público da biblioteca e do museu são público geral e especializado e pesquisadores e no arquivo é o administrador e pesquisador.

A comparação conceitual dessas instituições é fator igualmente importante, pois permite a percepção de características comuns ou de aproximação das categorias e atividades documentais.

Etimologicamente o termo documento provém do latim *documentum* derivado do verbo *docere*, que significa ensinar, instruir. Na área do Direito, no documento é registrado o fato a ser provado e o fato que prova, constituindo-se uma relação que o vocábulo prova (DURANTI, 1997 apud RODRIGUES, 2010).

Documento de arquivo na conceituação clássica é, segundo Bellotto (2010, p. 161): “aquele que é produzido, recebido, acumulado por entidade pública ou privada ou pessoa física no exercício das funções que os identificam e que justificam sua presença em

determinada sociedade”. De acordo com a autora, a associação entre produtor, contexto, gênese e função atribui ao documento a sua natureza comprobatória. Como características relativas ao documento arquivístico, o princípio da proveniência, no qual possui vínculo o órgão produtor, recebedor e acumulador e o princípio da organicidade na qual a conexão lógica e formal que une os documentos do mesmo conjunto ou os contextualiza a outros documentos são importantes atividades identificadoras de um documento arquivístico (BELLOTTO, 2010). Percebe-se que a análise arquivística requer reflexões do profissional sobre o objeto arquivístico, que o torne documento comprobatório, testemunhal, jurídico, informacional, histórico e da memória de um grupo. Entendemos que a tarefa arquivística é ação educativa e o documento de arquivo, um produto social.

Arquivos são lugares onde se guardam conjuntos de documentos criados ou recebidos por uma organização que os mantém ordenadamente como fonte de informação para a execução de suas atividades. Os arquivos são o arsenal da administração e o celeiro da história (SMIT, 2005).

Quanto à concepção museológica, a obra: Uma “História Social do Conhecimento de Gutenberg a Diderot” (BURKE 2003 apud MEDEIROS et al., 2013) indica que museus são instituições inicialmente formadas por pessoas que usavam parte de sua casa como gabinetes de curiosidades, transformando-os em museus, alimentados pelos próprios colecionadores. Nesse período disseminou-se um interesse pelas coisas além das palavras³¹. Os museus correspondem a uma nova forma de ver o mundo, locais para conservar, guardar ou custodiar.

O museu é na atualidade uma Instituição de caráter jurídico próprio ou vinculado à outra Instituição jurídica aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2005).

No que se refere às peças museológicas, a bi/tridimensionalidade é umas das características de seus objetos. Compreende-se assim que entre as três Instituições o museu possui em suas coleções objetos reais. SMIT (2010) se apoia em Briet (1951) quando afirma que um acervo museológico é composto de peças aos quais se atribuiu, intencionalmente, um valor documental.

³¹ Segundo Burke (2002) decorreu-se uma crise de conhecimento gerada pela inundação na Europa de objetos provenientes do novo mundo e de outros lugares: animais, múmias, porcelanas chinesas, e acessórios indígenas, objetos que não se enquadravam nas categorias tradicionais.

Quadro 3 - O documento na proposta de Suzanne Briet

Objeto	É um documento?
Estrela no céu	Não
Fotografia da estrela	Sim
Pedra no rio	Não
Pedra no museu	Sim
Animal na natureza	Não
Animal no zoológico	Sim

Fonte: SMIT (2010, p. 33)

Conclui-se que o museu possui acervo composto por documentos (peças, objetos, artefatos) providos de valor documental que lhes é intencionalmente atribuído.

Na contemporaneidade, se busca estabelecer relações significativas entre público e acervo. Segundo Medeiros (2013) uma questão que ronda as instituições museológicas é quando seus registros culturais estão deslocados de seu contexto de origem, relacionados aos problemas de representação que acabam por comprometer o uso da informação por parte do usuário. As coleções de museu são úteis a documentação, mas presentes em objetos tridimensionais precisam ser tratados como as de bibliotecas e arquivos (OTLET, 1934).

A criação de bibliotecas de museus deve-se à necessidade de investigar e estudar os objetos museológicos, como forma de conservação de instrumentos para trabalho e pesquisa. As bibliotecas de museus prestam apoio à investigação, documentação e interpretação de toda a atividade do museu. Nesse contexto, há necessidade de tratar as informações museológicas e de buscar um sistema de recuperação da informação. Apesar de não ser considerada a finalidade principal do museu, um sistema de recuperação da informação torna-se essencial para a difusão e contextualização do acervo do museu a outras informações (MEDEIROS, 2013). As bibliotecas assumiram papel determinante nos processos de investigação e difusão de informação no universo de uma instituição museológica.

A história das bibliotecas tem seu início a partir dos registros da escrita. O acervo era formado por tabletes de argila, papiro e pergaminho. Este modelo remonta à história das bibliotecas como guardiãs e depositárias dos registros do conhecimento, no qual se proliferava que a exaustividade das coleções. Os diferentes suportes que comportam os registros interferem nas atividades das bibliotecas e na criação e a evolução de outros espaços como arquivos e museus (SERRAI, 1975). O cenário se modifica com o surgimento da imprensa de tipos móveis e a explosão da informação, tradicionalmente a biblioteca passa a ser espaço físico por acervo constituído por documentos em papel (BURKE, 2002).

Contemporaneamente, a biblioteca pode ser espaço, concreto ou virtual destinado a coleções de informações em papel como livros, monografias, enciclopédias, dicionários, mapas ou fotografias. São documentos manuais ou impressos em novos tipos físicos como *Video Home System (VHS)*, *Compact Disc (CD)* ou *Digital Versatile Disc (DVD)*, que sintetizados pelo processamento técnico são armazenados em base de dados através de catálogos manuais ou automatizados. A extensividade alcançada pelo advento da internet faz da biblioteca um espaço híbrido de informações. No contexto atual valoriza-se o acesso em lugar de posse. Ainda cabe à biblioteca a missão de preservar, organizar e disseminar os elementos culturais e as produções científicas concebidas pelo fazer racional.

Em bibliotecas, os documentos são produzidos e conservados com objetivos científicos e culturais ou artísticos, em arquivos os documentos são produzidos e conservados com objetivos funcionais e em museus os documentos são os testemunhos materiais que podem originar-se da natureza ou criação artística e cotidiana com o objetivo de preservação. No caso dos museus, o acervo bibliográfico apoia as suas atividades ao organizar as informações que contextualizam a área na qual se insere o acervo museológico. A partir dessas análises entendemos que arquivos, bibliotecas e museus têm em comum missões no que diz respeito à inventariação, conservação, divulgação e acesso à informação.

Inferimos que documento é o registro de uma informação, independente da natureza ou do suporte que a contém. A informação é ideia ou mensagem contida em documentos. Nesse contexto a informação é tangível, mas é ao mesmo tempo incorpórea, pois se define como matéria abstrata. Para sua materialização a informação deve levar em conta o universo conceitual na qual está inserida. A sistematização da informação demanda processos cognitivos quanto a procedimentos para representação do conhecimento³², quanto à utilização de instrumentos para controle de vocabulários e quanto à organização de sistemas de recuperação da informação. A percepção cognitiva é o processo básico que contextualiza o documento a instituições.

Rendón Rojas (1999) apresenta para o conceito documento as seguintes características: objetivação, ou materialização do pensamento e em qualquer suporte; criado para informar o que desmaterializa o pensamento; constitui-se instrumento de conservação da memória social pela função comunicativa social, sintaxe reconhecível e lógica.

³²Segundo Brascher e Café (2008) a organização da informação é processo que envolve descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. Tem como produto a representação da informação para abordar informação e conhecimento. A organização do conhecimento demanda a reunião do que se conhece em uma estrutura sistematicamente organizada, de modo a representá-la por diferentes tipos de sistemas de organização do conhecimento. Sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização de conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles.

Para além da memória, fenómeno comum a arquivos, bibliotecas e museus, a informação registrada é elemento que representa ponto intrínseco entre essas Instituições. Como complemento à ideia de documento como instrumento de relação entre memória e informação nessas Instituições, baseamo-nos na obra *História e Memória*, da autoria de Le Goff. Azevedo Netto (2007) compartilha a concepção do autor, apresentando uma relação entre informação e memória:

[...] pode ser considerada, na medida em que, um determinado elenco de informações que se referem ao passado de um grupo é reunido e relacionado entre si, como forma de dar um sentido de compartilhamento de passados, constantemente construídos e reinterpretados. Assim pode-se exemplificar a relação entre a informação e a memória na multiplicidade de suportes que a informação pode assumir, no seu processo de representação através da cultura material, expressos como documentos e monumentos. (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 14).

A interdisciplinaridade está presente nos processos documentais. Otlet (1934) acreditava que os pressupostos definidos pela documentação poderiam ser aplicados nas bibliotecas, arquivos e museus, os quais se transformariam em grandes depósitos dos tesouros intelectuais da humanidade. Paul Otlet colocaria todas essas instituições sob o mesmo foco, pois elas teriam como missão preservar, organizar e disponibilizar a memória da humanidade, além de valorizar a cooperação entre todas elas.

Uma representatividade impressa em escritos, ilustrações, sons, imagens, ou em qualquer outro formato, nos permite não só identificar os documentos, mas também contextualizá-los como expressões que marcam o próprio cenário da microbiologia, em uma dimensão social, política e econômica, que constituiu a área e impulsionou o fazer técnico científico que é a base do que temos hoje no país. Como umas das etapas do processo, buscase um modelo que sirva como diretriz para representação dos outros tipos de documentos identificados. O desdobramento dessa pesquisa demanda identificar a tipologia documental do Instituto para disponibilização futura desses dados institucionais, preparar um modelo categorial para assimilação de diferentes documentos, distinguir as relações semânticas e descrever, organizar e representar a história do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A identificação da tipologia documental da microbiologia dos itens que compuseram a exposição pode se ajustar às características apresentadas por Gonçalves (1998) no quadro a seguir:

Quadro 4 - Tipologia documental

Classificação	Definição técnica	Tipologia
SUPORTE	Material sobre o qual as informações são registradas	Acetato / Papel / Filme de Nitrato / Fita Magnética
FORMA	Estágio de preparação e de transmissão de documentos.	Original - Cópia – Rascunho
FORMATO	Configuração física de um suporte, de acordo com a natureza e o modo como foi confeccionado.	Cartaz - Livro – Planta – Mapa - Quadro
GÊNERO	Configuração que assume o documento de acordo com o sistema de signos utilizado na comunicação de seu conteúdo.	Documentação-Audiovisual; Documentação-Fonográfica; Documentação-Iconográfica Documentação-Textual.
ESPÉCIE	Configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas.	Boletim; Certidão; Certificado; Declaração; Relatório; Ofício.
TIPO	Configuração que assume uma espécie documental, de acordo com a atividade que a gerou.	Boletim de Ocorrência; Certidão de Nascimento; Declaração de Imposto de Renda.

Fonte: Dicionário de Terminologia Arquivística. São Paulo: AAB-SP, Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

Os documentos a serem analisados têm relevante importância como fonte de informação histórica não somente para o Instituto de Microbiologia, como também para UFRJ, uma vez que a Universidade está contextualizada na evolução do Instituto. Esses itens informacionais viabilizam processos sociais que expressam as ações para a constituição da Microbiologia no país.

O quadro 4 é instrumento auxiliar que colaborará para o trabalho de categorização representativa dos tipos documentais salvaguardados no Instituto. Descrever as categorias de representação desses documentos e investigar as informações é desafio profissional por se tratar de tarefa diferenciada desenvolvida na Biblioteca do Instituto de Microbiologia.

Compreendemos que para representar as informações dessas tipologias documentais referentes ao universo do patrimônio material que constitui parte da memória do grupo microbiologista, é necessário adotar princípios e métodos capazes de expressar o acervo disponível, respeitando as diferentes configurações que compõem esses documentos. O acesso e a recuperação dessas informações analisadas, traduzidas e conceitualizadas devem ser realizados por meio de instrumentos padronizados de organização e por um sistema de representação documental.

As coleções bibliográficas do acervo físico sobre a ciência dos microrganismos são compostas por livros, dissertações e teses representadas na 22^a edição da Base Minerva

(Sistema *Aleph*)³³. Entretanto, os documentos da exposição representam também a constituição da microbiologia como unidade de conhecimento, bem como o grupo que dela participou. São formados por distintas configurações documentais: rascunhos de aulas, atas, diplomas, certificados; agendas de compromissos anuais, caneta, porta-tinteiro, quadros, fotografias e outras tipologias que o sistema *Aleph* não atende por não corresponder a uma política de representação de documentos não bibliográficos.

As coleções das bibliotecas da UFRJ estão representadas na Base Minerva, 22^a edição. Entretanto, como o sistema *Aleph* não acolhe uma política para a representação de documentos não bibliográficos da Universidade, pensou-se na implantação e gerenciamento de algum *software* que atenda às necessidades de representação de documentos que se desviam do escopo da Biblioteconomia.

Paralelamente às comemorações do centenário, ocorreram reuniões com participação da Coordenação do Sistema de Bibliotecas da UFRJ (SiBI/UFRJ) sobre questões que tratavam da diversidade documental na Universidade. Tais questões demandavam a criação de um sistema gerencial para tratar das diretrizes do campo arquivístico na Universidade, tendo como modelo o SiBI/UFRJ. Em março de 2016 foi institucionalizado o Sistema de Arquivos (SIARQ) na UFRJ³⁴. De acordo o art. 3º da portaria N° 2726:

O Sistema de Arquivos da UFRJ (SIARQ) está diretamente subordinado ao Gabinete do Reitor. **Parágrafo único.** Constituem Arquivos o conjunto de documentos produzidos e recebidos pela Universidade, bem como de seu corpo social, em decorrência do exercício de suas atividades, qualquer que seja o suporte da informação arquivística ou a natureza dos documentos, fonte fundamental para conhecimento e prova, assim como para a salvaguarda e divulgação de nossa memória institucional, cultural e científica. (grifo nosso).

Dentre o conjunto de objetivos estabelecidos pela portaria do SIARQ, destacamos o que se refere à preservação da documentação da Universidade, com o estabelecimento de padrões para recolher, conservar, custodiar e divulgar o patrimônio documental arquivístico produzido ou acumulado pela UFRJ. A padronização de trabalhos voltados para o tratamento

³³O *Aleph* é um *software* desenhado para o gerenciamento de bibliotecas e centro de documentação e informação bibliográfica, comercializado pela empresa *Ex Libris* ligada a Universidade hebraica de Jerusalém. Usado pelas bibliotecas da UFRJ possuem módulos integrados desse sistema incluem o OPAC (*On Line Public Access Catalog*). (CORTE et al., 2000).

³⁴A PORTARIA N° 2726, DE 29 DE MARÇO DE 2016, cria o Sistema de Arquivos (SIARQ) no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. BOLETIM N° 12 - 30 DE MARÇO DE 2016 – EXTRAORDINÁRIO, p. 2-3. Disponível em: <<http://www.dgdi.ufrj.br/images/bufrj/2016/12-2016%20extraordinario1.pdf>>. Acesso 27 mar. 2017.

de tipologia documental da microbiologia necessita de adequação aos objetivos propostos pelo SIARQ, bem como o estabelecimento de parcerias colaborativas.

Um relatório de gestão³⁵ do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), produzido entre os anos de 2006 e 2014 sobre os procedimentos para a implantação da sua seção de Arquivo já criaria a Base Catavento, através do *software* AtoM. Como no período não havia apoio financeiro e técnico em tecnologia da informação para a criação desta base de dados, a Fiocruz foi a Instituição Brasileira parceira na implantação desse *software* de natureza livre do Conselho Internacional de Arquivos (ICA), que permite às instituições a disponibilização *online* de descrições arquivísticas.

A necessidade da implantação de *Software* apropriado à representação e organização de documentação não bibliográfica foi pauta durante as reuniões que estabeleciam as políticas do SIARQ. Em setembro de 2016, o SIARQ promoveria, sob a coordenação da Fiocruz, no Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ, um treinamento para seus funcionários, sobre o uso do Sistema AtoM usado por aquela Fundação.

O AtoM é distribuído sob a política de *software* Livre e customizado no âmbito do projeto de digitalização do acervo. O AtoM é aplicativo de descrição arquivística integralmente voltado para *web*, encomendado pelo Conselho Internacional de Arquivos (CIA) e abrange normas internacionais de descrição arquivística. AtoM é um acrônimo para *Access to Memory* [Acesso à Memória] (FLORES, 2014).

Com a institucionalização do SIARQ na Universidade, cabe a eles o desenvolvimento de normas internas para o estabelecimento de princípios para a descrição de documentos arquivísticos, com vistas a garantir uma padronização das descrições, que proporcionem qualidade de trabalho técnico e aperfeiçoamento na recuperação das informações. A Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) concretiza-se como base para a SIARQ/UFRJ, normas que buscam refletir os progressos normalizadores da biblioteconomia, no qual os trabalhos baseavam-se em procedimentos técnicos comuns (BRASIL, 2006). Práticas de colaboração e cooperação são constantes entre bibliotecas, como os procedimentos técnicos que partilham uma catalogação em rede.

A composição de diferentes tipologias é habitual em bibliotecas. Observa-se, por exemplo, na UFRJ: a Biblioteca Pedro Calmon do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ que em meados de 2004 incorpora ao seu acervo, a coleção com cerca de 10 mil volumes de livros

³⁵RELATÓRIO DE GESTÃO 2006-2010/2010-2014. Projeto 3 - Projeto Base Catavento. Disponível em: <<http://www.cfch.ufrj.br/index.php/relatorio-gestao-arquivo>>. Acesso em 20 mar. 2017.

e documentos em diversos suportes do historiador Afonso Carlos Marques dos Santos, professor titular da cadeira de teoria e metodologia da história do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (OLIVEIRA, 2008).

No arquivo, biblioteca ou museu os documentos escritos ou documentos registrados em suportes físicos dos mais diversos tipos, ora pertencem aos arquivos, ora a museus, ora pertencem às bibliotecas. É possível encontrar em uma biblioteca um documento de arquivo, no arquivo um documento de biblioteca e nos arquivos e bibliotecas, objetos e documentos de museus. É possível também encontrar no museu documentos de biblioteca ou de um arquivo (TANUS, 2012). Portanto, os acervos dessas instituições absorvem objetos de diferentes tipologias. A razão dessa vinculação documental entre as instituições tem origem na formação das respectivas ciências das instituições-memória³⁶.

A conformação dos campos científicos é marcada por fatores políticos, sociais, econômicos, culturais, por relações de poder e por tradições de instituições específicas. Fatores esses que se interferem nas áreas arquivísticas, biblioteconômicas e museológicas (ARAÚJO, 2012). A reflexão da concepção da Arquivologia e da Museologia, bem como a sua transversalidade com a Biblioteconomia são pontos de reflexão profundos e extensos que não caberiam no escopo desta pesquisa. Entretanto, uma breve elucidação sobre o surgimento dessas áreas irmãs é ponto significativo para a compreensão do surgimento da própria Biblioteconomia.

De acordo com Araújo (2012) os campos da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia nasceriam com os primeiros tratados no período do Renascimento, quando se manifestariam interesses pelas obras humanas nos mais diversos suportes, como verdadeiras manifestações e riquezas que se devem guardar e preservar. O desenvolvimento das humanidades realça a importância dos arquivos, bibliotecas e museus, atraindo literatos, historiadores e bibliófilos. As áreas passariam por gradual separação nesse período. O advento da modernidade esmaga o velho regime e potencializa essas intuições, que são criadas ou renovadas. As três áreas se legitimariam cientificamente durante a revolução industrial,

³⁶ Veloso e Madeira (1999, p. 47) definem instituição-memória como “um espaço estruturado a partir das posições ocupadas pelos autores na dinâmica que estabelecem com os outros campos constitutivos da vida social”. Abreu (2003) vincula o conceito de instituição-memória ao conceito de patrimônio; os museus, arquivos e bibliotecas, têm a função de preservação da memória. Instituições-memória são órgãos públicos ou privados, instituídos no campo social, cultural e político, com o fim de preservação da memória do indivíduo, de um segmento social, da sociedade ou de uma nação. Tem as funções de socialização, aprendizagem e comunicação e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na construção de identidades e da história, e na produção de trabalhos científicos (AZEVEDO NETTO, 2010).

destacando o caráter técnico, em um período dominado pelo positivismo³⁷. A transição do século XIX para o século XX das instituições - memória seria marcada pelas vertentes: patrimonialistas, custodiais, auxiliares das humanidades e tecnicistas marcariam a (ARAÚJO, 2012). Ao longo do seu desenvolvimento, percebe-se que as áreas se mostram auxiliares para outros campos, que não os seus próprios. Ressalta-se que a identidade tecnicista acaba por focar na instituição de custódia e na dimensão técnica do documento

A partir do século XX essas áreas tratam das teorias transversais a esses campos de atuação, apesar da influência de órgãos e entidades de classe (ARAÚJO, 2012). A origem das instituições-memória como arquivos, bibliotecas e museus está na ação humana de expressar ideias, fatos, sentimentos e pensamentos, por meio de diferentes formas de documentos, que tomam sentido de acordo com a finalidade de cada espaço. Arquivos comprovam, bibliotecas instruem e museus preservam. Na contemporaneidade essas áreas têm buscado agregar conceitos e práticas que refletem a teorização das três instituições, sendo a informação o elemento que perpassa os seus processos. Configurações institucionais interdisciplinares têm motivado diálogos e contribuindo para o melhor entendimento profissional dos campos e de trabalho nas Instituições.

No quadro representado por Tanus (2012) é apresentado uma leitura para o conceito de documento onde, guardadas as devidas especificidades, pode perpassar as áreas de modo transversal.

Quadro 5 - Noção de documento nos três campos

	Biblioteconomia	Arquivologia	Museologia
Problema	Análise da literatura científica	Comprovação da origem	Sentido histórico e estético
Método	Ênfase no conteúdo/assunto	Ênfase na autenticidade/função	Ênfase no objeto/informações intrínsecas e extrínsecas
Desenvolvimento	Técnico-científico	Jurídico-administrativo	Artístico-cultural

Fonte: Tanus (2012)

³⁷ O positivismo teve a sua origem, no século XIX, com o filósofo da sociologia Auguste Comte. O positivismo é a corrente de pensamento que entende que o conhecimento verdadeiro só é possível por meio da observação e da aferição empírica do mundo. Existe uma única realidade, que é apreensível apenas com recurso a métodos que previnam da “contaminação” humana (ontologia); o sujeito e o objeto de investigação são independentes entre si (epistemologia) (DUARTE, 2009).

Compreende-se que as abordagens de diferentes objetos documentais podem associar suas finalidades em uma instituição somente, sem descaracterizar a consolidação de cada uma dessas áreas do conhecimento.

A exposição sobre o tema documento é apenas uma síntese de uma temática amplamente explorada nas obras de Otlet (1934), Briet (1951) e por outros autores abordados nesta explanação. Porém, a partir dessas ideias é possível identificar e confluir possibilidades para a representação de tipologias documentais pertencentes a diferentes instituições na Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes. A representação dessa diversidade documental na Biblioteca do IMPPG deve ser contextualizada a um viés mnemotécnico no âmbito da consolidação da microbiologia na UFRJ, tema dessa dissertação.

Durante o debate³⁸ Convergências e divergências: Bibliografia, Documentação, Biblioteconomia e Ciência da Informação uma proposta constitutiva sobre as atividades na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia é cunhada pela debatedora Ortega (2015):

Arquivísticas seriam atividades documentárias relativas à vida de uma pessoa ou de uma organização, com fins de gestão, depois científicos, estéticos, educacionais, profissionais, de lazer e outros; **bibliográficas** seriam as atividades documentárias relativas a produtos de ações e reflexões humanas com fins científicos, estéticos, educacionais, profissionais, de lazer, outros; **museológicas** seriam atividades documentárias sobre objetos vistos como potencialmente representativos de sociedade, de instituições, da natureza, com fins científicos, estéticos, educacionais, profissionais, de lazer, outros. (ORTEGA, 2015, slide 3, grifo nosso).

Ortega (2015) observa que nas abordagens documentárias arquivística, bibliográfica e museológica as operações que transformam objetos em documentos, se diferenciam de acordo com o tipo de olhar a ser realizado, que ao seguir interesses socialmente constituídos tornará possível a contextualização desses objetos a suas instituições correspondentes. São relevantes as questões em torno da tipologia, dos suportes documentais e dos objetos produzidos, pois a intenção informativa lhes dar lugar à Instituição a qual pertencem.

³⁸Mesa redonda promovida em parceria entre as Instituições UNIRIO, IBICT e Universidade de Minas Gerais (UFMG) realizada em 02 de julho de 2015 na CNEN, onde foram debatidas as relações entre Bibliografia, Documentação e Biblioteconomia, com a participação dos debatedores Cristina Ortega (UFMG), Geni Fernandes (UNIRIO) e Gustavo Saldanha (IBICT/UNIRIO) e mediação de Márcia F. de Figueiredo (Colégio Pedro II). Disponível em: <<http://www.unirio.br/unirio/cchs/eb/events/mesa-redonda-genero-no-pensamento-e-na-pratica-biblioteconomico-informacionais>>. Acesso em 20 mar. 2017.

A conceituação documental presente na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia possibilita a realização de diálogo entre as áreas irmãs. Da tentativa de evidenciar pontos de convergência dessas áreas da ciência emerge a função social da biblioteca que, no papel do agente mediador entre indivíduos e informação, possibilita através das respostas advindas de processos biblioteconômicos, o conhecimento da conformação e da evolução de qualquer área do saber. A integração promovida entre informação e indivíduos faz da biblioteca a Instituição-memória eleita por uma comunidade para abrigar e salvaguardar documentos, que esses indivíduos percebam como objetos de cunho científico, histórico ou de memória, independente de sua natureza documental. A geração dos registros dessas informações é a mola propulsora para o desenvolvimento das atividades de organização e preservação, condição preeminente para a recuperação dos documentos em bibliotecas.

O processo de análise de documentos para a representação nas bibliotecas ou a reorganização de informações de antigas bibliografias a bibliotecas digitais remete à catalogação, classificação, indexação e outras atividades biblioteconômicas, que se tornam, deste modo, elementos caracterizadores da história da própria Biblioteconomia.

5.2 APTIDÕES BIBLIOTECONÔMICAS E O OBJETO INFORMAÇÃO

A Biblioteca Nacional (BN) é a origem de um movimento que funda o campo do ensino da Biblioteconomia no Brasil, que em meio às mudanças de suas instalações físicas para o prédio onde se encontra atualmente, apresenta uma reforma administrativa, regulada pela Lei nº 2.356, de 31 de dezembro de 1910.

Mas, é a partir do final da década de 1920, que se exerce a influência americana na formação profissional do bibliotecário brasileiro. Em 1929 se instituí o segundo curso de biblioteconomia brasileiro instalado em São Paulo, pelo Instituto Mackenzie, hoje Universidade Mackenzie. A Biblioteca do Instituto Mackenzie, segundo Rodrigues (1945, p. 8 apud CASTRO, 2000, p. 64) “vivia estagnada, com acervo organizado de forma precária e rudimentar, não correspondendo aos anseios e necessidades da sua clientela”. Uma nova dinâmica seria demanda através dos princípios e técnicas norte-americanas. Os processos que ensejaram à formação do segundo curso de Biblioteconomia no país que se voltava para organização de bibliotecas

De acordo com Mueller (1985) surge, em 1940, o Decreto-Lei nº 6.416 que instituí o curso intensivo em Biblioteconomia, que seria administrado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) com a duração de 06 meses. A criação do Curso

do DASP teve como um dos seus objetivos, suprir as deficiências do ensino da BN, que atendia somente aos seus interesses internos (CASTRO, 2000).

Ao fim, acabou-se por incluir um modelo pragmático no curso da BN que se deu mais pelas exigências do mercado do que pelo desejo dessa instituição. Segundo Oliveira (2009) a mudança ocorreria por pressão do DASP, que exigia um profissional apto a organizar e administrar qualquer tipo de biblioteca, como já vinha ocorrendo em São Paulo. Portanto é na década de 1940, que o ensino da Biblioteconomia sofre profundas modificações em torno de seus conteúdos pedagógicos com a incorporação de modelos pragmáticos americanos em São Paulo, o que não significa ausência de procedimentos técnicos no curso da BN nem o abandono da influência humanística (CASTRO, 2000).

Quanto a Biblioteca do DASP ³⁹, essa seria parte integrante da estrutura organizacional desse órgão desde a sua fundação no Brasil no ano de 1938. De acordo com Oddone (2013, p.78) seria uma das mais “importantes instituições de coleta, tratamento e disseminação de informação técnico-científica que já existiram no Brasil”. Lydia de Queiroz Sambaquy já atuava na Biblioteca do DASP, quando se formou em Biblioteconomia pela BN em 1941, primeiro como assistente técnico e mais tarde como técnico de administração. A bibliotecária assume a Direção quando sua irmã Sylvia de Queiroz Grillo⁴⁰ se afasta do cargo. Sob a direção de Sambaquy surge o curso preparatório para bibliotecários. Castro (2000) atribuiu ao curso do DASP um perfil didático moderno, que se confrontava com o curso da Biblioteca Nacional.

Alice Príncipe Barbosa (1979), citada por Castro (2000), afirma que:

A década de 40 foi no Brasil, inegavelmente a do início do desenvolvimento das modernas técnicas biblioteconômicas. Várias causas contribuíram para ser essa, destacando-se entre nós: a atuação do então recém-criado Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), através de seus

³⁹Órgão criado em 30 de julho de 1938, diretamente subordinado à Presidência da República, com o objetivo de aprofundar a reforma administrativa destinada a organizar e a racionalizar o serviço público no país, iniciada anos antes por Getúlio Vargas. Com a queda de Vargas em outubro de 1945, o DASP passou por um profundo processo de reestruturação. A Biblioteca permaneceu sempre subordinada à Presidência do órgão. Sabe-se pouco sobre a história e a organização da Biblioteca do DASP ao longo dos nove anos em que o Estado Novo esteve em vigor. A bibliotecária Sylvia de Queiroz Grillo foi a primeira encarregada da Biblioteca do DASP, nomeada pela portaria n. 43, de 31 de outubro de 1938. Era funcionária do Ministério da Fazenda. Assumiu a função ao voltar dos Estados Unidos, para onde havia sido encaminhada no ano anterior, com bolsa do governo brasileiro, para completar o curso de biblioteconomia. A bibliotecária Dóris de Queiroz Carvalho, irmã de Sylvia, afirma em depoimento que a biblioteconomia foi sugerida a Sylvia pelo próprio ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. Os argumentos se baseavam na necessidade do desenvolvimento de bibliotecas brasileiras e na carência de pessoal convenientemente treinado para fazê-lo (ODDONE, 2004).

⁴⁰Nicia Grillo, que possui o mesmo sobrenome de Sylvia de Queiroz Grillo, fazia parte da equipe que trabalhou no Instituto de Microbiologia em 1963. A entrevistada Carmen Olivia revela uma relação de parentesco existente entre a funcionária e Lydia de Queiroz Sambaquy.

cursos especializados, que formando melhores técnicos, abriram novas perspectivas de trabalho; a reforma da Biblioteca Nacional, dando aos futuros profissionais maior soma de conhecimento; o aperfeiçoamento de técnicos brasileiros nas universidades americanas e a criação de um serviço nacional de catalogação cooperativa único, até hoje, na América Latina (BARBOSA, 1979, p. 17 apud CASTRO, 2000, p. 78).

A bibliotecária Lydia Sambaquy estabeleceria uma rede cooperativa de bibliotecas para a catalogação de livros. No DASP nasceria o catálogo coletivo e Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC)⁴¹, que representava um mecanismo de integração e capacitação das bibliotecas brasileiras, visando à racionalização do serviço público. O modelo constituía ajuda mútua entre as bibliotecas do país, como uma rede cooperativa de catalogação, tal qual era oferecido na Biblioteca da *Library of Congress* dos Estados Unidos (ODDONE, 2006). O conceito de cooperação entre bibliotecas parece ter surgido no Brasil com Lydia Sambaquy. A bibliotecária defendia a constante cooperação entre bibliotecários e bibliotecas, o que influencia a concepção, a padronização e a cooperação desses serviços em bibliotecas e centros de documentação (ODDONE, 2004).

A atuação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)⁴² fundado em 1954, como órgão do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq)⁴³ iria influenciar as decisões de conteúdo dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Dois peritos em Documentação Herbert Coblans (1953) e Zeferino Ferreira Paulo (1954) vieram ao Brasil para difundir métodos e técnicas de documentação, que teria efeito em longo prazo, com a inclusão da matéria Documentação⁴⁴ no currículo mínimo aprovado em 1962 (MUELLER, 1985). Segundo Castro (2000) os bibliotecários temiam a incorporação de outros saberes, como reprodução de documentos, mecanização bibliográfica, indexação, aliada a uma postura mais científica dos profissionais.

⁴¹ O SIC foi implantado a partir de 1942 sob a responsabilidade do DASP. Lydia deixa a Biblioteca do DASP, ao fim do Estado Novo e dedica-se ao SIC, que passa a ser a responsabilidade da Fundação Getúlio Vargas Posteriormente, o SIC seria incorporado ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) (ODDONE, 2006).

⁴² Para sua criação o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), obteve apoio da UNESCO em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (MUELLER, 1985).

⁴³ O Museu de Astronomia e ciências afins (MAST) possui o Fundo CNPq. Encontramos nesse fundo, um documento que aborda o uso de um sistema denominado Filmorex para a organização de Centro de Documentação do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). O documento é dirigido, em 1952, ao Almirante Álvaro Alberto, Idealizador e primeiro presidente do CNPq (DOCUMENTOS...,1952).

⁴⁴ A documentação como área do conhecimento relativa às atividades acadêmicas e como disciplina se inicia com o movimento de Paul Otlet e Henri Lafontaine, que em 1895 criam o Instituto Internacional de Bibliografia (SMIT, 1986).

Shera e Egan (1961), citado por Castro (2000), descrevem as causas do aparecimento da documentação:

A documentação tem suas raízes na Biblioteconomia, e pode se dizer que tem seu início quando, em fins do século VX, Johann Tritheim compilou seu *Liber de Scriptoribus Ecclesiasticis* e seu *Catalogus LLustrrium Virorum Gemaniae*, e meio século mais tarde Konrad Gesner preparava sua *Biblioteca Universalis*, a primeira tentativa de uma bibliografia universal. (SHERA; EAGAN, 1961 apud CASTRO, 2000, p. 142).

Tem a informação bibliográfica ponto comum com a Biblioteconomia. A Biblioteconomia passa a ser compreendida como sinônimo de Bibliografia a partir de obras que se proliferam por meio de bibliografias comerciais ou nacionais. A biblioteca passa a servir à pesquisa através da preparação, divulgação e utilização de bibliografias. Atividade que relaciona mais intimamente o caráter bibliotecário com a pesquisa. A partir da Revolução Industrial, o especialista é o novo tipo de usuário que começa a surgir. Em consequência do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, busca-se atender a uma nova demanda de serviços: artigos de revistas, relatórios de pesquisa, anais de congresso, materiais que nem a biblioteca ou a bibliografia tradicional estavam aptas a oferecer. Indexação, resumos informativos e indicativos eram outras estratégias de atendimento a especialistas, que desenhavam bibliotecas de outra natureza: as bibliotecas especializadas ou centros de documentação (CASTRO, 2000).

A Documentação tem a Bibliografia como ponto de partida, com a produção de repertórios bibliográficos e o controle bibliográfico (ORTEGA, 2015). Para Ortega (2015) o tratamento com a informação bibliográfica é ponto convergente entre Biblioteconomia e Documentação. Como definições mais restritas a autora compreende que:

A Biblioteconomia ocupa-se dos serviços de bibliotecas e a Documentação, ocupa-se da organização da informação técnico científica (que é principalmente bibliográfica, mas apresenta relações com a arquivística); Biblioteconomia e Documentação – contemplam, de forma articulada, as características próprias de cada uma; nas definições mais amplas a Biblioteconomia trata da informação em qualquer tipo de documento e suporte, e serviços relacionados. A Documentação – conjunto dos procedimentos de organização da informação bibliográfica, arquivística e museológica, e os serviços adotados para promoção do uso da informação (ORTEGA, 2015, slide 4).

As escolas de Biblioteconomia ⁴⁵ passariam a incluir a Documentação em seus currículos, com as técnicas documentais. De acordo com Aragão, (1961 apud Castro, 2000) as técnicas documentais capacitavam os alunos a realizarem em bibliotecas ou centros de documentação trabalhos de investigação e técnicas científicas exigidas para a consecução de seus empreendimentos. Para Castro (2000) a incorporação da disciplina ao currículo da Escola de Biblioteconomia e a inclusão de atividades documentalistas na legislação profissional são realidades irreversíveis.

É no início da década de 1960 que o ensino no campo da Biblioteconomia se regulariza definitivamente no país. A padronização desse ensino tem o apoio da Federação Brasileira de Associação de Bibliotecário (FEBAB), criada em 1959, que conseguiria junto ao Conselho Federal de Educação (CFE), instaurar o currículo mínimo (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, 1982). A justificativa apresentada ao CFE para instauração do currículo mínimo se devia ao rebaixamento do nível de atuação do bibliotecário que apenas reproduzia fichas e ordenava livros nas estantes, sem participar das responsabilidades de direção de bibliotecas (RUSSO, 1966 apud OLIVEIRA, 2009).

Em 1962, a Biblioteconomia seria elevada a *status* de profissão de nível superior ao instituir a lei 4.084/62, permitido aos portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior oficiais, equiparadas ou oficialmente reconhecidas e aos bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras, que apresentarem revalidação de seus diplomas no Brasil. Infere-se que os anos de 1960 a 1990 foram pautados por debates, que pretendiam instituir um currículo mínimo e promover o reconhecimento legal da profissão com coerência, visibilidade e uniformidade da área, ampliando assim um espaço de atuação social. Entretanto, salientamos que o ensino da Biblioteconomia brasileira ainda apresentava pontos críticos que demandavam debates para que se alcançasse uma formação profissional adequada a necessidades mercadológicas, culturais, políticas e sociais que começam a surgir em torno da década de 1990⁴⁶.

⁴⁵ Segundo Dias (apud Castro, 2000) a incorporação da Documentação ao curso da Biblioteca Nacional deveria colocara os cursos em condições de atender às novas exigências advindas da documentação para definição de seus espaços profissionais.

⁴⁶ A Lei 9.674 foi promulgada em 1998, sem revogar a lei 4.084/62. Colaboraram com sugestões as escolas de biblioteconomia, entidades associativas e profissionais. Neste documento, a expressão “informação registrada” foi alvo de vetos. Pensava-se que o bibliotecário seria profissional exclusivo que trataria a informação registrada em qualquer suporte. A intenção era garantir que as atividades de tratamento, registro e recuperação da informação registrada fosse exclusiva do bibliotecário. O veto se deu porque a expressão tendia a uma reserva de mercado. Outras profissões como jornalistas e relações-públicas também trabalhavam com informação. Para todos os efeitos torna equivalentes, os diplomas de bibliotecário, de bacharel em biblioteconomia e documentação. Portanto, todos os cursos criados, similares à Biblioteconomia, que não expedem um diploma com as denominações acima, devem estar cientes de seus

A mudança de paradigma da Biblioteconomia, do objeto “documento”, para a “informação”, o advento de novas tecnologias e a Internet, demandariam ampliação do campo de atuação do bibliotecário. Ao invés da posse do documento se privilegia o acesso a informações em diferentes manifestações. Segundo Oliveira (2009) a formulação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais se definia no âmbito de profissionais da informação as escolas de Biblioteconomia, de Arquivologia e de Museologia.

A variedade de suportes, formatos e materiais informacionais, como a complexidade informacional das várias esferas da sociedade passam a exigir um profissional com formação interdisciplinar (VERAS, 2010). Sob essa ótica, o bibliotecário não pode ser visto como profissional empenhado apenas nas atividades que exijam conhecimentos sobre organização de bibliotecas. Deve ser integrado ao conjunto de profissionais da informação, respondendo a gerência e planejamento de sistemas informacionais. A informação é elemento que perpassa todos os âmbitos das atividades humanas.

O profissional deve conciliar as habilidades tecnicistas sobre administração de bibliotecas com uma atuação mais criativa, visando atender a novas exigências da sociedade. Deve saber selecionar, interpretar, analisar e utilizar a informação adequada para cada necessidade.

As atribuições do profissional da Biblioteconomia necessitam se moldar a novas demandas de trabalho. Por isso, é necessária atenção constante de docentes e discentes em torno das disciplinas exploradas nos currículos das escolas superiores, como também a participação efetiva de entidades representativas da classe, que em cooperação com as escolas formam bibliotecários competentes e conscientes da importância dessa profissão na sociedade. Job (2006) enumera as seguintes entidades representativas da Biblioteconomia:

Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB que congrega os Conselhos Regionais de Biblioteconomia-CRB, que tem como objetivo maior a fiscalização do exercício e da ética profissional; A Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB que congrega as Associações Estaduais, que perseguem o objetivo de promover a atualização profissional através de eventos, publicações e cursos, assim como buscam o fortalecimento da imagem do profissional no país entre outras ações; Os sindicatos que defendem o profissional através da legislação dos fóruns trabalhistas e negociam junto a empresas e governo o piso salarial dos profissionais, bem como outros benefícios que a lei propicia aos trabalhadores de um modo geral; A Associação Nacional de pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação – ANCIB que congrega os

pesquisadores da área da Ciência da Informação, dentre os quais o bibliotecário tem como importante objetivo promover o debate informacional e desenvolvimento de pesquisa na área, resultando em aumento da produção científica e a Associação de Ensino de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – ABEBDI, que congrega as escolas de biblioteconomia, documentação e ciência da informação do país, como o objetivo de debater todas as questões inerentes à formação do profissional, do mercado de trabalho e do próprio profissional da informação (JOB, 2006, p. 4).

Essas entidades da classe biblioteconômica contribuem para regulação, promoção, atualização e consolidação da profissão do bibliotecário no Brasil.

Já o quadro da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) exposta por Veras (2010) compara as aptidões requeridas pelas empresas para o bom desempenho do bibliotecário da atualidade e competências elencadas pela CBO. CBO é documento que reconhece, nomeia, codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro (BRASIL, 2017). A CBO é uma nomenclatura de descrição de atividades das diferentes profissões, não funciona como lei, mas como uma portaria do Ministério do Trabalho. Não regulamenta profissões, não cria cargos e nem representa aspirações de uma categoria de trabalhadores. (JOB, 2006). O autor afirma que a CBO é fonte de informação relevante utilizada em estatísticas nacionais e registros administrativos do governo, para serviços de intermediação de mão de obra e como fonte para a elaboração de currículos e programas de qualificação do trabalhador. Compreendemos que se trata apenas de um documento normalizador de reconhecimento. O quadro a seguir enumera as habilidades e competências do profissional da informação, Bacharel em Biblioteconomia, descritas pela CBO e as requeridas pelas Organizações (JOB, 2006):

Quadro 6 - Novo perfil profissional

Competências do Profissional da Informação na classificação Brasileira de ocupações (CBO).	Competências Requeridas pelas Organizações.
Manter-se atualizado	Disposição para mudanças
Liderar equipes	Liderança
Trabalhar em equipe e em rede	Afetividade + sociabilidade
Demonstrar capacidade de análise e síntese	Análise e síntese / ou avaliação
Demonstrar conhecimento de outros idiomas	Comunicação
Demonstrar capacidade de comunicação e negociação	Negociação
Agir com ética	Ética ou liderança
Demonstrar senso de organização	Organização e planejamento
Capacidade empreendedora	Realização
Raciocínio lógico	Criatividade + outras capacidades cognitivas
Capacidade de concentração	Atenção / priorização
Proatividade	Antecipar ameaças
Criatividade	Flexibilidade / criatividade

Fonte: Adaptado de Faria et. al., 2005(apud VERAS, 2010, p.6).

Embora comumente o termo profissional da informação seja imediatamente associado à figura do bibliotecário, profissional da informação tem sido nomenclatura genérica aplicada a aquele profissional que de alguma forma tenha a informação como objeto de trabalho. Profissionais da informação podem ser bibliotecários, arquivistas, museólogos, documentalistas, profissionais da comunicação, profissionais de informática e gestores (SMIT, 2003). O profissional da informação, independentemente de sua formação acadêmica, deve reunir habilidades e competências que lhe possibilite gerenciar a informação enquanto recurso.

Habilidades são compostas a partir de conhecimentos técnicos e teóricos adquiridos em meios formais. São atributos que demandam o saber fazer, o conhecimento, as atitudes e as práticas. A competência é a capacidade para usar essas habilidades, os conhecimentos, as atitudes e as experiências adquiridas para um bom desempenho de papéis sociais. À capacidade relacionam-se conhecimentos utilizados de maneira criativa para a solução de problemas. “Competência está relacionado à habilidade de alguém usar seu conhecimento para alcançar um propósito” (CONEGLIAN, 2010, p. 257).

Para Ferreira (2003) o desenvolvimento do perfil do bibliotecário como profissional da informação envolve além da formação profissional (habilidades), o perfil pessoal (aptidão) e o desempenho profissional (atitudes). Infere-se que a competência busca explorar o somatório de conhecimentos adquiridos no decorrer da vida, que se moldam a diversas situações do

cotidiano. A competência permite a aplicabilidade de soluções adequadas a cada situação. A habilidade pode ser moldada para inúmeras competências.

Instituições estão interessadas em profissionais com habilitação ao cargo pretendido, mas também em pessoas que possuam a capacidade de utilizar um conjunto de habilidades adquiridas para agregar valor ao contexto na qual estão inseridas. Para Jambeiro e Silva (2004) o profissional da informação deve estar capacitado a:

1. Monitorar informações sobre o ambiente social, cultural, político, econômico e de mercado; exercitar visão crítica sobre os vários tipos de informação e respectivas fontes, para que possa produzir;
2. Selecionar, organizar e disseminar as informações requeridas para o desempenho de distintos usuários;
3. Analisar o conteúdo e dialogar com o produtor e o consumidor sobre a qualidade da informação e seu adequado tratamento;
4. Dominar dois níveis de linguagem: a terminologia da fonte ou produtor, e a linguagem 11 para comunicação com o usuário;
5. Combinar competência de gerenciamento e tratamento de informações com o domínio do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação;
6. Reconhecer o valor de uma informação, do ponto de vista cultural, social, econômico e político, seja para uma organização determinada, seja para a sociedade como um todo (JAMBEIRO; SILVA, 2004, p. 5).

Apesar de o art.6 da lei 4.084/1962 evidenciar práticas do passado, seu texto vem sendo constantemente revisto, como condição necessária ao avanço da área biblioteconômica de forma a atender a novas dinâmicas da profissão.

Sob a influência da *École Nationale des Chartes* (Paris), o bibliotecário formado pela Biblioteca Nacional seria um profissional erudito, humanista, ligado a cultura e às artes, porém reduzido a guardião de acervo. A partir dos anos de 1940 a profissão se fortalece em São Paulo, inspirado no modelo norte-americano da *School of Library Economy* (Columbia-NY), quando o profissional assume o perfil tecnicista, voltado exclusivamente a processamentos técnicos, que fundamentais à organização e a recuperação da informação, não formariam um perfil correspondente à realidade brasileira.

Escolas de duas importantes cidades do Brasil, com concepções diferentes seriam junto a outras iniciativas o início da edificação de uma classe profissional, que legalizada a partir de 1962 daria à Biblioteconomia o *status* de profissão de nível superior no país. Mas, a formação do perfil do profissional bibliotecário demandaria ainda de uma percepção de deficiências sociais e educacionais brasileiros, agravados agora pelo analfabetismo tecnológico e cultural. Castro (2000) afirma que a Biblioteconomia se estabilizou como campo em países desenvolvidos, mas que no Brasil é imprescindível uma reflexão em torno das necessidades e perspectivas informacionais do público e das bibliotecas de um país

marcado por desigualdades de toda a natureza. Para esse autor, há uma desproporção entre o saber e o fazer biblioteconômico, porque a profissão é vista como atividade técnica de apoio e não campo de saber.

Debates acadêmicos quanto ao perfil teórico mais adequado ao profissional bibliotecário e construções curriculares aplicáveis a escolas de Biblioteconomia têm sido temáticas predominantes e objeto de regulamentação contínua desde a legalização da Biblioteconomia⁴⁷ no Brasil. Porém, a tentativa das entidades de classe, não é apenas conciliar propostas de escolas com concepções tão distintas, mas combiná-las e adequá-las, de modo a não formar somente bibliotecários preparados tecnicamente, mas investidos de espírito crítico e atentos a novas realidades que se apresentam na contemporaneidade. Apreende-se que vivências, aptidões e iniciativas que são características de natureza pessoal, complementariam o perfil desse profissional da informação.

Na visão de Martins (*apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005) a compreensão e a conjugação das duas correntes são fundamentais para a formação de um profissional rico culturalmente e habilidoso nas técnicas biblioteconômicas. Infere-se que o bibliotecário deve ser preparado não somente para o perfil tecnicista, seguindo uma visão contemporânea, mas deve ser também um profissional culto e de natureza investigativa, conforme o modelo da Biblioteca de Alexandria. Destaca-se a grandiosidade das coleções em Alexandria⁴⁸ que pretendeu reunir em sua biblioteca diferentes expressões de todos os povos da Terra, o que é em princípio a ideia do controle bibliográfico universal idealizado, em meados do século XIX, por Paul Otlet e Henri Lafontaine⁴⁹.

De acordo com Souza (2012) a Biblioteconomia é a primeira disciplina a se preocupar com o tratamento da informação, na qual possui uma história dedicada à organização, preservação e uso dos registros do conhecimento. Lembramos que no Brasil a Biblioteconomia surge com a implantação das primeiras bibliotecas, e nelas está inserida a vertente técnica que ia se conformando naquele período. Ao longo dos anos, os currículos foram sofrendo alterações e atualizações. Na atualidade, dá-se ênfase a formação científica,

⁴⁷ A legislação básica referente à Ciência Biblioteconômica encontra-se no site do Conselho Federal de Biblioteconomia Brasileiro está disponível em: <<http://www.cfb.org.br/institucional/legislacao>>. Acesso em 18 mar. 2017.

⁴⁸ A Biblioteca de Alexandria era a maior na Antiguidade. Por lei, quem visitasse a cidade era obrigado a doar uma obra para a biblioteca. Quando um navio atracava na cidade, os comandantes eram obrigados a declarar as obras que se encontravam a bordo, que eram entregues aos copistas, que as copiavam em papiros. Algumas vezes os dirigentes devolviam as cópias e mantinham o original (CANFORA, 2008)

⁴⁹ A partir de 1931, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), passa a ser Instituto Internacional de Documentação (IID). A palavra documentação começa a ganhar espaço, durante o 1º congresso mundial em Paris (França) no ano de 1937. Em 1938 cria-se a Federação Internacional de Documentação (FID), com sede em Haia (SMIT, 1986).

acadêmica e ao uso de tecnologias. Entretanto os currículos incluem também conteúdos que lembram o caráter humanista e a natureza social da profissão.

Com o aparecimento da Documentação e a evolução da área biblioteconômica e suas afins, surge a Ciência da Informação que rompe com práticas que já não se mostravam o suficientemente, capazes de atender às necessidades bibliográficas e documentais⁵⁰ de uma sociedade marcada pelo surgimento de novas tecnologias (SOUZA, 2012).

As correntes históricas: Bibliografia, Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação se tratam de pensamentos respectivamente evolutivos, naturais e lineares em que uma teoria dá origem à outra, superando a anterior. De acordo com ORTEGA (2015) há cronologia entre elas, continuidades e assimilação de uma pela outra, propondo-se elementos novos e revendo os antigos.

Fonseca (1992) compreende que a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação têm objetivos diferentes. A biblioteca tem como missão salientar a democratização da cultura, através de bibliotecas públicas; a preservação e difusão do patrimônio bibliográfico de cada nação que seria a tarefa das bibliotecas nacionais e das bibliografias nacionais correntes e retrospectivas e o suporte documental ao ensino e a pesquisa oferecida pelas bibliotecas universitárias. À documentação compete o fornecimento de resumos de pesquisas em processos ou já concluídas, no que se refere a artigos, comunicações a congressos, relatórios, teses e patentes e, eventualmente traduções e reproduções desses documentos. A Ciência da Informação não vem substituir a documentação, pois seu objetivo seria estudar a gênese, a transformação e a utilização da informação (ORTEGA, 2015).

Buscamos contextualizar o conceito de informação ao seu registro em diferentes suportes documentais conforme a descrição:

Um conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada. (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 37).

⁵⁰ Um dos problemas da documentação e dos documentalistas era a inexistência de terminologia definitiva e consagrada, podendo ser denominados de: arquivistas, arquivologistas, Bibliotecários, biblioteconômo, bibliográfico, documentarista, documentalista, criptólo, documentador, técnico em documentação, especialista em documentação, coordenador de informação, especialista da informação, bibliotecário pesquisador, bibliotecário especial, bibliotecário técnico, analista da literatura, cientista da literatura, encarregado da comunicação científica – eis a emaranhada lista de títulos profissionais usados em vários países do mundo para designar aquele que se incumbe das diferentes fases da documentação (CASTRO, 2000, p. 145).

A informação por tratar-se de fenômeno básico da sociedade necessita ser registrada compartilhada e perpetuada em qualquer tipo de suporte para guardá-la nos lugares de memória.

Pinheiro (2002) afirma que:

[...] quando de fato a informação de que trata a Ciência da Informação, tanto pode estar num diálogo entre cientistas, em comunicação informal, numa inovação para o setor produtivo, em patente, numa fotografia ou objeto, no registro magnético de uma base de dados ou numa biblioteca virtual ou repositório, na Internet. (PINHEIRO, 2002, p. 2).

De acordo com Pinheiro (2002) a Ciência da Informação possui natureza interdisciplinar por causa da complexidade de seu objeto que é a informação. Destacamos que a informação registrada está tradicionalmente relacionada a documentos impressos e a bibliotecas.

É o bibliotecário, profissional de nível superior consolidado na década de 1950, que deve trazer em seu cerne as aptidões técnicas e humanísticas para lidar com o objeto informação em seus lugares de memória. Salientamos que os anos seguintes a 1950, novas oportunidades surgem para o aprimoramento das competências biblioteconômicas no Brasil.

O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) criaria o curso de especialização em 1954, denominado então Curso de Pesquisa Bibliográfica, como reflexo da fase ‘hegemônica’ da Documentação na Europa (PINHEIRO, 2002). O curso “Bibliografia Microbiológica” do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) ocorrido em 1957, mencionado no item conferências do currículo de Paulo de Góes (LIBERTO; CABRAL, 2013) reflete o espírito idealista do médico, bem como a autoridade do Instituto de Bibliografia, no que se refere, naqueles tempos, a uma atividade de caráter científico inovador que envolvia a Biblioteconomia e a Documentação (ODDONE, 2006).

De acordo com as concepções dos entrevistados presentes neste estudo, Paulo de Góes com seu olhar visionário compreendia que a consolidação do Instituto que ele criara demandava uma atualização constante de seu grupo. A biblioteca atuaria tal como um laboratório, um espaço que possibilitaria a dinâmica necessária ao crescimento da Microbiologia através da pesquisa científica. Das relações acadêmicas entre Paulo de Góes e outras personalidades citadas nesta pesquisa e que contribuiriam de forma definitiva para a formação da Ciência na universidade no Brasil, se descobriria um campo em crescimento realizado por personagens do universo da biblioteconomia e que também orbitavam a

Universidade do Brasil. Sob a direção de Lydia Sambaquy e a atuação de Célia Zaher, o IBBD participaria de forma definitiva na constituição de um centro de informação em microbiologia dentro na Universidade do Brasil.

6 O CENIM E O GRUPO DE MICROBIOLOGISTAS DA UFRJ

Os Anais de microbiologia foram objetos que compuseram parte dos documentos explorados e exibidos na exposição, como igualmente se tornaram fio condutor e objeto de pesquisa que trouxeram informações relevantes para a consecução desta pesquisa.

As memórias que narram a evolução do Instituto estão impressas nos Anais que se encontram acondicionados nas estantes da Biblioteca do Instituto de Microbiologia e da Biblioteca Central do Centro de Ciências em Saúde da UFRJ.

Concebidos por Paulo de Góes e idealizados durante a fundação do Instituto, se destinavam a expressar as atividades acadêmicas e administrativas da Instituição. Eram oferecidos como material para permuta com bibliotecas de outras Instituições. Dessa forma diferentes publicações poderiam compor e enriquecer o acervo da Biblioteca do Instituto, outras Instituições teriam acesso às atividades da microbiologia da UFRJ através dos Anais.

6.1 OS ANAIS DE MICROBIOLOGIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Anais constituem a literatura cinzenta. A expressão “literatura cinzenta” representa a publicação não convencional e semipublicada, produzida principalmente no âmbito governamental, acadêmico, comercial e da indústria. Os documentos dessa natureza possuem como características: baixa probabilidade de comercialização através dos canais usuais, pouca divulgação devido à pequena tiragem produzida pela própria instituição e possíveis lacunas de dados bibliográficos essenciais para identificação do documento (CAMPELLO 2003). Do latim *Annales*, “ano”, entendemos por anais uma forma concisa de registrar a história de um povo ou uma instituição, originalmente organizada, ano a ano. Por derivação passa a corresponder a uma publicação científica ou artística de frequência regular periódica, que registre memórias ou fatos pessoais. A editoração dos Anais de Microbiologia é considerada uma forma de comunicação científica de trabalhos realizados em uma determinada área do conhecimento. A concepção, a evolução e a funcionalidade da Microbiologia estão historiadas na publicação dessa natureza. Entretanto, apresenta como diferencial o registro de exercícios de ordem administrativa da Instituição (ANAIS..., 2003).

Algumas características dos Anais de Microbiologia correspondem à descrição da literatura feita por CAMPELLO (2000). A publicação era patrocinada pelas Fundações *Rockefeller* e *FORD*⁵¹, conforme informações indicadas nas suas folhas de rosto. A primeira publicação corresponde a 1951 e se encerra em 1982, sem interrupções. Os Anais apresentam dados bibliográficos e informações completas sobre os departamentos, com exceção da edição que corresponde ao ano de 1969, que reunia os resumos do 1º Congresso de Microbiologia ocorrido dentro do próprio Instituto de Microbiologia. A publicação se encerra em 1982, ano do falecimento de Paulo de Góes. Além de ser objeto de permuta, a reunião de artigos em uma publicação governamental possibilitava a disseminação científica entre Instituições quando havia morosidade na atualização das informações acadêmicas, justificados pelas poucas publicações nacionais existentes e por dificuldades com deslocamento terrestre e aéreo. Ao criar os Anais de Microbiologia, Paulo de Góes mostra-se novamente um profissional a frente do seu tempo (FRACALANZZA, 2016). Os Anais de Microbiologia de Microbiologia não são tão somente um objeto efêmero de análise para a preparação das comemorações referentes ao centenário, é um registro bibliográfico da produção científica entre os anos de 1951 e 1982 e também relatório sistematizado do funcionamento de departamentos e dos profissionais que fizeram parte do crescimento da microbiologia. A publicação é fonte de consulta permanente, seja por registrar a memória do Instituto de Microbiologia, seja por guardar parte significativa da sua produção científica.

Nos Anais há registros dos responsáveis pelos departamentos e laboratórios do Instituto desde a sua criação. Ítalo Suassuna, Milton Thiago de Mello, Célia Zaher, Carmen Olivia Cunha Lima, Antônio Carlos Peres da Silva, Marinalda de Arruda Melo Athayde, Maulori Curie Cabral, Sérgio Fracalanza e Dilma Cayres são nomes que estão listados nos Anais. São personalidades que fizeram e que fazem parte do IM em diferentes momentos e que se tornam agora entrevistados desta pesquisa.

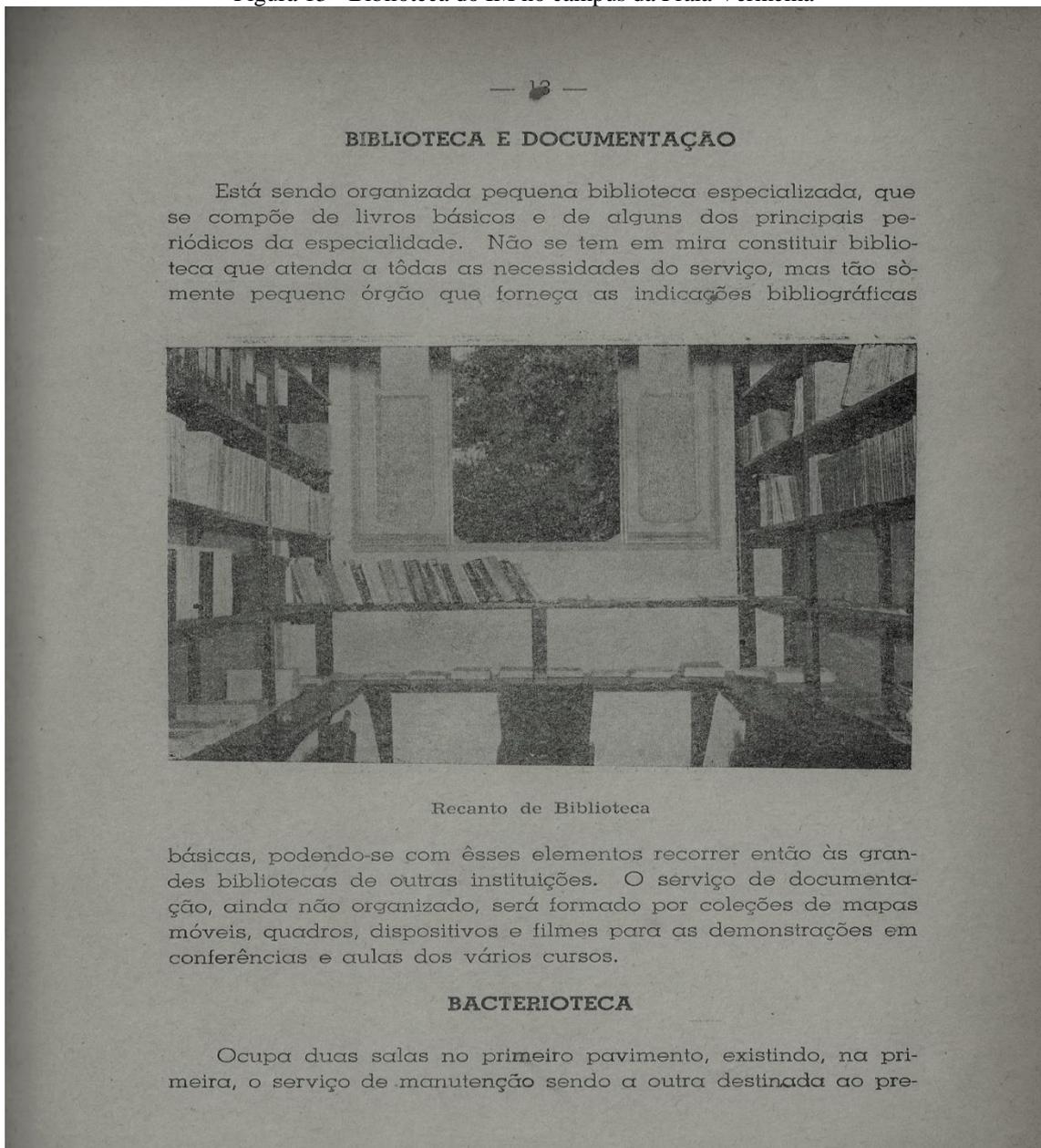
O desejo de Paulo de Góes em permutar os Anais para divulgar essa publicação e formar o acervo da Biblioteca da Microbiologia se reflete no catálogo que representa o acervo da *Library of Congress*. A formação da biblioteca do IM se deu a partir dos Anais da Microbiologia (SUASSUNA, 2016).

⁵¹FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 159-191, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S001152582006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio 2016.

O professor destaca que era uma publicação que contemplava informações científicas e administrativas da Unidade. Segundo ele os Anais foram uma publicação que Góes engendrou para permutar com outras Instituições e divulgar o Instituto. Criar e registrar nos Anais as realizações no Instituto desde a sua concepção demonstra o pensamento contemporâneo de Góes (SUASSUNA, 2016).

Nos Anais de 1951 conseguimos localizar um registro da primeira biblioteca com a descrição da formação de seu acervo. A ideia inicial seria constituir um pequeno órgão que atendesse as informações bibliográficas daquele corpo acadêmico.

Figura 13 - Biblioteca do IM no campus da Praia Vermelha



Fonte: Anais de Microbiologia, 1951, p.13.

O espaço identificado como “recanto da biblioteca”, expressa a sociabilidade como característica que se implantaria na biblioteca, conforme notado por cada um dos entrevistados desta pesquisa. Observa-se que o texto que descreve a missão da biblioteca nos anais do ano de 1951 aponta um local que atenderia o essencial daquele grupo, quando novas respostas poderiam ser obtidas em outros lugares, a partir dos elementos básicos levantados nesse espaço. A biblioteca ganha novos vultos e corporifica-se juntamente com Instituto de Microbiologia, Instituição que a abriga.

Segundo Fonseca (1992, p. 21) na visão original do sociólogo francês Victor Zoltowski: “a bibliografia é a ciência concreta que procura recensear o mundo dos livros na sua totalidade”. Góes na busca de arrolar a produção do grupo de microbiologistas, através de uma bibliografia especializada, visava divulgar o conteúdo bibliográfico na Universidade do Brasil em um período em que os canais para divulgação da ciência eram pouco comuns. Seria uma aproximação do trabalho de compilação das bibliografias realizadas no período do Renascimento, quando havia poucas obras, o que muda com o advento da imprensa de caracteres móveis (FONSECA, 1992). Portanto, a ideia de Paulo de Góes ao criar os Anais de Microbiologia era sistematizar e divulgar o que havia de pesquisa em microbiologia no país.

As publicações periódicas no Brasil eram escassas e a tarefa de publicar mais complicada. Os Anais funcionariam no começo do Instituto como um relatório das atividades da unidade, porém em meados de 1970, se atribui um caráter mais científico a publicação. Os Anais se encerram no ano de 1982⁵², o que abriria uma lacuna do registro de ações no Instituto pós Paulo de Góes. O professor Fracalanza (2016) expressa sua inquietação com a perda de parte da memória de um grupo. Ele sinaliza que sua geração é um vestígio do grupo formado por Góes (FRACALANZZA, 2016).

As pesquisas acerca das memórias do Instituto da Microbiologia para o centenário de Paulo de Góes conferem à Biblioteca do Instituto o próprio lugar de memória. Os campos da Microbiologia e Biblioteconomia se integram e anunciam expressivas transformações na década de 1960 em seus campos de saber no Brasil. A partir de pesquisas nos Anais de Microbiologia se reflete a história da Biblioteconomia no Brasil quando esta ciência se torna sujeito ativo no crescimento da microbiologia na UB.

Dentre as fontes orais que enriquecem a temática deste estudo, citamos a Professora Célia Zaher que revela as ações que dão início à concepção de um centro que se ocupa em dar

⁵² Ano do falecimento do professor Paulo de Góes (LIBERTO; CABRAL..., 2013).

suporte à formação científica da comunidade acadêmica, identifica ainda o caráter ativo de Paulo de Góes descrito por ela como um homem de natureza motivadora e bastante respeitado pelos pares (ZAHER, 2015).

O desejo de Paulo de Góes em fortalecer a pesquisa com informação científica está presente nos Anais, quando ele busca a assessoria profissional de Célia Ribeiro Zaher, bibliotecária que cria o Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia (CENIM). O CENIM é criado através da parceria entre o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e a Universidade do Brasil em convênio firmado em 05 de setembro de 1961 (ZAHER, 1968).

Na entrevista concedida a esta pesquisadora, Célia Zaher indica que levou profissionais para atuar no CENIM⁵³. Havia uma equipe composta por bibliotecários, auxiliares e por bolsistas da Medicina pagos pelo Instituto, que auxiliaria nos cruzamentos dos assuntos. Ela cita Carmen Olivia Cunha Souza, escolhida devido à experiência com a elaboração de bibliografias (ZAHER, 2015). A entrevistada indica que o CENIM foi concebido pela professora após negociações com Paulo de Góes em torno dos recursos tecnológicos e financeiros. Célia Zaher nos explica que a portaria transformava a Biblioteca em um “Centro Total”, sendo o regimento elaborado por ela. Sua função era a de assessoria, pois nessa época ela já era funcionária do IBBB, hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Os objetivos do CENIM seriam:

Difusão sistemática, entre os pesquisadores de informações concernentes aos seus problemas específicos, na forma de compilação de bibliografias correntes; Obtenção das respostas através de literatura específica; Elaboração de sínteses documentárias, ou trabalhos de revisão de assuntos atuais de grande valor para os estudiosos; Registro de todas as noções novas de interesse no domínio da microbiologia. (ZAHER, 1968, p. 117).

Para o enriquecimento dessa pesquisa vale citar o discurso do professor Sérgio Fracalanza, Diretor do Instituto entre 1994 e 1998, proferido durante as comemorações dos 60 (sessenta) anos do IMPPG em 2010. O CENIM é lembrado no trecho em uma passagem do livro “*O Centenário do Professor Paulo de Góes*”:

⁵³ Na entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira em 19/11/2015, os profissionais citados nas entrevistas, mas não nomeados estão relacionados nos Anais de Microbiologia entre os anos 1962 e 1968. São eles: Adelino de Jesus Ferreira, Antônio Carlos Peres da Silva, Carmen Olivia Cunha Souza, Celia Ribeiro Zaher, Duarte Ferreira, Lenize Pinto de Barros, Maria da Conceição Bravo da Silva, Maria Molina Rondon, Maria Mirolo Cussi, Maria Regina Braz da Silva, Myriam Tavares Kauss, Nícia Grillo e Vera Silva Ramalho.

Na década de 1960, o IM já apresentava uma organização modelar típica de uma grande unidade acadêmica. Ao lado dos setores administrativos, podia-se observar a Divisão de Ensino e o CENIM, que era o Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia. (LIBERTO; CABRAL, 2013, p. 126).

As propostas do CENIM eram a provisão de informações para a comunidade acadêmica através da elaboração de bibliografias especializadas, de fornecimento de cópias, da verificação de artigos no exterior e da preparação da Bibliografia Brasileira de Microbiologia. As informações de Célia Zaher são complementadas pelos Anais de Microbiologia, que expõem as atribuições do CENIM:

Organizar e divulgar toda a produção bibliográfica brasileira sobre Microbiologia; Manter cadastro atualizado dos pesquisadores (pessoas físicas ou entidades) no campo da Microbiologia, no país e no exterior; Compilar o Catálogo Coletivo Brasileiro de Microbiologia; Sistematizar, por processos mecânicos, as informações bibliográficas, referentes à Microbiologia; Prestar aos estudiosos e pesquisadores de Microbiologia as informações que lhe forem pelos mesmos, solicitadas; Divulgar as mais recentes realizações e descobertas no campo da Microbiologia, no país e no exterior; Manter intercâmbio de informações com entidades congêneres, no país e no exterior. (ANAIS..., 1961, p. 597).

A sugestão da compra desse equipamento alinhava custo acessível e modernidade para época. A ideia veio durante o intercâmbio profissional da professora na França (ZAHER, 2015). Ela acredita que o Instituto tenha custeado o equipamento, porque nesse período, a Universidade obteve parcerias com a Fundação *Ford e Rockefeller*⁵⁴. Estas duas Fundações são mencionadas nas publicações dos Anais, dentre outras, que contribuíram com fundos para a realização dos trabalhos do Instituto de Microbiologia (ANAIS..., 1962).

O alvo das atividades do CENIM eram pesquisadores e pós-graduandos com interesse em Microbiologia. A professora sinaliza que não havia condições do IBBD em preparar bibliografias especializadas em microbiologia, por esta ser fragmentada em várias áreas do conhecimento como Medicina, Farmácia e Química. Portanto uma parceria do Instituto com o IBBD atenderia os objetivos de Paulo de Góes. O acordo de cooperação assinado por Pedro

⁵⁴ FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 159-191, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S001152582006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio 2016.

Calmon e Lydia de Queiróz Sambaquy torna o IBBD parceiro na direção e orientação dos serviços do recém-criado CENIM (ANAIS..., 1961).

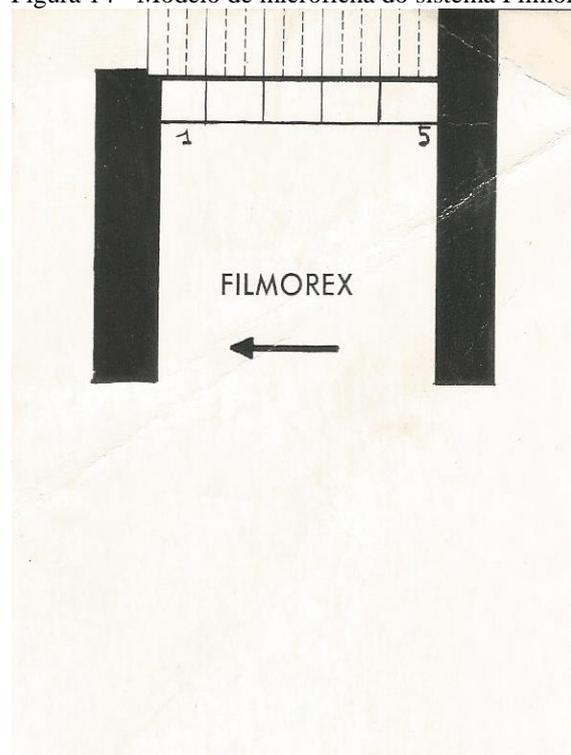
O CENIM, nesta ocasião, elabora um Catálogo Coletivo de Microbiologia, no qual inclui 85 (oitenta e cinco) revistas nacionais que publicam trabalhos da especialidade (ANAIS..., 1962).

Nesse processo infere-se a colaboração do IBBD através do trecho informando que: “atendendo a requisições diversas foram fornecidas 42 microfilmes ou reproduções fotográficas para o que se contou com a ajuda dos laboratórios fotográficos do IBBD [...]” (ANAIS..., 1962, p.178).

O IBBD desde a sua formação já mostrava ser um Instituto contemporâneo e influente, que contribuía de forma dinâmica para o crescimento da ciência no Brasil. Em 1958, O IBBD patrocina um curso sobre mecanização da informação, que ocorre na Sociedade Nacional de Agricultura, na cidade do Rio de Janeiro. O seminário seria realizado por Jacques Samain, Cientista francês que desenvolveu a técnica Filmorex (microfichas) para a seleção eletrônica de documentos (ELETRÔNICA..., 1958, p.10).

Durante as pesquisas realizadas para a consecução deste trabalho foi encontrado uma ficha do sistema Filmorex dentro de um volume dos Anais de Microbiologia conforme ilustração a seguir:

Figura 14 - Modelo de microficha do sistema Filmorex



Fonte: Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, 2015.

De acordo com as descrições de Zaher (1968) cada documento teria o registro em quantas fichas fossem necessárias a conceituar as ideias principais ou autores. As microfichas eram apresentadas em películas e posteriormente fotografadas na Câmara Filmorex, registrando simultaneamente por meio de duas objetivas, o texto e as coordenadas do documento. Constituía ao fim uma microficha, que após a revelação e corte, teria registrado uma informação representativa de um documento.

Segundo Zaher (1968), a impressão de cada ficha apresentaria:

Um índice de classificação que indica a rubrica sob a qual a microficha será arrumada no fichário e que pode se apresentar como um nome de autor ou de uma ideia chave, constituída por diversas palavras das quais, uma é a palavra principal e que terminará a ordem alfabética; um campo de codificação, representando, na forma de quadrados pretos e brancos, as coordenadas gerais codificadas, que será constante em todas as microfichas do mesmo documento; uma informação registrada em claro, que constitui o número de registro do documento, o texto microfotografado do resumo ou o texto microfotografado do próprio documento. (ZAHER, 1968, p. 119).

As microfichas disponibilizadas em uma única ordem alfabética no fichário central, e segundo um índice de classificação, formariam um microdossier, que seria a reunião de microfichas referentes a determinado assunto ou autor (ZAHER, 1968). As microfichas que compõem o microdossier seriam colocadas no seletor Filmorex. Através de uma ou mais coordenações, a máquina seleciona automaticamente as fichas com a temática desejada. Zaher (1968, p. 122) explica que “a seleção é feita por intermédio de células fotoelétricas que permitem a leitura do código existente na microficha”. As fichas poderiam ser lidas quando projetadas em pequena tela existente no Seletor Filmorex.

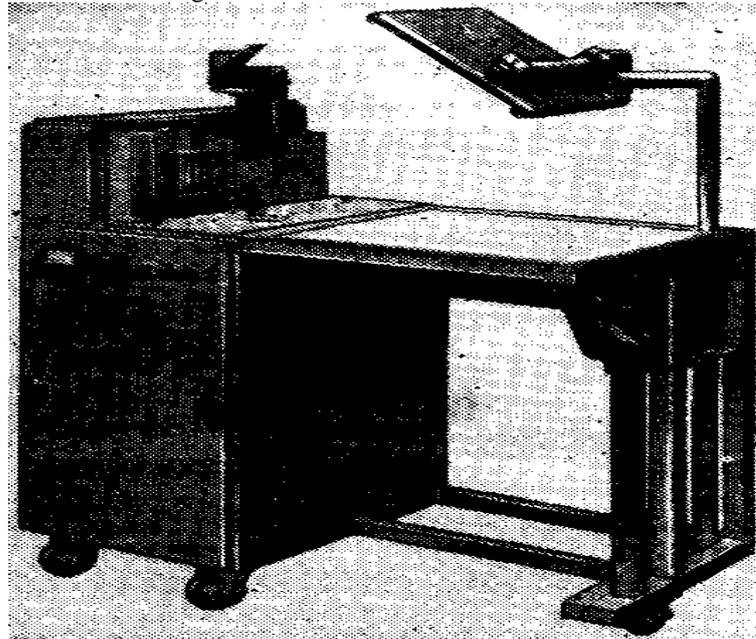
Na obra de Mikhailov (1965) o equipamento Filmorex é entendido como um conjunto dos meios técnicos para busca automática da informação previamente documentada. Cada um deles tem duas zonas: uma para microimagem do documento, outra para o código da imagem da busca.

Mikhailov (1965) descreve que o processo de funcionamento consistiria no recorte e fixação de cada artigo a uma folha de papel com a data de aquisição e o número do artigo. Em seguida, os artigos passariam a ser microfilmados; cada artigo possuía o seu próprio micro cartão. Depois de fotografar os documentos, uma película fotográfica seguiria automaticamente para a máquina reveladora. Dentro da máquina Filmorex os micros cartões passam da área de corte à área do transporte e ficam enfiados nos eixos. Os eixos cheios de micro cartões passariam no arquivo geral.

Para fazer buscas automáticas segundo os descritores fabricar-se-ia um espelho com códigos de descritores escolhidos. O espelho seria um pedaço do filme negro perfurado, no qual a perfuração comporte os códigos complementares dos descritores.

As imagens de máquinas Filmorex que estão aqui reproduzidas se encontram na obra de Mikhailov (1965), teórico que explora as ideias sobre o termo informação científica.

Figura 15 - Modelo do sistema Filmorex



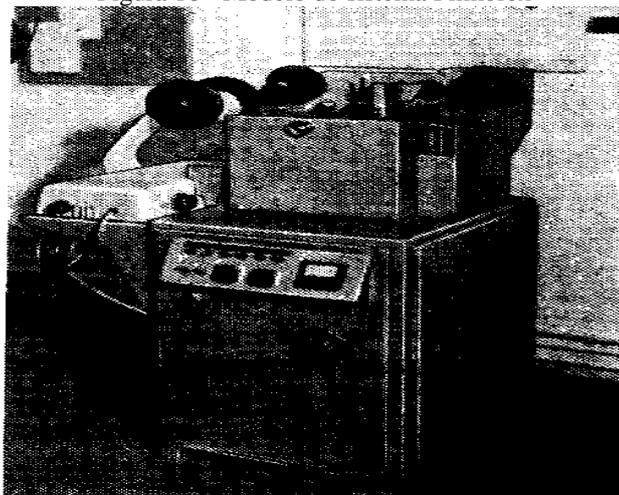
Fonte: Mikhailov, 1965, p. 70-71

O breve resumo das máquinas Filmorex por Mikhailov (1965) e Zaher (1968) compreendem processos semelhantes de funcionamento. No entanto, as duas imagens representadas nesta pesquisa possuem aspectos distintos de estrutura.

Não foi possível identificar junto aos entrevistados uma semelhança dessas imagens à máquina adquirida pelo Instituto de Microbiologia. Deduzimos que a máquina possa ter sido acondicionada e esquecida em algum espaço do *campus* da Praia vermelha, pela obsolescência e pela tecnologia que rapidamente seria ultrapassada.

No que se refere a essa tecnologia, o CENIM torna-se uma experiência pioneira no Brasil por ser um serviço que colocava a disposição uma maior seleção bibliográfica e de mecanização da reprodução documentária, através de máquinas do Sistema Filmorex que “compreende uma câmara, um seletor e uma câmara – reveladora – reprodutora ou *Photolisting*” (ZAHER, 1968, p. 117).

Figura 16 - Modelo do sistema Filmorex



Fonte: Mikhailov, 1965, p. 70-71.

Mikhailov (1980) afirma que os debates que tratavam das diferenças existentes em atividades de informação científica e suas formas correspondentes de trabalho, a Biblioteconomia, Bibliografia e a Documentação, essa como parte da informação científica, eram argumentos passados.

Para Mikhailov (1980) o conceito informação científica é tema complexo, que envolve a informática como suporte físico, a natureza social, semântica e linguística da informação científica, bem como o valor ou a utilidade dessa informação. Para compreensão dos fenômenos em torno do termo informação científica, o teórico enfatiza que a palavra informação, significa em seu texto, informação científica. A palavra informação seria adotada em relação à informação científica algumas vezes, ainda em substituição à Documentação (PINHEIRO, 2002).

As estruturas da informação científica estariam subdivididas em: a informação sobre fatos científicos; a informação sobre hipóteses científicas, conceitos e teorias elucidativas, que promoveriam a interação entre fatos científicos; a informação que combina hipóteses, conceitos, teorias e leis que formam o fundamento de uma determinada ciência e por último a informação que reflete e forma uma abordagem comum do conhecimento e transformação do mundo que nos cerca (SIFOROV, 1970 apud MIKHAILOV, 1980).

A informação científica para Mikhailov (1980) seria de natureza não material, mas mesmo assim não poderia ser separada de um suporte físico ou revestimento material. A informação científica possuiria natureza ideal, que demandaria atividade cognitiva de toda a sociedade humana. A informação científica seria semântica por causa do campo conceitual, que caracterizava a informação pelo conteúdo. A natureza linguística da informação científica se devia a sua conceituação como resultado de um pensamento universalizado e abstrato,

representado ao fim pela linguagem. O valor da informação se caracterizaria pela modificação do comportamento do receptor em relação a ela e ao controle sobre uma tomada de decisão. A informação não poderia existir de forma separada da linguagem. Devido à natureza linguística, a informação científica poderia ser registrada nos diversos suportes físicos com o objetivo a transmiti-la no tempo e no espaço (MIKHAILOV, 1980).

A informação científica é base e insumo para a pesquisa científica e tecnológica do país. De acordo com Kuramoto (2006) esse tipo de informação tem como resultado as pesquisas científicas divulgadas à comunidade por meio de publicações periódicas (KURAMOTO, 2006). Um dos objetivos dos Anais da Microbiologia, publicados pela primeira vez em 1951, seria a divulgação de pesquisas científicas realizadas nos laboratórios do Pavilhão de Microbiologia. Era uma ação que já apresentava o pensamento contemporâneo de Paulo de Góes.

Em matéria de informação científica, Góes (1976) alerta que o mais importante não era o que já havia sido publicado, pois processos de pesquisa em andamento ou em perspectiva de publicação seriam de mais alta relevância. Lembra-se de ver trabalhos sobre pesquisas científicas no *Smithsonian Institution Scientific Information*, Instituto localizado em Washington (EUA). Esse Instituto estocaria em computadores, os sumários das pesquisas realizadas no país, que continham, por exemplo, ementas do trabalho, material, métodos e objetivos (GÓES, 1976). Faz-se aqui um paralelo a estoques de informação existentes sobre os microbiologistas e pesquisas desenvolvidas por esses cientistas no Instituto de Microbiologia. Informações biográficas e bibliográficas eram arroladas e organizadas em fichas, além do cadastramento de Instituições de Pesquisas existentes no Brasil. Essas atividades eram uma das atribuições do CENIM descritas nos Anais (1964; 1965).

Pinheiro (2002) informa que A. L. Mikhailov seria um dos primeiros e grandes teóricos da Ciência da Informação ao abordar as finalidades e problemas da informação científica. Ao introduzir o termo “informação científica” ao nome CENIM, a Dra. Célia Zaher, professora e posteriormente diretora do IBBD fora inspirada pela literatura internacional que abordava o tema.

Célia Zaher, bibliotecária com trajetória nacional e internacional, inicia sua atuação no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) em 1954 como professora de pesquisa bibliográfica (ZAHER, 1995). Tem seu nome associado ao CENIM nas folhas de rosto dos Anais a partir de 1962 (ANAIS..., 1962).

Célia Zaher projeta o CENIM, centro que tem a marca de outros tempos, mas que deixa nos registros sua importância na formação da pesquisa científica na área da

Microbiologia. O outro Instituto, o IBBD, atualmente IBICT, emerge neste estudo, como Instituição parceira que dá base ao desenvolvimento acadêmico na Universidade do Brasil.

A cooperação do IBBD e a integração profissional de Célia Zaher às atividades acadêmicas no Instituto de Microbiologia indicam que esta unidade esteve direcionada à interação entre ensino, qualidade da pesquisa e informação científica em parceria com o campo biblioteconômico e a estudos da ciência da informação. Formar um centro único de apoio à informação científica e à pesquisa acadêmica ia além de constituir uma biblioteca que tão somente disponibilizasse material de consulta para o corpo acadêmico.

A professora Célia Zaher sugere uma investigação para confirmar se ocorreu o Curso de Iniciação Bibliográfica planejado por ela para ser implantado não só na Pós-Graduação do Instituto, como em toda a Universidade. Os temas do curso seriam: a utilização e a finalidade da Biblioteca Especializada, a Técnica de Pesquisa Bibliográfica, as Fontes Bibliográficas de Microbiologia, a Terminologia Bibliográfica e Elaboração e a Apresentação de Trabalhos Científicos (ZAHER, 1968). A ideia era oferecer aos pesquisadores a capacitação necessária à realização de um trabalho científico com qualidade (ZAHER, 2015).

Uma das atividades desenvolvidas pelo Instituto de Microbiologia foi o Curso de Técnica Bibliográfica para o CEM (ANAIS..., 1962). Os anais publicados em 1964 anunciam que naquele ano foram realizadas oito aulas como parte do programa do Curso de Especialização em Microbiologia (ANAIS..., 1964). Em 1965, o curso de orientação bibliográfica na sua forma extensiva não aconteceu devido à falta de horário do CEM, porém aulas foram ministradas para orientação de alunos no que se referia a técnicas de informação, a consulta de fontes de referência e transcrição bibliográfica (ANAIS..., 1965). O binômio 1966/1967 proporcionaria orientação sobre técnicas de informação (ANAIS..., 1966, 1967). Há informações sobre as atividades da Biblioteca e CENIM, mas não há informações relacionadas a aulas no curso CEM no ano de 1968. A partir das informações nos Anais, percebemos que houve orientação bibliográfica em diferentes formatos de expressão. No ano de 1965, a bibliotecária Magda Schieck Chaves Lopes (BRASIL, 1971)⁵⁵ chefiava o CENIM, quando na obra Universidade do Brasil: [atual] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1948-1966 é apresentada a trajetória e descrição dos departamentos de cada unidade da UFRJ (UNIVERSIDADE..., 1966).

⁵⁵ Magda Schieck Chaves Lopes era bibliotecária-chefe do Serviço de Aquisição e Preparação da Biblioteca do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) em 1965 e Professora Adjunta de Catalogação e Classificação na Escola de Biblioteconomia e Documentação da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara, desde 1968 (BRASIL, 1971, p. 181).

Durante a entrevista, a professora Célia descreve as características de algumas personalidades com as quais ela conviveu: a produtividade de Deolindo Couto e a sagacidade de Pedro Calmon. Amadeu Cury, colaborador de Góes na criação do Instituto, seria o amigo que a apresentou ao fundador do Instituto. Personalidades que fizeram história e colaboraram no fortalecimento do ensino e da pesquisa no Brasil, que além da convivência com Paulo de Góes, são testemunhas de fatos que ocorreram na Universidade. (ZAHER, 2015). Segundo Célia Zaher, esses indivíduos se comunicavam e assim passavam as informações entre si, o que talvez explique a sua participação no Instituto. Além de Zaher (2015), todos os entrevistados afirmam que a biblioteca era espaço privilegiado para Paulo de Góes.

O Rei Baudouin da Bélgica em sua passagem pelo Brasil no ano de 1960 (CONDECORADO..., 1960) visita o Instituto de Microbiologia. Paulo de Góes acompanhado por Pedro Calmon leva o visitante a conhecer as instalações da biblioteca da unidade.

Figura 17 - Paulo de Góes e Pedro Calmon na Biblioteca do Instituto de Microbiologia, [196?]



Fonte: Coleção da Biblioteca Pedro Calmon do Fórum de Ciência e Cultura (BPC/FCC/UFRJ)

Pedro Calmon foi uma personalidade citada com frequência por Célia Zaher na sua entrevista (ZAHER, 2015). Era profissional influente na Universidade por causa dos cargos ocupados. Era figura próxima a Paulo de Góes e a outros atores. Juntos esses cientistas realizariam mudanças importantes na UB (CHAGAS FILHO, 2000).

Vale reafirmar que a história do CENIM, bem como os nomes dos colaboradores citados durante as entrevistas realizadas com Célia Zaher, Carmen Olivia Cunha Souza Antônio Carlos Peres, Ítalo Suassuna estão arrolados nos Anais de Microbiologia, umas das fontes que orienta a investigação sobre a memória desse campo na Microbiologia da UFRJ.

A Sra. Carmen Olivia Cunha Souza inicia sua jornada como bibliotecária no Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil a partir de 1961. Ali Carmen Olivia começa a desenvolver suas atividades laborativas enquanto estudava o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (BN). Ela ressalta que era o único existente. A Sra. Carmen relata que chega ao Instituto através de uma prima que seria amiga de Célia Zaher, bibliotecária que começara a criar o Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia (CENIM) na Universidade do Brasil (SOUZA, 2016).

A Sra. Carmen Lúcia relata que terminara seu curso na BN em 1962, mas que muito do que ouvia no curso teria aprendido na prática com sua vivência no CENIM desde o ano anterior. O Instituto de Microbiologia daquela época ficava na Praia Vermelha, quando ainda era Universidade do Brasil (SOUZA, 2016).

Souza (2016) afirma que Célia Zaher com seu dinamismo e Paulo de Góes com seu olhar visionário traziam para o CENIM uma efervescência positiva através de pesquisas e conferências. O acervo era organizado e as pesquisas eram executadas de forma simultânea, pois na biblioteca haveria apenas Dona Maria Rondon, profissional competente naquilo que realizava, mas que não se interessaria pelos horizontes que Celia Zaher queria abrir (SOUZA, 2016). O interesse que se despertava na entrevistada motivou Zaher a treiná-la no trabalho que se desenvolveria com a Filmorex (SOUZA, 2016). A Sra. Carmen Olivia descreve a Filmorex como uma máquina de recuperação da informação criada na França por um pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), Jacques Samain. Samain esteve no Brasil e seria ajudado por Jacques Danon, que a entrevistada afirma ter conhecido no momento em que foi treinada por ele (SOUZA, 2016). A máquina chegaria durante o período que Carmen teria começado no IM (SOUZA, 2016). Nesse início a entrevistada colaborava na organização da biblioteca com registro de livros e periódicos, além da classificação, catalogação e encadernação (SOUZA, 2016).

A Sra. Carmen afirma ter manuseado o Filmorex apesar de lembrar-se pouco desse momento. Célia Zaher seria a pessoa a trazer a ideia e manusear o Filmorex, sempre apoiada por Paulo de Góes (SOUZA, 2016). As bibliotecárias Carmen e Célia realizariam demonstrações para diretores de institutos médicos, de pesquisas médicas, em biologia e infectologia, áreas vinculadas à microbiologia. Essas ações seriam uma forma de despertar o interesse dos pesquisadores céticos em relação a novas tecnologias (SOUZA, 2016).

Entretanto, a área científico-tecnológica seria o campo da Biblioteconomia e Documentação mais atraente para o grupo que trabalhava com Paulo de Góes. Segundo a entrevistada o objetivo do patrono do IM seria armazenar e guardar rapidamente, toda

informação em microbiologia, que começaria pelo conteúdo nacional e estenderia ao conteúdo internacional (SOUZA, 2016).

Souza (2016) lembra que o equipamento era basicamente composto por duas câmeras. Uma câmera maior seria a principal e sua função era fotografar o material. A segunda câmera seria uma máquina reveladora. O processo de levantamento se daria por meio do cruzamento de assuntos, que recuperaria os artigos fotografados na primeira máquina a partir de uma espécie de registro de termos de busca. Segundo Souza (2016) as bibliotecárias chamavam esse processo de *Information Retrieval*. A entrevistada se recorda que lera dois ou três livros sobre *Information Retrieval* e afirma haver pouca bibliografia sobre o assunto naquela época (SOUZA, 2016). No contexto do estímulo à pesquisa e a tecnologia, o processo de recuperação da informação estudava métodos para o tratamento automático da informação, que envolveria a aplicação de métodos computacionais no tratamento e recuperação da informação (SIQUEIRA, 2010).

A bibliotecária (SOUZA, 2016) confirma que uma das propostas que a Dra. Célia colocara para o CENIM era a criação da Bibliografia Nacional em Microbiologia, mas isso não se concretizaria. Foi iniciada uma pesquisa sobre o assunto, no momento que o IBBD estava implementando o Catálogo Coletivo Nacional. Entretanto, reunir toda microbiologia era tarefa impossível pela fragmentação do campo, estudado nas diferentes áreas do conhecimento (SOUZA, 2016). Fontes como o Instituto Evandro Chagas, Instituto Goeldi e Fiocruz eram usados para o levantamento da bibliografia em microbiologia. Portanto, a Bibliografia Brasileira em Microbiologia esteve dentro do projeto Filmorex, mas não avançaria.

Souza (2016) revela que o trabalho com o Filmorex era enorme e, sobretudo humano, portanto houve um planejamento para implantação de metodologias. Ficaria decidido o armazenamento apenas de resumos de artigos. Para isso era preciso identificar profissionais da medicina que fizessem resumos de artigos em microbiologia. Na época uma médica italiana seria contratada para elaborar bibliografias e resumos. Tempos depois, enquanto a entrevistada saía do Instituto, o médico Antônio Carlos Peres da Silva assumiria essa função (SOUZA, 2016).

A bibliotecária (SOUZA, 2016) revela que teria sido assinado um convênio entre o IBBD e a UB para a criação do CENIM. O IBBD era representado pela Sra. Lydíia Sambaquy, presidente da Instituição e a UB pelo professor Paulo de Góes, diretor do Instituto de Microbiologia e por Pedro Calmon, Reitor da Universidade. A entrevistada se recorda que no ano de 1964 haveria um problema administrativo em relação ao acordo que a tiraria do

CENIM e a levaria ao IBBD. A Sra. Lúcia a colocaria no departamento de processamento técnico do Instituto Brasileiro. A ruptura imediata não agradaria a entrevistada devido à mudança na atividade biblioteconômica (SOUZA, 2016).

A pesquisa bibliográfica e de recuperação de informação técnico-científica seria substituída pela catalogação. Cerca de um ano depois, Célia Zaher voltaria para o IBBD também e convidaria a Sra. Carmen a trabalhar com ela na pesquisa bibliográfica. Souza (2016) acredita que houve um término de convênio.

Nos Anais (1964) há informações sobre um levantamento realizado para a publicação da Bibliografia Brasileira de Microbiologia. O período do levantamento compreenderia os anos de 1957 a 1962 e teria como resultado 3.000 referências. A pesquisa em torno dos periódicos publicados em 1964 já havia se iniciado. Em 1965 (ANAIIS..., 1965) justifica-se que a não publicação dessa bibliografia se devia a falta de verbas. Porém, a meta para 1965 seria o levantamento entre os anos de 1963 a 1965. A partir de 1966, os Anais não fazem mais menção a Bibliografia Brasileira de Microbiologia. A elaboração da bibliografia se iniciaria então em 1963 e parecia ganhar impulso a partir de 1964, entretanto as verbas não foram disponibilizadas para a concretização do projeto, tal como a ausência de verbas faria declinarem os planos para o IBBD, conforme afirma Oddone (2006).

Um dado importante sobre as ações do educador Paulo de Góes se refere a suas vivências como dirigente do Programa da *Pan American Health Organization* (PAHO). Entre 1964 e 1965, Góes, com apoio de Carlos Chagas Filho candidatava o Instituto de Microbiologia a ser sede de uma Biblioteca Regional de Medicina para a América Latina. O Brasil seria o país escolhido para ser sede da Bireme, atual Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, e antiga Biblioteca Regional de Medicina (PIRES-ALVES, 2005).

Segundo Pires-Alves (2005) o Comitê, formado por especialistas da *National Library of Medicine (USA)*, visitou o IBBD, o Instituto Oswaldo Cruz (IOC), o Instituto de Microbiologia e a Faculdade de Medicina (UB). Paulo de Góes se movimentou de modo firme a levar a nova proposta para as instalações da UFRJ. O Diretor do IM preparou um documento que estruturava normas de funcionamento de Centros de Pesquisa e Treinamento Avançado em campos especializados. Recursos de pesquisa na área de específica de especialização; de pesquisa de metodologias e desenvolvimento de recursos pedagógicos, que incluiria recursos áudios-visuais e área dedicada à documentação e informação científica. Para isso deveria haver uma biblioteca completa coleção de periódicos (GÓES, 1965). A estratégia adotada por Góes conferia à possibilidade de sediar um centro bibliográfico latino-americano

dentro UFRJ como vantagem para a unidade. Entretanto, durante a visita a Instituições no Rio de Janeiro, o Comitê considerou que suas bibliotecas⁵⁶ não poderiam arcar com novas responsabilidades, devido a problemas de ordem interna (PIRES-ALVES, 2005).

Em relação à atuação do IBBD, a entrevistada Carmen Olivia informa que esta Instituição continuava a impulsionar suas ações na formação de profissionais da informação. Havia um Curso de Especialização em Biblioteconomia, que viria logo após a graduação. Enquanto esteve no IBBD Souza (2016) realizaria o curso de especialização em documentação científica (CDC) entre 1962 e 1963. Seria mais um convênio entre o IBBD e a UB. A bibliotecária se recorda da convivência com profissionais de outros estados do Brasil que vinham se especializar durante um ano inteiro (SOUZA, 2016). O IBBD era um grande centro de tudo que estivesse relacionado à documentação científica e tecnológica⁵⁷. Uma área que abriria os horizontes da Biblioteconomia e seduziria a entrevistada (SOUZA, 2016), que consideraria trabalhar nessa área e não em processamento técnico comum a biblioteconomia tal qual a catalogação (SOUZA, 2016).

O casamento ocorrido em 1966 levaria a Sra. Carmen a viver em Brasília (BSB). Em BSB ela seria convidada a trabalhar na Universidade de Brasília (UNB) pela direção da escola da Biblioteconomia em decorrência de sua especialização no IBBD (SOUZA, 2016). Souza (2016) elogia a Biblioteca central da UNB⁵⁸ e ressalta que ela era famosa. Uma biblioteca modelo em termos de arquitetura e contemporânea por um armazenamento moderníssimo de conservação. A entrevistada recusa o convite para dar aulas de organização de bibliotecas devido à carreira diplomática do cônjuge (SOUZA, 2016).

Nesse período seu marido trabalharia como secretário particular no Gabinete do presidente Castelo Branco. A Sra. Carmen descreve o presidente como homem preparado, não só em termos militares, mas como grande estrategista. Teria sido um dos líderes do grupo brasileiro dos Soldados da Força Extraordinária Brasileira e junto a generais americanos

⁵⁶ No fim, seria instalada em São Paulo, a sede da Biblioteca Regional de Medicina. Entre os critérios, destacamos no estudo de Pires-Alves (2005), o modelo biblioteconômico paulista, que foi construído com base na escola norte-americana.

⁵⁷ A Ciência da Informação rompia, no Brasil e no mundo, com práticas que não se mostravam competentes para atender às necessidades bibliográficas e documentais marcadas pela explosão tecnológica e de uma comunidade científica em processo de crescimento constante. A ciência da informação era um campo novo que acompanhava as mudanças no mundo e posicionava-se também de forma diferente (PINHEIRO, 2002 apud Oddone, 2006).

⁵⁸ A Biblioteca Central da Universidade de Brasília foi criada, em 1962, opondo-se à tradição da época de múltiplas bibliotecas dispersas nas várias unidades de ensino das universidades – um sistema oneroso que gerava duplicações desnecessárias de acervo e de processos técnicos e administrativos. Desde então, percorreu uma trajetória ímpar de mudanças, recuos e avanços. Considerado um centro de subversão, em 9 de abril de 1964, o campus da UnB foi invadido pela Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Todo material passível de investigação foi coletado e armazenado na Biblioteca Central, a qual foi interditada e permaneceu fechada mesmo após a liberação do restante do campus. Sobre a BCE. Disponível em: <<http://www.bce.unb.br/sobre-a-bce/>>. Acesso em: 09 mar. 2007.

durante a segunda guerra, Castelo Branco era literato, conhecia bem música e teatro (SOUZA, 2016). De acordo com as informações de Souza (2016) a ideia do então presidente seriam eleições livres, o mais breve possível, o que não ocorreu. A entrevistada considera que o verdadeiro golpe teria sido a época do AI-5, o que seria chamado antes de ditadura, seria a revolução (SOUZA, 2016). Castelo Branco não permaneceria no governo, o que motivaria a entrevistada a sair do Brasil junto com o marido em 1967 (SOUZA, 2016).

Perguntada sobre as motivações que levariam ao fim do CENIM, Souza (2016) não crê em motivação política. O CENIM compreendia parte importante, que era o trabalho de recuperação da informação, mas não funcionava a pleno vapor, quando a entrevistadora saía do IM. O projeto Filmorex seria descontinuado, talvez pelo desenvolvimento muito rápido da tecnologia. O CENIM foi um projeto que falhou entre receber o material, reunir equipe e programar as atividades para o desenvolvimento do projeto. Logo depois surgiram os sinais das primeiras bases de dados (SOUZA, 2016).

A entrevistada (SOUZA, 2016) vê nomes de pessoas que trabalharam no CENIM e se Lembra de Lenize Pinto de Barros que fazia Faculdade de Filosofia. Ela trabalharia escondida no CENIM e ninguém falava no assunto (SOUZA, 2016). A Sra. Carmen considera a possibilidade de alguém ter pedido a Célia Zaher (SOUZA, 2016). A médica Nícia Grillo, seria sobrinha da Dona Lídia Sambaquy. Pessoas de pensamento esquerdista. A entrevistada aponta que, neste período, os alunos eram realmente politizados. Influências e ideias perturbadoras (SOUZA, 2016).

Para ela, a ideologia de Paulo de Góes seria focada na ciência, assim como a de Célia e do próprio IBBD (SOUZA, 2016). Sobre Sambaquy, Souza (2016) não pode afirmar porque havia pessoas ligadas a ela que foram comprometidas com a política dos anos de 1960. A própria Lydia era considerada uma progressista avançada, centrada no desenvolvimento. Trabalhava no IBBD, mas sairia tempos depois (SOUZA, 2016).

Sobre as personalidades com quem conviveu, a Sra. Carmen Olivia relata que Célia Zaher torna-se íntima porque as duas conviveriam em ambiente diplomático, já que Carmen se tornara esposa de um diplomata, tal como uma irmã de Célia. A pesquisadora era filha de um educador, dono de um excelente colégio no Rio de Janeiro, o que talvez explicasse a competência da filha para a área da educação (SOUZA, 2016). A entrevistada confessa que aprendeu bem o ofício com Zaher com quem conviveria profissionalmente até o ano de 1966. A figura de Lydia Sambaquy também impressionaria a entrevistada por ser uma mulher que teria profundo conhecimento sobre o funcionamento do serviço público (SOUZA, 2016).

A Sra. Carmen (SOUZA, 2016) informa que Paulo de Góes arrumava os recursos para investir na biblioteca e que haveria muito contato com o Itamaraty nesse período. Góes (SOUZA, 2016) era personalidade muito influente nessa época. As compras de periódicos eram realizadas em dólar. Amadeu Cury era o responsável pelo serviço de aquisição da biblioteca. Na renovação de assinaturas, Célia ou Carmen se reuniam com ele para a seleção do acervo (SOUZA, 2016).

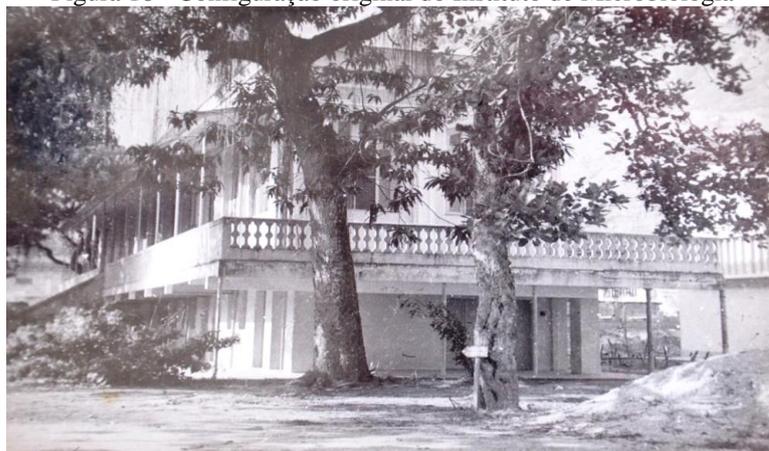
Souza (2016) se lembra de Amadeu Cury ser parceiro de Góes na construção do Instituto e de ser vice-diretor do Instituto. Cuidaria da área administrativa com muita competência. Já Paulo de Góes era um cérebro em ebulição permanente e em Célia habitava o temperamento muito entusiasmado pelo progresso, que era colocado em uma realidade de qualidade possível. A entrevistada revela ser um período enriquecedor para ela como profissional no CENIM (SOUZA, 2016).

Sobre outras personalidades que tenham se destacado dentro do Instituto, a entrevistada rememora os nomes de Dr. Ítalo, Dr. Fuks, Dr. Travassos e Dr. Cury, que interagiam com a biblioteca. Havia um grupo de pesquisadores daquela época e também estudantes da Farmácia, Medicina e de outros estados brasileiros além de pesquisadores estrangeiros no IM (SOUZA, 2016). O Instituto também não era grande, de modo que usavam a biblioteca como ponto de encontro para debater algum assunto de interesse do Instituto. Eles eram pesquisadores entusiasmados que iam a biblioteca pesquisar e se encontrar. A biblioteca poderia ser encarada como espaço de sociabilização (SOUZA, 2016).

A bibliotecária entende que houve progresso na ciência pelas mãos de Paulo de Góes, homem severo, porém muito competente. O Instituto com o entusiasmo de Paulo de Góes tornava o prédio pequeno (SOUZA, 2016). Era bem localizado, no *campus* da Universidade. A única estranheza eram os pacientes do Pinel, que passeavam por ali, pelo *Campus* livremente. Fato que não incomodava a entrevistada (SOUZA, 2016). Ela se recorda de um espaço externo agradável. Para a entrevistada seria um paraíso cercado de árvores centenárias ao redor do Instituto (SOUZA, 2016).

Algumas fotografias foram cedidas pela família Góes para a montagem da exposição do centenário do patrono do Instituto de Microbiologia. A fotografia a seguir é de acordo com Góes (2016) a ala do antigo refeitório do Hospital dos Alienados prédio original do Instituto de Microbiologia, quando ele entra em obras para a instalação do Instituto. A imagem de um ambiente arborizado também corresponde ao relato da entrevista Carmen Olivia (SOUZA, 2016).

Figura 18 - Configuração original do Instituto de Microbiologia



Fonte: Família Góes, 1950?

Em relação a debates teóricos sobre as fotografias como formas comprobatórias de acontecimentos, lugares, personalidades ou documentos públicos e pessoais, Machado (1984) esclarece que:

[...] a fotografia, portanto não pode ser o registro puro e simples de uma imanência do objeto: como produto humano, ela cria também como esses dados luminosos uma realidade que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente nela. (MACHADO, 1984, p. 40).

A partir dessa observação, entendemos existir uma intencionalidade que determina a captura do que se pretende registrar. Portanto, além da organização documentária, se faz necessária uma análise documentária.

Souza (2016) lembra-se do estudante Antônio Carlos Peres da Silva e acredita que ele tenha iniciado sua trajetória no IM após a saída da entrevistada do CENIM.

Na tentativa de responder as indagações em relação ao CENIM, entrevistamos o Dr. Antônio Carlos Peres da Silva, médico da Santa Casa de Misericórdia de Campos dos Goytacazes e Professor da Faculdade de Medicina da mesma cidade. Dr. Antônio Carlos ainda era estudante de Medicina, quando atuou como pesquisador bibliográfico na Biblioteca do Instituto de Microbiologia em meados de 1960. Seu nome aparece nas folhas de rosto dos Anais de microbiologia a partir de 1964 (ANAIS..., 1964). Uma prima da primeira esposa, que era bibliotecária, Maria Beatriz Gouveia Pontes de Carvalho, conseguiu para ele um emprego no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, como pesquisador bibliográfico. No IBBD ele foi abordado por Célia Zaher, que o convidou a atuar no CENIM. O trabalho dele seria fazer resumos de artigos para microfilmar e colocar dentro do Sistema Filmorex, que ficava instalado no Instituto. O sistema microfilmava, arquivava e permitia que

os resumos fossem consultados de forma rápida. A meta era inserir todo o acervo da biblioteca no Sistema Filmorex. As funcionárias da biblioteca o auxiliavam, entretanto, o entrevistado afirma que não havia tempo hábil para fazer resumos e ainda realizar pesquisas bibliográficas demandadas pelos pesquisadores do Instituto (SILVA, 2016).

Entre os anos de 1964 e 1965, Paulo de Góes autoriza o pesquisador Antônio Carlos a deixar as atividades da biblioteca para fazer o estágio probatório, que seria de acordo com Suassuna (2016) denominado Curso de Atualização e Revisão em Métodos de Microbiologia e Imunologia (CARMMI). Após a conclusão desse estágio probatório, Antônio Carlos Peres da Silva inicia a pós-graduação no Instituto de Microbiologia, o Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia (CEM). O entrevistado relata que nesse período era Vice-Presidente do Diretório Estudantil da Faculdade e para não ser eleito Presidente do Diretório em 1965, decide então repetir o 5º ano da Medicina e caminhar no CEM. Ainda lembra de estar no Centro Acadêmico Cândido de Oliveira da UFRJ, quando o prédio foi cercado pela Polícia da Invernada de Olaria. O Exército Brasileiro surgiu, retirou a Polícia do local e informou que estava instalado o regime militar. Ele afirma que um Oficial os ajudou, dando instruções para a liberação dos estudantes em pequenos grupos e se emociona ao lembrar que no caminho viu a sede da UNE incendiada (CUNHA, 2008). Dr. Antônio Carlos destaca que não percebia oposição ao Governo dentro do Instituto e que Paulo de Góes tinha boas relações em todos os ambientes.

Ítalo Suassuna, docente do CEM, identifica no estudante de Medicina vasto conhecimento em microbiologia, justificado pelos anos dedicados à pesquisa bibliográfica (SILVA, 2016). Ao término do curso, Antônio Carlos Peres da Silva é convidado a ministrar aulas no Instituto de Microbiologia e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Portanto, o estudante não retorna às atividades da biblioteca como pesquisador bibliográfico, mas considera que ainda assim seria impossível o CENIM funcionar com uma única mão de obra para resumir e microfilmar todo o acervo existente (SILVA, 2016). Indica também que o sistema Filmorex tenha se tornado obsoleto em pouco tempo, devido aos avanços tecnológicos tal como fotocopiadoras e bases de dados. Falta de mão de obra ou desatualização do equipamento Filmorex pode ter sido a causa da descontinuidade do serviço. No livro *Introdução a documentação*, Zaher (1968) afirma que:

Por motivos de ordem técnica não foi continuada essa experiência com o equipamento Filmorex sendo feito atualmente, pesquisa bibliográfica individual através de processo clássico de coleta de fontes secundárias. (ZAHER, 1968, p. 117).

Dr. Carlos Peres da Silva lembra que atendia a muitos pedidos de pesquisa bibliográfica para a comunidade do Instituto e garante que a biblioteca era a alma do curso CEM. O corpo docente explorava com frequência o acervo existente, pois Paulo de Góes fornecia matéria prima para as pesquisas através de publicações mais recentes, então os professores e estudantes encontravam um acervo atualizado para realizar suas atividades acadêmicas (SILVA, 2016).

Quanto à formalização de um curso de Instrução Bibliográfica, o entrevistado não tem informações precisas, mas se recorda de orientações referentes ao uso da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e de instruções bibliográficas que ocorriam na Biblioteca do Instituto (SILVA, 2016).

O Instituto era um centro de pesquisa importante no Brasil durante aquela época. Recebia diferentes profissionais atuantes na área da saúde do país inteiro. O médico considerava a formação do Instituto superior ao da Fiocruz, influenciados pela estrutura, que incluía a biblioteca e a equipe que atuava ali.

Durante o período em que trabalhou na biblioteca conviveu com Paulo de Góes e Amadeu Cury, além de Joaquim Travassos, Wilson Chagas de Araújo, Moisés Fuks, Isaac Roitman e Milton Thiago de Mello, personalidades que participaram diretamente do crescimento do Instituto. No entanto, é com Ítalo Suassuna que o Dr. Antônio Carlos estreita laços por ter sido Assistente do Professor no Instituto de Microbiologia e na UERJ (SILVA, 2016). O professor Ítalo Suassuna foi ainda responsável pela Divisão de Microbiologia Médica do Instituto de Microbiologia (ANAIS..., 1964).

Ainda nos Anais, o Centro Nacional de Informação científica em Microbiologia (CENIM) e a Biblioteca faziam parte da Divisão de Ensino do Instituto. Nesse período, a biblioteca como parte integrante do CENIM é retratada nos Anais como lugar que “[...] vem atendendo com eficiência aos pesquisadores do Instituto e de outras instituições que solicitam informações em assuntos da nossa especialidade.” (ANAIS..., 1962, p. 177).

Em 1972, quando Marinalda Athayde bibliotecária–documentalista que trabalha há 43 anos na Universidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, inicia sua vida profissional da biblioteca do Instituto, o CENIM já não existiria (ATHAYDE, 2016). A Sra. Marinalda trabalha atualmente na Biblioteca da Escola de Belas Artes, mas relata que ingressou por concurso público para microbiologia através de um exame de admissão para substituir uma bibliotecária que havia se demitido naquele ano no Instituto de Microbiologia. A Sra. Maria Rondon, filha do Marechal Rondon já era a bibliotecária responsável, uma grande detentora da biblioteca, no julgamento da entrevistada (ATHAYDE, 2016). A Sra. Marinalda foi aluna

do curso de especialização em documentação científica (CDC) ⁵⁹ promovida pelo IBBD. O curso era atual na época, entretanto com a adaptação dos currículos, o CDC passou a ser um curso que só era novo para quem tinha se formado há muitos anos (ZAHER, 1995).

Lembramos que Célia Zaher leciona no Curso do CDC, como a primeira professora da pesquisa bibliográfica e posteriormente de Documentação (ZAHER, 1995). Zaher (1995) afirma que o Curso CDC foi criado por Lydia Sambaquy, e como o IBBD seria órgão do Conselho Nacional de Pesquisas, as negociações se realizariam mediante convênios especializados, para fazer o que se chamava curso de extensão universitária.

A partir das pesquisas sobre o IBBD e as revelações da entrevistada Sra. Carmen Olivia sobre Lydia Queiroz Sambaquy, compreendemos que havia forte convergência entre a presidente do IBBD e a Universidade do Brasil. Na fotografia abaixo, registrou-se a visita feita por Sambaquy a antiga Biblioteca Central da Universidade acompanhado pela presença de Bastos Tigre ⁶⁰.

Figura 19 - Bastos Tigre e Lydia de Queiróz Sambaquy



Coleção da Biblioteca Pedro Calmon do Fórum de Ciência e Cultura (BPC/FCC/UFRJ)

Naquele período, a admissão para a vaga na Biblioteca da Microbiologia teria duas etapas: uma prova escrita aplicada por uma diretora do Fórum de Ciência e Cultura da universidade e uma entrevista. Como uma das noras de Paulo de Góes era bibliotecária e fazia o CDC com a entrevistada, Paulo de Góes levantaria com a nora a ficha acadêmica da bibliotecária (ATHAYDE, 2016). A Sra. Marinalda conquista a vaga na biblioteca em 1972,

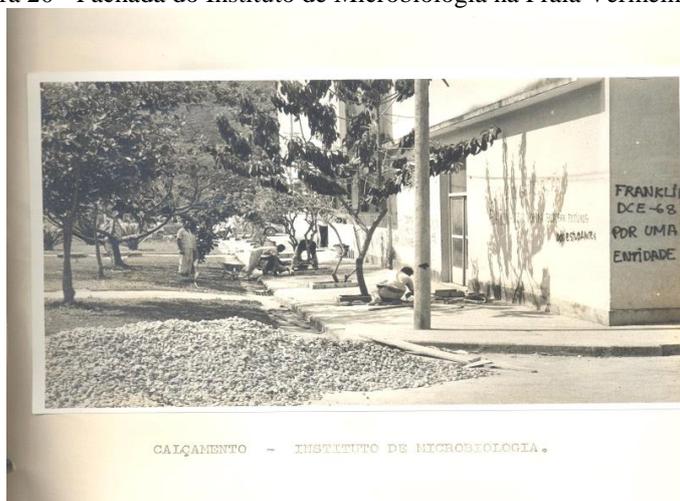
⁵⁹ O Boletim n. 11 da UB publica no dia 13 de março de 1964 um termo de acordo é celebrado entre o Conselho Nacional de Pesquisas, representado por Athos da Silveira Ramos e a Universidade do Brasil representado pelo Reitor Pedro Calmon. O acordo trata da realização de Curso de Pós-graduação de Documentação Científica, que será organizado e executado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, órgão do referido conselho (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1964).

⁶⁰ O primeiro bibliotecário do Brasil foi Manuel Bastos Tigre, que em 1915 passa em primeiro lugar no concurso para bibliotecário do Museu Nacional, com uma tese sobre a Classificação Decimal (TINOCO, 1999).

após entrevista com Paulo de Góes e revela que o Diretor do IM buscava uma bibliotecária capacitada a realizar as atividades de pesquisa e apoio bibliográfico (ATHAYDE, 2016). Queria uma profissional que fosse canal de comunicação entre o corpo docente, discente, funcionários e o acervo. Ela relata que as obras compradas seriam importadas porque era a opção àquela época. O acervo da Biblioteca da Microbiologia era rico, com as seções de microbiologia. Havia livros, periódicos, teses de livre docência, de concurso público. Tudo armazenado na Biblioteca do IM. A bibliotecária informa que a biblioteca seria bem montada e consultada. Havia subordinação direta a Direção do Instituto. Quem dava suporte financeiro à biblioteca era a Direção. As bibliotecas eram independentes naquele período. O Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ ainda não existia (ATHAYDE, 2016).

Na Praia Vermelha, a biblioteca estaria instalada no primeiro andar. Era o prédio onde está atualmente o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). De acordo com Athayde (2016) o Instituto era todo uma extensão. O Instituto de Microbiologia já havia passado por reformas que descaracterizam a fachada original de uma das alas do Hospital dos Alienados.

Figura 20 - Fachada do Instituto de Microbiologia na Praia Vermelha [1968?]



Coleção da Biblioteca Pedro Calmon do Fórum de Ciência e Cultura (BPC/FCCUFRJ)

A bibliotecária (ATHAYDE, 2016) se recorda de um diretor presente e exigente. Entrava às 7 horas da manhã, marcava o ponto dele no relógio, ia para a sua sala e produzia. Queria o mesmo comportamento dos profissionais do Instituto. A biblioteca era interligada com a secretaria e o gabinete dele. De repente, ele surgia na biblioteca para verificar qualquer situação, seja dos alunos, sobre o acervo ou sobre os funcionários (ATHAYDE, 2016). Possuía uma personalidade colérica, mas era um cientista aplicado, criou os departamentos da

unidade e promoveu a microbiologia, pois com o patrono surgiram os cursos de capacitação, especialização, mestrado e doutorado, quando a unidade estava de mudança da Praia Vermelha para a Ilha do Fundão (ATHAYDE, 2016). A entrevistada indica que os cursos de pós-graduação eram muito bem-conceituados. A bibliotecária infere que os cursos de Mestrado e o Doutorado já existiam e que a biblioteca servia a todos eles (ATHAYDE, 2016).

O processamento técnico, do acervo da Biblioteca da Microbiologia era todo catalogado nos moldes da AACR e classificado pela Classificação Decimal Universal (CDU). Nas atividades biblioteconômicas, Dona Maria Rondon trabalhava com processamento técnico, atividade laborativa que gostava de realizar e a Sra. Marinalda (ATHAYDE, 2016) desenvolveria o serviço de referência.

Na referência, a bibliotecária organizava a bibliografia que constava nas teses, além de pesquisas nos índices médicos existentes (ATHAYDE, 2016). Quanto às pesquisas foi perguntado à entrevistada como era o acesso aos artigos dos periódicos quando não eram disponibilizados no acervo da biblioteca. A bibliotecária explicou que não existia ainda o serviço oferecido pelo COMUT, portanto o que se fazia era escrever para um órgão, através de um formulário, no qual constava o nome pesquisador solicitante e o requerimento de envio do artigo solicitado à Biblioteca do Instituto, com o objetivo de atender ao pedido dos pesquisadores da unidade (ATHAYDE, 2016). Era uma atividade não oficializada, uma iniciativa da equipe da Biblioteca. A Sra. Marinalda se lembra de um produto oferecido na Biblioteca do Instituto: os sumários correntes de periódicos constariam das seguintes tarefas: fazer cópia dos sumários dos periódicos recebidos todo o mês e distribuir pelos departamentos (ATHAYDE, 2016). Essa atividade permitiria a consulta aos periódicos e o pedido de algum artigo, antecipando o possível interesse do pesquisador uma espécie de serviço de alerta impresso (ATHAYDE, 2016). De acordo com Figueiredo (1992, p. 115) os Serviços de alerta são: “Informais (exposições, murais, circulares); Formais (lista de novas aquisições, circulação de periódicos, sumários correntes, boletins, disseminação seletiva da informação)”.

Da mesma forma, uma bibliografia poderia ser levantada a pedido. Bastava o pesquisador ir a Biblioteca do IM com a temática de seu interesse e o levantamento bibliográfico seria realizado. A bibliotecária informa que o Serviço de Referência limitava, refinava e entregava o resultado final a esse pesquisador, que acontecia de acordo com a demanda (ATHAYDE, 2016). A respeito dos questionamentos sobre a existência do CENIM, a entrevistada (ATHAYDE, 2016) revela que não saberia responder a essa questão, pois nunca ouvira nenhum comentário ou referência sobre esse centro. No entanto, a bibliotecária aponta que a temática da ciência dos microrganismos cresceu bastante durante o período em

que ela esteve lotada no Instituto (ATHAYDE, 2016). Ela mesma confessa não ter noção do que seria a microbiologia e que conheceu o assunto quando fora trabalhar no Instituto. Desenvolver-se-iam excelentes pesquisas naquele ambiente (ATHAYDE, 2016). A bibliotecária afirma que os professores usavam com frequência o espaço da biblioteca e davam sugestões para aquisição de acervo. Athayde (2016) se recorda de o local ser um centro de convivência intelectual por profissionais influentes.

Quanto à mudança da microbiologia para a cidade universitária a Sra. Marinalda se recorda de receber uma notificação de transferência da Praia Vermelha para a cidade universitária (ATHAYDE, 2016). A tarefa foi trabalhosa, no qual foram realizados inventário e encaixotamento das obras. Já no prédio do CCS um espaço seria reservado para uma biblioteca central na área de saúde. A biblioteca da microbiologia, no entanto, seguiria com o Instituto para o bloco I do mesmo prédio. Na cidade universitária a sala para abrigar o acervo da biblioteca era maior do que o local anteriormente usado na Praia Vermelha (ATHAYDE, 2016).

Conforme relatado por Athayde (2016)⁶¹, tempos depois uma decisão seria tomada no Instituto em parceria com a Universidade: a coleção de periódicos seria incorporada à Biblioteca Central do CCS. Haveria uma junção de revistas médicas na naquela biblioteca. Em meio às atividades laborativas exercidas nas diferentes bibliotecas da UFRJ, houve um novo concurso na UFRJ, através do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), organizado para enquadrar a classe bibliotecária (ATHAYDE, 2016).

Por fim, a bibliotecária rememora o caráter dominante de Paulo de Góes, mas o que sobressaltaria nele era o apoio incondicional que o patrono daria a pesquisa, conferindo um excelente padrão de pesquisa e de corpo acadêmico. Na visão de Marinalda a microbiologia era muito seletiva (ATHAYDE, 2016).

A próxima entrevistada, a Sra. Dilma Santana Cayres, nascida em Vitória da Conquista, interior da Bahia, revela que segue de mudança para a cidade do Rio de Janeiro em busca de uma vida com melhores oportunidades para ela e seus irmãos (CAYRES, 2017). No ano de 1974 consegue ingressar como auxiliar de biblioteca no IM. No ano de 1976, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) promove um curso com duração de três meses que aprova Dilma como agente administrativo no Serviço Público. Ela permanece

⁶¹A bibliotecária (ATHAYDE, 2016) por sua vez, seria convidada a trabalhar na referência do CCS. Foi quando o Dr. Bruno Alípio Lobo, que era decano do CCS a chamou para organizar o acervo do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), local onde sua esposa trabalhava. A Sra. Marinalda (ATHAYDE, 2016) acredita que tenha sido entre 1980 e 1981. Ficaria no IFCS até o fim da organização e depois seria transferida para a Biblioteca da Escola de Belas Artes, onde trabalha atualmente.

como auxiliar de biblioteca na UFRJ (CAYRES, 2017). Em decorrência do Plano de Classificação de Cargos (PCC), a partir de 1986, Dilma Cayres passa a exercer oficialmente o cargo de bibliotecária na UFRJ após quatro anos de dedicação ao curso de Biblioteconomia da Universidade Santa Úrsula (RJ). Passa a ser a responsável pela biblioteca, assim que a Sra. Maria Rondon se retira da biblioteca por meio da aposentadoria compulsória (CAYRES, 2017).

Cayres (2017) informa que a biblioteca sempre fora mantida com recursos da própria instituição e de projetos firmados com órgãos financeiros para fomento como a Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP (BRASIL, 1994). A bibliotecária aponta que naquele período a biblioteca não era informatizada, mas que a equipe prestava serviços manuais aos usuários, como atendimento à consulta e empréstimo de todo o material que dispunha em seu acervo. Havia ainda a solicitação de artigos através de formulários encaminhados ao autor. Posteriormente surgiria o COMUT⁶² (CAYRES, 2017).

Em relação à área física da biblioteca, Dilma responde que ao entrar para trabalhar no IM, a biblioteca possuía um espaço maior, entretanto, devido à necessidade de criação de outras salas para o crescimento do setor administrativo, ela foi perdendo espaço. Além dos livros, o acervo abrigava 45 (quarenta e cinco) periódicos assinados pela Direção, em todos nas áreas de conhecimento desenvolvidos pela Instituição. Em decorrência da redução do espaço, os periódicos seriam incorporados ao acervo para a Biblioteca Central do CCS através de doação (CAYRES, 2017).

A biblioteca era espaço de apoio aos cursos Curso de Atualização e Revisão em Métodos de Microbiologia e Imunologia (CARMMI) e ao Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia (CEMI). A bibliotecária (CAYRES, 2017) lembra que eram cursos de curta duração realizados pelos Departamentos de Microbiologia Geral, Médica, Virologia e Imunologia. Quanto ao mestrado e doutorado, a entrevistada (CAYRES, 2017) se recorda que existiam antes de seu ingresso no Instituto. Cayres (2016) compreende que, ao receber nota 06 pela CAPES, os cursos *stricto-sensu* buscam o aprimoramento contínuo de qualidade das disciplinas e professores. Revela que a média de alunos aprovados está condicionada a bolsas oferecidas por órgãos financiadores do Governo Federal. Seriam 10 (dez) a 12 (doze) alunos selecionados através de prova teórica e entrevista (CAYRES, 2017).

⁶² É um serviço que oferece aos usuários acesso a documentos, tais como, artigos de periódicos, teses e dissertações, anais de congresso, através de uma rede de bibliotecas credenciadas (GOMES, 2013).

A bibliotecária aponta que todos os Diretores percebiam a Biblioteca do IM como local de suporte ao ensino e à pesquisa científica na microbiologia (CAYRES, 2017). Dessa forma, cada qual ao seu tempo ofereceu sua contribuição para o crescimento e manutenção desse espaço. Dilma Cayres enumera alguns dos diretores da unidade, desde o ingresso dela na unidade: Paulo de Góes, Wilson Chagas de Araújo, João Ciribelli Guimarães, César Martins de Oliveira, Fernando Steele da Cruz, Leila de Souza Fonseca, Raimundo Diogo Machado, Sérgio Eduardo Longo Fracalanza, José Mauro Peralta, Ângela Hampshire de Carvalho Santos Lopes, Agnes Marie Sá Figueiredo, Alexandre Soares Rosado e, atualmente, Alane Beatriz Vermelho. Todos procedentes do Instituto de Microbiologia (CAYRES, 2017).

A bibliotecária assinala que essa biblioteca oferece a todos os alunos da microbiologia um suporte bibliográfico variado, composto por livros especializados em Microbiologia Geral, Microbiologia Médica, Imunologia e Virologia, ressalta que a biblioteca altera significativamente sua frequência com o curso de graduação criado em 1994 (CAYRES, 2016).

Para Cayres (2017), o Instituto de Microbiologia vem cumprindo sistematicamente seu papel ao engrandecer as ciências no Brasil, através de vultosa produção científica de dissertações e teses, bem como com a publicação e divulgação de artigos científicos em periódicos de renome nacional e internacional. Nesse processo, a bibliotecária destaca o nome de Paulo de Góes como pesquisador, diretor e Sub-Reitor, cargos que criariam as condições favoráveis para o desenvolvimento do ensino e pesquisa científica no campo da Microbiologia (CAYRES, 2017).

7 A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL EMERGE NO INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA

Iniciamos este capítulo com a entrevista concedida pela viúva de Paulo de Góes, a Sra. Risoleta de Góes, primeira personalidade a acompanhar as ideias sobre o futuro da microbiologia na atual UFRJ. A Sra. Góes foi a datilógrafa do Estatuto do Instituto de Microbiologia (GÓES, 2016).

A Sra. Risoleta de Góes, viúva do fundador, recorda-se do desejo de Paulo em reunir em um só espaço o ensino da Microbiologia (GÓES, 2016). Paralelo à aprovação do Conselho Universitário, Paulo de Góes identifica um anexo do prédio da Reitoria, anteriormente ocupado pelas mulheres do antigo hospício da cidade do Rio de Janeiro (GÓES, 1969). A ideia era reunir as disciplinas da Microbiologia de três faculdades da UB. Nesse local ele concentra o ensino e a pesquisa das Faculdades de Medicina, Farmácia e Enfermagem. O anexo passa a chamar-se Pavilhão de Microbiologia. Seria interminável a dedicação do patrono do Instituto à Microbiologia da UB (GÓES, 2016).

A viúva recorda-se que, após ser aprovado na UB como professor catedrático da Faculdade de Medicina, Paulo de Góes a convidaria a passar uns dias em Petrópolis para descansar. A Sra. Risoleta faria planos de passear pela cidade com o marido a fim de que ele se esquecesse dos problemas referentes à Universidade (GÓES, 2016). Já instalados no hotel, Paulo avisaria à esposa que precisava descer e a Sra. Risoleta não perguntaria a razão dessa saída (GÓES, 2016). Minutos depois, a esposa o vê adentrar pela porta, acompanhado por um funcionário que carregava uma máquina de escrever e muitas folhas de papel (GÓES, 2016). A Sra. Risoleta não perguntaria nada, mas diante de seu semblante, o marido já a avisaria de modo incisivo que o Estatuto do Instituto de Microbiologia precisava ser elaborado (GÓES, 2016). A viúva rememora esse episódio para elucidar que ela participaria de forma direta do desenvolvimento do IM. Como excelente datilógrafa que era a Sra. Risoleta escreveria a máquina o regulamento ditado pelo marido. Ao fim ele o entregaria a um datilógrafo na cidade de Petrópolis, que daria forma ao trabalho. Ela sorri ao lembrar que o datilógrafo perguntaria se o estatuto seria de um clube de futebol (GÓES, 2016).

A viúva (GÓES, 2016) afirma que Paulo batalhara muito pela formação do Instituto. A Universidade oferecia o material para a construção e mão de obra da engenharia da casa. A aquisição de reagentes e equipamentos para as pesquisas viria de entidades internacionais como as Fundações *Rockefeller*, *Kellogs* e *Ford* (GÓES, 2014). Ela revela ainda que Paulo de Góes, Amadeu Cury e seus pares circulavam livremente na Faculdade de Medicina (UB) e

que, ao realizarem visitas a laboratórios, obtinham equipamentos em desuso para serem reutilizados no Pavilhão (GÓES, 2016). Essas ações continham a aquiescência do Conselho Universitário, pois faria do pavilhão um lugar apropriado que receberia laboratórios, sala de aulas e uma biblioteca (GÓES, 2016).

Perguntada sobre os pares do professor, a viúva destaca Amadeu Cury como importante parceiro na formação da Microbiologia da Universidade. Aponta ainda o pesquisador Masao Goto⁶³ e Carlos Chagas Filho como contemporâneos de seu marido (GÓES, 2016). Ela afirma que não havia pesquisa na Universidade quando Góes criou o curso de especialização em Microbiologia no país. Risoleta ressalta que Carlos Chagas Filho era filho de cientista importante, portanto tinha como colegas pessoas de alto poder aquisitivo, entre eles: Aristides Pacheco Leão (GÓES, 2016). A viúva destaca que a Microbiologia da UB foi formada por pessoas de classe média. Na sua visão, o grande valor foi elevar o nível de conhecimento da Microbiologia. Segundo ela, esta se popularizou, pois chegavam à UB estudantes do país inteiro. Para ela, a formação de profissionais de diferentes níveis sociais econômicos era uma característica percebida naquele momento. Alunos de todos os estados do Brasil se apresentavam para fazer o curso de especialização em Microbiologia e depois retornavam levando o ideal do Instituto de Microbiologia, além de uma especialização (GÓES, 2016). O Instituto de Microbiologia influenciaria não somente a ciência no Brasil, mas também a ciência na América do Sul e América Central. Paulo de Góes já havia retornado ao Brasil durante a mudança da universidade da Praia Vermelha para a Cidade Universitária entre 1969 e 1970. Risoleta se lembra de que houve grande entusiasmo pela interligação promovida entre as escolas agrupadas agora por centros (CARLOS..., 1973). Ela observa que no Centro de Ciências da Saúde (CCS) havia os Institutos de Microbiologia e de Biofísica, desenvolvidos respectivamente por Paulo de Góes e Carlos Chagas Filho, pesquisadores e amigos. No entanto, havia resistência à mudança de local, quando se considerava o desenvolvimento do *campus* da Praia Vermelha uma opção mais adequada à instalação de uma cidade universitária (GÓES, 2016). Para Risoleta, Pedro Calmon almejava dar um passo a frente nesse sentido (GÓES, 2016).

⁶³Masao Goto era carioca, nascido em 1919. Formou-se em medicina na Universidade do Brasil, onde lecionou na Escola de Enfermagem Ana Neri e na Faculdade de Farmácia e Bioquímica. Em 1944 foi contratado para trabalhar em Manguinhos, após aprovação em concurso. Goto foi membro de inúmeras sociedades, entre as quais, a Latino-Americana de Alergia e Imunopatologia, a SBPC, a de Patologia Clínica, de Alergia e Imunopatologia e a de Microbiologia do Brasil. Em 1970, quando foi cassado, Goto desenvolvia pesquisas sobre a ação antitumoral de substâncias produzidas por fungos. Logo após a reintegração, Goto faleceu. (MASAO, 1985).

Regressando um pouco mais no tempo, buscamos novas informações sobre a concepção do IM com Milton Thiago de Mello, outro companheiro de Góes. Milton Thiago de Mello é coronel reformado do Exército Brasileiro e foi aluno da Escola de Veterinária do Exército, primeira escola de veterinária fundada no Brasil em 1910⁶⁴. No laboratório da instituição ele recebeu os primeiros ensinamentos sobre microbiologia (MELLO, 2016b). Durante a entrevista o coronel explica que uma missão militar francesa com veterinários do Instituto Pasteur de Paris traz não somente o conhecimento veterinário, como também a microbiologia e um laboratório desmontado da França (MELLO, 2016a). O laboratório não era de microbiologia, era de parasitologia, primeiramente. Algum tempo depois, o oficial segue para o Rio Grande do Sul como técnico de microbiologia.

O professor Milton Thiago de Mello se define como um pesquisador à margem das Instituições. Assim afirma porque durante o seu percurso profissional, parte das atividades foram praticadas fora do Exército Brasileiro (MELLO, 2016a). A Instituição a recebê-lo em seguida ao Exército seria o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) em 1944. Após um concurso de admissão realiza um curso no IOC, a fim de realizar pesquisas a serviço do Exército, o coronel aprofunda seus conhecimentos, principalmente no que se refere à metodologia científica. Afirma que o IOC estimulava o jovem cientista devido ao corpo científico e à reputação internacional (MELLO, 2016b). Ao término do curso foi convidado a integrar o laboratório de micologia dirigido pelo micologista e dermatologista Antônio Eugênio de Arêa-Leão⁶⁵ e no laboratório de microbiologista liderado por Genésio Pacheco⁶⁶. Por mais de 16 anos, Mello (2016b) realiza na instituição criada por Oswaldo Cruz pesquisas sobre

⁶⁴ Durante o ano de 1908, na falta de uma Escola de Veterinária, o governo brasileiro solicitou ao Instituto Pasteur, na França, sob a direção de Pierre Paul Émile Roux, a indicação de dois médicos veterinários para orientarem os estudos de instalação de um curso prático. Foram enviados então, a 10 de maio daquele ano, os veterinários Tenente-coronel Antoine Dupy e Capitão Paul Ferret, que integraram a primeira Missão Militar Francesa, que se estendeu até 1911. Dois anos mais tarde, pelo decreto nº 2.232 de 06/01/1910, que regulamentou a nova organização do Serviço de Saúde do Exército, foi autorizada a criação de uma Escola de Veterinária do Exército como um dos seus órgãos (art. 5º). ESCOLA superior de agricultura e medicina veterinária Disponível em <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escsagmevetrj.htm>> Acesso em 11 abr. 2017.

⁶⁵ Micologista de renome internacional, Arêa-Leão nasceu em 1895. Diplomou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1919. Ingressa no Instituto Oswaldo Cruz, onde se dedica ao estudo de micologia. Dentre seus discípulos e colaboradores destacam-se Amadeu Cury, Masao Goto e Milton Thiago de Mello. Um dos trabalhos mais interessantes de Arêa-Leão refere-se à presença de *acarianos* infestando culturas de fungos, o que estabeleceu as bases para o seu controle com o emprego de querosene. Em 1964, recebeu a ordem do mérito médico. Arêa-Leão faleceu em 1971. ANTÔNIO, Eugênio de Arêa-Leão. Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=144&sid=76>>. Acesso em 11 abr. 2017.

⁶⁶ Genésio Pacheco foi sócio fundador da Sociedade Brasileira de Microbiologia e Brasileira para o Progresso da Ciência e Brasileira para o Progresso da Ciência (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo Laerte de Andrade: inventário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996).

penicilina, brucelose, entre outras atividades científicas, dentro e fora do país. Ainda ministrou aulas no Colégio Militar, Escola Veterinária do Exército e no Instituto de Microbiologia. Na trajetória percorrida, o professor Milton Thiago conclui que existia somente a saúde humana e animal, posteriormente acrescentaria a saúde ambiental (MELLO, 2016b). Ao ser perguntado sobre a sua experiência no Instituto de Microbiologia, o professor lembra que a aproximação se deu através da Amadeu Cury no Laboratório de Micologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Cury o apresentaria ao Paulo de Góes em 1944 (MELLO, 2016a). Ele se recorda de observar Amadeu ainda rapaz, que terminando a Faculdade de Medicina, se revezava entre os laboratórios de microbiologia do IOC e o de análises clínicas que pertencia a Paulo de Góes (LIBERTO; CABRAL, 2013).

O Professor destaca a expressividade de Cury como cientista, pois Amadeu Cury e ele, Milton Thiago, receberiam uma bolsa do John Simon *Guggenheim Memorial Foundation* no campo da Biologia Molecular e Celular (MELLO, 2016a) entre as décadas de 1950 e 1960 (JOHN SIMON GURGGENHEIN MEMORIAL FONDATION, 2017). Nesse período, a fundação que tem como proposta oferecer bolsas de estudo para promover o desenvolvimento de estudiosos e artistas, concede cerca de 610 bolsas de estudos para profissionais latino-americanos (FARIA; COSTA, 2006). Entretanto, a área executiva científica foi o caminho que Amadeu Cury seguiu quando transitou pela Academia de Ciências, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico inicial (CNPq) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior inicial (CAPES). Na época da bolsa essas fundações não existiam (MELLO, 2016a).

O entrevistado relata que sua participação no *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* coincide com a saída do IOC, porque a bolsa que ele recebia na instituição fora cortada (MELLO, 2016a). Francisco de Paula da Rocha Lagoa seria o Diretor do Instituto à época em substituição a Joaquim Travassos que dirigia o IOC desde 1962 (HANES, 2016). O entrevistado afirma que Rocha Lagoa também cortara a bolsa de Oswaldo Cruz Filho, porque além deste ser opositor do Diretor, possuía ideias de esquerda (MELLO, 2016a). Ao abordar este tema, opina que a revolução anti-esquerda possuía militares notáveis e civis insignificantes.

Terminada sua experiência no IOC, Milton Thiago de Mello volta ao Instituto de Microbiologia da UB, para o Curso de Especialização em Microbiologia e Imunologia (CEM), a convite de Góes. O professor descreve um Paulo de Góes vibrante porque o Instituto estava se corporificando (MELLO, 2016a). O professor Milton Thiago lembra que as atividades desempenhadas nas instituições FIOCRUZ e Instituto de Microbiologia eram

periféricas ao cargo no Exército. (MELLO, 2016b). No retorno do *John Simon Guggenheim Memorial Foundation*, o professor (MELLO, 2016a) ministra aulas no Instituto entre 1964 e 1968 (ANAIS..., 1964, 1968).

Um pavilhão isolado de dois andares. É assim que o pesquisador Milton Thiago descreve o Instituto de Microbiologia, quando rememora a sua convivência inicial com Amadeu Cury e Paulo de Góes. É nesse ambiente que o professor Milton (MELLO, 2016a) assegura estar, por algumas vezes, quando já trabalhava com brucelose na FIOCRUZ. Como amigo do Paulo de Góes e de Amadeu Cury participava de várias atividades, mas reafirma a sua marginalidade dentro dessa instituição, na qual sem pertencer ao quadro ministrava aulas na Faculdade de Farmácia da UB. O professor exalta a personalidade estadista de Paulo de Góes. Sobre Amadeu Cury, o entrevistado lembra-se da organização de um Congresso Mundial em Microbiologia⁶⁷ realizado no ano de 1950 na cidade do Rio de Janeiro. Congresso idealizado pelo colega Genésio Pacheco (MELLO, 2016a).

No Laboratório de Microbiologia da Faculdade Nacional de Farmácia, sobre a presidência do Professor Gilberto G.Villela⁶⁸ e Secretariada por Amadeu Cury ocorre a reunião dos membros da *Society of American Bacteriologists* em 16 de novembro de 1951. A reunião visava à apresentação de trabalhos científicos de alguns destes membros. Entre os membros, destaca-se a presença de Milton Thiago de Mello. (ANAIS..., 1951). Os anais de 1951 confirmam as atividades realizadas por esse grupo que pensava e estimulava a ciência no Brasil.

Para o entrevistado, Cury era um sujeito moderado, por isso o eleva ao perfil executivo científico de alta qualidade no país. Mello (2016a) lembra que alguém do grupo comentara que a microbiologia estaria acéfala no Brasil, pois não existia uma microbiologia organizada.

Nos Anais de 1957, há uma descrição dessa atividade:

Durante o ano de 1957, o Dr. Amadeu Cury, chefe da Divisão, esteve ausente do país, encontrando-se nos Estados Unidos da América, onde, com bolsa de estudos que lhe foi concedida pela Fundação Guggenheim realizou estudos sobre as atividades bioquímicas de microrganismos no '*Haskins Laboratories*' na cidade de *New York*. Trabalhou o Dr. Cury em vários assuntos relativos ao problema em particular, sobre a nutrição de *Saccharomycopsis guttulata*, *Listeria monocytogeneses*, *Bacillus sphaericus*, *Ochromonas malhamensis*, *Cryptococcus neoformans var. innocuus*,

⁶⁷ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Fundo Walter Oswaldo Cruz: Dossiê 001.v.04 - Congressos -V Congresso Internacional de Microbiologia (1950). Rio de Janeiro: Fiocruz, 1930-1969.

⁶⁸ Gilberto Guimarães Villela participaria também da comissão da pós-graduação da UB. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Fundo Walter Oswaldo Cruz: Dossiê 02 - Comissão dos Cursos de Pós-graduação da Universidade do Brasil Rio de Janeiro: Fiocruz, 1962-1964.

Rhodotorula, mucilaginosa, bem como sobre outras leveduras dos gêneros *Candida, Torulopsis e Saccharomyces*. Neste último grupo, particularmente, os estudos visaram ao encontro de microrganismos com exigências nutritivas peculiares e pouco frequentes, com a finalidade de usá-las como ‘marcas’ para estudos genéticos, trabalho esse que estava sendo realizado em colaboração com o Professor Carl C. Lindergren, da Southern Illinois University, Carbondale, Illinois. (ANAIS..., 1957, p. 333).

Cury chegara do *Guggenheim* e como havia feito contato com a cúpula da microbiologia nos Estados Unidos, o Vice-Diretor do IM organizaria um ramo do gênero da *American Society of Microbiology* aqui no Brasil. Porém, o professor Thiago de Mello (MELLO, 2016a) o instigava a mudança desse panorama, razão pela qual o professor Thiago resolve realizar um simpósio do progresso da microbiologia no Brasil⁶⁹. Participou os convidados por carta e afirma que veio gente do Brasil inteiro participar, microbiologistas submersos, que buscavam uma organização que os unisse. Logo em seguida fez-se a Sociedade Brasileira de Microbiologia, com o número da primeira Revista Brasileira de Microbiologia em 1959⁷⁰.

O coronel (MELLO, 2016a) considera que, no Brasil de 1959, havia grandes nomes na Ciência: Clementino Fraga Filho, Chagas Filho e Paulo de Góes. O Instituto de Microbiologia tornou-se importante centro de ensino e pesquisa porque evidenciou a fase biológica do país. No período citado pelo Professor Milton Thiago (MELLO, 2016a) o IM ganha destaque por oferecer aos profissionais da área da saúde representados por médicos, farmacêuticos veterinários e dentistas, as principais fontes de investigação em Biologia, tendo sido recrutados para o IM profissionais que mostravam interesse pelas investigações microbiológicas⁷¹ (ROTEIRO..., 1960, p. 6).

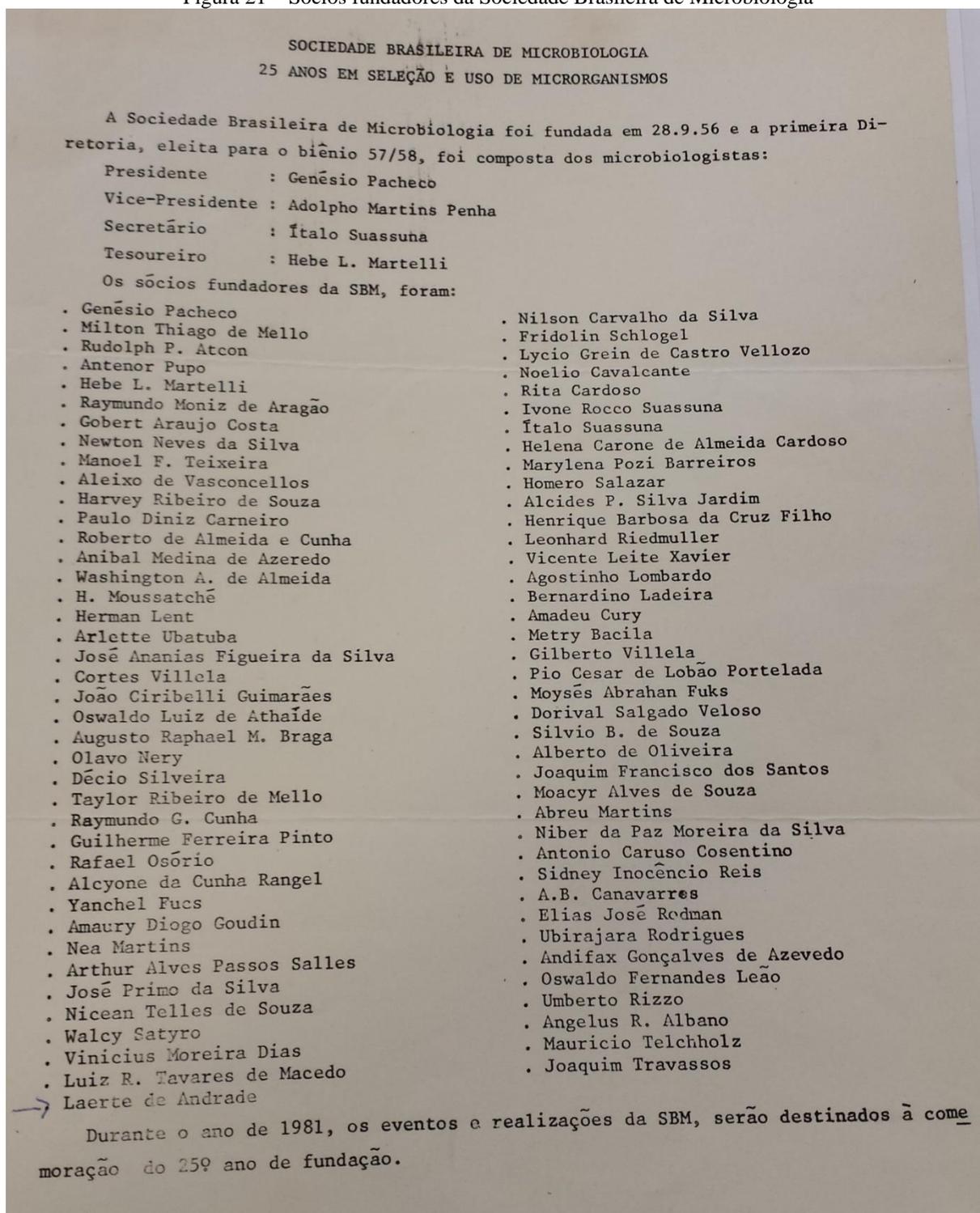
⁶⁹Em 30 de maio de 1955 durante o 1º Simpósio sobre o Desenvolvimento da Microbiologia no Brasil, organizado pelo ramo do Rio de Janeiro sob a presidência do Prof. Milton Thiago de Mello, realizado no Rio de Janeiro, foi formalmente sugerida a necessidade de criação da Sociedade Brasileira de Microbiologia, paralela à *Society of American Bacteriologists* (SAB), inclusive com a criação de uma revista contendo todos os trabalhos científicos do País, inclusive os de Microbiologia. Assim, em 28 de setembro de 1956 a Sociedade Brasileira de Microbiologia foi fundada. Disponível em: <<http://sbmicrobiologia.org.br/sbm/#historia>>. Acesso em 11 abr. 2017.

⁷⁰Em 1959 foi criada a Revista Brasileira de Microbiologia, órgão oficial da Sociedade Brasileira de Microbiologia, cujo Volume I, número 1, foi publicado em janeiro-março de 1959, com 64 páginas, 7 artigos completos, 4 notas e amplo noticiário, inclusive o histórico da fundação da Sociedade e os estatutos. O Presidente da Comissão Técnica, Redator Responsável e Editor foi o Prof. Milton Thiago de Mello. Disponível em: <<http://sbmicrobiologia.org.br/sbm/#historia>>. Acesso em 11 abr. 2017.

⁷¹Segundo Brooks (2014) a "era de ouro" da microbiologia ocorre no período de 1850 a 1920, onde as pesquisas estabelecem que alguns microrganismos causam as doenças em humanos, animais e plantas, além das alterações químicas no ambiente, incluindo o solo e a água. Ao findar desta época a microbiologia se estabelece como uma disciplina científica com identidade própria dividida em duas áreas principais: microbiologia básica, através do ensino da natureza fundamental e das propriedades dos microrganismos e a microbiologia aplicada, onde os microrganismos são usados ou controlados para várias finalidades práticas.

A Sociedade Brasileira de Microbiologia (SBM) que seria fundada em 28 de setembro de 1956 e a primeira diretoria eleita para o biênio 1957/1958, sob a presidência de Genésio Pacheco (FIOCRUZ) é apresentada no documento: “Dos 25 anos em seleção e uso dos microrganismos” relacionados aos fundadores da SBM, conforme documento a seguir:

Figura 21 – Sócios fundadores da Sociedade Brasileira de Microbiologia



Observamos que o nome de Paulo de Góes não estava incluído na lista, mas há um apontamento para a ratificação dessa ausência em outro documento produzido pelo Presidente à época Laerte de Andrade (FIOCRUZ. FUNDO PAULO LAERTE DE ANDRADE, 1996).

É ainda durante a década de 1960 que a Sociedade Brasileira de Microbiologia realiza o 1º Congresso Brasileiro de Microbiologia, que ocorre nos dias 04 e 05 de novembro de 1969 nas dependências do Instituto de Microbiologia. No período, Amadeu Cury era Diretor do IM e Presidente do referido congresso. A comissão organizadora foi composta por Ítalo Suassuna, Ivone R. Suassuna, Laerte M. de Andrade e Wilson Chagas de Araújo (ANAIS..., 1969). Como Presidente da Sociedade de Microbiologia, o Professor Laerte de Andrade se dirige através de correspondência à Presidente do IBBD, Dra. Célia Zaher, para cuidar de tratativa referente à Bibliografia Brasileira de Microbiologia. Os nomes que surgem nesse documento legitimam as afinidades existentes entre as ações da profissional do IBBD e os microbiologistas do Instituto, que acaba por refletir na própria Sociedade de Microbiologia. Tal correspondência faz parte do Fundo Laerte de Andrade, acervo da Fiocruz, conforme cópia a seguir:

Figura 22 - Correspondência da Sociedade Brasileira de Microbiologia a Célia Zaher

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MICROBIOLOGIA
Seção da Guanabara

Ilma Snra. D. Célia Ribeiro Zaher
DD. Presidente de I.B.B.D.
Av. General Justo, 171 - Rio - GB

Guanabara,

Snra. Presidente:

A atual Diretoria da Sociedade Brasileira de Microbiologia, cumprindo uma de suas principais finalidades, incluiu na sua programação para 1969, o início dos estudos para o levantamento da Bibliografia Brasileira de Microbiologia.

O conhecimento do trabalho que esse Instituto vem fazendo no campo da Física e da Matemática, animou-nos a procurar uma aproximação com V.S., sugerida e aprovada na última reunião desta Sociedade, realizada no Instituto de Microbiologia da UFRJ. Naquela oportunidade, o Dr. Amadeu Cury, prontificou-se a facilitar os entendimentos iniciais.

Recentemente, o Conselho Nacional de Pesquisas, houve por bem incluir no Temário para o 19.º Encontro de Microbiologistas realizado dia 6 de novembro último, o item: "Bibliografia Brasileira de Microbiologia", tendo sido o assunto discutido em seus aspectos gerais e o meu nome indicado para Coordenador da matéria.

Estamos certos de que, dada a sua indiscutível utilidade para os microbiologistas brasileiros e estrangeiros, este projeto já deve estar nas cogitações de V.S.. Com a experiência que o IBBD já tem deste tipo de trabalho e com a ajuda da direção desta Sociedade e dos microbiologistas seus associados, servindo como consultores para os diferentes ramos da microbiologia, esta tarefa será grandemente facilitada. A parte de microbiologia médica, que é bastante volumosa já foi levantada pelo IBBD, segundo estou informado.

A Sociedade Brasileira de Microbiologia está fazendo um cadastro das instituições científicas e dos seus microbiologistas, o que poderá ser bastante útil para o fornecimento de dados bibliográficos.

Resta-nos portanto dar os primeiros passos para este trabalho que estou certo será de inestimável valor para o desenvolvimento da ciência básica e suas aplicações tecnológicas neste ramo da biologia.

Subscrevo-me, atenciosamente,

Dr. Laerte de Andrade
Presidente

Laboratório Central de Tuberculose
Rua Carlos Seidl, 613
Cajú - GB

A partir de 1971, Amadeu Cury se tornaria Reitor da Universidade de Brasília (PRATA, 2008) e convidaria Thiago de Mello a ser Decano de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade e professor de microbiologia. A partir de então, novos equipamentos trariam revitalização a pesquisas e uma estação sismológica seria implantada (MELLO, 2016b). Milton Thiago ainda acompanharia a organização dos cursos de pós-graduação do Brasil no Instituto de Microbiologia e paralelamente ao curso do Instituto de Biofísica de Carlos Chagas (MELLO, 2016b).

O oficial Milton Thiago de Mello conhece Ítalo Suassuna⁷² farmacêutico recém-formado que chega do Rio Grande do Norte em busca de melhores oportunidades no Rio de Janeiro. Ingressa na Universidade do Brasil em 1952 para fazer o CEM. Na época, o Instituto ainda não existia formalmente, o curso ocorria no que seria o Pavilhão da Microbiologia, antigo refeitório do Hospital dos Alienados (SUASSUNA, 2016). Mais tarde, o Pavilhão se transformaria no Instituto de Microbiologia no *campus* Praia Vermelha, como vimos. Quando finalizou o curso, Ítalo Suassuna foi convidado por Paulo de Góes, que nesta época já era professor na Cátedra de Medicina, a dar aulas para os colegas da Medicina. No Pavilhão aconteciam as aulas para os cursos da Medicina, Farmácia e Enfermagem (SUASSUNA, 2016).

O professor Ítalo Suassuna confirma que o CEM foi obra de Paulo de Góes e quando ele propôs a criação do Instituto houve descontentamento por parte de outros representantes universitários porque Góes estava dominando o campo da Microbiologia da Universidade (SUASSUNA, 2016). Houve embates no Conselho Universitário por causa da votação que criaria o Instituto. O principal opositor era Raimundo Moniz de Aragão, que era o professor de Microbiologia da Química (ESPINOLA, 2002). O Presidente do Diretório dos estudantes era aluno de Química, o que influenciava muito, porque os alunos representados votavam contra Paulo de Góes. O Professor Ítalo Suassuna conseguiu ser representante dos alunos de Medicina e decidiu o voto dos estudantes da Medicina a favor de Góes. Durante o processo de oficialização do Instituto, o CEM já existia e continuava a funcionar (SUASSUNA, 2016).

Em relação ao Curso de Atualização e Revisão em Métodos de Microbiologia e Imunologia (CARMMI) e ao CEM, citados nas comemorações do centenário de Paulo de Góes (LIBERTO; CABRAL, 2013), o professor Ítalo esclarece que ele e a esposa Ivone Suassuna propuseram que o CEM fosse dividido e realizado em dois momentos, primeiro em um estágio probatório, denominado CARMMI e em seguida o CEM (SUASSUNA, 2016).

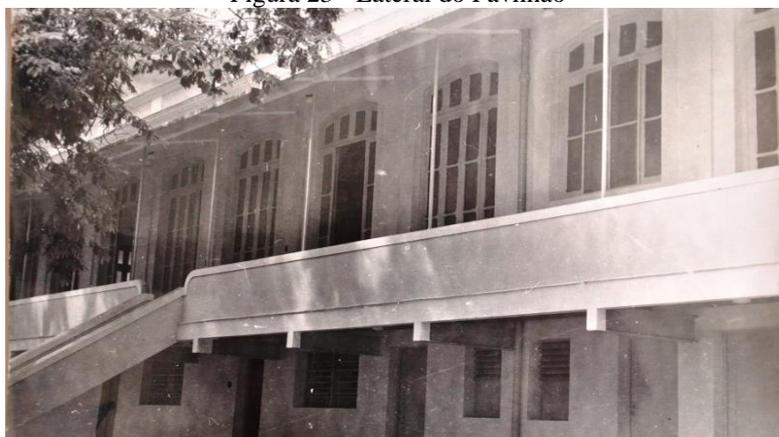
⁷² Ítalo Suassuna era parente de um oficial do exército, colega de Milton Thiago de Mello. Este o indicaria ao curso CEM do Instituto de Microbiologia (SUASSUNA, 2016).

Isso ocorreu porque havia uma desvantagem de conhecimento sobre microbiologia entre os candidatos do Rio de Janeiro e do interior do Brasil que vinham concorrer a uma vaga no CEM. Qualquer estudante poderia fazer o CARMMI, mas desse modo haveria uma pré-seleção para o CEM. Cada aluno selecionado para esse curso treinava em um laboratório e realizava tarefas de estagiário se comparando a um interno de Medicina. O professor Ítalo Suassuna esclarece que o CARMMI passou a ser um curso teórico, contra a sua vontade, porque ele considerava que deveria haver treinamentos práticos, mas aí venceu a opinião de outras personalidades como Luis Rodolpho Travassos, que fazia parte do grupo de decisões (SUASSUNA, 2016). Posteriormente, o CEM seria denominado CEMI. Na verdade, o conteúdo do CEM era o mesmo, somente acrescentou-se um I de Imunologia ao final (SUASSUNA, 2016).

No que se refere ao suporte à pesquisa e à criação do CENIM, o Professor Ítalo Suassuna se lembra da existência de uma parceria entre o IBBD e o IM, mas não souber detalhar como funcionava o Centro. Maria Rondon e Célia Zaher foram citadas como bibliotecárias que passaram pela biblioteca do Instituto (SUASSUNA, 2016). Destacou a competência de Zaher quando o orientou na pesquisa e na organização de sua tese. Em relação à tese, Suassuna revela que essa produção foi revisada por Amadeu Cury. Justifica sua gratidão pelo Vice-Diretor do Instituto e reforça a importância da colaboração de Célia Zaher, profissional que deu suporte à pesquisa científica (SUASSUNA, 2016).

Em relação à estrutura física do Instituto no campus da Praia Vermelha, o professor Suassuna (SUASSUNA, 2016) revela em sua entrevista que a unidade era composta por dois andares.

Figura 23 - Lateral do Pavilhão



Fonte: Família Góes, 1950?

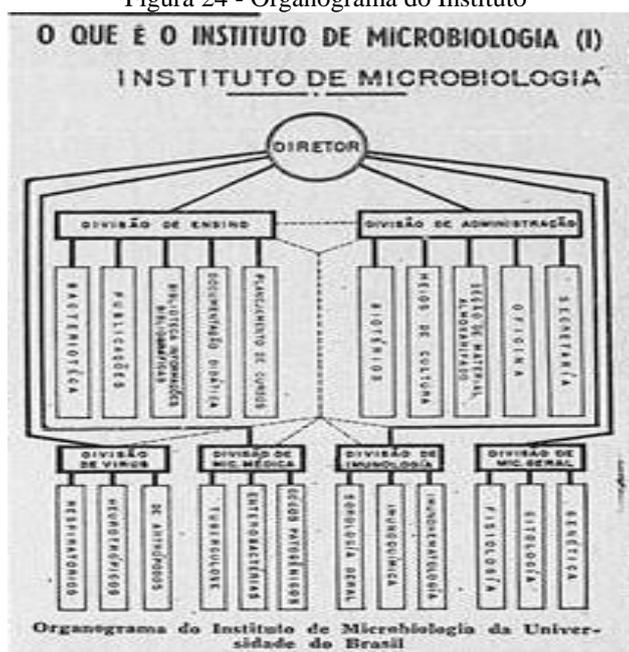
No correio da manhã de julho de 1960 foi publicada uma série de reportagens entre os dias 22 e 23 de junho, nas quais se relatava a história da criação do Instituto de Microbiologia. O Instituto nasceria em 1950 a partir do antigo Laboratório de Microbiologia da Faculdade Nacional de Farmácia da UB. Seu crescimento demandaria a incorporação do Laboratório de Microbiologia da Faculdade Nacional de Medicina (ROTEIRO..., 1960). Seria aprovada, portanto, a criação do Instituto com a denominação de Instituto de Microbiologia Médica, nos termos do decreto n. 37.900 de 15 de novembro de 1955. E letra K do artigo 16 do Estatuto da UB (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1955). A formação do Instituto centralizaria a maior parte do ensino e pesquisa microbiológica da UB, e dos laboratórios⁷³ que a ele deram origem. O período mais ativo da pesquisa no Instituto seria entre os anos de 1946 e 1949 no campo da Imunologia (ROTEIRO..., 1960). Nesse período a principal fonte de investigação em Biologia vem dos alunos dos cursos de medicina, farmácia, veterinários e dentistas. O pessoal desses campos vinha demonstrando interesse nas investigações microbiológicas e o modo mais produtor para evolução da pesquisa seria o trabalho nos laboratórios dessa unidade. Nesses espaços, alunos que se destacavam no trabalho científico receberiam bolsas de estudo, preparando-se sistematicamente para a realização do CEM. Após essa fase estariam preparados para serem enviados a outros países a fim de complementarem seus currículos (ROTEIRO..., 1960). A descrição do sistema de pesquisa e consolidação da unidade como local de ensino da pós-graduação descreve o caminho percorrido por Amadeu Cury ao receber uma bolsa da Fundação Guggenheim, que o tornaria apto a assumir a responsabilidade sobre uma linha de investigação. O laboratório da unidade seria também ambiente de pesquisa de Luís Rodolpho Raja Gabaglia Travassos enquanto era aluno da UB (TRAVASSOS, 2012).

O Instituto de Microbiologia era considerado um local de aprendizado complexo, pois dessa unidade se demandava o ensino de outros cursos das ciências médicas da UB.

Naquele tempo a organização geral do Instituto obedecia a um organograma formado por seis divisões gerais, aos quais estão subordinados serviços gerais ou laboratórios de pesquisa, conforme o quadro a seguir:

⁷³ O Laboratório da Faculdade Nacional de Farmácia seria o mais antigo da Universidade, fundado em 1901, ano do início do estudo dessa disciplina no Brasil (ROTEIRO..., 1960)

Figura 24 - Organograma do Instituto



Fonte: ROTEIRO..., 1960.

Nesse período, a Biblioteca do Instituto estava subordinada à Divisão de ensino da Unidade. No capítulo introdutório dos Anais de Microbiologia do ano de 1961, o Centro Nacional de Informação Científica (CENIM) é citado como um centro criado para prestar serviços de assistência à unidade, como também a centros menores no que se refere a informações bibliográficas em Microbiologia com o objetivo de desenvolvimento de trabalhos de investigação (ANAIS..., 1961). As descrições do que era realizado na unidade refletem o ano que findava, como um relatório administrativo das atividades que ocorriam em um determinado ano naquela unidade. Concluímos que as tratativas para a criação do centro ocorreriam ainda em 1960.

Paulo de Góes informa que o Instituto de Microbiologia abrigava uma das melhores bibliotecas do país, pois nela existiam obras especializadas que atenderiam as necessidades acadêmicas da Universidade. O convênio estabelecido entre o IBBD e a UB para criação do CENIM era a evidência disso e questiona o término do centro ao afirmar que desconhece o motivo do seu fim (GÓES, 1977).

Sobre os periódicos doados a Biblioteca do Centro de Ciências em Saúde (CCS), Paulo de Góes (GÓES, 1977) afirmava sua oposição, pois parte das coleções entregues a Biblioteca do Instituto ao CCS não estariam catalogadas, mas armazenadas no porão daquela Biblioteca.

Em busca de documentos que pudessem representar todo o ambiente do IM, encontramos a planta do Instituto de Microbiologia nos Anais de Microbiologia abaixo

gabinete, microbiologia geral e imunologia. Quanto à biblioteca ele não lembrava a localização (SUSSUANA, 2016). A biblioteca ficava localizada no pavimento superior ao lado do gabinete do professor (ANAIS..., 1951).

Na visão de Ítalo Suassuna, Paulo de Góes quebrou um monopólio quanto ao ensino e pesquisa. O professor cita como exemplo o crescimento na Microbiologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde Suassuna também era professor. Ele informa que desenvolveu o campo da Microbiologia a partir dos conhecimentos adquiridos no Instituto, e que o indicava a todos os alunos da UERJ interessados em continuar os estudos nesse campo científico. Nas várias Instituições brasileiras em que ele e Ivone Suassuna estiveram, encontravam especialistas em Microbiologia formados pelo CEM (SUASSUNA, 2016). Paulo de Góes, ao criar o CEM, abriu oportunidades para os profissionais do Brasil inteiro porque quem quisesse estudar os microrganismos até então teria que recorrer a FIOCRUZ.

Quanto à vivência com o patrono do Instituto e com outras personalidades que circulavam na Microbiologia, Ítalo Suassuna considera Paulo de Góes um gênio, a memória mais prodigiosa que ele conheceu. Era influente e se relacionava bem em todos os ambientes, enquanto o vice-diretor Amadeu Cury era o profissional que lidava com a parte técnica, com a estrutura interna do Instituto. Ítalo Suassuna comparou Góes a um “Político” e Cury a um “Ministro dos Interiores”. Afirma que os dois eram indissociáveis. Assumir a Direção foi um ato praticamente automático naquele tempo, pois não havia Congregação no Instituto. A unidade era dividida por departamentos: além de ser Vice-Diretor, Amadeu Cury respondia pela Microbiologia Geral, Ítalo Suassuna respondia pela Microbiologia Médica, Joaquim Travassos assumia a Virologia e Moisés Fuks a Imunologia. Este Conselho Departamental é que em conjunto, tomava as decisões, quando Góes o permitia. Paulo de Góes era o Instituto.

Em relação a Milton Thiago de Mello, o professor Suassuna enfatiza que ele não fazia parte do corpo da Universidade e como professor do Colégio Militar teria poucas chances de se tornar pesquisador. Era assistente do Pesquisador Genésio Pacheco na FIOCRUZ e ali conheceu Amadeu Cury que o levou para atuar no Instituto de Microbiologia (SUASSUNA, 2016), lugares nos quais pôde desenvolver suas pesquisas.

Suassuna (2016) relata que Amadeu Cury passou a Diretor do Instituto, quando Góes foi ocupar o cargo de Adido Científico em Washington (EUA). O entrevistado regeria o curso de Medicina na Microbiologia, substituindo Paulo de Góes. Na época Carlos Chagas era o Diretor da Faculdade de Medicina. Góes e Chagas haviam acordado que Cury deveria ser o regente da cátedra. Ítalo Suassuna revelou que abriria mão por gratidão a Amadeu, mas que não seria coerente renunciar espontaneamente, então pediu a Paulo uma carta solicitando a

renúncia que ele assinaria. Como isso não aconteceu, confirmou-se a regência da Medicina pelo professor Ítalo durante a ausência de Paulo de Góes na Universidade.

Quando assumiu o cargo internacional, Góes atuou no chamado “retorno dos cientistas” (FIOCRUZ, 1969). Segundo o entrevistado, esse lado foi salientado porque Paulo de Góes sabia divulgar seu trabalho. Ítalo Suassuna sinaliza que, conforme a visão das diferentes partes, o ano de 1964 foi o ano da revolução ou do golpe e é nessa época que se inicia o êxodo de profissionais. A falta de suporte e investimento na pesquisa dificultava a vida dos cientistas no Brasil. Ele ressalta que houve convites para que Suassuna pesquisasse nos Estados Unidos, mas que ele se fixou no Brasil fazendo Ciência no Instituto de Microbiologia e posteriormente na UERJ (SUASSUNA, 2016).

Em relação à criação dos cursos *stricto-sensu*, o professor Ítalo lamenta não poder contribuir com informações precisas porque já estava se dedicando à docência e às atividades da Sub-Reitoria da UERJ. Confirma que Luiz Rodolpho orientando de Amadeu Cury no IM era filho de Joaquim Travassos, este grande amigo do professor Ítalo (SUASSUNA, 2016).

Perguntado sobre a transferência do Instituto do campus Praia Vermelha para a Cidade Universitária, o professor afirma que foi uma situação forçosa. Ele critica a estrutura do bloco I do Centro de Ciências da Saúde (CCS) onde foram abrigados os laboratórios do Instituto. Na época ele comandou a mudança de seu departamento e acrescenta que foi a primeira vez que se listou todo o patrimônio da unidade para que pudesse ser liberado para a Cidade Universitária.

Em julho de 1973, o Instituto estaria sendo transferido para a Cidade Universitária. Quando Maulori Cabral chega ao Rio de Janeiro em 1974, o Instituto já está instalado na Ilha do Fundão (CABRAL, 2016). O Professor Cabral foi daqueles alunos que escolhe a especialidade, devido à admiração e influência de um mestre.

Maulori Curié Cabral nasceu na cidade de Monte Alegre, Rio grande do Norte em 1951. Atualmente vive em Niterói (RJ) e é professor da UFRJ desde 1979. O docente (CABRAL, 2016) relata que descobriu a existência do Instituto de Microbiologia através da professora de microbiologia, da qual ele era monitor na Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN). Ela havia estado no Instituto, como aluna na turma de 1973, fazendo curso de especialização.

Mas, seu interesse pelo Instituto é impulsionado a partir da visita de Paulo de Góes à UFRN com um programa intitulado Planarbo, que segundo a definição do docente

(CABRAL, 2016) seria uma avaliação das Arboviroses ⁷⁴ no território brasileiro. Góes precisaria de alguém que coletasse sangue para amostras e Maulori Curié Cabral, como aluno, havia estudado as técnicas de coleta. É nesse período que Maulori Cabral conhece o patrono do Instituto.

Ainda no ano de 1971, Paulo de Góes encaminha em ofício ao Dr. João Da Silva Tomás - Secretário de Saúde e Assistência do Estado da Guanabara (RJ) à época, uma cópia do projeto de pesquisa sobre a “ocorrência de Arbovírus e Arboviroses no Estado da Guanabara”, no qual alerta a importância do assunto no que se refere à introdução de animais reservatórios de referidos vírus e seus vetores, encontrando uma população não imune a esses vírus. Aponta também a urbanização de doenças, devido à presença do *Aedes aegypti*, o que causaria consequências imprevisíveis. Problemas que ocorreriam devido à abertura de novas estradas de rodagem e de interligação entre os estados. Cópias do projeto foram enviadas às Forças Armadas Brasileiras (Exército, Marinha e Aeronáutica) solicitando a colaboração de funções que seriam pertinentes a cada uma dessas Instituições, de modo a garantir a segurança nacional (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a).

Para dinamizar o Projeto Arboviroses, o Corpo Deliberativo do Departamento de Virologia resolve nomear, em 12 de dezembro de 1977, o professor Paulo de Góes como Diretor executivo do projeto (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). As ações de Paulo de Góes nas décadas de 1960 e 1970 demonstram o espírito visionário do cientista e sua influência entre os órgãos de poder no país.

O professor Maulori menciona uma palestra em 1973, realizada por Paulo de Góes. De acordo com as lembranças do docente (CABRAL, 2016). Góes era figura imponente, usava camisa pólo, terno e calça brim. Chamaria a atenção por buscar as pessoas com o olhar. O professor (CABRAL, 2016). Ele se apresentaria e ministraria a palestra. Deixaria a tarefa do convite com os professores da microbiologia da UFRN.

Antes de começar sua vida acadêmica no IM, o professor Cabral relata outra experiência que ocorre fora de Natal (RN), quando decide estagiar no núcleo de antibióticos do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Após os trâmites burocráticos, permanece no IFPE, por três meses, entre dezembro de 1972 e fevereiro de 1973 (CABRAL, 2016). O professor passa a frequentar a biblioteca e é apresentado aos tradutores. Ele explica que a biblioteca do local possuía uma dupla de tradutores que se revezava todos os dias. Eram

⁷⁴ No ano de 1964, Paulo de Góes escreve a monografia intitulada: Arbovírus e Arboviroses no Brasil. No prefácio de Manuel Reimão Pinto, catedrático de Bacteriologia e Virologia do Instituto de Medicina Tropical de Lisboa, aponta-se que a obra realizada pelo IM e por outras Instituições trabalham pelo esclarecimento da epidemiologia destas doenças no país (GÓES, 1964).

políglotas que recebiam textos em português e os artigos eram traduzidos para a língua romena, alemã e francesa e outros idiomas (CABRAL, 2016). O professor ressalta o papel das bibliotecas como espaços importantes de suporte a pesquisa científica.

Em 1974 Maulori Cabral relata sua chegada a UFRJ em busca do mestrado no Instituto de Microbiologia. Ele relembra a estranheza que sentiu entre a vivência em Pernambuco e sua adaptação na cidade do Rio de Janeiro (CABRAL, 2016). Inicialmente faria o CARMMI, um curso que nivelava todos os alunos e que os prepararia para o mestrado no Instituto. Era realizado no auditório do Instituto e havia as aulas práticas de laboratório em janeiro e fevereiro, no calor intenso do Fundão. A partir da aprovação no CARMMI, o aluno Maulori inicia o CEMI que duraria de março a dezembro. No CEMI, os alunos passavam pelos departamentos a cada dois meses (CABRAL, 2016). O corte das notas no CEMI seria acima de 07 (sete). O ingresso no mestrado dependia do desempenho do aluno no curso. Três notas abaixo da média desclassificavam o aluno. O nível de exigência era alto (CABRAL, 2016).

Sobre Paulo de Góes, o professor informa que ele dirigia o Instituto e que não havia ainda contato com Góes. Porém o professor circulava pelos corredores e vistoriava cada sala, inspecionava toda a unidade, sem hora marcada. De repente, ele resolvia sondar, entrava nos ambientes, perguntava sobre o trabalho, sugeria soluções e cobrava produtividade (CABRAL, 2016).

O professor Maulori enumera as aulas no curso de especialização: microbiologia geral, imunologia, microbiologia médica e no último trimestre havia química. Ele confessa que se encantou com o estudo sobre a microbiologia anaeróbica, mas o início no ciclo no departamento de virologia transformaria sua vida acadêmica (CABRAL, 2016). Nesse período, o professor se aproxima de Paulo de Góes, que daria a primeira aula com apenas um slide. Cabral explica que o slide foi exposto, mas enquanto Paulo de Góes explanava, também desligava o projetor, em seguida explorava outro tópico, mais um debate e a reapresentação do mesmo slide (CABRAL, 2016). Assim o fazia sucessivamente até o final da apresentação. O entrevistado compreenderia que Góes contextualizou em um único slide todos os tópicos abordados em sua aula (CABRAL, 2016). A perspectiva e o prognóstico eram características singulares de sua personalidade. Tais qualidades se aplicariam a todas as áreas de atuação (CABRAL, 2016). O professor se sensibiliza e opta por dedicar-se a virologia. Após terminar o relatório da especialização na Virologia, sob a orientação de professor Paulo Machado (ANAIS...,1975).

Malouri Cabral finalmente ingressa no mestrado do IM. Maulori Cabral ainda realizaria o Doutorado em Ciências (Microbiologia) na UFRJ. Esse ocupa o cargo do Departamento de Virologia do Instituto Paulo de Góes, na época da entrevista (CABRAL, 2016).

Quanto ao suporte à pesquisa durante os cursos de pós-graduação na microbiologia, o professor Cabral (2016) lembra que se usava a biblioteca todo o tempo. A bibliotecária-chefe era a Sra. Maria Molina Rondon, filha do Marechal Rondon, a Sra. Marinalda de Arruda Melo Athayde, que ainda está em atividade na UFRJ e Dilma Cayres, que atua no Instituto desde a década de 1970 (ANAIS..., 1971) A Sra. Rondon controlava toda a circulação do acervo com rigor. Acervo composto por livros e periódicos. Os livros eram bastante utilizados durante o curso de especialização, enquanto os artigos eram consultados no mestrado (CABRAL, 2016). Lembra que a biblioteca possuía uns cartões com os procedimentos para a reprodução de artigos. Havia os *indexes Medicus* que eram recebidos a cada três meses. Também surgia outra opção de consulta para descobrir os artigos originais, como os sumários correntes. Naquele período o Instituto dispunha de verba para pagar selos internacionais. Os artigos eram, em sua maioria, internacionais. Recorria-se também à Biblioteca Central do Centro de Ciências em Saúde (CCS). A Biblioteca do Instituto era menor, mas com acervo diferenciado. Na ausência do material solicitado nessas bibliotecas, os pesquisadores recorriam à Biblioteca de Manguinhos (FIOCRUZ). A biblioteca da Microbiologia salvaguardava os periódicos da história da Microbiologia, um deles era o Boletim da Academia Alemã de Microbiologia. Material do final do século XIX, fase de ouro da Microbiologia (BROOKS, 2014). Revistas colecionadas em volumes grossos dos Anais da Academia Alemã de Microbiologia. Infelizmente foram doadas por falta de espaço. Na visão do docente (CABRAL, 2016) a biblioteca foi suprimida para que se ganhasse espaço na unidade. A biblioteca era extensa, ocupava três salas, que seria onde ficam a graduação e a Direção atualmente (CABRAL, 2016). A partir da década de oitenta, enquanto Maulori Cabral (2016) frequentava o curso de Doutorado, surgiam os periódicos em formato eletrônico através do Ministério da Educação (MEC). Na atualidade existem os serviços de alerta, incluídos nas Bases de Dados do Portal da Capes. Maulori percebe a biblioteca como lugar de memória e de sociabilidade ao abordar a exposição do centenário de Paulo de Góes (CABRAL, 2016).

Quando aborda as comemorações do centenário do fundador do Instituto, lembra-se de outro evento: os cinquenta anos do Instituto de Microbiologia, ocorridos durante a gestão do Professor José Mauro Peralta (LIBERTO; CABRAL, 2013). Para o docente celebrar os cinquenta anos da unidade era acontecimento obrigatoriamente vinculado ao seu criador

(CABRAL, 2016). A Direção daquele período contaria com apoio do professor Cabral que colaboraria com o cinquentenário do Instituto de Microbiologia, evento que o aproximaria da família Góes (CABRAL, 2016).

Ao lembrar-se dos eventos comemorativos, Cabral faz um resumo da vida acadêmica do patrono do Instituto. Paulo de Góes torna-se professor das faculdades de Medicina, Farmácia e Escola de Enfermagem Ana Nery. As três escolas situavam-se em locais dispersos. Paulo de Góes precisa se locomover com frequência, o que na visão desse mestre resultaria em perda de tempo e trabalho imperfeito. Como solução ele pensaria em um único espaço para reunir as disciplinas da microbiologia das diferentes áreas do conhecimento. As Faculdades de Odontologia e Química possuíam seus próprios professores (CABRAL, 2016). A concepção do Pavilhão de Microbiologia consolidaria esse ideal, o de unir as disciplinas das graduações. Um segundo ideal ocorreria no mesmo espaço: os cursos de capacitação e de especialização: CARMMI e CEM (CABRAL, 2016). Sobre a pós-graduação *stricto sensu*, o docente informa que em setenta e dois já existia o doutorado na unidade (CABRAL, 2016). A primeira tese do Instituto foi defendida em 1967 por Luiz Rodolpho Travassos, com o título: “Ação antimetabólica de colina e etionina em *Candida slooffii*”, sob orientação do professor Amadeu Cury⁷⁵ (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1995).

Ao ser perguntado sobre o percurso do Instituto de Microbiologia, desde o nascimento até a contemporaneidade, o docente observa que a unidade ampliou o campo de formação profissional com o curso de graduação (CABRAL, 2016). A unidade do CCS seria o celeiro para profissionais que abraçam diferentes ramos de atuação profissional. Em relação ao mestrado e ao doutorado, o professor entende que a pós-graduação possibilita a admissão de massa crítica em pontos estratégicos: Institutos de pesquisa, Universidades Federais e Privadas (CABRAL, 2016). O professor Cabral aponta a FIOCRUZ como uma das instituições que emprega profissionais procedentes da Microbiologia da UFRJ (CABRAL, 2016). O entrevistado compreende que é fundamental o Instituto de Microbiologia assumir sua importância no processo de formação profissional, sendo o ensino, a principal vocação do Instituto. O professor revela que quando chegou ao Instituto, o Professor Paulo de Góes não atuava mais em bancada, no entanto ainda ministrava aulas, principalmente as inaugurais e que havia outros mestres, como Ítalo Suassuna e seu próprio orientador Raimundo Diogo Machado (CABRAL, 2016).

⁷⁵O professor Maulori (2016) alega não conhecer o trabalho técnico-científico de Amadeu Cury, Ele saíra do Instituto de Microbiologia e já residia em Brasília (DF) afirma tê-lo conhecido quando esteve em Brasília (DF). Amadeu Cury era casado com a irmã de Paulo de Góes, portanto cunhado do fundador do IM (CABRAL, 2016).

Para Cabral a atuação mais marcante de Paulo de Góes seria a sua indicação para concorrer ao cargo de Reitor na UFRJ. Paulo de Góes era o primeiro nome da lista (CABRAL, 2016) No Fundo Paulo de Góes (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a), o conselho universitário em sessão ocorrida no dia 31 de julho de 1969 convoca o conselheiro Paulo de Góes para participar de reunião extraordinária que trataria da sucessão reitoral do Reitor á época: Clementino Fraga Filho. De fato, Paulo de Góes seria o primeiro de uma lista sêxtupla (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a).

Através de seu trabalho e influência Paulo Góes criaria um tipo de formação que difundiria o Instituto de Microbiologia ⁷⁶ e que se expandiria na contemporaneidade com o Curso de Graduação em Microbiologia.

Outro entrevistado do IM é Sérgio Fracalanza. O professor era recém-formado em Farmácia, quando decide sair de Araraquara (SP) para fazer o CARMMI no IM. O IM era centro de referência (FRACALANZZA, 2016). Sérgio Eduardo Longo Fracalanza é professor titular do Instituto de Microbiologia que inicia sua trajetória na UFRJ a partir de 1974. Naquele período, haveria somente um curso de especialização em São Paulo e um curso em formação na Universidade Federal de Minas Gerais (FRACALANZZA, 2016). Quanto ao CARMMI, o professor Fracalanza (2016) ressalta que esse não seria apenas um curso de atualização e revisão, mas seria principalmente uma seleção para a realização do CEMI. O CARMMI ocupava os meses de janeiro e fevereiro, e os selecionados no CARMMI realizavam de março a dezembro o CEMI. Os aprovados recebiam um certificado pela UFRJ e ingressavam no Mestrado. No período, o Instituto de Microbiologia estava recém-instalado na cidade universitária. O professor (FRACALANZZA, 2016) recorda-se da dificuldade de adaptação a esse novo local durante o verão de 1974. O Auditório e os laboratórios, apesar de bem construídos, eram abafados. Docentes usariam de orçamento próprio para a compra de aparelhos de ar condicionados. Entretanto, havia grande procura pelo Instituto e o motivo era a existência desses cursos na microbiologia (FRACALANZZA, 2016).

Ao ser perguntado sobre o suporte documental à pesquisa, o professor Fracalanza revela que fazer ciência era atividade complexa e afirma que a biblioteca evoluiria junto com o Instituto. Era um ponto de encontro e um centro de informações, era local de acolhimento

⁷⁶A consolidação do Instituto de Microbiologia é resultado das ações de Paulo de Góes (SUASSUNA, 2016). O professor considera ainda que o surgimento da graduação em Microbiologia faz a área se fortalecer e reitera que a obra notável de Paulo de Góes não comentada é a democratização do ensino da Microbiologia no Brasil. Para Ítalo Suassuna Paulo de Góes foi um visionário ao criar um curso de especialização no campo da microbiologia (SUASSUNA, 2016).

dos estudantes, entre troca de carinho e repreensões de Dona Maria Rondon, a bibliotecária responsável (FRACALANZZA, 2016).

Recorda-se de o acervo da biblioteca ser composto por livros e revistas. Algumas assinaturas dos periódicos eram feitas por professores, que doavam ao acervo, outras o Instituto assinava. Antes das bases de dados, que surgiriam a partir dos anos de 1980, usava-se o *Current Contents*. Receber as publicações no Instituto demoraria cerca de três a quatro meses, o que causava atraso a consulta (FRACALANZZA, 2016). O professor Fracalanza (2016) descreve o processo para solicitação de artigos: preenchia-se uma ficha com os dados de autoria e o título, era solicitado à biblioteca os selos e, em seguida, enviava-se pelo correio ao autor do artigo. Quando não havia retorno do autor, se recorria à Biblioteca da Fiocruz ou à Bireme. Por essa razão, Fracalanza afirma que naquele período elaborar uma dissertação levaria um tempo de quatro a cinco anos. Era trabalhoso o acesso à bibliografia. Fracalanza lembra-se da determinação de Rodolpho Travassos. Durante as férias ele levava o *Current Contents* para examinar (FRACALANZZA, 2016). De acordo com o docente, a biblioteca do Instituto teria como atividade principal a organização e administração do acervo. Função importantíssima devido à rotatividade no empréstimo de livros, do fluxo de alunos e demanda intensa de solicitações. A aquisição de material bibliográfico melhoraria através do projeto FINEP. O entrevistado admira a abnegação das bibliotecárias do Instituto: Dona Maria Rondon, Dilma Cayres e Marinalda de Arruda M. Athayde (FRACALANZZA, 2016).

O professor indica que seu orientador e ex-diretor do IM, Cesar Martins de Oliveira seria o professor que trouxera informações sobre o CENIM, sobre o qual o próprio Sérgio Fracalanza citaria no discurso de comemoração de 50 anos do Instituto (CENTENARIO..., 2013). Quando o professor Fracalanza chega ao Instituto esse centro já não existiria mais. Mas, ele lembra que as fontes usadas para elaborar as dissertações e teses eram apresentadas na defesa por exigência da banca, pois seus membros poderiam solicitar a consulta do documento ao ver a referência citada na produção do aluno (FRACALANZZA, 2016).

O docente lembra que, em 1974, ano de sua entrada no IM, o patrono do Instituto participava da administração do Instituto de forma limitada porque já apresentava problemas de saúde (FRACALANZZA, 2016). O entrevistado lembra que, quando o elegeram representante dos auxiliares de ensino na congregação em 1975, ele se sentava ao lado de Góes durante as reuniões. Rememora a austeridade da personalidade do fundador do IM. Era influente e se relacionava bem com ministros e embaixadores. Todas as suas ações eram a favor do fortalecimento do Instituto. A vida dele era o Instituto. Ele incentivava os jovens

cientistas a se dedicarem a essa unidade. O docente garante que aprendeu a lição e reflete esses valores aos estudantes da atualidade (FRACALANZZA, 2016).

Paulo de Góes ainda se mostrava um líder importante e, apesar de pertencer ao Departamento de Virologia, possuía um Gabinete de Direção permanente. No ambiente diretor, ele se envolvia intensamente com os acontecimentos políticos na UFRJ. Atuaria nos conselhos superiores da Capes e CNPq. Paulo de Góes seria designado pela presidência do CNPq em julho de 1978 a integrar o Comitê Assessor especializado na área de Bioquímica, Fisiologia, Microbiologia, Imunologia e Parasitologia (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). O fundador do Instituto contemplaria a unidade com bolsas e projetos, assumiria a Pró-Reitoria e participaria da Reforma Universitária (FRACALANZZA, 2016).

No tempo em que o Sérgio Fracalanza chegava ao Instituto, o investimento nas pesquisas girava em torno daquilo que seria possível realizar. Os equipamentos eram rústicos, o material de consumo era de difícil acesso. Mas havia empenho daquele grupo. Os apoios internacionais financeiros e políticos com EUA e Alemanha tornar-se-iam imprescindíveis. O professor destaca que outro fator importante para o incremento da pesquisa nas universidades seria o financiamento da FINEP, que à época teria toda uma linha de apoio institucional de estímulo à pesquisa universitária. Também o Instituto passa a ter equipamentos modernos e novos projetos com a FINEP. Seria uma linha divisória de investimento na década de 1970 (FRACALANZZA, 2016).

O professor Fracalanza atribui parte da qualidade do aprendizado da microbiologia ao professor Wilson Chagas de Araújo que, sendo diretor entre os anos de 1976 e 1979 (CENTENÁRIO..., 2013) colocara como meta a formação pós-graduada do grupo da microbiologia ao estimular seus professores a realizar o pós-doutorado. Professores que contribuíram com o crescimento do Instituto através de formação de linhas de pesquisas contemporâneas com destaque no exterior (FRACALANZZA, 2016).

Sobre Amadeu Cury, o professor Fracalanza afirma tê-lo conhecido na Sociedade Brasileira de Microbiologia (SBM). Por esse tempo o Professor Cury teria deixado o Instituto para residir em Brasília. Fracalanza (2016) considera Amadeu Cury uma personalidade extraordinária (FRACALANZZA, 2016). Atuara no CNPq e na CAPES em benefício da pós-graduação em microbiologia no país. Um profissional influente que, mesmo aos 90 (noventa) anos, teria também um gabinete conservado pela CAPES. Através das entrevistas inferimos que Paulo de Góes e Amadeu Cury seriam personalidades influentes, inseparáveis e congêneres que contribuiriam de forma significativa no desenvolvimento científico no país.

Sobre Cury, construir-se-ia sólida amizade com o entrevistado (FRACALANZZA, 2016), que rememora uma história incomum⁷⁷ referente à produção de penicilina laboratorial produzida nos subterrâneos da FIOCRUZ aonde Amadeu trabalhara na década de 1940. Em relação à Fundação, o professor Fracalanza (2016) confere a esta Instituição importante papel no desenvolvimento da microbiologia, entretanto destaca que seria dentro do Instituto de Microbiologia a criação da Sociedade Brasileira de Microbiologia⁷⁸ em parceria estreita com a FIOCRUZ. Instituto de Microbiologia e FIOCRUZ se complementam (FRACALANZZA, 2016).

O professor (FRACALANZZA 2016) alerta que a FIOCRUZ, em particular, Biomanguinhos, tem como meta a produção de medicamentos e imunobiológicos, característica diferente do Instituto, que é formador de recursos humanos por excelência. É pela obra de Paulo de Góes que se observa o preenchimento do quadro funcional da FIOCRUZ, que possui cerca de 60% a 70% de microbiologistas formados no Instituto (FRACALANZZA, 2016). Ele assegura que por todo Brasil é possível encontrar profissionais oriundos do Instituto de Microbiologia. Microbiologistas que destacam a importância da formação que esta conceituada unidade proporcionou a eles.

O prestígio que o Instituto de Microbiologia mantinha se caracterizava por uma diversidade humana, que incluía abrangência profissional e geográfica (FRACALANZZA, 2016). CARMMI e CEM eram frequentados por alunos de áreas afins em saúde, vindos de todo o Brasil e da América Latina. Cursos fundamentais para um extenso aprendizado em microbiologia. Professores vinham fazer o CARMMI, mesmo que não houvesse a intenção de realizar a especialização, que recebeu o I de Imunologia no nome e passou a ser chamado de CEMI. O CARMMI fornecia uma revisão e uma atualização únicas. O professor explica que as aulas de microbiologia na sua faculdade eram atualizadas, porém havia certas lacunas. Ele informa que ouviria os princípios elementares sobre virologia e imunologia no CARMMI, condição básica para fazer uma prova para o CEMI. Destacamos que, além do trabalho de

⁷⁷ O professor Fracalanza relata que na ocasião da produção da penicilina, os pesquisadores passaram a trabalhar de roupa íntima nos laboratórios da Casa da Oswaldo Cruz devido ao clima do Rio de Janeiro, que atingia altas temperaturas em Manguinhos. Ele destaca a dedicação à ciência de Amadeu e seus pares (FRACALANZZA, 2016).

⁷⁸ Em 28 de setembro de 1956, durante o 2o Simpósio para o Desenvolvimento da Microbiologia no Brasil, realizado no Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), foi assinada por um grupo de notáveis cientistas pertencentes à *Society of American Bacteriologists*, ramo do Rio de Janeiro, a ata de fundação da Sociedade Brasileira de Microbiologia. Os Profs. Genésio Pacheco, Paulo de Góes e Milton Thiago de Melo eram membros da comissão de iria definir o estatuto da nova sociedade. Disponível em <<http://sbmicrobiologia.org.br/eventos/60-anos-da-sociedade-brasileira-de-microbiologia>>. Acesso em 11 abr. 2017.

Paulo de Góes com a virologia, Joaquim Travassos assumia a Virologia e Moisés Fuks a Imunologia nos primeiros anos do Instituto (FRACALANZZA, 2016).

Fracalanza acredita na superioridade dos ensinamentos do IM quando compara o aprendizado em diferentes regiões do Brasil. No fim questiona a qualidade teórica nessas regiões. Os docentes com mais de 50 (cinquenta) anos passariam pelas mãos de titulares como Luiz Rodolpho Travassos da microbiologia geral, Ítalo Suassuna da microbiologia médica, Raimundo Diogo Machado na virologia e Moises Fuks da imunologia (FRACALANZZA, 2016).

O professor Fracalanza aponta que o Instituto de Microbiologia ganharia outra projeção com o surgimento do curso *stricto-sensu* na unidade, com um dos primeiros doutorados do Brasil⁷⁹. Por sua respeitabilidade, Paulo de Góes conseguiria o credenciamento do doutorado em microbiologia. Góes seria visionário mais uma vez ao reconhecer a importância da pós-graduação no país (FRACALANZZA, 2016). A mudança de ensino e pesquisa na UB seria gradual e serviria de estímulo à formação de orientadores que precisariam se pós-graduar para se tornarem orientadores. Alguns professores do Instituto realizaram seus cursos no exterior.

Fracalanza aponta que Paulo de Góes deixaria como herança novos líderes: Amadeu Cury, Moises Fuks, Ítalo Suassuna, Ivone Suassuna, Raymundo Diogo Machado, Wilson Chagas de Araújo, Joaquim Travassos e o filho Luiz Rodolpho Travassos. Cientistas que compreenderam o que é ser professor do Instituto e da UFRJ. Professores que formariam novos discípulos com mérito. O professor reconhece que sua geração deve muito a esses líderes e existe a obrigação de transmitir para as novas gerações esse legado (FRACALANZZA, 2016). Esses pares colaborariam intensamente com este projeto grandioso, idealizado por um Paulo de Góes cientista e gestor. Sérgio Fracalanza se honra de ter sido durante a sua direção a decisão do acréscimo do nome “Paulo de Góes”⁸⁰ ao registro dado à unidade na década de 1950 (FRACALANZZA, 2016).

Ao lembrar fatos ocorridos na unidade, o docente (FRACALANZZA 2016) detalha sua trajetória nessa unidade de ensino. Foi auxiliar de ensino na UFRJ, entre 1975 e 1978, mas por questões familiares, aliado a um convite da sua faculdade de origem, o professor

⁷⁹ De acordo com as informações fornecidas por Érika Negreiros, que trabalha na Coordenação do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho do Instituto de Biofísica (UFRJ), a primeira tese de doutorado do Brasil seria do Instituto de Biofísica em 05 de junho de 1966 por Roberto Alcântara Gomes. A primeira tese do Instituto de Microbiologia é de autoria de Luiz Travassos, defendida em 07 de novembro de 1967 (PRODUÇÃO..., 1995).

⁸⁰ A sigla do Instituto de Microbiologia possui uma letra p de professor (Instituto de Microbiologia Professor Paulo de Góes - IMPPG), porém por extenso segue como Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, no regimento do Instituto, disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/images/Resolucoes/res10-09.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2017.

resolve retornar a São Paulo. Não se adapta à nova realidade e retorna a UFRJ como professor visitante contratado pela FINEP (FRACALANZZA 2016). A partir do retorno, o professor assume a chefia do departamento na Microbiologia médica, defende o doutorado em 1986 e transita entre atividades administrativas e a ciência (FRACALANZZA, 2016).

O docente explica que, no ano de 1993, assumiria o mandato como Vice-Diretor do Instituto e como Diretor estaria o professor Raimundo Diogo Machado que o convida a ser vice-diretor. O professor relata à época um fato importante que fortaleceria o Instituto de Microbiologia da UFRJ (FRACALANZZA, 2016). Ele afirma que os professores observariam uma carência no conhecimento em microbiologia de alunos da pós-graduação do IM formados em diferentes áreas da saúde: farmacêuticos, biólogos, médicos e dentistas. Aliado a esse fato, haveria uma demanda para profissionais microbiologistas no mercado de trabalho. Fomentou-se, portanto, a ideia da criação do curso de graduação e aproveita-se o estímulo que Governo Federal daria entre 1992 e 1993 para a criação de novos cursos (LIBERTO; CABRAL, 2013). Após intensos debates e contrariando algumas previsões, é aprovado na congregação do Instituto o novo curso de graduação da UFRJ (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2000). Forma-se uma comissão para dispor a grade curricular de quatro anos em microbiologia, envolvendo todas as áreas do campo (LIBERTO; CABRAL, 2013).

O primeiro vestibular para o curso ocorre em 1994, período das eleições para eleger a nova Direção do Instituto. Dessa vez, o docente torna-se o Diretor, mandato 1994-1998 (FRACALANZZA, 2016). Como Diretor, acompanha de perto toda a implementação do curso. Ele elogia os trabalhos realizados por coordenadores e professores do IM, Ângela Goncalves da Silva, professor Armando Alves Borges Neto e professora Eiler F. Toros (LIBERTO; CABRAL, 2013, p. 101). Assegura que eles contribuíram definitivamente para a consolidação do curso. O professor se orgulha de acompanhar a formação da primeira turma de graduação. De acordo com Santos (2013) em 2007 o curso de graduação recebeu conceito máximo do MEC, avaliado com grau 5, com duração de 4.125 horas. O curso apresenta ainda como diferencial, 2.275 horas que são direcionadas a atividades práticas de laboratório (FRACALANZZA, 2016).

A criação do único curso de graduação em microbiologia e imunologia no país até a contemporaneidade ocasionou grandes contribuições, de acordo com o pensamento do Professor Fracalanza. Conteúdos práticos e treinamentos em laboratórios de pesquisa já nos primeiros períodos estimulariam a iniciação científica. O docente aponta uma abertura que seria positiva dessa decisão: alunos da graduação do curso recém-criado se encaminhariam

não somente para o mestrado e o doutorado do Instituto, como também para os cursos *stricto sensu* de outras unidades acadêmicas da UFRJ e extramuros. Nesses espaços os alunos chegariam com a informação científica consolidada (FRACALANZZA, 2016). Segundo o entrevistado, os alunos dominavam a pesquisa. Integrantes da primeira turma, formada em 1997, fazem parte do quadro de professores do Instituto e de outras unidades acadêmicas do Centro de Ciências em Saúde (CCS). Como gestor, Sérgio Fracalanza crê que sua contribuição para o nascimento dessa graduação é experiência enriquecedora (FRACALANZZA 2016). Quando descreve o percurso percorrido pela nova graduação, o docente analisa que as trajetórias do atual curso de graduação e das pós-graduações do IM se assimilariam, não apenas por serem as primeiras no país, mas por atraírem interessados de outras regiões do Brasil.

Ao elevar a qualidade de todo o ensino do Instituto, o professor relembra que a característica do curso de capacitação e especialização era o reconhecimento nacional e internacional. O curso era praticamente frequentado por alunos de todos os países da América Latina. Aponta a própria experiência como exemplo ao justificar a sua escolha pelo Instituto de Microbiologia e não o curso de São Paulo. O docente seria motivado pelo seu professor de microbiologia em Araraquara (SP), porque este havia sido aluno de especialização na Praia Vermelha. Fracalanza (2016) revela que seu professor o trouxera ao Rio de Janeiro para apresentá-lo aos docentes da UFRJ. O Instituto de Microbiologia era a referência em excelência para outras instituições. O instituto iniciou um novo tempo para a microbiologia, importância fundamental que a unidade precisa conservar e também reelaborar (FRACALANZZA, 2016). Virologistas, imunologistas, profissionais do meio ambiente, da indústria, dos alimentos, entre outros são desdobramentos que o Brasil deve fomentar.

Quanto ao curso de graduação, Fracalanza explica que a legislação trabalhista no país exige que profissionais estejam ligados a conselhos profissionais para validar as profissões. Não possuir um conselho regulamentador para os microbiologistas, apesar da excelência na formação de pessoal em microbiologia, ocorre por não existir massa crítica suficiente para instituir o próprio conselho, acentuado pelo fato de haver um único curso desse gênero no Brasil (FRACALANZZA, 2016). A questão foi solucionada com o apoio do Conselho Federal de Biologia que, para atender a exigência legal de registro em seu conselho, solicitou a mudança de nome. O bacharelado intitulado inicialmente como microbiologia e imunologia recebe atualmente o título de curso de bacharelado em ciências biológicas: microbiologia e imunologia. O professor pensa que futuramente a situação pode se reverter levando em consideração a solidificação do curso (FRACALANZZA, 2016).

Terminado o tempo de gestão no agora IMPPG, Sergio Fracalanza ocuparia por um curto período a Vice decania do CCS. Em seguida é eleito a decano do CCS no mandato 1998 a 2002 (FRACALANZZA, 2016). O período era de crise na universidade. O Reitor eleito, à época, seria o professor Aloisio Teixeira, porém Paulo Renato Souza, ministro da educação do governo Fernando Henrique Cardoso, deu posse ao professor José de Vilhena no lugar de Aloisio Teixeira. De acordo com o professor seria um movimento que geraria uma crise de governabilidade na universidade⁸¹ (FRACALANZZA, 2016). Ao fim do mandato, ocorreram novas eleições e a chapa vencedora seria o professor Carlos Lessa e como Vice-Reitor o professor Sérgio Fracalanza. Dessa vez, o ministro Paulo Renato Souza obedece à ordem da lista enviada ao governo, entretanto uma nova eleição presidencial leva Luiz Inácio Lula da Silva ao cargo de Presidente do Brasil. Lula convida Carlos Lessa a assumir o BNDES (INFORME BNDES, 2003). Segundo o professor Fracalanza (2016) pela lei, novas eleições deveriam ocorrer. O professor Aloísio Teixeira se candidataria e convidaria Fracalanza a ser candidato a Vice-Reitor, mas ele declinaria, porque considerava imprescindível que o candidato a Reitoria trabalhasse com uma equipe própria. Sérgio Fracalanza também decide se lançar candidato a Reitoria. A campanha seria de natureza “limpa” e sem hostilidades (FRACALANZZA, 2016). O professor Aloisio Teixeira ganharia a eleição, o que não interferiria na amizade entre o no Reitor e Fracalanza (2016). Fracalanza (2016) se recorda inclusive, que durante a gestão do professor Aloísio Teixeira, ele colabora como presidente da Comissão de Ética Pública da UFRJ para tratar de problemas burocráticos e administrativos no Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) (FRACALANZZA, 2016). Ele afirma que sua participação para o desenvolvimento da Instituição UFRJ através dos cargos administrativos havia se encerrado. Por fim, em 2003 o entrevistado retoma o cargo de professor no Instituto de Microbiologia, como chefe de departamento e professor da graduação e pós-graduação do Instituto de Microbiologia, funções na qual se mantém atualmente (FRACALANZZA, 2016).

Sob o ponto de vista do professor é fundamental que a colaboração de docentes para o melhor desempenho universidade transite além de laboratórios e salas de aula (FRACALANZZA, 2016). O docente esclarece que circular entre funções científicas e burocráticas possibilitaria a compreensão da extensão da funcionalidade de uma educação universitária (FRACALANZZA, 2016). Explica que a horizontalidade é uma característica do IMPPG porque a unidade abrange todas as áreas da Microbiologia: microbiologia geral,

⁸¹ Havia ordem de reintegração de posse e após um período tenso com ocupações e a presença do batalhão de choque, o professor Sérgio agora como decano, junto a colegas eleitos, buscava em reuniões, a retomada da normalidade acadêmica (GARCIA, 1998). Foram 04 (quatro) anos com verbas limitadas, principalmente para os centros que não apoiaram a sua nomeação como Reitor (FRACALANZZA, 2016).

ambiental, do solo, industrial, a microbiologia médica, a virologia e a imunologia. Porém, quando se faz a avaliação de produtividade da pós-graduação, o IMPPG acaba por ser prejudicado quando a avaliação tem um cômputo total, o que não acontece quando o foco ocorre em uma área do conhecimento. Entretanto, o entrevistado acredita não haveria a contribuição que ocorre para o Brasil, atualmente, se a estrutura curricular do IMPPG fosse alterada (FRACALANZZA, 2016).

O professor Sérgio assegura que outros cursos de pós-graduação no Brasil têm sua origem no IM. A instituição foi o polo criador da pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, que hoje é um centro nível 7 (sete) em termos de Microbiologia. Os docentes do IM formaram professores da pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais com cursos e orientação para novos educadores em microbiologia (FRACALANZZA, 2016).

Portanto o IM é uma unidade geradora de recursos humanos que se propaga ao longo de quase setenta anos através de capacitações, especializações, cursos *stricto-sensu* e uma graduação em microbiologia. Paulo de Góes alcança êxito e transmitiria aos profissionais contemporâneos seu espírito microbiologista (FRACALANZZA, 2016).

Paulo de Góes inspira seu futuro grupo com atividades acadêmicas de nível semelhante, tendo em vista que a ideia de reunir alunos de graduação de outros cursos para estudar a microbiologia já começara nos idos de 1950 em um dos pavilhões do antigo Hospital dos Alienados. Paralelo às atividades teóricas e práticas para graduandos dos cursos de Farmácia, Enfermagem e Medicina da UB Góes inova ao ensinar no Instituto de Microbiologia, um curso no âmbito das ciências microbianas direcionado para graduados das ciências médicas e biológicas (LIBERTO; CABRAL, 2013). Para este curso chegavam à Universidade do Brasil alunos e professores da América do Sul e da América Central para (GÓES, 2014; GÓES, 2016).

Góes (1976) revelava que somente com o apoio de determinadas entidades foi possível a materialização do Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, resultado das relações prósperas com as fundações *Rockefeller*, *Ford*, *Kellog* e com a Embaixada Norte-Americana.

A Sra Risoleta de Góes lembra que Chagas Filho, amigo de Góes já pesquisava na Biofísica da Universidade do Brasil quando Paulo criava o Pavilhão da Microbiologia (GÓES, 2016). O professor Carlos Chagas Filho seria o desbravador da pesquisa científica dentro da UB, a partir da criação do Instituto em 1945⁸² (CHAGAS FILHO, 2000). O

⁸² O Instituto de Biofísica nasce a partir de indagações entre Raul Leitão da Cunha, ministro da Educação e Saúde e Carlos Chagas Filho sobre o desenvolvimento da Universidade. Carlos Chagas propõe que se organizem

Instituto de Biofísica teria como função a implantação da pesquisa na Faculdade de Medicina. O Instituto traria métodos físicos que despontaram nos centros maiores após a segunda guerra mundial, além do desenvolvimento de métodos eletrônicos. A partir dessas atividades Carlos Chagas conseguiria introduzir a prática da ciência experimental na Universidade e consolidaria no meio acadêmico, a articulação ensino-pesquisa e a introdução da biofísica como campo autônomo de investigação (GÓES FILHO, 1997; LIMA, 2005). Ideias para o desenvolvimento da ciência em diferentes especialidades acadêmicas na Universidade do Brasil ocorriam de forma sincronizada através das ações de Paulo de Góes e Carlos Chagas Filho.

Segundo documento produzido por Góes (1976), um grupo de cientistas foi enviado em missão através da Fundação *Ford* para atuar no Brasil. Isto aconteceu em 1960⁸³ e objetivo era implantar uma pós-graduação de acordo com os moldes norte-americanos. Em 1961, foi firmado um convênio com a Universidade do Brasil⁸⁴, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sobre a implantação da pós-graduação no Brasil, o professor Paulo de Góes possui importante papel na criação desse sistema de ensino na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na obra de Chagas Filho (2000) é revelado que a atividade de pós-graduação na Universidade nasce do apoio da Fundação *Ford*. O projeto alcançaria êxito pela ação de Raimundo Moniz Aragão e Paulo de Góes, participantes de uma comissão organizada por Pedro Calmon a pedido de Carlos Chagas Filho. Comissão essa intitulada “Comissão de Pós-

institutos de ensino e pesquisa nas várias disciplinas básicas. Física, química e matemática deveriam ser os primeiros institutos a serem criados imediatamente e neles se ministrar o ensino dessas matérias para todos os cursos da Universidade (CHAGAS FILHO, 2000).

⁸³ Sobre esse período, Góes (1976) explica que o Presidente J. Kennedy, por meio de uma aliança para o progresso criava a *Agency for International Development* (AID). No setor da ciência não atendiam as necessidades brasileiras, pois os dirigentes que visitavam o Brasil eram cientistas ignorantes quanto aos problemas do país. O presidente Lyndon Johnson ao assumir o governo americano desativou progressivamente aquela agência, considerando-a um fracasso.

⁸⁴ Ao ser criada a Universidade do Brasil teria como missão modelar as instituições universitárias existentes ou as que fossem criadas. O modelo de correspondência era a UB. Os melhores alunos do país, que nela ingressariam mediante critérios rigorosos de seleção. A Universidade do Brasil nasceu marcada pelo gigantismo, pretensões de unanimidade e elitista. Todas as suas unidades constituintes tinham, antecedendo o nome, o adjetivo Nacional, para marcar sua vinculação ao governo federal e às suas políticas de centralização. O Instituto Oswaldo Cruz estabelecia parceria com a UB (OLIVEIRA, 2017). Em 1965, o governo Federal padroniza o nome das instituições universitárias federais. Em agosto é sancionada a Lei nº 4.759, que dispunha em seu artigo primeiro que as Universidades e Escolas Técnicas Federais da União seriam qualificadas como federais, tendo a denominação do respectivo Estado. Assim, a UB é reorganizada e transformada em Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Outros detalhes da história do nascimento e evolução do ensino superior no Brasil encontram-se na página do SiBI/UFRJ. Disponível em: <<http://memoria.sibi.ufrj.br/index.php/noticia/14-historiadaufrj>>. Acesso em 9 mar. 2017.

Graduação e Pesquisa”, nome dado posteriormente à Sub-Reitoria da Universidade (CHAGAS FILHO, 2000).

A comissão coordenadora dos cursos de pós-graduação da Universidade do Brasil regularia as condições de admissão de candidatos ao grau de Doutor através da Resolução N^o 1 de 1963. A resolução possui como um pré-requisito ao candidato: um curso de formação de nível superior equivalente aos cursos das escolas da Universidade do Brasil (COMISSÃO..., 1961a).

A pós-graduação no modelo *stricto-sensu* que concederá títulos de mestre e doutor exigirá do candidato à investigação de teses ou trabalhos de pesquisa, o que trará a ele uma nova mentalidade, além da capacitação para a docência e investigação (POLÍTICA..., 1977). A institucionalização da nova pós-graduação permitiria esforços no setor da pesquisa, trazendo aos laboratórios, dentro das possibilidades de cada um, alunos de excelente qualidade no espírito e na ação. A universidade brasileira surge como eixo de um planejamento científico novo dentro da política científica do país.

De acordo com a Professora Leila de Souza Fonseca, Coordenadora de Pós-Graduação da Unidade de 1995 a 1998 (FONSECA, 2014) o Conselho Federal de Educação concedeu ao Instituto de Microbiologia o credenciamento para conferir o grau de Doutor em Ciências (Microbiologia e Imunologia) em meados de 1962 e em 1966 o mestrado do IM surge a partir da Direção de Amadeu Cury e com a expansão de novas linhas de pesquisa (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1995).

É em 1963 que Luís Rodolpho Raja Gabaglia Travassos, ex-graduado do Curso de Medicina da Universidade do Brasil ingressa no programa de doutorado do Instituto de Microbiologia como orientando de Amadeu Cury. Luís Travassos apresenta como resultado do trabalho a tese: “A ação antimetabólica de colina e etionina em *Candida slooffii*”, defendida em 07 de setembro de 1967. Compreendemos que Amadeu Cury tornar-se-ia orientador de Luís Travassos, ocasionada pela vivência do Vice-Diretor do IM como bolsista do John Simon *Guggenheim Memorial Foundation* no campo da fisiologia e bioquímica. Tal experiência daria a Cury a competência para ser mentor do primeiro trabalho de doutorado do Instituto. Em 1968 Rodolpho Travassos tornar-se-ia pesquisador responsável pela pesquisa no Departamento de Microbiologia Geral (ANAIS..., 1968). Ainda em 1967. Luís Travassos orienta a tese: “Fatores de temperatura em *Candida slooffii*”, defendida por Isaac Roitman em 20 de novembro de 1967 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1995).

Durante a produção da tese na microbiologia a Comissão (1961) regularia as condições necessárias a obtenção do grau de mestre, em 1964, através da Resolução N^o 1 de

1964. O candidato deveria ser habilitado em cursos que dariam créditos para obtenção de grau e cujos créditos correspondam a, no mínimo, dois períodos letivos (COMISSÃO..., 1961b).

Sob a orientação de Paulo de Góes (COMISSÃO..., 1961b) o curso de especialização em Microbiologia do IM ofereceria importantes fontes para a descoberta de vocações e verificação das qualidades do candidato. Góes (COMISSÃO, 1961b) afirma que com o certificado do curso de especialização na microbiologia (CEM/CEMI), ou curso equivalente realizado no Instituto Oswaldo Cruz seriam os créditos básicos para aceitação do candidato ao curso de pós-graduação na recém-criada modalidade *stricto-sensu*.

No decorrer do treinamento no CEM/CEMI ou equivalente, os alunos deveriam obter créditos especiais em: matemática e estatística aplicada à biologia e métodos gerais de biofísica e bioquímica. Tais cursos seriam realizados no Instituto de Matemática Pura e Aplicada, Instituto de Biofísica e Instituto de Química (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1964).

A primeira dissertação defendida no Instituto de Microbiologia foi em 27 de junho de 1968, com a pesquisa “Contribuição ao estudo de bactérias Gram-negativas, aeróbias, produtoras de ácidos ônicos (grupo *Lwofii-Clucidolytica*)” por José Maria Casellas. Tem como orientador: Luiz Rodolpho Raja Gabaglia Travassos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 1995).

Através da parceria estabelecida com Amadeu Cury, Luís Travassos⁸⁵ inicia, em 1967, uma atividade em prol do crescimento da ciência nos programas de pós-graduações no formato *stricto-sensu* (TRAVASSOS, 2012).

Travassos (2012) acreditava que os resultados de seus experimentos desenvolvidos nos laboratórios no Instituto de Microbiologia poderiam ter sido publicados em revistas internacionais, entretanto esses ensaios foram publicados nos Anais de Microbiologia. Na opinião desse pesquisador, o desvio das publicações internacionais prejudicaria em parte sua carreira, pois ele registrava suas experiências na publicação institucional criada por Paulo de Góes por cerca de dez anos (TRAVASSOS, 2012). Sobre esse tema, há de contextualizar a veiculação limitada de publicações nacionais e da dificuldade da disseminação da informação científica entre pares naquele período. De acordo com as entrevistas realizadas para esse

⁸⁵ De acordo com Travassos (2012) Amadeu Cury era amigo de um círculo de pessoas importantes na ciência brasileira. Cita como nomes: Aristides Leão, presidente da Academia Brasileira de Ciências e Antônio Moreira Couceiro, presidente do CNPq. Aos fins de semana eles se reuniam no Hotel Glória para conversar. Luís Travassos participava dessas reuniões e em um desses eventos foi convidado por Antônio M. Couceiro a dirigir o setor de biologia e ciências médicas do CNPq, em 1967.

estudo os Anais cumpririam o propósito de Paulo de Góes: - a consolidação e a divulgação do Instituto de Microbiologia como importante unidade de pesquisa.

Sobre os Anais de Microbiologia, Paulo de Góes (GÓES, 1977) aponta que a publicação conquistara prestígio internacional. Os Anais apareceriam em periódicos referenciais como *Biological Abstracts* e *Excerpta Médica* e outras publicações estrangeiras de semelhante prestígio. O fundador do IM afirma que a biblioteca do Instituto era enriquecida por permutas feitas com os Anais. O patrono informa que os “relatórios regimentais” foram descontinuados e que os Anais eram o registro da história do Instituto (GÓES, 1977). Ele compreende que a memória oral pode perder-se com o tempo, portanto Góes (1977) demonstra uma inquietação com a ausência desses registros nos Anais de Microbiologia. A publicação seria o documento de reconstrução das memórias da unidade.

7.1 LUGARES DE MEMÓRIA E A BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE MICROBIOLOGIA PAULO DE GÓES (IMPPG)

A história é condicionada pela dinâmica da investigação acerca das memórias. Estas possibilitam a construção de novos saberes. No texto entre memória e história: a problemática dos lugares, de Pierre Nora (1993) há um debate dos elementos memória-história, no qual se explora a dinâmica da Ciência e do fenômeno, formando um jogo de conceitos percebidos ora como sinônimos, ora como oponentes, mas que podem interagir mutuamente. Para o autor a memória é fenômeno atual, afetivo e mágico, vulnerável e sujeito a manipulações, enquanto a história é “a reconstrução problemática e incompleta do que não mais existe” (NORA, 1993; p. 9). A história representa o passado por meio de análise crítica e intelectual, despojada de emoção. A memória é sacralizada, representada em diferentes materialidades capazes de eternizar o presente. A história denuncia alguns aspectos ignorados pela memória, mas esta também é fonte histórica. As materialidades são necessárias para a manutenção das lembranças e como não há meio de memórias, se fazem imperativos os lugares de memória. É Nora (1993) quem afirma que a memória demanda suportes exteriores e de referências tangíveis para uma existência, que entendemos poder ser vivida ou revivida através desses lugares.

A escrita e os monumentos são registros concomitantes da humanidade. Esta é a afirmação defendida por Canfora (2008). O autor traz à tona questões referentes à existência das bibliotecas da Antiguidade: a herança depositada nesses espaços permite a transmissão de conhecimentos para futuras civilizações. A biblioteca como lugar de poder reafirma-se

durante as expulsões de Roma dos estudiosos que se tornam inúteis quando as bibliotecas são fechadas. Entretanto, dançarinos e comediantes são mantidos na mesma cidade onde se queimam bibliotecas. Limitar a capacidade da leitura e reduzir a sua aplicabilidade remete a conceitos como manipulação e controle explorados em Foucault (1995). Do receio da perda evidenciam-se palavras como salvaguarda e preservação. As técnicas de preservação são ações humanas que nos permitem acessar a memória dessa civilização através de seus lugares de memória. Os lugares institucionalizados de Memória denominados: arquivos, bibliotecas e museus regulam diferentes tipologias de objetos que armazenam, tratam e disponibilizam informações organizadas dessa memória e que promovem a construção do conhecimento. (CHANGEUX apud LE GOFF, 2003).

O historiador Pierre Nora compreende lugares de memória como locais materiais ou imateriais nos quais se cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo: monumentos, uma igreja, um sabor ou uma bandeira podem se constituir lugares de memória (NORA, 1993). Para Nora (1993, p. 21) “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”. Os lugares de memória são divididos em três grupos: Lugares topográficos: arquivos, bibliotecas e museus. Lugares simbólicos: peregrinações, aniversários e outros acontecimentos e lugares funcionais: manuais, autobiografias, associações e instituições que preservam e divulgam acontecimentos. A materialização da memória é formada por documentos, resultados de ação cultural através de recursos escritos, ilustrados, imagéticos, sonoros ou em qualquer outro formato (NORA apud SILVA, 2012).

Permite-se pensar na Biblioteca do Instituto de Microbiologia Professor Paulo de Góes como lugar de memória que retroalimenta o par virtual–atual descrito por Namer (1987). Para Namer (1987) o termo virtualidade se referia aos livros acondicionados nas estantes. Os registros nas obras organizadas e salvaguardadas em bibliotecas e outras Instituições de memória se atualizam ou se transfiguram apenas quando são lidas ou consultadas por um público específico. Relaciona-se o universo virtual à memória cristalizada nos documentos e o universo atual à história. A publicação institucional da microbiologia possibilita explorarmos novas informações a respeito da história do Instituto.

Os Anais de Microbiologia eram para Paulo de Góes documentos importantes que reproduziam e divulgavam não apenas a produção científica da unidade. Para além desse pensamento, os anais seriam fontes que resguardariam a história do Instituto. Essa publicação institucional como lugar funcional reflete a vida acadêmica e administrativa de uma unidade de ensino da UB/UFRJ. Através desse lugar de memória, identificamos a célula inicial do

estudo, o Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia (CENIM). O CENIM é resultado de uma ação, na qual se reconhece que a informação é a base para o desenvolvimento de um trabalho científico de qualidade. Para sistematizar as atividades acadêmicas no âmbito da informação científica, dois campos da ciência se apoiaram reciprocamente. As pesquisas realizadas nos Anais acerca das memórias da microbiologia acabam por conferir também à Biblioteca do Instituto o próprio lugar de memória, pois ela reflete a história da Biblioteconomia quando esta se torna um dos sujeitos ativos no crescimento da Microbiologia. Microbiologia e Biblioteconomia se integram e anunciam expressivas transformações na década de 1960.

A década de 1960 é marcada por alterações sociais, econômicas e políticas. Nesse contexto, a reforma do ensino superior no país buscava a modernização do sistema de ensino e pesquisa das universidades brasileiras, que ainda seguiam em parte o modelo das escolas francesas (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 1969a). Paulo de Góes junto a outros atores trabalhariam para a regularização de novas propostas de educação, tendo a Universidade do Brasil como um modelo a ser seguido, em meio a pressões de diferentes naturezas vividas no período da Reforma Universitária dos anos de 1960.

No início do Pavilhão em 1950, Paulo de Góes formaria o acervo da Biblioteca do Instituto com uma publicação institucional criada por ele. A permuta entre publicações seria a estratégia adotada para compor o acervo da Biblioteca especializada em Microbiologia. Em 1964, a Biblioteca da unidade possuía 540 títulos de periódicos formados através de doação ou permuta com os Anais (ANAIS..., 1964). O CENIM seria o centro que, aliado a atividades diárias das rotinas biblioteconômicas, prestaria um serviço diferenciado por antecipar informações científicas através de processos de mecanização bibliográfica.

Bibliotecas se definem como lugares onde se organizam documentos para preservar os insumos físicos que retratam a memória de um segmento social. Porém, devem ser também espaços de socialização e de práticas culturais. Instituições assim se transmutam em locais que buscam o despertar científico para que sua memória, caracterizada por patrimônios materiais, adquiram força, legitimem-se e se propaguem na Sociedade. A divulgação das atividades científicas de uma Instituição é também atividade da preservação do legado de um grupo social. Nestes termos, a Biblioteca do Instituto de Microbiologia Professor Paulo de Góes se configura como um lugar que mantém íntima relação com os universos da memória ao participar ativamente de etapas que garantem a valorização dos processos de formação do campo da Microbiologia na UFRJ.

No contexto das comemorações do centenário, a biblioteca passou a ser um centro de armazenamento das diferentes materialidades do Instituto. A exposição do centenário potencializou, sobretudo, o espaço da biblioteca como lugar de memória e ofereceu ainda ao Instituto um local de difusão cultural, transfigurando-a em um formato mais criativo de atuação.

No cenário descrito, cumpriu-se uma das finalidades da biblioteca que é o reconhecimento da importância da preservação do legado de um grupo e compreende-se que a Biblioteca do Instituto de Microbiologia pode ser lugar de memória dos diferentes objetos que representam a trajetória do Instituto Paulo de Góes. O grupo da microbiologia percebe a importância da conservação de uma trajetória científica e identifica a sua biblioteca como local de salvaguarda de uma memória.

O compromisso com a memória é importante, pois este fenômeno se relaciona a ações humanas que influenciam ou conduzem a novos eventos nos meios sociais. Sem memória, uma informação se perde (THIESEN, 2013). A Biblioteca do Instituto fortalece a sua identidade como instituição-memória ao promover a institucionalização das relações sociais, inseridos em documentos que anunciam o desenvolvimento da ciência na UB/UFRJ. Além disso, ao dialogar diuturnamente com as atividades de pesquisa da Microbiologia, o campo da Biblioteconomia promoveu avanços que lhe permitiram não apenas desempenhar o papel de mediação, mas atualizar-se nas técnicas mais modernas da ciência, graças ao protagonismo de seu corpo de profissionais e ao estímulo dado por Paulo de Góes.

A materialidade da informação escrita em documentos extrapola o que está produzido e gera novas memórias, portanto a pesquisa reflete a expectativa de tornar a biblioteca uma instituição cultural capaz de provocar transformações no corpo institucional e na comunidade externa através da descoberta de ações que levaram ao nascimento do Instituto de Microbiologia e da força que o ensino dessa ciência apresenta na contemporaneidade.

Para Thiesen (2009), a memória reproduz, tendo como base os arquivos, bibliotecas e museus, o que torna fundamental o funcionamento dessas instituições-memória. Os fundos e acervos revelados nos documentos armazenados nessas instituições constituem elementos da memória e da História. Para além da descrição de documentos, a extração de linhas de atualização que analisam aquilo que se é ou aquilo que se pode vir a ser é um processo inacabado entre o instituído e o instituinte (THIESEN, 2013).

A inquietação de analisar a memória de um grupo que trouxesse novos sentidos a materialidade constituída no Instituto de Microbiologia surge a partir de estudos revelados nos Anais de Microbiologia, sincronizando-os a avaliações e cruzamento das entrevistas

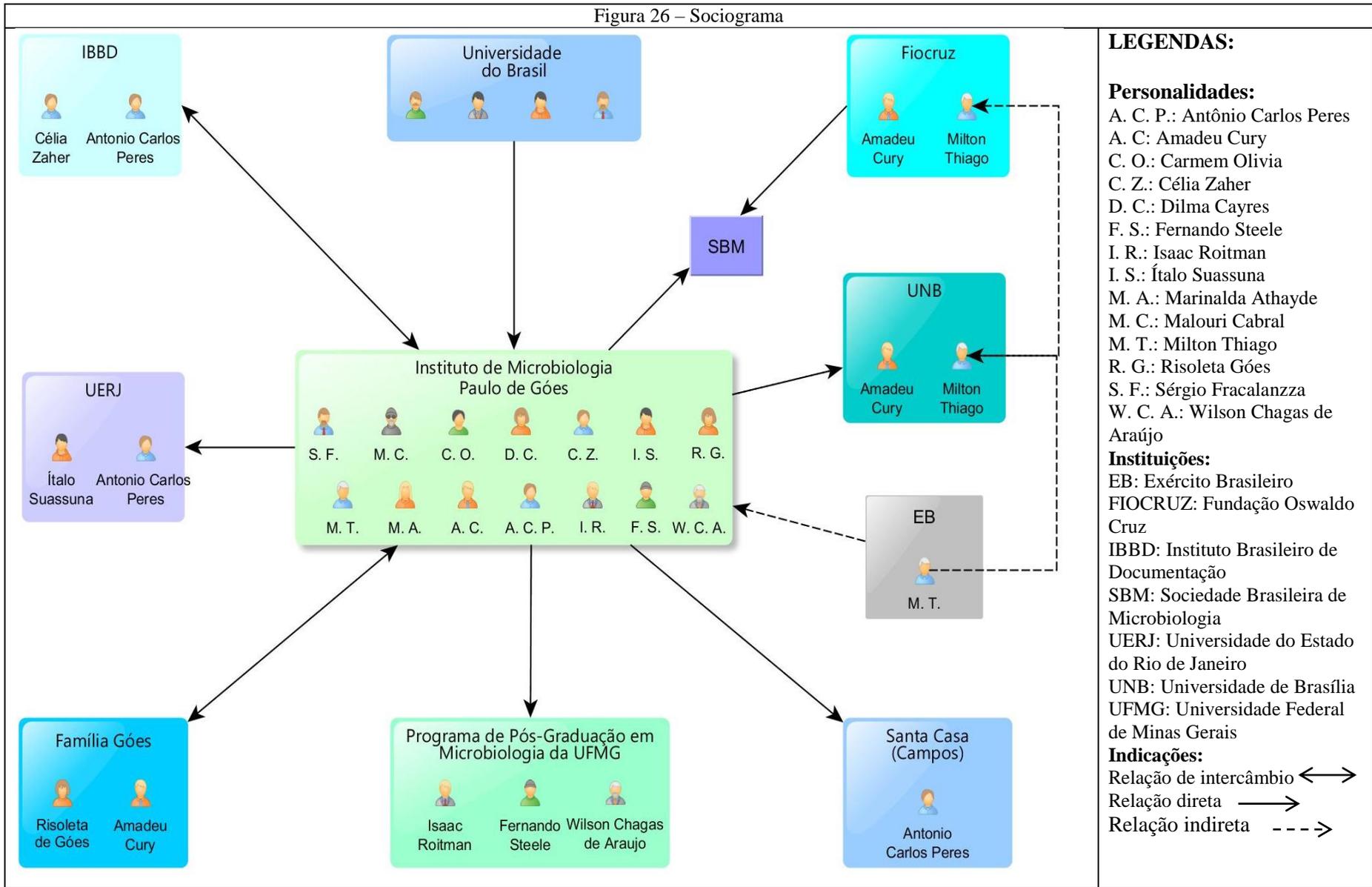
realizadas. Como resultado confirma-se a atuação de diferentes personalidades no crescimento do Instituto. A Biblioteconomia também deixa registrada sua contribuição no desdobramento da Microbiologia da UFRJ. Portanto é de fundamental importância a disposição da informação referente a um grupo que colaboraria para a consolidação de saberes científicos na Microbiologia na UB/ UFRJ, nos quais houve a participação ativa da Biblioteconomia.

No decorrer do estudo um sociograma foi criado e sendo modificado, a partir de novas informações arroladas pelos entrevistados mencionados nessa pesquisa e por textos explorados na disciplina *Organização do conhecimento e os lugares de memória* ministrada pela professora Icléia Thiesen no Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da UNIRIO, durante o ano de 2015. Debates sobre relações entre informação, memória e os processos de institucionalização revelavam que a instituição é uma invenção social que nasce por legitimidade (THIESEN, 2013). O sociograma final apresenta as diferentes instituições que participariam da formação do Instituto de Microbiologia por meio de interações sociais entre diversos atores.

As relações de sociabilidade interinstitucionais que permitiram a formação e a consolidação do grupo microbiologia também estão evidenciadas no sociograma ⁸⁶ apresentado a seguir:

⁸⁶ Representação gráfica das relações existentes entre os diferentes membros de um mesmo grupo social, que permitir explicitar os vínculos/laços de influência e de preferência que existem nesse mesmo conjunto (SOCIOGRAMA, 2003).

Figura 26 – Sociograma



As Instituições apresentam, de acordo com as indicações apresentadas na legenda do Sociograma, relações de intercâmbio estabelecidas entre o IBBD, Família Góes e Instituto de Microbiologia, pois se refere a uma cooperação que mutuamente possibilitava o desenvolvimento científico e profissional entre pares e atores. Observa-se que Amadeu Cury passa a fazer parte da Instituição Família. Uma relação que se estreitaria porque Amadeu Cury tornara-se cunhado de Paulo de Góes. Existe uma relação de intercâmbio também na figura de Cury, como cientista que atuava, primeiramente na FIOCRUZ, mas tornara-se em seguida professor da UB e pesquisador do IM. Retornava a FIOCRUZ ainda na década de 1960. Concilia a atuação científica nas Instituições FIOCRUZ e IM.

A Universidade do Brasil é a Instituição maior que abriga profissionais de diferentes áreas do conhecimento que consolidam as ciências no Brasil. É indicada por uma relação direta que representa a UB/UFRJ, Instituição-base na formação do Instituto de Microbiologia, que dela absorve atores que trabalhariam diretamente no campo da Microbiologia, bem como outros parceiros que colaborariam social e politicamente pelo impulso do IM. A relação direta sofre, igualmente, influência do Instituto de Microbiologia sobre outras Instituições, quando há desdobramento desse campo científico na UERJ, no Hospital da Santa Casa de Misericórdia em Campos (RJ), na UNB (DF) e na formação da Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) através de profissionais que desenvolveram, anteriormente, suas potencialidades no IM. Dessa natureza de relação nasce a Sociedade Brasileira de Microbiologia, que surge dentro da Universidade do Brasil e vem formada inicialmente por profissionais do IM e FIOCRUZ.

Na relação indireta, ressaltamos a atuação do Exército Brasileiro (EB) através da figura de do coronel Milton Thiago de Mello, que se torna pesquisador na FIOCRUZ, como atividade paralela nesta Instituição a serviço de sua Instituição original, o EB. De forma análoga, este profissional atuava no Instituto de Microbiologia entre as décadas de 1950 e 1960, ao se reunir com seus pares no Pavilhão de Microbiologia, ao trabalhar na formação da nova sociedade e ao constituir o corpo docente do IM. Posteriormente abre um núcleo para o campo da Microbiologia na UNB. O Coronel destaca-se como figura à margem dessas Instituições por pertencer, de fato, ao quadro do EB.

De forma complementar a essa técnica de representação gráfica, segue um quadro cronológico. Esta ilustração objetiva corroborar a correlação de ações políticas e científicas dos personagens mencionados e o movimento de Paulo de Góes para a criação e consolidação do Instituto de Microbiologia

Quadro 7 – Cronologia				
Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referência	Observações
1944/08/--	<p>Milton Thiago de Mello inicia sua carreira acadêmica na Fiocruz a convite do pesquisador Genésio Pacheco.</p> <p>Milton Thiago de Mello torna-se assistente de Genésio Pacheco. Os dois trabalham juntos pesquisando sobre brucelose.</p> <p>Na Fiocruz Milton Thiago de Mello conhece Amadeu Cury, professor da Universidade do Brasil. Pelas mãos de Cury, Milton Thiago de Mello chega ao Instituto de Microbiologia.</p>	Milton Thiago de Mello	<p>PACHECO, Genésio; MELLO, Milton Thiago de. Brucelose humana no Brasil: contribuição para o estudo da casuística nacional. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v. 48, p. 393-436, 1950. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mioc/v48/tomo48(fu)_393-436.pdf> Acesso em 01 jun.2016</p> <p>REUNIÃO Anual da Sociedade Brasileira De Microbiologia (SBM), 25.1981. Relação dos sócios fundadores da SBM. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Microbiologia, 1981. Fundo Laerte de Andrade, 1932-1996. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz.</p> <p>MELLO, Milton Thiago. O poste de Cozumel. Brasília (DF): Ed. Autor, 2016.</p>	<p>A data de entrada na Fiocruz é aproximada. De acordo com relato em sua autobiografia, Milton menciona o nascimento da filha e o convite de Genésio Pacheco como fatos que ocorrem simultaneamente.</p> <p>É um dos membros fundadores da Sociedade Brasileira de Microbiologia.</p> <p>Participa de uma visita que ocorre no Pavilhão do Instituto em 1951(ANAIS, 1951, p. 103).</p> <p>Surge como professor do Instituto de Microbiologia em 1964(ANAIS, 1964).</p>
1945/12/17	<p>Através do decreto lei nº 8.393, Instituto de Biofísica passa a existir oficialmente em 17 de dezembro de 1945. Carlos Chagas Filho consegue a aprovação de Raul Leitão da Cunha, então Ministro da Educação e da Saúde.</p>	Carlos Chagas Filho	<p>CHAGAS FILHO, Carlos. Um aprendiz de Ciência. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Available from: <http://static.scielo.org/scielobooks/4zb7w/pdf/chagas-9788575412473.pdf> Acesso em: 01Jun.2016</p> <p>LIBERTO, Maria Isabel Madeira; CABRAL, Malouri Curié. Centenário do professor Paulo de Góes: 1913-2013l. Rio de Janeiro: Access, 2013.</p>	<p>No livro “Um aprendiz da Ciência” faz agradecimentos especiais a Pedro Calmon e aos companheiros da Universidade: Paulo de Góes, Raymundo Moniz de Aragão e Deolindo Couto, que o auxiliaram na formação do Instituto de Biofísica.</p> <p>Foi Diretor da Faculdade Nacional de Medicina entre 1964-1966.</p> <p>Por ocasião da posse de Paulo de Góes na Academia Nacional de Medicina em 06 de abril de 1974, discursa em homenagem ao colega e lembra o apoio decisivo de Pedro Calmon e Deolindo Couto na criação do Instituto de Microbiologia.</p>

Ano/mês/dia	Fato/acometimento	Personagem	Referências	Observações
1946/12/02	<p>O Conselho Universitário aprova a construção do Instituto de Neurologia na área que pertencia ao antigo Hospital dos Alienados, principal berço da neuropsiquiatria no Brasil. Campus Praia Vermelha.</p> <p>Deolindo Couto e outros preceptores a fundam a Academia Brasileira de Neurologia no próprio Instituto de Neurologia em 05 de maio de 1962.</p>	Deolindo Couto	<p>GOMES, Marleide da Mota. História da neurologia brasileira: cinquentenário da Academia Brasileira de Neurologia: centenário da neurologia brasileira São Paulo: Omnifarma, 2012. Disponível em: <http://www.cadastro.abneuro.org/site/Livro%20ABN%20Historia%20da%20Neurologia%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2016.</p> <p>GOMES, M. M; COSTA, A. J. S. Centenário de Deolindo Couto. Arq. Neuro-Psiquiatr. São Paulo, v. 60, n. 1, p. 170-172, Mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X2002000100031&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 jun. 2016</p> <p>CHAGAS FILHO, Carlos. Um aprendiz de Ciência. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. Disponível em: http://static.scielo.org/scielobooks/4zb7w/pdf/chagas-9788575412473.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2016.</p>	<p>As fontes pesquisadas caracterizam Deolindo Couto como profissional criativo e de admirável cultura intelectual: homem de letras, neurólogo, pensador, político e Mestre. Formação técnica e requinte na palavra: fluente, clara, objetiva, permeada.</p> <p>Profissional atuante em diferentes frentes, Deolindo Couto foi Presidente do Conselho Federal de Educação, além de vice-Reitor, professor emérito e membro do Conselho Universitário da Universidade do Brasil e do Conselho Federal de Cultura. Ingressou na Academia Brasileira de Letras e sete vezes Presidente da Academia Nacional de Medicina.</p> <p>Em sua entrevista, Célia Zaher ressalta a produtividade de Deolindo Couto.</p>
1948/--/--	<p>Pedro Calmon foi Diretor da Faculdade Nacional de Direito por 10 anos (1938-1948)</p> <p>Em 1948 ascendeu à Reitoria da Universidade do Brasil, de que esteve à frente por dois períodos: 1948 — 1950 e 1951 — 1966.</p>	Pedro Calmon	<p>COLEÇÃO Pedro Calmon: biografia. <i>In</i>: Biblioteca Pedro Calmon (Fórum de Ciência Cultura). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016 Disponível em: <http://biblioteca.forum.ufrj.br/index.php/colecoes/colecao-pedro-calmon/biografia-p-c> Acesso em: 03 jun. 2016.</p> <p>DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiros pós 1930. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.</p> <p>CHAGAS FILHO, Carlos. Um aprendiz de Ciência. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/4zb7w/pdf/chagas-9788575412473.pdf>. Acesso em: 01jun. 2016.</p> <p>FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Walter Oswaldo Cruz: inventário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1930-1969.</p>	<p>Durante sua gestão na Reitoria da UB foram instaladas a Escola as faculdades de Odontologia, Farmácia, Bioquímica e Arquitetura. Construiu também os laboratórios para as faculdades de Medicina, Farmácia e Química, e instalou a Biblioteca Central.</p> <p>Segundo a autobiografia de Carlos Chagas Filho, Pedro Calmon organizou uma Comissão de Pós-Graduação, a pedido do patrono do Instituto de Biofísica. Participaram desta Comissão Paulo de Góes e Raimundo Moniz de Aragão, que objetivava criar a atividade de Pós-Graduação da Universidade com apoio da Fundação Ford.</p> <p>Célia Zaher destaca as estratégias que Pedro Calmon usava para suprir a Biblioteca Central da Universidade do Brasil com coleções literárias de alto nível.</p>

Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referências	Observações
1950/10/17	Em carta enviada a Pedro Calmon, que na ocasião visitava os Estados Unidos na qualidade de Ministro de Educação e Saúde, Góes informa que a primeira aula foi realizada no IMPPG em outubro de 1950. Antecipando-se à reforma universitária, Paulo de Góes reuniu as cátedras de Microbiologia das faculdades de Farmácia e de Medicina, fundando o Instituto de Microbiologia em 15 de setembro de 1955.	Paulo de Góes	Anais de Microbiologia, 1951. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Boletim. Rio de Janeiro, ano 7, n. 48, dez. 1955.	No refeitório do Antigo refeitório do Hospital dos Alienados, o pavilhão é instalado. No ano de 1951 e criado o Curso de Especialização em Microbiologia, com duração de um ano, em período integral, torna-se uma referência nacional. A partir de 1955, consegue aprovação no Conselho Universitário para criação do Instituto de Microbiologia. Na história das instituições de ensino e pesquisa no país, há maior significância a uma série de nomes que conseguiram romper a rotina e o convencionalismo das instituições existentes. Carlos Chagas Filho no Instituto de Biofísica da Universidade do Rio de Janeiro, Paulo de Góes no Instituto de Microbiologia.
1951/--/--	Em 1951 Manoel Bruno Lobo era chefe de laboratório da Microbiologia juntamente com Joaquim Travassos, Amadeu Cury e Laerte Manhães de Andrade.	Manoel Bruno Lobo	Anais de Microbiologia, 1951.	O filho de Bruno Lobo, publica trabalhos científicos junto a Paulo de Góes. Era especialista em Histologia e Embriologia. Chegou a ser diretor da Faculdade de Medicina da UB, foi vice-diretor do Instituto de Ciências Biomédicas em 1971-1972.
1952/--/--	Já era pesquisador associado do IM no ano de 1952. Em 1968 participou da XIX Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e do VII Congresso da Sociedade de Investigações em Alergia e Imunopatologia.	Moisés Fuks	Anais de Microbiologia, 1952. Anais de Microbiologia, 1968.	Atuou como professor de Imunologia no Instituto de Microbiologia. Na entrevista ao Museu da Imagem e do Som, Paulo de Góes, em 1969, lembra que Moisés Fuks fora a Israel realizar sua especialização.

Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referências	Observações
1956/09/28	Foi sócio fundador da Sociedade Brasileira de Microbiologia e Brasileira para o Progresso da Ciência. Membro da Organização Mundial da Saúde e de várias comissões nacionais e internacionais. Foi presidente da Diretoria da Sociedade Brasileira de Microbiologia, durante a fundação da Sociedade Brasileira de Microbiologia no biênio 57/58.	Genésio Pacheco	<p>FINKELMAN, J. (org.) Caminhos da saúde pública no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em 01 Jun.2016.</p> <p>REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MICROBIOLOGIA (SBM), 25.1981. Relação dos sócios fundadores da SBM. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Microbiologia, 1981. Fundo Laerte de Andrade, 1932-1996. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz.</p> <p>GENÉSIO Pacheco (1890-1973). Informe IOC, Rio de Janeiro, ano 13, n. 8, 2007. Disponível em: <http://www.ioc.fiocruz.br/pages/informerede/corpo/informee-mail/2007/1904/genesiopache.html>. Acesso em 01 jun. 2016.</p>	<p>Nome expressivo ligado ao Sanitarismo no Brasil, Genésio Pacheco atuou como Cientista do Instituto Oswaldo Cruz. Era médico veterinário. Pesquisador no controle bacteriológico da peste bubônica, na Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro com o objetivo de controlar a brucelose humana.</p> <p>Foi chefe da Divisão de Microbiologia da Divisão de Pesquisas do Instituto de Puericultura da Universidade do Brasil (IPPMG/UFRJ).</p> <p>Esteve envolvido com o grupo de pesquisadores do Instituto de Microbiologia através da Sociedade Brasileira de Microbiologia.</p>
1961/08/13	No ano de 1961 foi para Harvard estudar Microbiologia. Sua tese de livre docência em Odontologia foi sobre <i>Streptococcus</i> . Em 1964 ministrou o Curso de Microbiologia ofertado pela Escola de Aperfeiçoamento da Associação Brasileira de Odontologia. Coordenou o curso “Microbiologia Oral”, de Robert F. Fitzgerald, no Instituto de Microbiologia da UB, em 1966.	Wilson Chagas de Araújo	<p>DENTISTA fará curso nos EUA. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 8, 13 ago. 1961. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=Wilson%20Chagas%20e%20Ara%C3%BAjo>. Acesso em: 24 abr. 2017.</p> <p>CURSOS organizados pela escola de aperfeiçoamento da ABO. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 35, 22 nov. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&PagFis=21323&Pesq=Wilson%20Chagas%20de%20Ara%C3%BAjo>. Acesso em: 24 abr. 2017. PROFESSOR Fitzgerald dará curso no IMUB. Caderno da Manhã, Rio de Janeiro, p. 9, 3 jul. 1965. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&PagFis=21323&Pesq=Wilson%20Chagas%20de%20Ara%C3%BAjo>. Acesso em: 24 abr. 2017.</p>	<p>Foi diretor do Instituto de Microbiologia entre os anos de 1974 e 1978. Durante esses quatro anos, seu objetivo maior foi estimular a pós-graduação dos professores que lá lecionavam.</p>

Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referências	Observações
1959/---/---	Assume como bibliotecária do Instituto de Microbiologia da UB	Maria Molina Rondon	Anais de Microbiologia, 1959.	Filha do Marechal Rondon, é citada pela primeira vez nos Anais em 1959. A partir de então, diferentes bibliotecários no IM. Em 1954 e 55, havia uma bibliotecária chamada July Azoury. Em 1958, Holme Rodrigues é a bibliotecária responsável.
1961/09/05	Assinatura do convênio estabelecido entre o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e a Universidade do Brasil.	Lydia de Queiroz Sambaquy	CENTRO Nacional de Informação Científica em Microbiologia. <i>In</i> : Anais de microbiologia de Microbiologia, 1961.p.655-656.	Convênio assinado pela Presidente do IBBB Lydia de Queiroz Sambaquy e pelo Reitor da UB Pedro Calmon.
1961/09/05	Criação do Centro Nacional de Informações em Microbiologia (CENIM) no Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil (UB).	Célia Zaher	ZAHER, Célia Ribeiro. Introdução à documentação. RIO DE JANEIRO: [S.N.], 1968. Anais de Microbiologia, 1962-1968. ZAHER, Célia Ribeiro. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. São Paulo, 19 nov. 2015.	A partir da ausência de material bibliográfico de excelência e pessoal treinado nas atividades de referência da biblioteca, Célia Zaher elabora o e coordena o projeto CENIM para funcionar no Instituto de Microbiologia (IM).
1961/--/--	Participa do desenvolvimento das atividades no Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil (CENIM).	Carmen Olivia de Souza	Anais de Microbiologia, 1962-1964.	Atua no CENIM e retorna ao IBBB porque seu contrato era vinculado nesta Instituição. Após o casamento não trabalha mais como bibliotecária por acompanhar o marido na função diplomática.

Ano/mês/dia	Fato/acometimento	Personagem	Referências	Observações
1961/--/--	<p>Criou laboratório de poliomielite no Pavilhão Rockefeller, pertencente à Fiocruz.</p> <p>Em 1961, juntamente com Hermann Schatzmayr, estudou o vírus da poliomielite e os surtos da doença na cidade do Rio de Janeiro.</p> <p>Também “comprovou a identidade entre os agentes da febre maculosa brasileira e a das Montanhas Rochosas, bem como a ocorrência do tifo endêmico (murino) no Rio de Janeiro. ”. (FUNDAÇÃO..., [201-], online).</p>	Joaquim Travassos	<p>D'ÁVILA, Cristiane. Aula inaugural da Fiocruz relembra golpe de 1964. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. Disponível em: <http://www.iciet.fiocruz.br/content/aula-inaugural-da-fiocruz-relembra-golpe-de-1964>. Acesso em: 24 abr. 2017.</p> <p>INSTITUTO OSWALDO CRUZ. Hermann Schatzmayr. Disponível: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=988&sid=58>. Acesso em: 24 abr. 2017.</p> <p>GALERIA de presidentes. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ: uma instituição a serviço da vida, [2009?]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/galeria-de-presidentes>. Acesso em 19 fev.2017.</p> <p>TRAVASSOS, Luiz Rodolpho Raja Gabaglia. As vitórias do “Doutor calouro”. Pesquisa Fapesp, São Paulo, v. 196, p.24-29, jun. 2012. Entrevista concedida a Carlos Fioravanti e Neldson Marcolin. Disponível em:<http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/06/14/luiz-rodolpho-rajaga-baglia-travassos-as-vitorias-do-doutor-calouro/> Acesso em: 30 maio 2016.</p>	<p>Trabalha com Paulo de Góes, desde o início do Pavilhão de Microbiologia. Seu nome aparece em 1951(ANAIS, 1951).</p> <p>Diretor do Instituto Oswaldo Cruz entre 1962 e 1964. Foi retirado do cargo pelo General Castelo Branco, que acabara de ser empossado no cargo de Presidente da República.</p> <p>Segundo seu filho, Rodolpho Travassos, “foi praticamente um orientador de Paulo de Góes, que era diretor do Instituto de Microbiologia. Góes fez concurso para a faculdade de farmácia e depois para a faculdade de medicina. Ele reuniu as duas cátedras e criou o Instituto de Microbiologia.”. (TRAVASSOS, 2012, online).</p>
1963/--/--	<p>Em 1963 fez um curso de especialização em Microbiologia no IMPPG, sendo convidado na ocasião por Amadeu Cury para fazer seu doutorado. Foi orientado por Rodolpho Travassos e obteve o título de doutor quatro anos depois do referido fato em 1967.</p>	Isaac Roitman	<p>Anais de Microbiologia, 1963.</p> <p>ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. Isaac Roitman. Disponível em: <http://www.abc.org.br/~roitman>. Acesso em: 24 abr. 2017.</p>	<p>Seu interesse pela Microbiologia surgiu na época em que estudava Odontologia, tendo sido monitor da disciplina na época da graduação.</p> <p>Está vivo e reside em Brasília (DF)</p>

Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referências	Observações
1964/--/--	Ingressa no IM para trabalhar como pesquisador bibliográfico no CENIM.	Antônio Carlos Peres da Silva	Anais de microbiologia, 1964. SILVA, Antônio Carlos Peres. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Campos dos Goytacazes, 05 maio. 2016.	Trabalhava no IBBD como pesquisador bibliográfico, quando foi convidado a atuar no CENIM. Deixa o CENIM e torna-se professor assistente de Ítalo Suassuna no CEMI (IM).
1965/--/--	Ingressa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) como Professor Catedrático em 1965. Na UERJ foi Diretor da Faculdade de Ciências Médicas (1976), Diretor do Centro Biomédico (1976) e Sub-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa (1981).	Ítalo Suassuna	Anais de microbiologia, 1952-1995 FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo Gardelha: inventário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1967-1996. Patrono da DIMI: Prof. Ítalo Suassuna. Disponível em < http://www.microbiologia.uerj.br/patrono.htm > Acesso em: 03 Jun. 2016. SUASSUNA, Ítalo. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 09 mar. 2016.	Ingressa no Pavilhão para fazer o CEM em 1952. Em 1952 e 1953 aparece como bolsista. Em 1954-1955, ele surge como membro do Laboratório de Enterobacterias. Ítalo Suassuna abre um novo polo para os estudos em Microbiologia na UERJ. A nova etapa é um prosseguimento de vivências apreendidas no Instituto de Microbiologia a partir de sua participação no CEM nos anos de 1952.
1966/03/? (ca)	Amadeu Cury foi Diretor do Instituto de Microbiologia da Universidade do Brasil. Em 1968, Amadeu Cury exerceu a presidência do Conselho de Pesquisa e Ensino e tornou-se professor dos cursos de pós-graduação em Microbiologia da UFRJ.	Amadeu Cury	Anais de microbiologia de Microbiologia, 1951-1969. AMADEU Cury: verbete Biográfico. In: Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: CPDOC, 2008? Disponível em: < http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cury-amadeu > Acesso em: 30 maio 2016.	Em 1943, matricula-se no Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz. Na FIOCRUZ conhece Milton Thiago de Mello, que é convidado por Cury para atuar no Instituto de Microbiologia. Em 1947, ingressou como docente na Universidade do Brasil (UB), onde permaneceu por 24 anos. Vice Diretor a partir de em 1960. Na formação do Instituto, o nome de Amadeu Cury aparece nos Anais como chefe do Laboratório de Microbiologia Geral. Do seu laboratório Microbiologia Geral saíram os nossos primeiros microbiologistas do país.

Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referências	Observações
1966/03/? (ca)	Em 1970, quando ainda era Diretor do Instituto, organizou e coordenou todo o processo de credenciamento do Curso de Pós-graduação em Microbiologia.	Amadeu Cury	PRATA, Aluizio. Amadeu Cury (*1917 †2008). Rev. Soc. Bras. Med. Trop. , Uberaba , v. 41, n. 5, p. 545, Oct. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822008000500023&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 02 Jun. 2016.	Ingressa em 1962 como professor da FIOCRUZ. Amadeu Cury ocupou diferentes cargos no Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNPq) e Academia Brasileira de Ciências. Foi Reitor da Universidade de Brasília (DF). de Pós-graduação <i>Stricto-sensu</i> do Brasil credenciado pelo Conselho Federal de Educação.
1967/11/07	Em novembro de 1967 defende o Doutorado com a tese “Ação antimetabólica de colina e etionina em <i>Candida slooffi</i> ” A tese e considerada a primeira a ser defendida no Brasil, de acordo com os novos critérios do programa <i>Stricto-Sensu</i> .	Rodolpho Travassos	TRAVASSOS, Luiz Rodolpho Raja Gabaglia. As vitórias do “Doutor calouro”. Pesquisa FAPESP , São Paulo, v. 196, p.24-29, jun. 2012. Entrevista concedida a Carlos Fioravanti e Neldson Marcolin. Disponível em:< http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/06/14/luz-rodolpho-raja-gabaglia-travassos-as-vitorias-do-doutor-calouro/ > Acesso em: 30 maio 2016. Anais de microbiologia de Microbiologia, 1963. UNIVERSIDADE Federal do Rio de Janeiro; Instituto de Microbiologia. Produção científica do Instituto de Microbiologia 1950-1995. Rio de Janeiro: UFRJ, [1995].	Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1962), ingressa em 1963 no IM como Doutorando. Atua no laboratório de Fisiologia Microbiana ainda no mesmo ano. Torna-se Doutor em Ciências (Microbiologia e Imunologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1967). Por influência de Amadeu Cury, Rodolpho Travassos conhece Antônio Moreira Couceiro, Presidente do CNPq, enquanto ele realizava o Doutorado no Instituto de Microbiologia. A partir desse contato, Travassos assume o setor de Biologia e Ciências Médicas do CNPq.

Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referências	Observações
1968/12/13	Em 1968, como Ministro da Educação, promoveu a reforma administrativa universitária, a "Reforma Newton Sucupira", com base no relato do Prof. Newton Sucupira, no Conselho Federal de Educação, Parecer no 977/65, aprovado em 13 de dezembro de 1965. A reforma estava configurada para as universidades brasileiras uma estrutura baseada em Centros, que estabelece uma nova estrutura da já designada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).	Raymundo Moniz de Aragão	COSTA, Terezinha. Memórias do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química da COPPE: tradição e vanguarda. Rio de Janeiro: <i>e-pappers</i> , 2004. Disponível em: < https://books.google.com.br/books >. Acesso em: 30 maio 2016. MOREIRA, Antônio. Carlos. Os novos nomes das vias e praças da Cidade Universitária. 48. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Disponível em < http://www.olharvital.ufrj.br/2006/index.php?id_edicao=048&codigo=11 > Acesso em 01 jun. 2016.	De acordo com o relato do professor Ítalo Suassuna, Raymundo Moniz de Aragão foi antagonista de Paulo de Góes no Conselho Universitário durante a votação para a criação do Instituto de Microbiologia, porque teria interesse na permanência da cadeira de Microbiologia Tecnológica da qual era professor. Influenciou de forma significativa na criação do Instituto de Química em 1959, visando incentivar a pesquisa e estruturar a organização pedagógica da pós-graduação em Ciências Químicas.
1970/.../...	Início da Pós-Graduação em Microbiologia da UFMG	Isaac Roitman; Fernando Steele da Cruz; Wilson Chagas de Araújo.	PROGRAMA de pós-graduação em Microbiologia. Disponível em < http://www.microbiologia.icb.ufmg.br/pos/historico.php > Acesso em 08 maio. 2017.	O primeiro ano do curso foi composto por alguns alunos do CARMMI do Instituto de Microbiologia da UFRJ, cuja sede era ainda no bairro da Urca (RJ). As suas primeiras disciplinas na área de Microbiologia foram ministradas por alguns professores do Instituto de Microbiologia entre os quais, destaca-se: Isaac Roitman, Fernando Steele da Cruz e Wilson Chagas de Araújo.
1972/.../...	Iniciou sua vida profissional em 1972, trabalhando no Instituto como bibliotecária de referência.	Marinalda de Arruda Melo Athayde	ATHAYDE, Marinalda de Arruda Melo. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 02 mar. 2016.	Iniciou na Biblioteca do IM. Participou da transferência do curso da Praia Vermelha para a Cidade Universitária.
1974/.../...	Iniciou sua vida profissional em 1974, trabalhando como auxiliar de biblioteca.	Dilma Santana Cayres	CAYRES, Dilma. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 08 mar. 2017.	Trabalha na Biblioteca do IM há 40 anos. Tonar-se a sucessora de Maria Molina Rondon na Biblioteca.

Ano/mês/dia	Fato/acontecimento	Personagem	Referências	Observações
1974/--/--	Designado pelo Reitor Hélio Fraga para presidente da comissão de implantação do Hospital Universitário. Hospital que leva o seu nome é inaugurado em 1978.	Clementino Fraga Filho	CLEMENTINO Fraga Filho (Cadeira No. 19). Academia Nacional de Medicina, 2017. Disponível em: < http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=57 > Acesso em: 05 maio. 2016.	Escreveu artigos com Paulo de Góes para os primeiros Anais de Microbiologia. Em 1966, foi eleito Vice-Reitor da universidade e assumiu a reitoria dias após, em virtude do afastamento do então Reitor Raymundo Moniz de Aragão. Durante a gestão, incorporou ao patrimônio da universidade, em definitivo, o campus da Praia Vermelha. Clementino Fraga Filho foi diretor geral do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho até outubro de 1985.
1976/--/--	Maulori Cabral atualmente trabalha no Instituto de Microbiologia sendo professor associado do Departamento de Virologia. Tornou-se mestre em Microbiologia em 1976, e doutor na mesma área em 1986. As duas pós-graduações foram realizadas na UFRJ, no IMPPG.	Maulori Curié Cabral	CENTRO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Currículo Lattes. Busca textual. Maulori Curié Cabral. Disponível em: < http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783572Z0 >	Ingressou no Instituto de Microbiologia, como aluno em 1974. Conviveu com Paulo de Góes. Atua como docente no IMPPG. É Autor, junto com Hermann G. Schatzmayr, da obra virologia no Estado do Rio de Janeiro: uma visão global, publicado pela FIOCRUZ em 2012. Recebe o título de membro benemérito Academia de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro, por suas relevantes contribuições, prestadas à saúde pública do Brasil.
1980/--/--	Realizou o mestrado (1980) e o doutorado em Ciências (Microbiologia) (1986) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi Reitor da UFRJ durante o ano de 2003. Atualmente compõe o Departamento de Microbiologia Médica do IMPPG.	Sérgio Fracalanza	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Instituto de Microbiologia Paulo de Góes. Sérgio Eduardo Longo Fracalanza . Disponível em: < http://www.microbiologia.ufrj.br/portal/index.php/pt/29-docentes-e-pesquisa/microbiologia-medica/pesquisadores/65-sergio-eduardo-longo-fracalanza >. Acesso em: 24 abr. 2017. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Somos UFRJ. Professor . Disponível em: < http://www.somos.ufrj.br/professores/view/4721 >. Acesso em: 24 abr. 2017.	Ingressou no Instituto de Microbiologia, como aluno em 1974. Consolidou sua carreira acadêmica nessa Instituição. Ocupou cargos de naturezas diversas na UFRJ. Conheceu Paulo de Góes e conviveu com Amadeu Cury. O curso de graduação do IM foi criado, durante a sua gestão como Diretor. Atualmente exerce a docência no IMPPG.

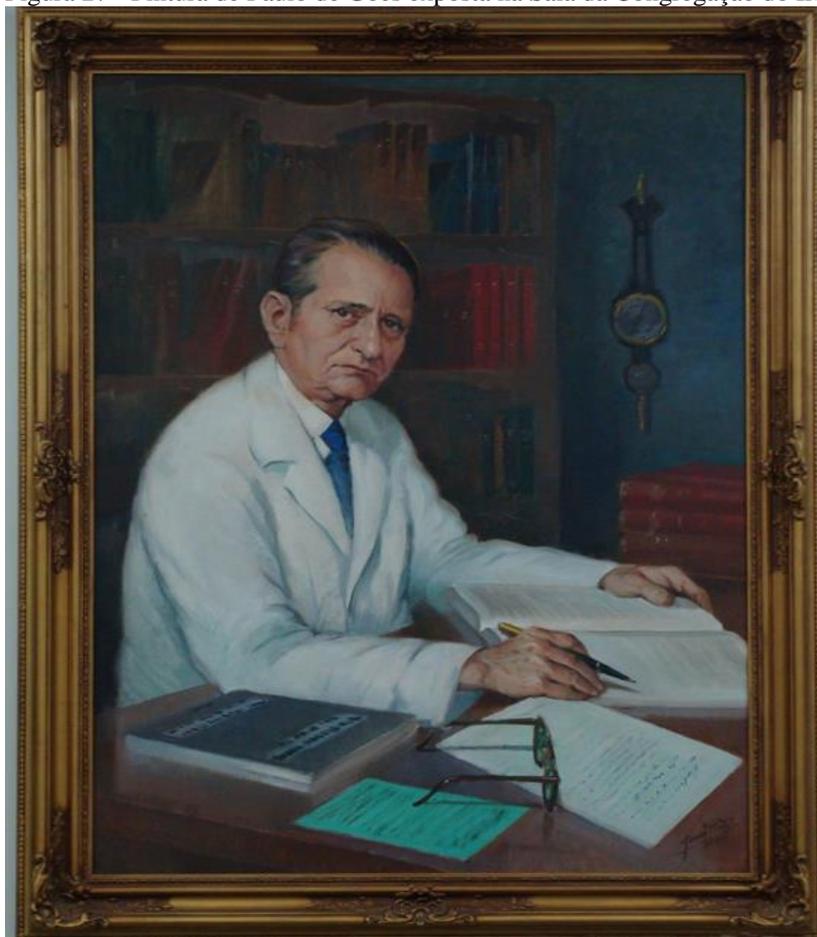
A exposição “Um olhar memorialista sobre a ciência” potencializou o espaço da Biblioteca do Instituto ao oferecer a essa unidade de ensino e pesquisa um local para a difusão cultural e o entretenimento, complementarmente às suas atividades mediadoras e de busca da cientificidade do campo da Biblioteconomia. Ao fim, a exposição motivou como nova proposta de trabalho, a organização e a salvaguarda de objetos que representavam o desenvolvimento científico no Brasil em torno da criação da microbiologia na UB, e posteriormente UFRJ. No entanto, do desdobramento dessa ação cultural, nasceriam novas propostas de investigação, a partir das orientações que ocorriam durante o mestrado do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO.

A pesquisa de informações em torno das personalidades envolvidas no crescimento da microbiologia demandou a organização do quadro composto por atores citados nas entrevistas que formaram parte da metodologia desse estudo. Também os próprios entrevistados se tornaram personagens do quadro cronológico apresentado na pesquisa, tendo em vista cada um deles ter contribuído ou ainda contribuir com o desenvolvimento da ciência brasileira.

Inclui-se à biblioteca universitária dedicada a formação científica pela difusão dos repositórios de memória de sua produção intelectual, a memória referente a experiências culturais e históricas do Instituto de Microbiologia. Conservar e desenvolver a cultura material e intelectual dessa área do conhecimento é uma necessidade intrínseca ao conhecimento científico para a conservação de um legado cultural.

Compreende-se ainda que o conhecimento não deva ser produto fragmentado. É preciso o estabelecimento de relações entre dados que constroem ou reconstroem no presente as circunstâncias do passado, processo através do qual se configuram pontes entre a informação e a memória. Para além da Biblioteca da unidade ser o espaço destinado a preservação do legado de um grupo, se faz imprescindível o movimento para contextualização de objetos que compõem outros espaços do Instituto de Microbiologia. Como exemplos, há representados nessa pesquisa as pinturas de Paulo de Góes e seu mentor Bruno Lobo, personalidades que impulsionaram a microbiologia em diferentes tempos na Universidade do Brasil. Esses quadros que estão dispostos na sala da congregação do Instituto de Microbiologia precisam ser entendidos como fontes documentais no âmbito da microbiologia por atores que venham compor novos grupos dessa unidade de conhecimento da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Figura 27 - Pintura de Paulo de Góes exposta na Sala da Congregação do IM



Fonte: Sala da Congregação, 2013.

A cultura material desses espaços possui significância pelo estabelecimento de relações entre grupos e seus meios sociais. Imagens, documentos e artefatos refletem hábitos, valores e a identidade de um grupo, quanto à consolidação de um espaço que iniciou diferentes propostas de ensino e de pesquisas microbiológicas na Universidade, com importantes reflexos na atualidade de outros estados do país (ROQUE; TEIXEIRA, 2013). Portanto, objetos expostos ou acondicionados em outros espaços da unidade merecem atuação semelhante a um trabalho a se desenvolver futuramente. Esta dissertação torna-se produto, não apenas como fonte de consulta para rememorar a história de um grupo, mas como marco inicial para o desenvolvimento de novas pesquisas relacionadas à história e ao desenvolvimento desse campo do saber.

A culminância do centenário de Paulo de Góes se firmou na composição de fotos, documentos institucionais e objetos pessoais de Paulo de Góes. Procurou-se através desse evento suscitar lembranças coletivas de uma memória que se baseia em imagens, paisagens, uma pequena biografia e experiências vividas pelo patrono do Instituto. Entende-se que estas recordações não poderiam ficar restritas às lembranças de amigos e familiares do professor,

mas deveriam se difundir e constituir propriedade permanente do cotidiano de estudantes e profissionais da área. Sob esse enfoque, a pesquisa em pauta assinala a importância de preservar a memória da trajetória de uma importante unidade de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O papel do bibliotecário foi de mediador e interventor das condições para criação e desenvolvimento de uma ação cultural, que assume relevância potencial de transformar a realidade de um determinado lugar. Nesse contexto, tornar-se-ia possível criar novos produtos a fim de expandir o conhecimento.

O trabalho permitiu o aprimoramento das atribuições do bibliotecário, de outras responsabilidades sociais frente a um evento extensionista. Segundo Neves (apud LOUREIRO; JANNUZZI, 2005) o desenvolvimento e habilidades vêm do comportamento dos profissionais marcados por iniciativas como: trabalho em equipe, habilidades de comunicação e competência em avaliar a importância e a mediação das informações. Concentrar em um só perfil profissional todas as variáveis da informação e do conhecimento é tarefa inviável, devido à complexidade das atividades acadêmicas conduzidas pela Universidade. Reforça-se a integração da mediação profissional no contexto das bibliotecas universitárias, pois cabe a elas refletir sobre temáticas, revelar acervos e motivar debates entre pares que colaborem com a construção do conhecimento e com propostas que se direcionam para a disseminação da informação. Assim, se fortaleceram os serviços das bibliotecas universitárias e se mostram imperativas as atuações bibliotecárias em atividades mediadoras. Apontou-se para o desafio da prática biblioteconômica referente à colocação e formação profissional onde o objeto de trabalho é a informação, valorizou-se o espaço da Biblioteca do Instituto, na qual se estimulou seu uso para promoção e interlocução com a comunidade interna e externa da UFRJ.

O registro da informação alavanca o nascimento do profissional bibliotecário. Destaca-se o médico Gabriel Naudé, como primeiro teórico da moderna organização de bibliotecas e autor do *Advis pour dresser une bibliothèque* publicada em 1627, primeiro livro de biblioteconomia, que traduzido para vários idiomas, influencia o contexto da época. O tratado de Naudé é, mesmo tempo, um conjunto das técnicas de biblioteca: classificação, apresentação, fichário e funcionamento e um tratado de bibliofilia que indica os livros raros que toda a biblioteca deve possuir. Naudé como maior dos bibliotecários do século XVII defende a universalidade, o acesso público à biblioteca e a sua organização como princípios fundamentais desse modelo de instituição (SERRAI, 1975).

Gabriel Naudé defendia que o bibliotecário deveria possuir a formação técnica, humanística e prática. A formação técnica refere-se às disciplinas específicas da biblioteconomia de processamento técnico. A formação humanística visa que o bibliotecário conheça o conceito de cultura, a importância do acesso à cultura a todos os segmentos da sociedade e a biblioteca como local de memória. A formação prática visa relacionar os conhecimentos específicos e humanísticos com a realidade da biblioteca. Serrai (1975) afirma que bibliotecário não precisaria reinventar sua atuação profissional, mas absorver a função de disseminar cultura. Para o autor, a formação humanística atribuída ao bibliotecário conferia a este profissional as habilidades intrínsecas ao desenvolvimento de ações culturais. Entretanto, salientamos que para acompanhar as mudanças ocorridas no campo da Biblioteconomia, e evoluir profissionalmente, torna-se imprescindível ao bibliotecário, a sua qualificação como profissional pesquisador, meio que fornecerá as ferramentas necessárias a sua reinvenção como profissional da informação.

A biblioteca é lugar de acumulação das memórias culturais. O material informacional contido nela é a memória virtual do mundo, que se atualiza através da leitura. Fichários, catálogos e classificações são os canais de comunicação entre a necessidade de investigação do consulente e a memória virtual acondicionada nos lugares de memória (NAMER, 1987). É preciso dar o tratamento científico às memórias culturais virtuais mantidos de forma estática em coleções, fundos ou em outras configurações de armazenamento, para que desses lugares se extraia o saber de uma determinada sociedade.

A cada comemoração de aniversário, seja referente ao criador ou a sua criação, a experiências que acontecem nos laboratórios dos departamentos da Microbiologia Médica, Microbiologia Geral, Imunologia e Virologia, uma homenagem a Paulo de Góes com o nome da levedura: *Wickerhamiella goesii*⁸⁷, ou ao surgimento de uma nova graduação, o Instituto de Microbiologia revive, em um determinado núcleo, a história de uma trajetória evolutiva em conjunção a outros grupos e também da dentro da ciência brasileira como um todo.

O estudo se propôs a atender ao imperativo de sua comunidade quanto à inquietação com a preservação e divulgação de seus bens culturais às futuras gerações da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que pode incluir a comunidade externa. Partindo-se das pesquisas após a exposição centenária, compreende-se que o Instituto de Microbiologia por si só

⁸⁷ Durante as comemorações do centenário, o professor Alexandre Rosado, diretor do Instituto naquele período, anunciava duas espécies de leveduras descritas por Allen Hagler e colaboradores, alguns ex. alunos de nossos cursos de graduação e ou Pós-Graduação. Uma delas receberia o nome do fundador como uma forma de homenagem: *Wickerhamiella goesii*. Em 2013, o artigo foi aceito para publicação no *International Journal of Systematic and Evolutionary Microbiology* (LIBERTO; CABRAL, 2013).

constitui-se um espaço de memória, tendo assumido sua materialidade no refeitório do pavilhão que pertencia ao prédio do Hospital de Alienados, como vimos.

Destacamos a importância da biblioteca como espaço que vem divulgar a memória desse saber no Brasil. A biblioteca é o lugar no qual se permite a atualização das memórias das sociedades. As práticas institucionais de memória cultural são possíveis por causa de seus lugares de memória (NAMER, 1987).

Os movimentos de determinados personagens podem se tornar questões sociais ou culturais relevantes, mas que permaneceriam desconhecidas sem o estudo de um pesquisador. É da competência do bibliotecário realizar o procedimento técnico e utilizar seus filtros culturais para promover um encontro entre esses registros e os seus leitores. O bibliotecário constitui a memória administrativa encarregado de equilibrar forma e conteúdo informacional (NAMER, 1987). Nesse contexto, inquietações profissionais foram além do desejo de tratamento e organização de objetos procedentes da exposição centenária. Questionamentos aconteceram, inicialmente quanto ao campo de atuação e ao objeto de trabalho biblioteconômico. Outras questões surgiram em relação à própria exposição, atividade de natureza extensionista, derradeira de um evento e inicial de um projeto de estudo. A investigação acadêmica provocou novas perguntas e ocasionou revelações, há tempos registradas nos lugares de memória. O desafio do campo da Biblioteconomia deve ser a busca por mudanças, já iniciada por muitos profissionais da área, sobretudo na última década, em direção ao universo da pesquisa e ao aperfeiçoamento permanente, vis-à-vis, à dinâmica da produção científica universitária.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas às indagações que surgiram no decorrer desse estudo, quanto à integração das ciências biblioteconômicas e microbiológicas no Brasil, estão historiados, principalmente nos Anais da Microbiologia. Os Anais, antes de formarem um conjunto de resultados de pesquisas científicas ano a ano, desde a formação do Instituto em 1950 até 1982, ano de falecimento de seu criador, constituem um relato das atividades biblioteconômicas, no qual despontam atores e ações que contribuem para o crescimento da microbiologia no país.

As tarefas do CENIM, centro instituído para ser o aporte à informação científica nas ciências microbiológicas contribuiu e recebeu apoio de outras unidades de ensino e pesquisa nacionais e internacionais, como a National Library of Medicine (USA) registrados nos Anais de 1964 e 1965.

Além dos Anais e do livro *Introdução à Documentação*, publicado por Célia Zaher em 1968, outras evidências da projeção nacional e internacional desse centro estão destacadas em publicações, como o relatório da comissão da Organização da *Pan American Health Organization* que em 1965 visitava o Brasil para instalar a Bireme e o *World guide to abbreviations of organizations*, dicionário publicado e atualizado por Buttress (1991). A obra faz uma cobertura das organizações do mundo, apresentando-as por siglas, identificando seus nomes por extenso.

Para sistematização de atividades de recuperação da informação que se moldassem a novas realidades tecnológicas, um aparelho de leitura de microfichas e seletora fotográfica denominado Sistema Filmorex, foi opção econômica e contemporânea. Realizava-se através de um suporte tecnológico automatizado, que despontava na década de 1960, a mecanização da pesquisa e da indexação. A fabricação de insumos documentais era relativamente instantânea, cerca de 600 fichas por minuto. O tempo para a análise dos documentos estava, entretanto, sujeito a atividades intelectuais de especialistas nas ciências médicas e biblioteconômicas. O apoio do IBBD como instituição, que se modernizava ao trazer novas concepções para profissionais da informação, seria essencial para a continuidade do CENIM. No entanto, à medida que se refletia no IBBD as transformações que ocorriam naquele período, o centro perdia a sua função.

Apesar de uma iniciativa descrita em 1964, a publicação da Bibliografia Brasileira de Microbiologia não sairia do campo das ideias. Os Anais informam que, em 1967, foram planejadas as atividades técnicas para o CENIM realizar, mas em 1968, o centro praticamente

submergiu. Em 1969 não constam informações de natureza administrativa na publicação institucional pensada por Paulo de Góes.

Os entrevistados anunciam que as atividades do CENIM e a Biblioteca do Instituto eram fundamentais como fontes de recursos para suporte à pesquisa e normalização, além de ser espaço de relações sociais entre os pares. As entrevistas, como caminho metodológico, comprovaram e foram corroboradas pelas informações contidas nos Anais. Esta publicação originou as buscas e impulsionou novas pesquisas. Os Anais de Microbiologia se confirmam como fio condutor desse estudo.

O estudo realizado a partir do centenário do fundador do Instituto evidenciou o perfil atuante de Paulo de Góes como educador, quando se confirma que ele abordava o tema informação científica com familiaridade e trabalhava com empenho pela causa. Para Góes as bibliotecas eram instituições de base que alavancavam o desenvolvimento de atividades científicas. A permuta de publicações, tarefa concernente ao campo biblioteconômico, pensada por um profissional de outra área do conhecimento, confirma o pensamento amplo e inovador do cientista. As ações de Paulo de Góes permitiram a formação da Biblioteca do IM e motivaram a sustentação e valorização desse espaço, tanto pelos profissionais que o sucederam na Direção do Instituto, como pelo corpo acadêmico da unidade.

A Biblioteca do Instituto de Microbiologia era percebida também como espaço de sociabilidade, situação que permanece na atualidade. Esta instituição, dentro do cenário universitário, cumpre o papel de base à infraestrutura bibliográfica e documental a sua comunidade acadêmica, sendo indispensável no processo de pesquisa, estudo e na produção de conhecimento. Resiste a dificuldades financeiras e inova-se promovendo atividades de mediação. A resposta positiva à exposição centenária vislumbrou a biblioteca como parceira em futuras atividades extensionistas.

A exposição que, inicialmente demandava um trabalho que pudesse promover, ao final, a Biblioteca do Instituto como um espaço de acolhimento de seus bens culturais, acabou por destacar a atuação de um grupo de cientistas no campo educacional. Cientistas que atuaram para a instituição de um novo modelo de pós-graduação na UB. A modernização dessa unidade de ensino superior era a meta da comissão formada por Carlos Chagas Filho e Paulo de Góes, homens que se sobressaíram em mais de um campo de atuação. O Instituto de Microbiologia seria unidade a formar o primeiro doutor em Microbiologia em novembro de 1967 e o primeiro mestre em junho de 1968, nos modelos *stricto-sensu*, relacionados na produção científica do Instituto de Microbiologia organizada pela sua pós-graduação da unidade em 1995.

Acervos científicos e outros produtos elaborados para as comemorações do centenário são resultados de esforços que buscaram salvaguardar a ciência dos microrganismos vinculados e os acontecimentos históricos de fundamental importância para o desenvolvimento da microbiologia na UFRJ. Painéis permanentes, um vídeo da exposição e um livro comemorativo compõem uma parte da história do Instituto de Microbiologia acondicionada na Biblioteca da unidade.

Neste contexto, ao longo da elaboração das atividades referentes à exposição, identifica-se a Biblioteca do Instituto como lugar de memória, pois é espaço propício para preservação e armazenamento das fontes documentais necessárias à construção histórica de um grupo social. A necessidade de organizar os registros da humanidade, portanto confere à biblioteca seu lugar de memória. Essa Instituição emerge como resposta a determinado problema no campo social.

A preservação é uma ação humana que permite acessar a memória da civilização através de seus lugares de memória. Tais Instituições por expressar ideias, fatos, sentimentos e pensamentos implicam o instinto de preservação do homem através de materialidades, que são necessárias à manutenção das lembranças. E como não há meio de memórias, se fazem imperativos os lugares de memória. Lugares de memória são documentos e traços vivos, que se constituem no cruzamento histórico, cultural, simbólico e intencional que lhes dá origem.

Lugares de memória não são ambientes de recolhimento da poeira dos manifestos da sociedade, mas espaços que proclamam os testemunhos de uma época. São espaços vinculados à manutenção dos valores da sociedade e uma necessidade da história, que se apodera deles para transformá-los. Locais que formalizados são denominados Instituições-Memória.

A origem de instituições como arquivos, bibliotecas e museus por meio de diferentes formas de objetos, tomam sentido de acordo com a finalidade de cada espaço. Arquivos comprovam, bibliotecas instruem e museus preservam, entretanto na contemporaneidade essas áreas têm buscado agregar conceitos e práticas que reconfiguram a teorização dos três campos, sendo a informação o elemento que perpassa todo o processo. Os lugares de memória, como museus, informam, instruem e, em alguns momentos, provam. Arquivos provam e comprovam, mas possuem natureza social porque ao se percorrer a história da trajetória de uma instituição, se permite beneficiar a sociedade com a herança deixada pelo grupo. As bibliotecas trabalham com área estratégica e social, estratégica, pois aumentam a eficiência na tomada de decisões, no suporte à pesquisa e no planejamento que evita a redundância. Porém, as bibliotecas são fundamentalmente compreendidas como espaços

formais de informações detentoras dos patrimônios culturais que refletem a memória da sociedade. São espaços de memória, quando a herança depositada nesses espaços permite também a transmissão de conhecimentos para futuras civilizações.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, UNIRIO, 2003. p. 30-45

ALMEIDA, Marta de. São Paulo na virada do século XX: um laboratório de saúde pública para o Brasil. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 77-89, 2005.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1/4, p. 31-38, 1987. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2011/08/pdf_bf26644cf9_0018444.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2012.

ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de; BAPTISTA Sofia Galvão. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013, Disponível em: <<https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/anais/article/view/1508/1509>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca Pública: avaliação de serviços**. Londrina: Ed. UEL, 2003.

_____. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007, p. 33-45.

_____. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação da Informação e a Organização do Conhecimento: inter-relações. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98-116, maio./ago. 2014. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716>>. Acesso em 07 mar. 2017.

ALVES, Mariana da Hora. A reorganização dos serviços sanitários do Império em 1886: a questão dos vinhos falsificados e dos gêneros alimentício como um imperativo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2015. p. 2-16.

AMANTE, Maria João; SEGURADO, Teresa. Serviços de Informação e Documentação do ISCTE-IUL: um lugar onde o ensino, a aprendizagem e a cultura convergem. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECARIOS, DOCUMENTALISTAS E ARQUIVISTAS, 11., 2012. Lisboa. **Anais eletrônicos...** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/419>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

ANAIS de Microbiologia. Rio de Janeiro: [s. n.], 1951.

ANAIS de Microbiologia. Rio de Janeiro: [s. n.], 1951-1969.

ANAIS de Microbiologia. Rio de Janeiro: [s. n.], 2003.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. Ideais políticos: a criação do Conselho Nacional de Pesquisas. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 11, p. 221-242, jun. 2001.

ANTONIO Couceiro. In: CENTRO de memória. Brasília: CNPq, [201-?]. Disponível em <<http://centrodememoria.cnpq.br/antonio-couceiro.html>>. Acesso em 19 abr.2017.

ARAGÃO explica porque cientistas emigram. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 16, 15 set. 1967. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/85651s>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Potencialidades do Diálogo entre a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Museologia e a Ciência da Informação. In VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília, SP: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 217-242.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ATHAYDE, Marinalda de Arruda Melo. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 02 mar. 2016.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, MS, v. 1, n. 2, p. 55-6, jul./dez., 2007. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/julho_dez_2007/arquivos/informacao-e-memoria-2013-as-relacoes-na-pesquisa>. Acesso em: 12 jun. 2016.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Instituições-memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa,

PB. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 20, n. 3, p. 169-169, 2010. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/9620>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Dir.). **O poder bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BATISTA, Liz. Le Goff e seu novo modo de pensar a História. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 04 maio 1996. Cultura, p. 79-80. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,le-goff-e-seu-novo-modo-de-pensar-a-historia.9917.0.htm>>. Acesso em: 18 set. 2015.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Da gênese a função: o documento de arquivo como função e testemunho. In: RODRIGUES, Ana Célia; MARCONDES, Carlos Henrique; FREITAS, Lídia Silva (Orgs.). Documento: gênese e contextos de uso. Niterói: Ed. UFF, 2010. 266 p. p.161-174.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Ligia. Organização da informação ou Organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRO. Disponível em <<http://www.cfb.org.br/institucional/legislacao>>. Acesso em 18 mar. 2017.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/nobrade.pdf>. Acesso em 20 mar. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Quem é quem na biblioteconomia e documentação no Brasil. Rio de Janeiro: IBBD, 1971.

BRASIL. Decreto 56.725, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei 4084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 19 ago.1965. Disponível <www.cfb.org.br/institucional/legislação>. Acesso em 10 mar. 2017.

BRASIL. Lei nº 4.084/1962, de 30 de Junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 02 Jul. 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 10 mar 2017.

BRASIL. Lei n° 8.958, de 20 de dezembro de 1994. Dispõe sobre as relações entre as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica e as fundações de apoio e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8958.htm>. Acesso em 15 abr. 2017.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n.248, Seção 1, p.27-833, 23 dez.1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em 10 mar. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CNE/CES 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 9 jul. 2001, Seção 1, p. 50. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <www.mtecbo.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Manual do cadastro nacional de museus. 2. ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, 2005. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/museu/>>. Acesso em 21 mar. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Carga horária mínima dos cursos de graduação-bacharelados na modalidade presencial. Parecer CNE/CES n. 108, 7 de maio de 2003. Relator: Edson de Oliveira Nunes.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce l'adocumentation?** Paris: Edit, 1951.

BROOKS, Geo F. **Microbiologia médica de Jawetz, Melnick e Adelberg**. Porto Alegre: AMGH, 2014.

BUCKLAND, Michael K. What is a "Document"? **Journal of the American Society for Information Science**, North Carolina, v. 48, n. 9, sep. 1997. Disponível em: <<http://www.columbia.edu/cu/libraries/inside/units/bibcontrol/osmc/bucklandwhat.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos avançados**, São Paulo, n.44, v.16, p 173-145, jan./abr. 2002.

BUTTRESS, F. A. **World guide to abbreviations of organizations**. Glasgow, UK: Blackie and Son, 1991.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CANFORA, Luciano. As bibliotecas antigas e a história dos textos. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das Bibliotecas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. Cap. 12. p. 234-245.

CARLOS Chagas vê vantagem em mudança para o Fundão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1973. Ensino p. 28. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=carlos%20chagas>. Acesso em: 20 mar. 2013.

CARLOS Lessa assume a presidência do BNDES. **Informe BNDES**. Área de comunicação e cultura do BNDES, Rio de Janeiro, fev. 2003, n. 167. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/5785/1/Informe%20BNDES,%20n.%20167,%20fev.%202003.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

CARRETA, Jorge Augusto. **O micróbio é o inimigo**: debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904). 2006. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Tecnológicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus Editora, 2000.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Cultura informacional e gestão de bibliotecas públicas municipais: competências e usos da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/viewFile/128/252>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

CAYRES, Dilma. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 08 mar. 2017.

CENTRO Nacional de Informação Científica em Microbiologia. In: Anais de Microbiologia, 1961. p. 655-656.

CHAGAS FILHO, Carlos. A conquista da Ciência no Brasil: programas científicos coordenados. **Correio da manhã**, p. 2, dez. 1962. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/35547> Acesso em 15. Fev. 2017.

CHAGAS FILHO, Carlos. **Um aprendiz de Ciência**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2000. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/4zb7w/pdf/chagas-9788575412473.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

CLEMENTINO Fraga Filho (Cadeira No. 19). Academia Nacional de Medicina, 2017. Disponível em: <http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=57> Acesso em: 05 maio. 2016.

COELHO, T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense. 1989. 94 p. (Coleção Primeiros Passos, 216).

COLEÇÃO Pedro Calmon: biografia. In: **Biblioteca Pedro Calmon** (Fórum de Ciência Cultura). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016 Disponível em:<<http://biblioteca.forum.ufrj.br/index.php/colecoes/colecao-pedro-calmon/biografia-p-c>> Acesso em: 03 jun 2016.

COMISSÃO Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Ciências Matemáticas Físico-naturais. Catálogo dos cursos de Pós-Graduação. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil,

1962. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969.

COMISSÃO Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade do Brasil. Regula as condições de admissão de candidatos ao grau de Doutor. Resolução n. 1 de 1963. Rio de Janeiro: Coletânea das resoluções, 1961a.

COMISSÃO Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade do Brasil. Regula as condições de admissão de candidatos ao grau de Mestre. Resolução n. 1 de 1964. Rio de Janeiro: Coletânea das resoluções, 1961b.

COMISSÃO da Reforma Universitária. Cursos de pós-graduação. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1963. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969.

CONDECORADO pelo Rei da Bélgica o Sr. Guilherme de Aragão. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 2, 05 mar. 1960.

CONGLEGLIAN, André Luís Onório; SANTOS, Camila Araújo dos Santos; CASARIN, Helen de Castro Silva. Competência em informação e sua avaliação. In: VALENTIM, Marta Lígia (Orgs). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução N. 08/82, de 29/10/82. Fixa os Mínimos de Conteúdo e Duração do Curso de Biblioteconomia. *Documenta*, Brasília, n.265, p.246, dez. 1982.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRO. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/institucional/legislacao>>. Acesso em 18 mar. 2017.

CONSELHO Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: verbete. In: FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: CPDOC, 2009? Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/conselho-nacional-de-desenvolvimento-cientifico-e-tecnologico-cnpq>>. Acesso em 18 abr. 2017.

CORTE, Adelaide Ramos et al. (Orgs.). **Avaliação de software para bibliotecas**. São Paulo: Polis, 2000. 108p.

COSTA, Terezinha. **Memórias do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química da COPPE**: tradição e vanguarda. Rio de Janeiro: *e-pappers*, 2004. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 30 maio 2016.

CUNHA, Luís Antônio; COSTA, Marcelo; PORTILHO, Aline (Comp.) União Nacional dos estudantes: verbete temático. In: FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: CPDOC, 2008? Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-nacional-dos-estudantes-une>>. Acesso em: 30 maio 2016.

CURY, Amadeu. In: FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: CPDOC, 2008? Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cury-amadeu>>. Acesso em: 30 maio 2016.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do Conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-107, jul./dez. 1978. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/1680>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

DICIONÁRIO de Terminologia Arquivística. São Paulo: AAB-SP, Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DIRIGISMO. In: DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dirigismo>>. Acesso 18 fev.2017.

DOCUMENTOS com subsídios para a criação de um Centro Nacional de Bibliografia Documentação. Rio de Janeiro. 9 out. 1952. 3d. 15f. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E ÁRES AFINS. Arquivo de história e ciência. Fundo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Rio de Janeiro: MAST, 1952.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DOMINGUES, Soraya Corrêa. Cultura corporal e meio ambiente na formação de professores Soraya Corrêa Domingues. – 2005. 289 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2005.

DUDZIAK, E. A. *A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/download.php/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029>> . Acesso em: 12 mar. 2014.

ELETRÔNICA aplicada à documentação: IBBD patrocina curso do Dr. Samain. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 10, 17 jun, 1958.

ESCOLA UPERIOR DE AGRICULTURA E MEDICINA VETERINÁRIA. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escsagmevetrj.htm>>. Acesso em 11 abr. 2017.

ESPINOLA, Aïda et. al . Professores Athos da Silveira Ramos e Raymundo Moniz de Aragão: dois professores de carreira profícua e brilhante na UFRJ. **Quím. Nova**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 340-341, maio 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422002000200025&lng=en&nrm=iso>. Acesso 30 maio 2016.

EXPOSIÇÃO: um olhar memorialista sobre a Ciência. In: ACERVO pessoal da autora, 2013.

EXPOSIÇÃO. In: DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/esposicao>>. Acesso 18 fev.2017.

FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 159-191, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000100007&lng=en&nrm=iso>. Access em 30 maio 2016.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade do Brasil: das origens à Reforma Universitária-1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28.pdf>>. Acesso em 18 jan. 2017.

FERREIRA, Danielle Thiago. As novas competências do profissional da informação bibliotecário: reflexões e práticas. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2016. p.79-90

FERREIRA, Danielle. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n.1, p.42-49, jan/abr.2003.

FERREIRA, R. S. Transpondo muros, construindo relações: uma reflexão sobre bibliotecas universitárias e extensão no Brasil. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 75-88, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/499>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

FIGUEIREIDO, Nice Menezes de. **Serviços de referência & informação**. São Paulo: Polis, 1992.

FINKELMAN, J. (org.) **Caminhos da saúde pública no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

FLORES, Daniel; HEDLUND, Carlos Dhion. Análise e aplicação do ica-atom como ferramenta para descrição e acesso às informações do patrimônio documental e histórico do município de Santa Maria, RS. **Inf. Inf**, Londrina, v. 19, n. 3, p.86-106, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/14892/pdf_33>. Acesso em: 01 jun. 2015.

FONSECA, Edson Nery. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1992.

FONSECA, Leila de Souza. **Currículo da plataforma Lattes**. Brasília, CNPq, 15 jan. 2014. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783536D6>>. Acesso em 03 jun. 2016.

FORPROEX (Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras). Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em <http://www.ufrgs.br/prorext-siteantigo/arquivos-diversos/PNE_07.11.2012.pdf/view>. Acesso em: 21 fev.2017

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FRACALANZZA, Sérgio Eduardo Longo. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 30 mar. 2016.

FRIZON, Georgea Allievi; BAPTISTA, Dulce Maria. Indexação e representação: uma reflexão diante de novas tipologias documentais. In: BAPTISTA, Dulce Maria; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique (Orgs.). **Organização da informação: abordagens e práticas**. Brasília: Thesaurus, 2015. 251p. p 159-163.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969a.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo Gadelha: inventário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996a.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo Laerte de Andrade: inventário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996b.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Walter Oswaldo Cruz: inventário. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969b.

GARCIA, Gabriel. Decanos da UFRJ condenam Ministro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1998. Cidade, p.18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_11&pasta=ano%20199&pesq=carlos%20lessa>. Acesso em 15 abr. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GÓES, Paulo de. A ciência no Brasil: ontem e hoje. In: ABREU, Jayme. **Problemas brasileiros de educação**, 1968, p. 41-49.

GÓES, Paulo de. **Conferência no Instituto Med**. Tropical, Lisboa, Portugal, 1971. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969.

GÓES, Paulo de. Paulo de Góes: entrevista [jun. 1969]. Entrevistador: Edson Dias Teixeira. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. [Oito fitas cassetes]

GÓES, Paulo de. **Cooperação científica internacional: comentários a margem do simpósio da SBPC**. Brasília, 1976. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969.

GÓES, Paulo de. **O Instituto de Microbiologia de 1966 a 1976: um retrospecto**, 1977. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969.

GÓES, Paulo de. Normas para o funcionamento de centros de formação e aperfeiçoamento científico e docente para professores e pesquisadores: centros de pesquisa e treinamento avançado. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS MÉDICAS, 2., 1964. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ABEM, 1964. p. 89-108.

GÓES, Risoleta Liberalli. **A colcha de retalhos**. São Paulo: Livre expressão, 2014.

GÓES, Risoleta Liberalli de. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 22 fev. 2016.

GÓES FILHO, Paulo. **O Brasil no biotério: o Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho e um jeito brasileiro de fazer ciência**, 1997f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

GOMES, Marleide da Mota. **História da neurologia brasileira: cinquentenário da Academia Brasileira de Neurologia: centenário da neurologia brasileira** São Paulo: Omnifarma, 2012. Disponível em:
<<http://www.cadastro.abneuro.org/site/Livro%20ABN%20Historia%20da%20Neurologia%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em 31 jun. 2016.

GOMES, Marleide da Mota; COSTA, Álvaro José de Souza. Centenário de Deolindo Couto. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 170-172, Mar. 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X2002000100031&script=sci_arttext>. Acesso em 01 Jun. 2016.

GOMES, Sonia Pedrozo. Pesquisa bibliográfica na área médica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.18, n.2, p. 1036-1052, jul./dez., 2013. Disponível em:
<http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/34122/Pesq_Bibl_2013.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 17 abr. 2017.

GONÇALVES, Janice. **Como classificar e ordenar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3.ed. Campinas, SP: Alínea, 2003.

GROISMAN, Daniel. Sobre Amnésia, ou melhor, sobre a memória. In: SANTOS, Verônica de Almeida; MOREIRA, Marilda Silva; MAYOR, Ana Lucia de Almeida Soutto (Orgs.). **Arte e saúde: aventuras do olhar** Rio de Janeiro: EPSJV, 2013. p. 97-110.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HANES, William Franklin. Entrevista com José Rodrigues Coura. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 330-356, ago. 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217579682016000200330&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 fev. 2017.

HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (org.). **Ciência, civilização e república nos trópicos**. Rio de Janeiro: Maud X; FAPERJ, 2010.

HOSPÍCIO DE PEDRO II. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

JAMBEIRO, Othon; SILVA, H.P. A informação e suas profissões: a sobrevivência ao alcance de todos. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, [s. l], v.5, n.4, 2004. Disponível em: <www.dgz.org.br/ago04/Art_03.htm>. Acesso em: 21 fev. 2016.

JOB, Ivone; OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. Marcos históricos e legais do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil. Revista ACB, [S.l.], v. 11, n.2, p.259-272. dez. 2006. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/449/565>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

JOHN SIMON GURGGENHEIN MEMORIAL FOUNDATION. Amadeu Cury. Disponível em: <<http://www.gf.org/fellows/all-fellows/amadeu-cury>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 91-102, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2017.

LARA, Marinalda Lopes Ginezda. Documento e significação na trajetória da Ciência da Informação. In: RODRIGUES, Ana Célia; MARCONDES, Carlos Henrique; FREITAS, Lídia Silva (Orgs.). Documento: gênese e contextos de uso. Niterói: Ed. UFF, 2010. 266 p. p.35-57

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**, Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LIBERTO, Maria Isabel Madeira; CABRAL, Malouri Curié (Orgs.). **Centenário do professor Paulo de Góes**: 1913-2013. Rio de Janeiro: Access, 2013.

LIMA, Ana Luce Girão Soares de et al. Ciência, política e paixão: o arquivo de Carlos Chagas Filho. **Hist. cienc. Saúde**. Mangueiras, RJ, v. 12, n. 1, p. 185-198, abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 abr. 2017.

LIMA, Celly de Britto; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161 – 180, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28319/20518>>. Acesso em: 08 mar.2017.

LOBO, Bruno. **Japoneses**: no Japão, no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926.

LOUREIRO Maria Lucia de Niemeyer Matheus; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier; CASCARDO, Ana Beatriz Soares. Memória e cultura material: objetos, palavras e representações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014. Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: ECI, UFMG, 2014. Disponível em <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/830/1/GT10AnaisXV.pdf>> Acesso em 20 mar. 2017.

LOUREIRO, Mônica de F.; JANNUZZI, Paulo de Martino, Profissional da informação: um conceito em construção. **Transinformação**, Campinas, v.17, n.2, p.123-151, maio/ago. 2005.

MACHADO, **A ilusão especular**: introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, Fundação Nacional de Arte, 1984.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Ed. UEL, 2003. p.11-25.

MASAO, Goto. In: FUNDO Paulo Gadelha. Dossiê 01: Diretor da casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <<http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/diretor-da-casa-de-oswaldo-cruz>>. Acesso em 11 abr. 2017.

MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. **Schéma et Schématisation**, n. 14, p. 51-63, 1981.

MELLO, Arnon de. **Emigração de cientistas**. Maceió: Ed. São Pedro, 1968. Discurso pronunciado na sessão do dia 6.3.1968 no Senado Federal, em Brasília.

MELLO, Milton Thiago. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. São Paulo, 03 mar. 2016a.

MELLO, Milton Thiago. **O poste de Cozumel**. Brasília, DF: Ed. Autor, 2016b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MEDEIROS, Karlane et al. Sistema informatizado para registro de acervo: estudo da aplicação do Donato 3.2 nos Museus do município de Areia, PB. In: ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar C. et al. (Orgs.). **Representação da informação**: um universo multifacetado. João Pessoa: UFRBP, 2012.

MIKHAILOV, A.I. et al. Estruturas e principais propriedades da informação científica, p.70-90. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 112p.

MIKHAILOV, A. I. Fundamentos da Informação Científica, 1965. p.70-71. Disponível em: <<http://www.ngpedia.ru/id2713p1.html>> Acesso em 11 jul. 2016

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES. Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Disponível em: <<http://www.mcti.gov.br/finep>>. Acesso em 21 fev. 2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloA-Z.jsf>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

MOREIRA, Antônio Carlos. **Os novos nomes das vias e praças da Cidade Universitária**. 48. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Disponível em: <http://www.olharvital.ufrj.br/2006/index.php?id_edicao=048&codigo=11>. Acesso em: 01 jun. 2016.

MOREIRA, Carlos Alberto et al. (Orgs.). **Os diretores do Museu Nacional/UFRJ**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2008.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antônio. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web**: elementos conceituais. Salvador: Ed. UFBA, 2011.

MOREIRO GONZÁLEZ, Jose Antônio. Palavra, Termo, Conceito: das linguagens documentárias até os vocábulos semânticos para a Web. In: RODRIGUES, Ana Célia; MARCONDES, Carlos Henrique; FREITAS, Lídia Silva (Orgs.). Documento: gênese e contextos e uso. Niterói: Ed. UFF, 2010. 266 p.. p.11-33

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O papel do MEC e a influência estrangeira. In: **As universidades e o regime militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 448 p.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Em busca de uma base comum para a formação profissional em Biblioteconomia, Ciência da Informação e arquivologia: relato de um simpósio promovido pela UNESCO. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 12, n. 2, 157-165 p, jul./dez. 1984.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Avaliação do estado da arte em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.17, n.1, p. 7-8, jan./jun. 1988. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/301/301>>. Acesso em 17 mar. 2017.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Estudos: o ensino de biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v.14, n.1, p. 3-15, jan./jun. 1985. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222/222>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

MURGUIA, Eduardo Ismael. Percepções e aproximações do documento na historiografia, documentação e ciência da informação. **Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 42-53, jul./dez. 2011

NAMER, Gérard. **Mémoire et société**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NASCIMENTO, Raimundo Cezar Campos do. **Atualização das bibliografias básicas dos cursos da área da saúde**: o caso da Biblioteca de Ciências da Saúde. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2009.

NEVES, Fernanda Ivo; MELO, Maria das Graças de Lima. O “*status quo*” do serviço de referência em bibliotecas brasileiras. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 15, n 1, p 39-44, jan./jun. 1986. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/246/246>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 15 mar. 2016.

ODDONE, Nanci. **Ciência da Informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da documentação: Brasil, 1930-1970**. 2004. 157 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), IBICT/UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2004.

ODDONE, Nanci. Lydia Sambaquy e a Biblioteca do DASP: contribuições para a constituição do campo biblioteconômico no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, nº 2, p. 77-91, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/515>>. Acesso em 10 mar. 2017.

ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ci.Inf.**, Brasília, v.35, n.1, p.45-56, jan.-abr.2006.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de. **Uma breve história da UFRJ**. Disponível em <<http://memoria.sibi.ufrj.br/index.php/noticia/14-historiadaufrj>> Acesso em 09 mar.2017.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de. (Org.).**Universidade e lugares de memória**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e informação, 2008.

OLIVEIRA, Gersa Maria Teles et al. Organização de espaço cultural em biblioteca universitária: o caso da Biblioteca Central Julieta Carteadó. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000. Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: PUCRS, 2000. Não paginado. Disponível em: <http://www.geocities.ws/biblioestudantes/texto_83.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2017.

OLIVEIRA, Luiza M. P. Ação cultural na biblioteca universitária: a experiência da biblioteca central da UFPE. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16., 2010. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: <<https://www.slideshare.net/Liliamel/ao-cultural-na-biblioteca-central-da-ufpe>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

OLIVEIRA, Marlene; CARVALHO, Gabrielle Francine A; TANUS, Gustavo. Trajetória histórica do ensino da biblioteconomia no Brasil. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Report to the Director*.

Documento 4/13, Quarta Reunião do *Advisory Committee on Medical Research* (14– 18, junho). Washington, 1965e. [IM-Opas]

ORTEGA, Cristina. As abordagens: documentária bibliográfica, arquivística e museológica Mesa redonda, In: MESA REDONDA: GÊNERO NO PENSAMENTO E NA PRÁTICA, 1.,2015. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CNEN, 2015.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramZero**, [s. l.], v. 11, n. 2, abr. 2010.

OTLET, P. **El Tratado de Documentación**: el libro sobre el libro: teoría y práctica. Trad. por Maria Dolores Ayuso García. Murcia: Universidad de Murcia, 1996. Tradução de: *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PACHECO, Genésio; MELLO, Milton Thiago de. **Brucelose humana no Brasil**: contribuição para o estudo da casuística nacional. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 48, p. 393-436, 1950. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/mioc/v48/tomo48\(fu\)_393-436.pdf](http://www.scielo.br/pdf/mioc/v48/tomo48(fu)_393-436.pdf) >. Acesso em: 01 jun. 2016.

PIRES-ALVES, Fernando A. **A Biblioteca da Saúde das Américas**: a Bireme e a informação em ciências da saúde, 1967-1982. 2005. 171 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz) - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005.

PRATA, Aluizio. Amadeu Cury (*1917 †2008). **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba , v. 41, n. 5, p. 545, Oct. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822008000500023&lng=en&nrm=iso>. Acesso 12 abr. 2017.

PROGRAMA de pós-graduação em Microbiologia. Disponível em< <http://www.microbiologia.icb.ufmg.br/pos/historico.php>> Acesso em 08 maio. 2017.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Patrono da DIMI**: Prof. Ítalo Suassuna. Disponível em: <<http://www.Microbiologia.uerj.br/patrono.htm>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

PEDRO CALMON MUNIZ DE BITTENCOURT. In: FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: CPDOC, 1985? Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-calmon-muniz-de-bittencourt> >. Acesso em: 03 Jun. 2016.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2.ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa, UFPB, 2002. p. 61-86

PIRES, José Calixto de Souza; MACEDO, Kátia Barbosa. Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 81-

104, fev. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 mar. 2017.

PRATA, Aluizio. Amadeu Cury (*1917 †2008). **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 41, n. 5, p. 545, out. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822008000500023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2016.

POLÍTICA científica brasileira: aspectos nacionais e regionais, Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1977. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Paulo de Góes: inventário preliminar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1969.

RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

RENDÓN ROJAS, Miguel Angel. Cuestiones epistemológicas de la Ciencia bibliotecológica y de la información. **Informare**, v.5, n. 2, p. 31-37, jul./dez., 1999.

RELAÇÃO dos sócios fundadores da SBM. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MICROBIOLOGIA (SBM), 25., 1981. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Microbiologia, 1981. Fundo Laerte de Andrade, 1932-1996. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz., 1996.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Lições para a história das ciências no Brasil: Instituto Pasteur de São Paulo. **Hist. cienc. Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 3, n.3, p. 467-484, nov.1996/fev.1997.

RODRIGUES, Ana Célia. Longa caminhada no tratamento semântico de documentos. In: RODRIGUES, Ana Célia; MARCONDES, Carlos Henrique; FREITAS, Lídia Silva (Orgs.). Documento: gênese e contextos de uso. Niterói: Ed. UFF, 2010. 266 p. p.161-174.

RONDINELLI, Rosely y Curi. **O conceito de documento arquivístico frente à realidade digital: uma revisitação necessária**, 2011. 270 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ROQUE, Ana Cristina Pinho Oliveira; TEIXEIRA, Ana Paula Alves. Exposição centenário Paulo de Góes: um olhar memorialista da ciência. In: LIBERTO, Maria Isabel Madeira; CABRAL, Malouri Curié (Orgs.). **Centenário do professor Paulo de Góes: 1913-2013**. Rio de Janeiro: Access, 2013.

ROTEIRO universitário: o que é o Instituto de Microbiologia. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 10, 22 jul. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&PagFis=7926&Pesq=Instituto%20de%20Microbiologia>. Acesso em 22 abr. 2017.

SÁ, Nysia Oliveira de. Repositórios de recursos educacionais livres: bases teóricas para o desenvolvimento da pesquisa. **Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib.**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 346-360, 2015.

SANCHES, Gisele A. Ribeiro; RIO, Sinomar Ferreira do. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42323/45994>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

SANTOS, Kátia Regina Santos. Curso de bacharelado em Ciências Biológicas: modalidade microbiologia e imunologia. In: LIBERTO, Maria Isabel Madeira; CABRAL, Malouri Curié (Orgs.). **Centenário do professor Paulo de Góes: 1913-2013**. Rio de Janeiro: Access, 2013.

SANTOS, Jussara Pereira. Reflexões sobre currículo e legislação na área da Biblioteconomia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 3, n.6, 1998. p/1-8.

SENA, Priscila Machado Borges; CHAGAS, Magda Teixeira. A biblioteca universitária na educação à distância: papel, características e desafios. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 4, p. 163-180, dez. 2015. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362015000400163&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 mar. 2017.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma ideia e de um sistema. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v.4, n.2, p.141-161, set.1975.

SILVA, Antônio Carlos Peres. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Campos dos Goytacazes, RJ, 05 maio. 2016.

SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. **Das “ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SILVA, Bárbara Damiane. Mediação cultural e suas práticas: um estudo no sistema de bibliotecas públicas municipais de Londrina cultural mediation and its practices: a study on the system of municipal public libraries of Londrina. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2016, Londrina. **Anais...** Londrina, PR: SECIN, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/319/180>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

SILVA, J. M. L. A. O perfil do profissional bibliotecário no atual mundo do trabalho. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Márcio de Assumpção Pereira da; SOUZA, Lígia Maria Silva; MORAES, Lisiane da Silva. Biblioteca e ação cultural: apontamentos conceituais a partir da experiência na Universidade Federal de São Carlos. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 9, n. 1, p. 79-86, 1999. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=13567>. Acesso em: 22 mar. 2017.

SILVA, A.M.; RIBEIRO, F. **Das ciências documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Afrontamento, 2008.

SILVA, Tózé. **Crônicas dum Tempo**. Figueiró de Vinhos, Portugal: Booklândia, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=1300327308>>. Acesso em: 16 set. 2015.

SILVEIRA, Fabricio José Nascimento; REIS, Alcenir Soares dos. Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008. São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. p. 1-15 Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3085/2211>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SIMONPIETRE, André. A tecnologia no Brasil de hoje. In: ABREU, Jaime. **Os problemas brasileiros de educação**. Rio de Janeiro: Lidador, 1968. p. 53-55.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 52-66, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1124>>. Acesso em 22 abr. 2017

SMIT, Johanna Wilhelmina. A interoperabilidade semântica entre os diferentes sistemas de informação no museu. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/publicacoes/index.php/sim/article/viewFile/8/7>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **Como organizar o arquivo enquanto sistema de informação**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2005.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das ciências da informação. **Inf.**, Londrina, v.8, n. 1, jun./dez.2003.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **O que é documentação**. São Paulo: brasiliense, 1986.

SOCIOGRAMA. In: DICIONÁRIO da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sociograma>>. Acesso em: 27 jun.2016.

SOUZA, Carmem Olivia Cunha Souza . Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 02 dez. 2016.

SOUZA, Terezinha Batista de. O ensino de representação descritiva nos cursos da área de Ciência da Informação no Brasil e Portugal. In: CERVANTES, Brígida Maria Nogueira (Org.). **Horizontes: as organizações da informação e do conhecimento**. Londrina: Ed. UEL, 2012. p.193-231.

SUASSUNA, Ítalo. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. Rio de Janeiro, 09 mar. 2016.

SUASSUNA, Ítalo. **Homenagem póstuma**: Joaquim Travassos da Rosa. Rio de Janeiro: [s. n.], 1967. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v1n6/01.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2016.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Proximidades conceituais entre arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 27-36, 2012.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza. Carvalho.; VASCONCELOS, Leonardo; ARAÚJO, Renau Carlos Alberto Ávila. O Conceito de Documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, jul./dez. 2012.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**: João Pessoa: Ed. UFPB, 2013.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção de conhecimento. In: GRANATO, Claudia Penha dos Santos; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. (Orgs.). **Museu e Museologia**: Interfaces e Perspectivas/Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 61-82.

TEIXEIRA, L. A. **Ciência e Saúde na terra dos bandeirantes**: a trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo no período 1903 – 1916. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1995.

TINOCO, Glícia Azevedo. Bastos Tigre: patrono dos bibliotecários brasileiros. **BiblioCanto**, v.3, n.4, p.4, set/out.1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/14/47>>. Acesso em 09 mar. 2017.

TRAVASSOS, Luiz Rodolpho Raja Gabaglia. As vitórias do “Doutor calouro”. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, v. 196, p.24-29, jun. 2012. Entrevista concedida a Carlos Fioravanti e Neldson Marcolin. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/06/024-029_entrevista_196.pdf?bd3a43>. Acesso em: 30 maio 2016.

UB vai em 3 anos para a Cidade Universitária. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 28 jun. 1964. p. 11-11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=60615&pesq;=&url=http://memoria.bn.br/docreader>. Acesso em: 30 maio 2016.

UNESCO. Declaración de México sobre las políticas culturales. Disponível em <http://portal.unesco.org/culture/es/files/12762/11295424_031mexico_sp.pdf/mexico_sp.pdf> Acesso em: 07 mar. 2017.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. Sobre a BCE. Disponível em: <<http://www.bce.unb.br/sobre-a-bce/>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

UNIVERSIDADE do Brasil: (atual) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1948-1966. Rio de Janeiro: Gráfica UFRJ, 1966.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Instituto de Microbiologia**: Produção científica do Instituto de Microbiologia 1950-1995. Rio de Janeiro: UFRJ, [1995].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Boletim**. Rio de Janeiro, ano 7, n. 48, dez. 1955.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Boletim**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 11, 13 mar. 1964.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **História**. Disponível em: <<https://ufrj.br/historia>>. Acesso em 18 jan. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Portaria n. 57 de 13 jan. 2000. **Diário oficial**, Brasília, Seção 3, 14 jan., p. 63-64.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras brasileiras**: itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VERAS, Lucas. Desmistificando a profissão e o profissional bacharel em biblioteconomia: um estudo em Teresina, PI. In: SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA e IX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 10., 2010. Teresina. **Anais...** Teresina, PI: UESPI, 2010. p 1-14.

WASHINGTON vê demorar regresso dos cientistas. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 16, 15 set. 1967. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/85651s> Acesso em: 12 fev. 2017.

ZAHER, Célia. Ribeiro. Entrevista: Célia Ribeiro Zaher. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/526/478>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

ZAHER, Célia. Ribeiro. Entrevista concedida a Ana Paula Alves Teixeira. São Paulo, 19 nov. 2015.

ZAHER, Célia Ribeiro. **Introdução à documentação**. Rio de Janeiro: [S.N.], 1968.

ANEXO A – FICHA DO PROJETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)
Programa de Pós Graduação em Biblioteconomia
LAHODOC (Laboratório de História Oral, Informação e Documentação)

FICHA DO PROJETO**1. Dados do projeto**

Título do Projeto: “A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes: um estudo sobre a memória institucional de sua unidade”.

Coordenação: Icléia Thiesen

Entrevistador (a): Ana Paula A.T.V.E.Louzada

2. Dados do entrevistado

Nome: _____

Local e data de nascimento: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Telefone: _____

E-mail: _____

Documento de identidade: _____

Tipo: _____ Local de emissão: _____

CPF: _____

Formação: _____

Profissão: _____

Local de Trabalho: _____

Cartório onde tem firma: _____

Data(s) da(s) entrevista(s): _____

Local da(s) entrevista(s): _____

ANEXO B – TERMO DE CESSÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(UNIRIO)
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)
Programa de Pós Graduação em Biblioteconomia (PPGB)
Laboratório de História Oral, Informação e Documentação (LAHODOC)**

Termo de Cessão

Rio de Janeiro, em ____ de _____ de 2016.

À Coordenação do Curso do Mestrado Profissional em Biblioteconomia desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB/UNIRIO).

Eu _____, brasileiro, carteira de identidade nº _____, expedida pelo _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada em _____, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando o controle do uso acadêmico vinculado à Coordenação da pesquisa desenvolvida no LAHODOC (Laboratório de História Oral, Informação e Documentação) do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o Instituto de Microbiologia Paulo de Góes (IMPPG/UFRJ) que detêm a guarda da referida entrevista, doravante integrada ao acervo do Projeto: **“A Biblioteca do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes: um estudo sobre a memória institucional de sua unidade”**.
